

STEPHANIE CLIFFORD

A VIDA DE
APARÊNCIA DE

*Evelyn
Beegam*

Best-seller do *New York Times*



leYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2016 Stephanie Clifford

Tradução para Língua Portuguesa © 2016 Leya Editora Ltda., Regiane Winarski

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original: Everybody rise

Preparação: Maitê Zickuhr e Beatriz Sarlo

Revisão: Mariana Moura e Anna Beatriz Seilhe

Capa: Luísa Ulhoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Clifford, Stephanie

A vida de aparência de Evelyn Beegan / Stephanie Clifford ; tradução de
Regiane Winarski. – São Paulo : LeYa, 2016.

ISBN 9788544103784

Título original: Everybody rise

1. Literatura norte-americana I. Título II. Winarski, Regiane.

15-1335 CDD 813.6

1. Literatura norte-americana

Todos os direitos reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Av. Angélica, 2318 – 13º andar

01228-200 – São Paulo – SP

www.leya.com.br

STEPHANIE CLIFFORD

A VIDA DE
APARÊNCIA DE
*Evelyn
Beegam*

TRADUÇÃO
REGIANE WINARSKI



Para meus pais, com agradecimentos

Fui amado, a felicidade não estava longe e parecia estar quase me tocando; continuei vivendo com tranquilidade descuidada sem tentar me entender, sem saber o que esperava e nem o que queria da vida, e o tempo passou e passou... As pessoas passavam por mim com seu amor, dias brilhantes e noites quentes aconteceram, o rouxinol cantou, o feno teve cheiro bom, e tudo isso, doce e sufocante de lembranças, transcorreu para mim assim como para todo mundo rapidamente, sem deixar rastros, não foi valorizado e sumiu como névoa... Onde está tudo?

– Anton Tchekhov, "A lady's story" (1887)

Aquela margem distante não parece tão distante.

– Stephen Sondheim, "Opening doors", *Merrily We Roll Along* (1981)

PARTE UM

1

SHEFFIELD-ENFIELD

—Seus brincos de pérola estão meio gastos. Estão horríveis, sem brilho – falou Barbara Beegan para a filha, enquanto cutucava com uma faca de coquetel um patê tão aquecido pelo sol que estava quase com a consistência de manteiga. – Você nunca tira?

A mão direita de Evelyn subiu até a orelha e mexeu no brinco, que pareceu meio caroçudo mesmo. Ela os comprou para si mesma como presente de formatura do ensino médio e, ao longo dos anos, o uso em banhos, na piscina e em jogos de tênis deve ter corroído a perfeição redonda deles, mas ela nem tinha reparado nisso até o momento.

– Você queria que eu usasse – comentou ela.

– Eu queria que você parecesse estar vestida para ver o jogo de lacrosse, não para participar dele. Podia pelo menos dar uma polida neles de vez em quando. As pessoas devem pensar que você não sabe cuidar das suas coisas. Acho que esse patê tem salmonela. Você não consegue encontrar outra coisa para colocarmos aqui?

Evelyn se deslocou de lado pela beirada do Mercedes 1985 bege. A mãe o comprou usado após o primeiro dia de aula de Evelyn em Sheffield, uma escola particular de ensino médio, quando viu que nenhuma das mães de famílias ricas e tradicionais se dignaria a dirigir um BMW novinho como aquele que os Beegan tinham usado para ir até lá. O Mercedes estava estacionado a poucos centímetros do carro ao lado, um Volvo velho (não havia quase nenhum carro de depois de 1996 à vista no campo), e Evelyn abriu a porta para enfiar a mão na cesta de piquenique no banco de trás. Passou a mão pelo queijo aquecido enrolado em plástico, vinho quente... por um recipiente quente de cream cheese? Não, *tapenade* de

azeitona; e, achando que aquilo era o alimento com menos chances de provocar uma intoxicação alimentar, apanho o pote. Ouviu-se uma gritaria no Primeiro Campo, a algumas centenas de metros de distância; parecia que a multidão aprovava a escolha pela *tapenade*. Era Sheffield-Enfield, a versão da sua escola de um jogo de lacrosse, um esporte que parece hóquei na grama, e os espectadores estavam absortos na partida de boas-vindas.

Balançando o cabelo para cobrir as orelhas, Evelyn andou até a mesa no porta-malas do carro, uma das várias enfileiradas no Segundo Campo da Sheffield Academy, que por sua vez tinha sido transformado em estacionamento para o jogo do dia. Algumas mesas tinham faixas especiais em cima, SHEFFIELD-ENFIELD PRIMAVERA 2006; a associação dos ex-alunos dava uma para aqueles que doassem mais de 10 mil dólares por ano. Mesas à esquerda de Evelyn ofereciam vários queijos cremosos que estavam derretendo na bandeja com o calor. À direita, garrafas de vinho branco e Pellegrino suavam pelo esforço de ficarem ao ar livre. Ela reparou em alunos veteranos andando com suéteres do time do colégio, que eles insistiam em usar mesmo no início do verão, e fez uma nota mental. Os chefes dela no People Like Us ficariam interessados naquilo.

Ela estava se virando para ir ao campo coberto quando ouviu o som de passos molhados e viu Charlotte se aproximando, enquanto balançava duas caixas de biscoito de água e sal de modo triunfante em uma das mãos e um copo de isopor na outra. Para uma pessoa tão pequena, com quadris estreitos o bastante para comprar roupas na Gap Kids, Charlotte estava deixando sulcos enormes no chão ao dar passos largos com as galochas. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo, mas a umidade tinha criado uma auréola castanha de frizz ao redor do seu rosto pálido.

– Sucesso! – disse Charlotte, andando na direção de Evelyn. – Babs me venderia como escrava branca se eu não tivesse encontrado isso.

– Diz que ela não mandou você procurar biscoitos, por favor. Eu falei para ela não fazer isso. Desculpe, Char.

– Escute, pelo menos biscoitos de água e sal são uma coisa que

consigo encontrar. Eu estava com medo de ela mandar eu arrumar um marido para você.

Charlotte mostrou a língua, e Evelyn deu um chute de leve na canela dela, mas a borracha das botas a protegeu.

– Aqui – falou Charlotte, entregando o copo de isopor. – Cidra.

– Nesse calor?

– “Nesse calor?” – imitou Charlotte, com sotaque britânico. – O quê? Você está trabalhando no People Like Us há um dia e já acha confusos os hábitos das pessoas comuns?

– Estou trabalhando lá há três semanas, Char, e meu plano de entrar para a elite já está em andamento. – Evelyn indicou os espectadores. – Hoje é o dia de se associar ao People Like Us. As pessoas aqui só não sabem ainda.

– Ah, Charlotte, você encontrou biscoitos – falou Barbara.

Barbara tinha reaparecido, lançando uma sombra sobre as garotas. Os pés, com os dedos pintados, estavam amarrados em sandálias rasteiras, que se mesclavam com uma calça de pregas azul-bebê alargada por coxas firmes, e uma camisa branca engomada. No topo, cabelo seco cor de manteiga penteado em ondas largas e um grande par de óculos de sol pretos. Na sua melhor época, depois de uma dieta baseada em maçã verde, Barbara Beegan foi magra; agora, era o tipo de mulher corpulenta que cobria o peso adicional com roupas sob medida. Tinha cheiro de couro, como sempre. Ela franziu a testa ao examinar as caixas.

– Mas esses têm pimenta.

Charlotte fez uma cara silenciosa como a retratada no filme *O Grito*, de Munch, para Evelyn.

– Ah, sra. Beegan, só consegui encontrar esses.

– Vão ter que servir, eu acho – comentou Barbara, olhando por cima da cabeça de Charlotte.

– Diga obrigada, mãe – falou Evelyn.

– Sim, obrigada – disse Barbara com apatia, e abriu uma caixa para começar a arrumar os biscoitos em um semicírculo.

– Eu vivo para servir – respondeu Charlotte, fazendo uma breve reverência. – Ah, ali está o sr. Marshon, professor de história do primeiro ano. Você acha que ele ainda tem raiva de mim por causa

da vez que imitei a defenestração de Praga com o globo de neve dele? Vou só dizer oi. Já volto.

Evelyn aproveitou a oportunidade para se afastar. A grama do Segundo Campo tinha ficado lamacenta e irregular, com marcas de pneus e botas (Charlotte foi esperta em colocar galochas), e ela seguiu com cuidado pelo terreno maltratado até o campo coberto. Viu com diversão um ex-aluno tentar pegar uma criança pequena enquanto secava um labrador que aparentemente fora nadar no rio Ammonoosuc, mas, quando o ex-aluno a olhou, ela tossiu rapidamente e virou o rosto.

Nos oito anos desde que se formou, ela não voltou muitas vezes a Sheffield, por não querer ver os colegas se gabando sobre filhos, trabalhos e casamentos enquanto ela seguia com o emprego de marketing de livros didáticos. Barbara, por outro lado, foi uma ex-aluna frequente, apesar de não ter estudado em Sheffield, e todo ano ligava para a filha, insistindo para que ela fosse a Sheffield-Enfield, e todo ano Evelyn dizia não. A punição para essa resistência era um sermão recorrente que dizia que ela estava envelhecendo e precisava encontrar alguém logo e não devia desistir das chances de achar ex-alunos que fossem bons partidos.

Mas aquele ano foi diferente. Depois que a editora de livros didáticos a demitiu, alguns meses atrás, ela conseguiu um emprego no People Like Us, uma rede social da elite e para a elite. Até Charlotte, que era brilhante em negócios, achava que redes sociais seriam importantes, e Evelyn sentiu que, se fosse bem-sucedida lá, poderia escolher o trabalho que quisesse.

Na entrevista, Evelyn soltou algumas referências a Sheffield e, puxando pela memória as aulas de romances da era de ouro no último ano, a Newport. Quando o co-CEO perguntou como ela chegaria aos membros-alvo, ela blefou e mencionou dois eventos beneficentes do Upper East Side e fez parecer que tinha ido a eles quando não tinha. Os detalhes inventados que ofereceu sobre as festas, os arranjos de flores e os coquetéis especiais saíram de sua boca com uma facilidade surpreendente, e, apesar de a terem deixado abalada, ela argumentou consigo mesma que todo mundo aumentava a verdade em entrevistas. Por 46 mil dólares e muitas

opções de ações (Charlotte disse que era assim que funcionava atualmente), Evelyn se tornou a diretora de associados do People Like Us, responsável por recrutar a nata da sociedade para criar perfis. Agora, três semanas depois de começar, ela precisava de recrutas de verdade e fora ao jogo de boas-vindas de Sheffield por esse motivo.

Escutou fragmentos de uma comemoração vindos do Primeiro Campo, onde o jogo ainda estava no terceiro tempo. Foi o mesmo grito que ela ouviu quando chegou em Sheffield como "prep.", o termo da escola para "caloura". O grito era um louvor à mascote da escola: o mitológico grifo, com corpo de leão e asas e cabeça de águia. Ao ouvi-lo, um homem curvado de olhos azuis aquosos balançou com valentia uma pequena bandeira de Sheffield, como se estivesse esperando que tropas vindas daquela direção o liberassem.

A pedra cinza e fria do campo coberto oferecia descanso de todo o som, e Evelyn seguiu o caminho familiar até o banheiro feminino, passando pelo ringue de hóquei de um lado e pela piscina de polo aquático do outro. Lá dentro, sob luzes fluorescentes, inclinou-se sobre os pedaços de concreto cinza que formavam a pia, que fedia a cerveja (culpa dos ex-alunos mais novos; ela quase não tinha visto cerveja entre os ex-alunos mais antigos o dia todo) e estava cheia de copos vermelhos de plástico. Ela enfiou a mão na bolsa, pegou uma caixa de óculos de sol, abriu e tirou uma flanela de limpar lentes. Debruçando-se a ponto de ver a camada fina de gordura que se formava no nariz, ela esfregou com cuidado um dos brincos de pérola até obter um brilho digno de Vermeer. Estava marcado, ela admitia, mas, no autoexame habitual que fazia antes de ver a mãe, não percebeu.

Ela se olhou rapidamente. Em certa ocasião, quando tinha 12 anos, ouviu de um dos sócios advogados do pai que partiria corações um dia, mas isso ainda não tinha se tornado realidade. Aos 26 anos, ela sentia que ainda não tinha desenvolvido completamente as feições, e, se ainda não tinha acontecido, era provável que nunca aconteceria. O cabelo era castanho e caía sem vida sobre os ombros, o rosto era longo demais, o nariz era fino

demais e os olhos azuis eram pequenos demais. A única parte do corpo que ela achava realmente espetacular era o dedo indicador. Ela resistira às sugestões da mãe (“sugestões” era delicadeza) de fazer luzes, mechas, uma sessão de maquiagem na Nordstrom. “Você está dizendo para todo mundo ao seu redor que não se importa”, Barbara gostava de dizer.

Pelo menos em Sheffield-Enfield naquele fim de semana, ela e a mãe chegaram a uma trégua hesitante. Estudar ali foi um acerto aos olhos da mãe, ainda que, como Barbara frisava, tivesse deixado de aproveitar a oportunidade. Evelyn teve um início promissor quando fez amizade com Preston Hacking, um Winthrop pelo lado da mãe (“Uma família tradicional e antiga de Boston”, comentou Barbara), e, obviamente, Hacking pelo lado do pai. Sua mãe achava que Evelyn ainda era amiga íntima de Preston, mas não conseguiu usar isso em nada de útil. A outra melhor amiga de Evelyn em Sheffield era Charlotte Macmillan, filha de um executivo da P&G e a quem Barbara ainda se referia como “aquela garota de marias-chiquinhas” por causa do penteado que Char usava quando elas se conheceram.

Evelyn esfregou o outro brinco. Inclinando o tronco sobre a pia até estar a dois centímetros do espelho, ela girou e poliu a pérola, depois girou e poliu de novo só por garantia. A mãe não poderia atacá-la por isso.

Quando ouviu pessoas se aproximando, se afastou do espelho e abriu a torneira. As ex-alunas com um S marrom nas bochechas entraram, conversando.

– Bom jogo – comentou ela com alegria, puxando uma toalha de papel do dispensador.

Com a lama tentando arrancar as sapatilhas dos seus pés, Evelyn voltou à mesa de cartas atrás do carro da mãe e passou a pasta de azeitona em curvas cuidadosas em um dos ofensivos biscoitos com pimenta.

– Ora, ora, ora. Se não é minha pequena e alegre fofqueira.

A voz de Preston Hacking era esganiçada e anasalada, e ao ouvi-la e ver a beirada dos mocassins gastos atrás de si, Evelyn deixou o sorriso calculado, que estava grudado em seu rosto desde que saiu

do campo coberto, se transformar em um sorriso aberto. Ela se virou e jogou os braços ao redor de Preston, que a pegou com um gritinho e a colocou no chão, sem fôlego pelo esforço.

Preston estava com a mesma aparência que tinha em Sheffield, alto e magro, com cabelo louro denso e encaracolado, óculos vermelhos e lábios que estavam sempre em um meio sorriso, com as feições delicadas de uma pessoa que nunca havia entrado em uma briga e se submeteu educadamente às humilhações impostas a garotos de boa família no ensino médio de uma escola particular. Evelyn se lembrava de ter ouvido que ele ficou grudado com fita adesiva na estátua do fundador da Sheffield por várias horas e, ao ser libertado, ofereceu aos agressores um charuto que tinha no bolso do paletó esporte – era um charuto cubano. Um suéter antigo e surrado de Sheffield estava pendurado no antebraço dele; do avô ou do bisavô, Evelyn não conseguia lembrar.

– Pres! Achei que você fosse me deixar com a sociedade geriátrica. Por que demorou tanto?

– Eu estava e ainda estou com uma ressaca enorme e achei que não aguentaria a alegria e o espírito escolar de pessoas como você. Meu bom deus, mulher, o que tinha naqueles martinis de ontem à noite?

– Talvez tenham batizado sua bebida.

– Quem me dera. Deve ter sido o gim de banheira que parecem servir nesses eventos. Eu sabia que devia ter levado alguma coisa da cidade. Nunca se pode confiar no serviço alcoólico na rural New Hampshire. Você me consegue um *bloody*?

Evelyn pegou um dos copos de cristal que a mãe levou de Maryland e misturou um pouco de vodka de uma garrafinha de bolso coberta de couro com suco de tomate. Perguntou-se onde a mãe tinha conseguido todos aqueles acessórios de bar. Eles apareceram aos montes quando a família se mudou do rancho na região quase rural para a casa velha, grandiosa e caindo aos pedaços em Bibville quando Evelyn estava no ensino fundamental. Com isso vieram ares aristocráticos e copos chiques, pensou ela enquanto via a bebida escorrer da garrafinha.

– Acho que minha mãe trouxe salsão, mas ela não está aqui. E

tinha gelo, mas derreteu. Acho que você vai ter que beber suco de tomate quente.

– Molho de raiz forte. Bobagem – comentou Preston. – Mais vodca. Mais. Mais. Mais. Está bom. Se eu não colocar uma bebida no meu corpo logo, é possível que eu tenha que regurgitar em cima desse lindo piquenique. – Ele tomou um gole grande.

– Agora que sua sede está sendo saciada, por que você não faz alguma coisa útil? Babs e eu estamos tentando saber como desdobrar essas cadeiras, e obviamente não conseguimos descobrir – falou Evelyn.

– Sim, todos nos lembramos de suas incursões malfadadas nos trabalhos manuais. Me põe para trabalhar. Eu sempre sonhei em ser seu faz-tudo. – Preston colocou o copo no para-choque do carro e estava agachado, mexendo em uma arruela, quando Barbara Beegan voltou. Ele deu um pulo. – Sra. Beegan, que prazer.

– Preston, que satisfação. Evie disse que viu você ontem à noite, na reunião dos jovens, mas fico feliz de estar te vendo hoje.

– Ah, não mais tão jovens. Ela contou que agora estamos no grupo de ex-alunos de meia-idade? Quando passa de cinco anos que você terminou a escola, é o fim.

Evelyn o cutucou nas costelas e tentou fazer parecer acidente caso a mãe estivesse olhando, mas era tarde demais.

– Ela já tem quase 30. Não é surpresa – retrucou Barbara.

– Tenho 26, mãe. Não quase 30 – murmurou Evelyn.

Mas, quando andou no meio dos alunos atuais, ela percebeu que, para eles, era mais uma no mar de ex-alunos vagamente velhos que caminhavam pelos alojamentos durante Sheffield-Enfield e falavam sobre que cor era o tapete na época deles.

– Quase 27 – argumentou Barbara, virando-se para olhar para a filha.

– Quase 25 – replicou Evelyn.

Com um chute, Preston colocou uma cadeira no lugar, depois outra.

– Pronto e pronto. Vocês duas parecem ter encontrado a fonte da juventude. Sua filha me botou para trabalhar, como sempre. O sr.

Beegan também veio?

Evelyn devolveu a bebida para ele.

– Pelo seu trabalho. Não, papai tinha que trabalhar este fim de semana.

– Ah, bom, tenho certeza de que ele está triste por estar perdendo. – Como isso não gerou resposta, Preston pegou um biscoito. – Li sobre o caso no qual ele estava envolvido, no *Journal*. Acho que era um processo contra uma empresa farmacêutica em...

– Não são todos – interrompeu Barbara com tom alegre. – Tem séculos que não vejo você. Estava em Londres?

– Acabei de me mudar de volta para Nova York – respondeu Preston.

– Isso é maravilhoso. Não é maravilhoso, Evie? Eu sempre digo que ela precisa prestar mais atenção nos velhos amigos. Como estão seus velhos amigos? Aquele querido do Nick? E aquele seu irmão bonitão? Eles estão solteiros?

Evelyn entregou para a mãe um biscoito com cream cheese.

– Tudo bem, mãe, não precisamos repassar todas as pessoas solteiras que Preston conhece para avaliar possibilidades de casamento.

– Só estou conversando, Evelyn. Ela às vezes é tão sensível. Agora, me conte sobre você, Preston. Você deve estar namorando alguém.

– O rumo do amor verdadeiro nunca foi tranquilo, sra. Beegan – falou ele.

– Claro, você tem séculos até precisar sossegar – comentou Barbara.

Evelyn revirou os olhos e colocou um biscoito na boca. Preston garantiu a Barbara que a vida de Nova York era boa e que seu trabalho como investidor independente estava indo muito bem (embora Evelyn nunca tivesse conseguido determinar exatamente o que Preston fazia e nem em que investia). Ele disse que Evelyn estava se saindo muito bem na cidade, assunto sobre o qual ela achou que ele mentiu bem, e Barbara ergueu os óculos de sol para o alto da cabeça, com os olhos azuis de albina se iluminando com o elogio, pois o recebeu como se fosse para ela. Depois das

conversas encerradas, eles se separaram, andando para longe um do outro tão delicadamente quanto se fosse o fim de um minueto. Barbara completou o encontro dizendo que acharia lugares para todos eles no estádio e saiu andando.

A umas três fileiras de carro de distância, soou um berro, um "Ha-CKING" seguido de um "Beegs!"

– Ah, meu bom deus – disse Preston para Evelyn.

A pessoa que gritou, que Evelyn finalmente identificou como Phil Giamatti, um garoto do interior de New Hampshire que teve overdose de cafeína no primeiro ano, se aproximou. A olhos destreinados, Phil parecia estar vestido de forma ainda mais elegante do que Preston. A camisa xadrez roxa, Evelyn supôs que era Thomas Pink. A calça era Nantucket Reds. Usava mocassins Gucci sem meias. Evelyn se lembrava de quando ele chegou à escola com uma camisa de botão de cambraia grande demais e uma calça jeans de botões. Ele atualmente transbordava marcas e tinha tomado um banho de perfume, que sem dúvida vinha em um vidro envolto em couro preto.

– Como vocês estão? – Ele segurou Evelyn com mãos gordas para se inclinar e pressionar os lábios molhados na bochecha dela.

– É legal estar aqui, fora de Manhattan, não é?

– É sempre bom estar em Sheffield – falou Evelyn secamente.

Ela já não gostava de Phil na escola, sempre tentava copiar as provas de Charlotte, e gostava dele menos ainda com dinheiro.

– Não é? E é bom deixar o trabalho de lado. Esse negócio de bancos é uma loucura, cara.

– Ouvi falar – comentou Evelyn.

– Quando se está fazendo negócios como eu, a coisa não para. Fico acordado até as cinco da manhã, no escritório até uma da manhã. A coisa tem que ser intensa no trabalho e na diversão, certo? Modelos e garrafas?

– "Modelos e garrafas" não é bem minha área – falou Preston com arrogância.

– Modelos não fazem seu estilo, Hacking?

Evelyn sentiu calor nas orelhas; torcia para que Phil não estivesse tomando o rumo que parecia estar tomando.

– O estilo de Pres... – começou ela.

Mas Phil continuou:

– Precisa de modelos homens e garrafas? Fica melhor?

Evelyn nem precisou olhar para Preston para saber que o amigo estaria vermelho.

– Preston é um modelo homem, Phil – retrucou ela com voz gelada, e não foi a melhor das respostas, mas ela não conseguiu pensar em mais nada. – Boa sorte no seu banco.

– Ei, eu só estava brincando – disse Phil conforme eles se afastavam. – Ei, ei, Hacking! Ei, Beegs!

Evelyn voltou até a mesa de cartas, onde rearrumou algumas das facas de coquetel para dar tempo a Preston de se recompor. Finalmente, ele engoliu em seco com tanta força que ela conseguiu ouvir.

– Não sei do que ele estava falando – falou Preston.

– Nem eu – respondeu Evelyn com voz firme. Ela encheu o copo dele, preparada com uma mudança de assunto. – E então, “você preferia”?

– Uhn, o quê? – perguntou Preston, entrando no jogo antigo deles.

– Você preferia ter que passar todos os jantares pelo resto da vida sentado ao lado de Phil Giamatti a ter uma piscina descoberta no jardim da frente de casa?

– Tão elitista, Evelyn, minha querida. Qual é aquela rede social para a qual você está trabalhando agora? Not Our Class, Dear?

– Engraçadinho. Você sabe que vou inscrever você.

– Não! Você sabe que eu renego qualquer tecnologia.

– Mas vai ter que se acostumar. Você tem linhagem, um nome antigo e respeitável e, presumivelmente, tios alcoólatras que vão lhe deixar grandes fortunas. É exatamente quem eles querem. Não se preocupe. Ajudo você a fazer um perfil encantador.

– A resposta, aliás, é a piscina. Jantares são importantes demais para serem passados com gente como Phil.

– Concordo – disse Evelyn.

– De que estamos falando? – Charlotte interrompeu, dando um pulo e jogando os braços finos ao redor dos dois.

– Phil Giamatti – disse Evelyn.
– Você está recrutando ele para o PLU?! – perguntou Charlotte.
– Querida. – Evelyn ergueu o nariz e olhou para Charlotte com expressão superior. – Ele não tem calibre para o PLU.
– Querida, eu não arriscaria. Não para o PLU – falou Charlotte com sotaque britânico. – Acho que Evie ganha pontos como caçadora de recompensas quanto mais antiga for a família que conseguir registrar no site.
– Bem, se o People Like Us trouxer Evelyn de volta a Sheffield, eu aceito – comentou Preston. – É bom estarmos juntos aqui.

– Ah, é claro que não conseguiríamos nos juntar para sair em Nova York – disse Charlotte. – Mas Nova York não é assim mesmo?

Evelyn apertou a tampa da garrafinha de vodca. “Nova York quando se é jovem”, dizia com reverência todo mundo na sua cidade natal de Bibville ao descobrir onde ela morava, nunca tendo morado nessa cidade quando jovem. Evelyn tentava adorá-la e às vezes conseguia, quando estava de salto e perfume chamando um táxi na Park Avenue em uma noite de outono ou quando o chafariz no Lincoln Center dançava à luz da noite ou quando ela via Alfred Molina como Tevye cantar “Sunrise, Sunset” na cadeira no segundo balcão e sentia o cérebro parar. A cidade vibrava de um jeito que Bibville nunca vibrou, e os táxis eram difíceis de conseguir porque todo mundo tinha um lugar para ir e era revigorante. E então ficou irritante: os táxis eram difíceis de conseguir, e ponto.

Ela aprendeu a morar em Nova York. Sabia agora que nunca devia almoçar no bufê quente dos restaurantes coreanos, nunca devia comprar sapatos nas lojas de artigos de couro sem marcas que apareciam em Midtown, que havia mais espaço no meio dos vagões do metrô do que nas pontas e que as flores vendidas em mercadinhos costumavam vir de enterros. Mas ela não vivia uma vida de Nova York. Apesar dos grandes planos, ela passava a maioria dos dias indo de casa para o trabalho e depois para casa de novo sem fazer nada de diferente. A cidade era lotada e barulhenta e suja, e quente demais e depois fria demais. Exigia uma quantidade enorme de energia e tempo só para resolver pequenas coisas como fazer compras. Sempre ficava suada depois

de fazer compras.

Ela esperava se sentir mais à vontade agora que Charlotte e Preston estavam de volta a Nova York. Achava que os três sairiam juntos o tempo todo, um grupo alegre de personagens de Sondheim se dedicando ao amor e à vida nos pequenos apartamentos, reunindo-se aos domingos para dar ânimo uns aos outros e tomar vinho nos telhados dos prédios. Mas Charlotte, depois de trabalhar como analista da Goldman Sachs – um ano no qual Evelyn via a amiga talvez a cada duas semanas e Char só falava do quanto estava trabalhando –, tinha voltado a Harvard para estudar administração. Ela estava de volta à cidade havia quase um ano, trabalhando para a firma de ativos privados Graystone, o que queria dizer que as noites e os fins de semana viviam quase todos ocupados. Enquanto isso, Preston tinha mergulhado no universo da faculdade depois de voltar de Londres. Evelyn manteve os poucos amigos da Davidson College que foram morar na cidade, mas as vidas deles estavam começando a tomar direções amplamente divergentes. Uma era atriz e tinha acabado de se mudar para Bushwick, e era preciso tomar três metrô e, provavelmente, comprar uma navalha para chegar lá em segurança. Uma segunda ficou noiva e estava se mudando para Garden City, Long Island.

Os quatro anos desde a formatura na Davidson passaram ao mesmo tempo devagar e rápido demais, e Evelyn se viu com vinte e poucos anos sem a vida que esperava ter. Garotas da idade dela estavam prosperando na carreira ou em relacionamentos sérios que logo levariam a alianças e a festas de noivado. A mãe tinha oferecido pagar para Evelyn congelar os óvulos, e ela não recusou a oferta de imediato. Não que ela quisesse marido e filhos. Mas seria bom finalmente ter um lugar, as pessoas a olharem e a acharem interessante e que valia a pena conversar com ela, que não procurassem educadamente detalhes da sua vida para esquecê-la no momento seguinte. (Murray Hill, certo? Não, Upper East Side. Ah, e Bucknell? Não, Davidson.)

O People Like Us podia ser a chance dela, mesmo que os pais não enxergassem dessa maneira. O pai dizia que aquele grupo não

precisava de mais um jeito de se afastar de todo mundo. E a resposta da mãe quando Evelyn contou foi: “Então, em vez de se dar ao trabalho de conhecer a interessante esfera social de Nova York, você agora trabalha como uma espécie de *concierge* paga para eles? Foi para isso que mandamos você para Sheffield?”

Ela admitia que havia muito tempo se sentia intimidada pelo grupo de pessoas que agora devia recrutar. No começo do jogo, sondou alguns deles, se perguntando se essa esfera social iria receber o que merecia com o passar do tempo, os rapazes retrocedendo até virarem alcoólatras barrigudos e as garotas ficando abatidas. Isso provaria que a mãe não estava certa sobre o apelo do grupo. Mas as garotas estavam lindas, leves e livres, com um sutil bronzeado de praia particular, pulseiras esmaltadas Hermès tilintando nos pulsos, e os rapazes estavam bonitos e pareciam seguros, banqueiros e advogados e políticos em treinamento. Ao xeretar, ela os ouviu criticar com riqueza de detalhes uma violação de etiqueta em um clube particular de São Francisco e inicialmente recuou, com medo de a ignorarem e a fazerem se sentir um nada. Mas, considerando o novo emprego, ela se obrigou a falar com alguns deles que conhecia por Preston e conseguiu reunir alguns candidatos para o PLU. Evelyn estava determinada a fazer isso dar certo, a provar para os pais e para as pessoas que a ignoraram que ela era alguém. A cidade achava que ela não conseguiria. A cidade estava errada.

Preston foi puxado por um amigo de seu pai, e Evelyn e Charlotte foram na direção do estádio. Outra cantoria começou, e as garotas fizeram os movimentos de mãos, aprendido há tanto tempo, ao mesmo tempo:

*Quando – nós lutamos – nós lutamos – com tropas
Literárias – e temas – e leitmotivs – porque nós
Somos – a escola – conhecida – pela melancolia
Escritores – e poetas e
Se o lacrosse – não é – nosso forte então
Pedimos – que o outro – time – tente compor*

Pentâ – metros – iâmbicos, alusões
Réplias, símiles
E trocadilhos!

Perto do fim da cantoria, a torcida de Sheffield perdeu o ritmo, mas gritou “trocadilhos” em uníssono, como se fosse o maior insulto ao outro time.

Barbara, ocupando metade de uma fileira com um cobertor imenso, balançou os dedos para Charlotte e Evelyn. Sheffield pegou a bola, e a torcida começou a gritar enquanto Evelyn passava.

– Seus brincos estão sujos – disse Barbara.

– Mãe, vou jogar o brinco no meio da multidão se você não parar de falar nisso – respondeu Evelyn enquanto ouvia uma gargalhada de Charlotte.

Barbara se ajeitou no cobertor, e a multidão gritou um arpejo baixo em massa quando Enfield pegou a bola de volta.

Está tudo bem, está tudo tranquilo, vocês vão trabalhar para nós um dia, soou o canto do lado de Sheffield.

2

PRÓXIMA PARADA, LAKE JAMES

Evelyn olhou para a cama repleta de vestidos, suéteres, calças jeans, botas, sandálias e casacos e tentou mais uma vez decidir o que precisaria para um fim de semana em Adirondack.

Ela pegou o celular que tocava.

– Oi, mãe.

– Você vai levar o Lilly?

– Mãe, é sério que você está me ligando para saber o que vou botar na mala? Já fui à casa de Preston, lembra? Você, não.

– Você nunca vai se arrepender de levar um vestido Lilly Pulitzer para um fim de semana de verão – argumentou Barbara com firmeza do outro lado da linha.

Evelyn ia para a casa de veraneio de Preston em Lake James, na região das montanhas Adirondack, para passar o feriado de Memorial Day, que homenageia os militares norte-americanos mortos em combate toda última segunda-feira de maio, com o objetivo de recrutar mais membros para o People Like Us. Depois de começar no emprego, ela esperou alguns dias para que os co-CEOs, Arun e Jin-ho, dissessem para ela quais eram as metas de associação e como ela devia chegar aos associados: ir ao evento de seleção da Spence School com uma lista para as pessoas assinarem? Mas eles não disseram nada. O People Like Us era uma verdadeira *start-up*: um escritório não reformado em Chelsea, mesas dobráveis servindo de escrivaninha, IBMs bege comprados de alguma *start-up* anterior.

A ideia da rede social e o dinheiro vieram de um septuagenário suíço que era um Habsburgo e queria se conectar com gente da estirpe dele enquanto viajava para Dubai ou para as Maldivas. Ele

contratou Arun e Jin-ho, formados em administração por Stanford, e deixou o resto com eles. Eles, por sua vez, pareceram deixar a estratégia de aquisição de membros totalmente nas mãos de Evelyn.

Evelyn começou estudando o site New York Appointment Book e as páginas sociais do *Times*, tentando ter uma ideia de quem estava na sociedade e quem o People Like Us podia querer como associados norte-americanos. A ideia dela era de que o PLU devia começar com membros de elite para criar falação e exclusividade.

No topo da lista de Evelyn estava Camilla Rutherford. Evelyn viu Camilla em pessoa só uma vez, quando estava no bar do Picholine, passando tempo com uma cerveja Old Speckled Hen até o *Barbara Cook's Broadway!* começar no Vivian Beaumont. O *maitre* passou uns bons vinte minutos ao telefone com alguém, dando instruções detalhadas de Chelsea até ali. Quando Camilla entrou, os garçons pararam de falar, como se Madonna tivesse chegado, e o *maitre* pediu desculpas por ter dado instruções tão imprecisas. Evelyn, que ouviu a coisa toda, achou que foram perfeitamente claras e se perguntou por que o homem estava tão cheio de remorso. Em seguida, olhou para Camilla, e a confiança da garota, por si só, sem contar o belo cabelo e a blusa de seda perfeitamente passada, fez Evelyn sentir-se enrugada, com cabelo oleoso e as unhas dos pés sujas.

Babs sabia bem quem era Camilla e insistiu para que elas fossem amigas quando Evelyn estava na escola. Evelyn ouviu falar dela em Sheffield, claro. A "Camilla de St. Paul" era assunto de conversa sempre que a esfera de Preston de Nova York voltava de férias. Camilla era agora diretora adjunta de eventos especiais da *Vogue*, um emprego reservado para as belas e elegantes mulheres que acrescentavam brilho a festas apenas por comparecerem. No Appointment Book, a única rede social que as socialites entravam, Camilla aparecia como o centro evidente da Jovem Nova York. Usando um vestido em camadas da cor de café com leite, aparecia relaxando em um banco do Met na festa da ala egípcia. No Young Collectors Council do Guggenheim, de blusa preta de seda e saia com estampa em zigue-zague, segurava uma taça de champanhe.

Em um traje com jeito flamengo que Evelyn jamais poderia usar no For Whom the Belles Toll, um evento para arrecadar fundos com tema da Guerra Civil Espanhola na Biblioteca Pública de Nova York. Identificar Camilla como candidata era fácil. Conseguir a inscrição dela era o desafio.

Foi aí que Evelyn lembrou que Camilla tinha uma casa em Lake James, onde Preston tinha a casa de veraneio, e soube o que fazer. O jeito de atrair essas pessoas era estar no terreno delas, não nas ruas da cidade, onde qualquer vendedor ou evangelizador natureba com uma prancheta na mão poderia abordá-las, mas nas casas de veraneio de difícil acesso, onde a presença de Evelyn deixaria claro que ela pertencia ao grupo. Ela mandou um e-mail para Preston para ver se ele passaria o Memorial Day em Shuh-shuh-gah, a casa em Lake James, e ele respondeu: "*Comme d'habitude.*"

"Posso ir junto?", ela escreveu, e a resposta dele foi um simples "*Oui*". As coisas com os velhos amigos eram tão lindamente simples.

No começo da semana, ela preparou uma apresentação sobre suas estratégias para aquisição de membros, mostrou para Arun e Jin-ho fotos do evento Belles Toll e de alguns outros.

– Vejam como as pessoas estão interagindo – disse ela. – Por que alguém vai a um evento desses se não por amor à biblioteca? É porque os amigos pediram. "Comprem uma mesa." "Doem no nível dos apoiadores." É assim que esse mundo funciona. Há pessoas no centro, são sempre elas quem influenciam. Elas ditam as modas. São quem decidem a quais festas ir. Onde passar as férias. Em que redes sociais as pessoas podem querer se inscrever. Concentrar nos números em vez de na qualidade é um jeito garantido de perder qualquer credibilidade que tenhamos com esse grupo. Então, vamos pegar uma página do manual deles mesmos. Vai ser recrutamento individual, apelos individuais, como se estivéssemos organizando um evento de arrecadação da biblioteca. Uma venda silenciosa.

Ela encomendou cartões para o People Like Us, feitos de papel-cartão grosso, e distribuiu para os integrantes da equipe que iam a Nantucket e Martha's Vineyard e the Hamptons e Aspen para

passar o Memorial Day, para serem distribuídos entre as pessoas certas. Arun e Jin-ho ficaram impressionados.

Barbara ainda estava falando e Evelyn foi até a janela, onde passou o dedo pela poeira densa que se acumulou durante a noite.

– Eu não via Preston desde Sheffield-Enfield. O que aconteceu com vocês dois? – perguntou Barbara.

– Não aconteceu nada. Ele ficou em Londres pelo quê, três anos? Então eu quase não encontrava com ele.

– O irmão dele também. Ele era um jovem simpático. Sheffield faz bem a eles.

– Bing foi estudar medicina nas Ilhas Virgens porque não conseguiu entrar em nenhuma faculdade dos Estados Unidos. E tem uma filha de 8 anos.

– Ah. Não descarte homens que foram casados. Os divorciados ficariam muito gratos de ter uma pessoa jovem e bonita ao lado.

– Mãe, tem um botão de desligar neste celular e eu não tenho medo de usá-lo. – Evelyn prendeu o celular entre o ombro e a orelha e começou a jogar roupas na mala. O trem dela sairia em pouco tempo.

– Eu sempre achei que você e Preston se casariam – continuou Barbara. – Ele tem excelentes modos e joga tênis tão bem. Um homem assim tornaria a vida fácil, Evelyn. Pense no quanto seria fácil receber pessoas e ir a festas com um marido assim. Que gosta de socializar e sempre tem coisas engraçadas a dizer. Preston sempre é a atração da festa. O atraente da festa, eu acho.

Evelyn dobrou um suéter de lã grosso. Ela também considerou a ideia, a matemática simples de ela e Preston se casarem, levarem a vida com harmonia, fazendo suas atividades durante o dia, se juntando à noite para irem a festas e jantares, se separando de novo depois, possivelmente tendo cada um seu amante. Ela sempre via suas cenas da vida com Preston em preto e branco, com acessórios como copos pequenos e redondos de martíni e cigareiras longas. O que não conseguia imaginar era uma noite sozinhos na mesma casa – sem nem chegar à mecânica de evitar dormir juntos, ela tremeu com a ideia da intimidade horrível da escova de dentes dele molhada.

- Qual é seu plano para o verão, Evelyn?
- Lake James, no momento.

Ela sabia que a mãe estava perguntando sobre o resto do verão. Um grupo de marketing do antigo emprego dela, a editora de livros didáticos, foi dividir uma casa de verão em Jersey Shore, mas, mesmo que Evelyn tivesse dinheiro para isso, ela não saberia o que dizer para aquelas pessoas, que faziam piadas sujas de fraternidade sobre obscenidades e citavam o filme *Clube dos pilantras*. Por outro lado, ficar em Nova York no verão não era tão atraente; o verão anterior representou muitas cervejas Sam Adams Summer Ales sozinha nos fins de semana quentes quando parecia que só havia ela e a parada do Dominican Day.

– Você está indo para fazer suas vendas de site. De qualquer modo, não pode contar com a hospitalidade da mãe de Preston todos os fins de semana. Uma mulher solteira é um peso para qualquer anfitriã. É uma luta encontrar um homem solteiro como parceiro de jantar.

– Mãe. Eu já estou indo para Lake James. Aceite as vitórias do momento, tá? E, pela 14ª vez, não são vendas de site.

– Você colocou o Lilly na mala?

Evelyn balançou a cabeça.

– Tchau, mãe.

Ela jogou o celular na cama e colocou o vestido Lilly Pulitzer na mala. Arrastou a mala esportiva até o elevador velho e pelo saguão do prédio. Ela morava no Upper East Side, em um apartamento que mal podia pagar apesar de ser em uma área “problemática” do bairro, como a mãe dizia. Quando o alugou, nunca tinha morado antes em Manhattan e não sabia que um imóvel desejável podia deixar de ser desejável a partir da metade de um quarteirão. Isso fez Evelyn ir parar em um prédio chamado Petit Trianon, na 74th Street, no lado errado da Third Avenue. Quando Barbara enviava cartas para ela, sempre endereçava a Evelyn Topfer Beegan, Le Petit Trianon, como se a filha residisse em uma mansão no campo.

Ela passou pelas plantas que brigavam por luz do sol no saguão, iluminadas por um tom verde-fluorescente. A vencedora atualmente era uma babosa cujos tentáculos gigantes se

espalhavam com desespero pelo piso. Um tempo atrás, a planta deu mudas e um jovem faz-tudo as plantou em pequenos vasos, com cartazes de GRATUITAS PARA BONS LARES na frente do berçário improvisado. Quando Evelyn voltou do mercadinho naquela manhã, um sem-teto já tinha feito xixi nelas, deixando uma poça escura e fedida ao redor e embaixo das mudas.

Quando Evelyn desceu do trem na estação de Lake James sete horas depois, o céu estava coberto com nuvens baixas e cinzentas que carregavam a ameaça de neve. Em maio, enquanto o resto de Nova York se curvava ao verão, as montanhas Adirondack agarravam o inverno com o máximo de força que conseguiam. O inverno era a estação delas, e elas não o deixariam escapar com tanta facilidade. Evelyn tremeu. O trem foi, e, mesmo que ela soubesse que a estação era perto da estrada, não conseguia nem ouvir o motor de carros.

Preston estava recebendo várias pessoas no fim de semana. Nick Geary, o melhor amigo de Preston desde o fundamental II, que estudou em Enfield e Dartmouth, por exemplo. Nick trabalhava no grupo de bens de consumo da Morgan Stanley, e Charlotte fazia contato com ele o tempo todo na função que tinha na empresa de ativos privados, onde trabalhava com aquisições de bens de consumo. E havia um conhecido de Nick da Morgan Stanley que Charlotte também conhecia. Ela decidiu ir no último minuto, depois de Evelyn ficar pedindo sem parar, e Bing, a namorada dele e a filha também estavam lá. Evelyn achava que conseguiria convencer alguns deles a se inscreverem na rede social e queria recrutar outras pessoas nas festas em Lake James.

Lake James era um lugar lindo, ela tinha que admitir. Até a estação de trem era linda. À frente havia uma casinha azul de estação, uma área curta de concreto formando a plataforma e árvores verdes em todas as direções. O vento aumentou do nada, depois parou também de repente, e as árvores sacudiram as folhas, uma imitação do som de chuva, mas então se acalmaram e ficaram em silêncio.

Evelyn tinha se vestido para o “verão”, não para as “montanhas”, e puxou o cardigã de algodão ao redor do corpo. Ao olhar para a esquerda, para a outra ponta da plataforma, viu uma pessoa alta de cabelo preto usando um terno escuro. Parecia ter a idade dela, mas os ombros eram projetados para a frente, gerando uma curvatura típica de um homem bem mais velho. Ele estava olhando para as árvores e parecia perdido.

Os dois se viraram para a casinha da estação e chegaram lá ao mesmo tempo. Ele botou a mão na maçaneta, teve dificuldade para abri-la, mas conseguiu e segurou a porta para ela. Tinha aproximadamente 1,90m, com feições exageradas, que a lembraram de um jogador de basquete croata que ela viu uma vez quando foi obrigada a assistir a um jogo do Lakers com o Knicks, e olhos escuros e pequenos que a observavam. Ela entrou na frente dele na salinha de espera quadrada, com paredes azuis e bancos simples de madeira marrom nas laterais. Ela olhou para ele com cuidado de novo, tentando associá-lo a qualquer uma das pessoas de Lake James sobre as quais pesquisou. Evidentemente, observou o terno dele com atenção demais.

– Eu vim do trabalho – disse ele de repente, puxando a gravata.

– Imaginei – respondeu Evelyn, sorrindo. – Ou isso ou Lake James está se tornando um centro importante de negócios.

Ele deu um meio sorriso, mas não ajudou a afastar o nervosismo do rosto.

– Então você deve ser Evelyn, certo? Nick disse que você estaria no mesmo trem.

O amigo de Nick, então. Preston não falou nada sobre ele além de que trabalhava na Morgan Stanley, mas esse cara não parecia colega de Nick; tinha um jeito meio simples, até meio simpático.

– Evelyn Beegan. Você vai ficar na casa de Preston?

Ele ficou vermelho enquanto apertava a mão dela.

– Vou, ele não... mencionou isso? Que tomaríamos o mesmo trem? Me desculpe. Eu trabalho com Nick, e ele achou que seria divertido se eu viesse. Pra cá.

– Certo. Bem, aposto que vai ser. Me desculpe, não sei seu nome – disse Evelyn. O jeito constrangido do homem a fez se sentir

calma em comparação.

– Ah, Caramba. Me desculpe. Scot. Scot Tannauer.

Ele esticou a mão, depois a puxou com a mesma rapidez e a balançou como se estivesse dormente. Ela não conseguia saber se ele se sentia atraído por ela ou se morria de medo de humanos. Ele olhou ao redor.

– Nunca vim para a região das Adirondack. Mas li sobre o local.

– Eu não sabia que havia muita coisa para ler sobre as montanhas.

– Ah, sim. Sim. A história das montanhas e das grandes propriedades, e os Vanderbilts e as outras famílias que vieram para cá.

– Os banqueiros já vinham antigamente – comentou Evelyn com uma risadinha.

– Ah... sim, entendi a piada – respondeu ele, olhando para o terno.

– Ah, não, eu não quis dizer...

– Me desculpe. Só... Não... Só estou...

– O que você estava dizendo? As grandes propriedades?

– A arquitetura é uma coisa incrível. É um estilo interessante que foi replicado em alguns dos hotéis do parque nacional, mas em nenhum outro lugar.

Evelyn começou a perguntar quem foram os arquitetos, mas a porta da casinha se abriu e Nick Geary entrou, usando short branco de tênis e uma camisa polo branca. O cabelo ainda era castanho-chocolate e volumoso, os olhos do mesmo tom azul-escuro, a pele perfeita e os lábios de um vermelho profundo pelo qual garotas matariam. As narinas eram o único problema, grandes e trêmulas; sem dúvida já deviam ter encarado sua cota de cocaína, Evelyn pensou ao sorrir e beijar a bochecha dele.

– Nick!

– Evelyn. Quanto tempo. Como anda a cantoria? – perguntou ele, não tão distante quanto Evelyn esperava. – Senhor – ele se virou para Scot. – Fui designado como seu chofer hoje. Entre. Evelyn, de quanta bagagem você precisa para um fim de semana prolongado? Jesus Cristo.

- Cantoria? – perguntou Scot.
- Eu adorava musicais quando conheci Nick. Estou surpresa por ele lembrar.
- Ah – falou Scot, parecendo um cavalo relinchando.

3

SHUH-SHUH-GAH

As lojas de Lake James Village, com no máximo dois andares, se amontoavam em um quilômetro e meio da circunferência de quase cinco quilômetros do lago que havia na cidade. Era reconfortante estar idêntica ao que Evelyn se lembrava da primeira e única vez que foi lá, no verão seguinte à formatura de Preston em Sheffield. Embora os anos tivessem passado, nenhum Walmart chegou para sugar a especificidade do vilarejo, e não havia nem redes de farmácia, que ficavam relegadas à estrada de saída da cidade. Só havia a loja Just Bead It e o restaurante Custard Mustard & Ale, além da promessa confusa do restaurante Steak Loft.

Até o cheiro do ar que entrava pelas janelas abertas era familiar depois de todos aqueles anos, folhas molhadas e madeira queimada e grama enlameada. Evelyn, que tinha decidido sentar atrás para deixar Nick ir conversando com Scot, observou o verde-claro das árvores passar. Estava silencioso, exceto pelo chilreio de alguns pássaros e do ronco do Jeep antigo pela estrada.

Embora fosse final de maio, a loja de roupas da região, a Sweater Haus, ainda exibia suéteres grossos de lã e galochas nas vitrines. Até os outlets da Gap e da Bass, parte de uma tentativa abortada dos membros mais antigos da cidade de tornar Lake James um destino para compras de roupas com descontos, exibiam nas vitrines o que restava da coleção de inverno: jaquetas acolchoadas, capas de chuva, botas de caminhada de couro pesado. O quadro negro apoiado em um cavalete na porta do The Lakeview Inn prometia sopa de sete favas e queijos quentes e temperaturas de 12 graus com tempo nublado.

Evelyn olhou para o James Pond, em frente ao qual ficava o Lakeview, lembrando a primeira vez que o viu: todo aquele papo de Lake James ser o playground de verão dos ricos e bem-criados, ela se lembrava de ter pensado, e era uma cidade de férias antiquada de classe média com um laguinho e ursos de madeira se rendendo com as patas para o alto a cada três lojas. Em seguida, ela seguiu as instruções que Preston tinha dado, as mesmas que Nick seguia, e virou à direita entre dois pilares de pedra com uma placa de madeira pendurada que dizia MT. JOBE ROAD – RUA PARTICULAR. Ali estava uma estrada de terra não terminada com vislumbres de um lago enorme à esquerda, e sugestão de casas muito bonitas, como indicavam as árvores na frente delas e que as escondiam de vista.

– Ah – disse Scot no banco da frente ao ter a mesma percepção que Evelyn teve anos antes. – Tem outro lago? Achei que o lago fosse o da cidade.

– Aquele é o laguinho – explicou Evelyn. – James Pond. Todos os turistas vêm para cá, pensam que é o lago James, alugam barquinhos e vão para casa pensando que o lago do qual se fala é aquele. O lago James é enorme. Pelo menos dez vezes o tamanho do laguinho. Não dá para ver da cidade.

– Por que não dá para ver da cidade?

– Ruas particulares, cara – respondeu Nick, entrando na Mt. Jobe. – De acordo com as expectativas.

– Eu pensei que os residentes seriam contra isso – falou Scot.

– Todos os residentes moram em ruas particulares – comentou Evelyn com uma gargalhada. – São eles que impedem que as outras pessoas se aproximem.

– Que ideias comunistas, Evelyn – disse Nick.

Na Mt. Jobe Road, cada casa era marcada com uma modesta placa de madeira e letras ligeiramente tortas, dando nomes aos lugares com uma mistura de homenagem e brincadeira: THE AERIE, CAMP TAMANEND, TOE-HOLD, WEOWNA CAMP.

Os pais de Preston compraram a casa, Shuh-shuh-gah, nos anos 1980, depois que Jean Hacking teve um desentendimento com as irmãs e decidiu que eles parariam de ir a Osterville dali em diante.

A sra. Hacking se encaixou perfeitamente na cena social com faixas de cabelo, casacos de *fleece* e calças vincadas, com a adega cheia de vinhos tintos de qualidade, as raízes refinadas da Costa Leste, a competitividade em esportes vigorosos de verão como vela e remo, e a pronúncia de "furacão" como "furaçan".

Embora os Hacking só estivessem ali havia três décadas, uma série de novas chegadas os transformou em parte da velha guarda de Lake James. No lado da estrada onde ficava a colina, longe da água, havia pessoas de Los Angeles, da Flórida e da Carolina do Norte que compraram terrenos sem direitos de uso da água só pelo privilégio de dizer que tinham propriedades na região. Elas incorporaram entradas de carro de cascalho e estátuas de granito de ursos ou águias e viviam brigando com as leis da cidade para instalarem antenas parabólicas nas casas.

Virando para a esquerda e cantando pneus, Nick bateu em uma vala de madeira e acertou a direção, e Evelyn viu com certo alarme a cabeça escura de Scot quase encostar no teto.

Na última curva, no pé da colina, Evelyn viu a casa de barcos de madeira escura com molduras verdes nas janelas, que dava as boas-vindas a Shuh-shuh-gah. A casa dos Hacking em Lake James era parte das grandes propriedades das Adirondack, uma das muitas construídas por barões das ferrovias, dos bancos e de madeireiras no final de 1800. Inicialmente, era uma casa de caça, com tendas separadas por plataformas para cozinhar, dormir e beber. Quando as mulheres da classe alta começaram a se juntar aos maridos nas montanhas, deixando de lado os destinos ultrapassados de Saratoga Springs e Cape May, as construções em forma de tendas foram transformadas em estruturas de madeira, embora ainda com uma qualidade rústica não terminada que tentava fazer os visitantes sentirem que ainda estavam vivendo na natureza.

Só algumas propriedades permaneceram inteiras, e a dos Hacking não estava entre elas. O que servia como casa principal já tinha sido um estábulo, e a casa de barcos era grandiosa, com duas docas cobertas e uma aberta e alojamentos no andar de cima. As outras partes da propriedade original estavam afastadas

do lote dos Hacking pela copa das árvores.

Quando Evelyn chegou lá na primeira vez, estava caindo uma tempestade prateada, e ela correu até a varanda da casa de barcos antes de se juntar à festa de formatura de Preston. Pinheiros finos que estavam desfolhados nos primeiros dezoito metros do tronco terminavam em borrões verdes densos, como em pinturas japonesas em seda. Pelo cinza, ela só conseguia ver algumas luzes das casas do outro lado do lago, e o único som era o da chuva batendo nas grades e na doca de madeira abaixo. Por um momento, Evelyn sentiu como se tudo estivesse silencioso.

Depois, ela foi para a festa. O irmão mais velho de Preston, Bing, estava recebendo alguns amigos, e eles estavam bêbados e discutindo sobre rúgbi. As garotas eram bonitas e cruéis e faziam piadas que Evelyn não conseguia acompanhar. Nick Geary, que Evelyn já tinha encontrado várias vezes, ficava lhe chamando de Sarah. Houve uma regata na qual a mãe de Preston a convenceu a ajudar. Evelyn amarrou um dos barcos do jeito errado e foi advertida publicamente pela sra. Hacking; depois teve um jantar no lago seguido de outro jantar no lago em que Evelyn claramente era a convidada fiasco. Todo mundo estava usando cintos bordados de baleia; todo mundo, menos Evelyn.

Desta vez, ela tinha um cinto de baleia, um presente de aniversário de Babs que nunca tinha usado, e estava preparada. Ela conseguia ver o canto da casa principal depois de um caminho de pedra à esquerda. Abriu a porta do carro e saiu, pegou a bolsa no banco e seguiu pela escada ampla de pedra em direção à entrada da cozinha da casa.

O cachorro dos Hacking, um deerhound chamado Hamilton em homenagem ao primeiro secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Alexander Hamilton, que sempre tinha que ser buscado nas casas dos vizinhos após nadar até lá em passeios longos e não autorizados, abriu com o focinho a porta de tela da cozinha e cumprimentou Evelyn com uma cutucada de boas-vindas. Ela seguiu Hamilton para dentro, onde Preston estava sentado ao lado da bancada central da cozinha, segurando um cacho de uvas contra a luz.

– Ah. Cumprimentos, Evelyn Beegan – disse Preston, levantando-se. Ele estava usando uma camisa de botão cor-de-rosa extremamente velha, calça cáqui escura e sapatos de veludo com monograma e um buraco enorme no dedinho esquerdo. Ele balançou o cacho de frutas na frente dela. – Quer uma uva?

– Não, obrigada.

Evelyn se sentou em um banco. Não havia um prato, limpo ou sujo, visível na cozinha toda, só a tigela de frutas pronta para uma sessão de fotos.

– Onde estão seus companheiros de viagem? E o que está acontecendo com seu cabelo? – perguntou Preston.

– Vão chegar em um segundo, eu acho. E eu o alisei. Obrigada por me receber. O recrutamento para o People Like Us continua.

– O drama também continua aqui nesse fim de semana – falou Preston, jogando uma uva na boca e fazendo expressão divertida.

– Você se lembra de Bing.

– Claro.

– Ele está divorciado.

– Você me disse. Sinto muito.

– Não sinta. É melhor para todo mundo. Ele tomou a decisão desaconselhada de trazer a namorada para cá este fim de semana. Ela trabalha – Preston parou e mastigou a uva lentamente – em uma agência de publicidade. No momento promovendo tomates enlatados. E não tenho certeza de onde estudou. DePaul? DePauw? Um lugar de terceira categoria.

– DePaul não tem futebol de qualidade?

Preston fixou o olhar nela.

– Futebol? Evelyn.

– É um esporte.

– Por pouco. Aqui, pegue uma uva. Está muito boa. Mas tem sementes. Tome cuidado. Ela chama a si mesma de Chrissie.

– Seria por ser o nome dela?

Preston sorriu.

– Talvez. Talvez. Chrissie veio passar o fim de semana, e não posso dizer que tudo está indo bem.

– Há quanto tempo eles estão namorando?

Preston pensou.

– Três meses. Quatro. Mas ela não é franguinha e está ansiosa para se reproduzir, e no momento está demonstrando os instintos maternos com Pip. Você se lembra da minha sobrinha? Elas vão competir juntas no Fruit Stripe no domingo. Pip não está feliz.

– Fruit Stripe? A regata? É nesse fim de semana? Não tenho que participar, tenho?

– Sempre tem uma chance. Se minha mãe te recrutar, você sabe que não pode recusar.

– Pres, quando vim aqui da outra vez, sua mãe quase me deportou porque fiz um nó errado nas amarras.

– Você é de Eastern Shore. Devia saber essas coisas.

– Pois é. Minha mãe diz o mesmo, mas consegui evitar praticar vela em um acampamento de verão atrás do outro. Então Chrissie veleja?

– Bem. O Fruit Stripe muda a cada ano. O fundador escolhe que esporte vamos fazer. Vela, remo, caiaque, canoagem. Tudo de barco, claro. Chrissie aparentemente é boa no caiaque, é da Costa Oeste, e mamãe achou que ela ganharia fácil este ano. Mas aí determinaram que seria vela de novo, não caiaque. Então, aqui estamos.

– Sua mãe não vai aceitar muito bem uma colocação medíocre em um evento de esporte aquático.

– Não. Nem Bing. Vai acabar com eles. E talvez seja esse o objetivo. Acho que vai ser divertido.

Hamilton colocou o focinho na coxa de Preston quando Nick e Scot entraram.

– É bom ver você de novo, cara – disse Preston para Scot, com um tom de masculinidade urbana.

Uma porta do outro lado da casa bateu, e a sra. Hacking entrou com uma pilha de papéis na mão, com o cabelo grisalho ondulado preso com grampos acima das orelhas. Evelyn nunca a viu usando qualquer coisa diferente das roupas adequadas a qualquer clima que poderiam servir desde consertar uma lancha a uma reunião de comitê ou uma caminhada rápida ao redor do lago com Hamilton. E, com o suéter e a calça cáqui até os tornozelos da L. L. Bean

Norwegian, ela não decepcionou.

– Oi! Pessoal! Hamilton, sente. Evelyn, oi, o Fruit Stripe vai ser vela de novo esse ano, então você não vai ajudar com as amarras. Você deve ser Scot, bem-vindo. Nick, obrigada por ir buscar as pessoas. Estou indo para a reunião do Fruit Stripe e tenho que passar na biblioteca da cidade antes que feche. Preston, você pode ligar para a bibliotecária e pedir para não fecharem antes das 18h15 para mim? E vamos tomar uns drinques às 18h30, e o jantar sai às oito.

Em Boston, onde os pais de Preston moravam durante a maior parte do ano, a sra. Hacking entrou em um time sênior de remo muito competitivo chamado Mildred's Moms e começou a fazer musculação. Ela era excelente jardineira e tinha se matriculado em um curso de paisagismo recentemente. Tinha ótima memória, como evidenciado pela lembrança vívida do erro de amarras de Evelyn de anos antes. Era uma anfitriã impetuosa e foi uma das maiores arrecadadoras para a campanha de Romney para governador. A única coisa que a sra. Hacking não fazia era lavar louça.

O telefone tocou, a sra. Hacking atendeu e começou a discutir sobre quantas bandejas de legumes crus seriam necessárias para o Fruit Stripe. Evelyn espiou a sala, onde o sr. Hacking estava sentado em frente à lareira com um livro grosso de capa dura, e Bing, um tipo robusto e corpulento, estava contando uma história sobre a fraternidade de Porcellian para a sala, embora ninguém parecesse estar ouvindo.

Na direção da janela, que dava vista para uma varanda e para um lago calmo e gelado, uma mulher ruiva com aparência nervosa e um rabo de cavalo fino andava de um lado para outro, falando com Pip, de 8 anos, que estava encolhida em uma cadeira de olhos fechados.

– Você acha que eu devia ir treinar? Estou com medo de que chova. A previsão do tempo disse que choveria cedo, mas não choveu, e eu devia sair de barco, mas parece que vai chover. Você não acha que parece que vai chover?

Evelyn soube que era Chrissie sem ter que verificar com Preston.

Ela absorveu isso tudo, depois olhou novamente para a sra. Hacking, que levantou um dedo enquanto escutava o outro lado da linha.

– Margot, 33 barcos se inscreveram esse ano, então são pelo menos 66 pessoas precisando se alimentar... tudo bem, tudo bem. Muito bem. – Ela desligou o telefone e bateu palmas para o grupo.

– Agora, vamos ver. Evelyn, você vai ficar no segundo andar, no escritório, e Charlotte vai ficar no final do corredor. Nick e Scot, lamento informar que vocês vão ficar no quarto das empregadas este fim de semana, nos fundos da casa; estamos simplesmente lotados.

– Sra. Hacking – disse Evelyn, percebendo que tinha que expiar o erro das amarras se quisesse ajuda com as apresentações para o PLU no fim de semana. – Eu adoraria ficar no quarto das empregadas. Acho muito encantador. E é a primeira vez de Scot aqui, ele devia ficar em um quarto com vista. Charlotte e eu vamos ficar com o quarto das empregadas. De verdade.

– Tudo bem. Não posso dizer que mais alguém tenha se oferecido – respondeu a sra. Hacking, reavaliando Evelyn e se inclinando na direção da sala para olhar abertamente para Chrissie.

– Que bom. Obrigada.

Evelyn pegou a bolsa e andou pela cozinha, atravessou a despensa e entrou no quarto das empregadas. Ouviu a sra. Hacking dizer:

– Chrissie, por que você não para de se preocupar se deve velejar e só vai lá e veleja? Certo?

O quarto tinha paredes pintadas de branco e duas camas de solteiro que ocupavam quase o espaço todo. Uma bolsa grande de couro estava na beirada de uma, que devia ser de Nick; ela o ouviu se aproximando.

– Ei – disse ele. – Obrigado. Seria muito gay se eu tivesse que dormir com Scot.

– Dever de hóspede, Nick – respondeu Evelyn, balançando a mão no ar.

Ele grunhiu ao pegar a bolsa e saiu.

O pôr do sol se aproximava, e pássaros piavam e gorjeavam, passando mensagens sobre o jantar. Charlotte estava rindo quando Evelyn colocou uma calça branca e um suéter de tricô azul-marinho; acrescentou um colar de pérolas, e Charlotte caiu na cama de tanto rir.

– Ah, pare com isso – disse ela, às gargalhadas.

– Acho que estou elegante – falou Evelyn, sorrindo para o espelho com a gargantilha no pescoço.

Charlotte balançou os pés no ar; as solas estavam sujas, pois ela passou a tarde toda correndo atrás de Hamilton na grama, com um e depois outro pulando na água para evitar ser capturado. Enquanto eles davam berros, a sra. Hacking gritou para ela tomar cuidado para não deixar o cachorro agitado demais, e Charlotte fez sinal de positivo e continuou correndo atrás de Hamilton. Charlotte tinha dinheiro suficiente, sempre teve dinheiro suficiente, para não ter que se preocupar com comportamento. O pai dela foi um dos principais executivos de marketing da P&G, especializado no mercado global, e ela foi tirada do jardim de infância em Cincinnati e levada para morar em lugares como Hong Kong, Rússia e Chile. Era fluente em cantonês, árabe, francês e espanhol, falava turco e russo decentemente e conseguia conversar em mais dez outras línguas nas quais insistia em fazer os pedidos sempre que arrastava Evelyn para restaurantes estrangeiros. Embora tenha crescido em comunidades estrangeiras ricas, estudado em escolas internacionais caras e sempre tido grande fortuna, Charlotte não achava que o dinheiro tornava as pessoas interessantes.

O pai dela estudou na escola de administração de Harvard e morria de orgulho da filha, a primeira dos três filhos dos Macmillan a estudar em Harvard também. Charlotte gostava do poder de ser uma mulher entre homens, fosse lutando com os irmãos ou subindo em aviões com magnatas, ganhando quantias enormes no Belmont Stakes ou sendo a única mulher de uma aquisição importante da Graystone. Evelyn conseguia supor quanto dinheiro Charlotte ganhava, alguma coisa entre 200 e 400 mil dólares por ano, mas ela morava em um apartamento de porão com mobília da Ikea em Midtown porque ficava a uma caminhada de cinco minutos

do escritório, e boa parte do guarda-roupa dela vinha da Gap.

Os quatro anos de Charlotte em Sheffield foram os mais longos que ela passou em algum lugar até aquele momento, tornando Preston e Evelyn seus amigos mais íntimos. Com pouco tempo para cultivar a vida social atualmente, ela acabava fazendo o que Preston e Evelyn faziam. Quando eles iam a lugares como Lake James, Charlotte ia junto. Ela passou a juventude indo a eventos de pessoas ricas de culturas que não eram as dela e ficava perfeitamente à vontade fazendo isso.

– Eu me esqueci de contar – disse Evelyn, tentando fechar o colar. – Sabe Phil Giamatti, lá em Sheffield-Enfield? Ele praticamente insinuou que Pres era gay com ele bem do lado.

– É mesmo? – perguntou Charlotte. – Ele devia ter visto Pres enfiando a língua na garganta daquela garota na casa de Dorrian naquela vez, depois que passamos o sábado todo no Boathouse.

– Isso foi dois anos atrás – respondeu Evelyn.

– E daí?

– E daí que foi a última vez que ele beijou alguém, até onde eu sei. Não sei se ele sairia do armário mesmo que fosse gay, pois a família tem umas ideias muito rigorosas do que ele deve ser, ou, mais objetivamente, ele acha que todos têm essas ideias. A questão é...

Ela parou ao reparar que Charlotte estava mexendo nos pés e lembrar que a amiga também não ficava com ninguém havia um ano ou dois. Evelyn corou, sentindo-se ainda mais idiota, quando se lembrou do incidente não mencionado de Charlotte e Preston: na faculdade, eles haviam se encontrado em um fim de semana em Nova York e acabaram no saguão do Royalton depois de uma longa noite bebendo. Evelyn voltava do banheiro quando viu Charlotte puxar o rosto de Preston para o dela e beijá-lo bem na boca. Parou quando Charlotte se inclinou para beijar mais, mas Preston recuou e, não sem gentileza, deu um tapinha na cabeça de Charlotte enquanto oferecia água. Quando Evelyn se recompôs do choque e se juntou a eles, os dois estavam reclinados nas poltronas brancas e fundas do Royalton, conversando sobre onde Preston poderia conseguir charutos. Nenhum dos dois mencionou o evento. Preston

guardava tanta coisa que não era surpresa, mas Charlotte nunca falar sobre o assunto a fez se perguntar o quanto o beijo foi importante na cabeça dela.

– De qualquer modo, não sei se precisamos do ponto de vista de Phil Giamatti. Tipo, valeu, polícia do pensamento – concluiu Evelyn.

– Espere, você vai quebrar isso. – Charlotte se levantou para fechar o colar de Evelyn. – Acho que Preston não curte essa coisa de namorar.

– Certo, certo...

– Quer saber minha opinião sobre os demônios de Preston? – perguntou Charlotte. – Acho que é porque ele não tem emprego de verdade.

– Bom trabalho com o fecho, Char – comentou Evelyn, ajeitando o colar. – Pres não cuida do dinheiro da família?

– “Investidor independente”? Amo Preston, mas isso é o equivalente a *flâneur* ou *saloniste* ou algo do tipo, só que dos tempos modernos. O que os garotos ricos fazem para se divertir.

– Mas ele é tão inteligente.

– Sim, e é mesmo. É superinteligente, mas, como não precisa trabalhar, parece não ter para onde essa inteligência ir.

– Ah, a maldição do dinheiro.

– É. Vida difícil. E então, vai ser gim-tônica na varanda da garagem de barcos? – perguntou Charlotte, rindo enquanto colocava os chinelos.

Evelyn seguiu para a garagem de barcos por um caminho lateral, com Charlotte saltitando à frente. O sol tinha finalmente aparecido na hora certa e pairava no alto das montanhas do outro lado do lago, iluminando tudo e todos com um rosa-dourado de Hollywood. Preston estava atrás de um bar de madeira no canto da varanda, preparando drinques. Chrissie tinha cometido o erro de enfim levar o barco para o lago, mas tarde demais, porque perderia os drinques, o que queria dizer que a sra. Hacking ficaria mais zangada com ela do que já estava. O resto das pessoas estava assumindo seus papéis: Preston como anfitrião atencioso, Nick como o amigo ácido, Charlotte como a solteira durona, Bing como o garoto barulhento de fraternidade, o sr. Hacking como o

intelectual silencioso, Chrissie como a pessoa contra quem eles se uniam. E Evelyn, a convidada perfeitamente agradável.

– Então, Evelyn, vir de trem com Scot foi horrível? – perguntou Nick. – Estou impressionado de você ainda estar falando.

– Pensei que ele fosse seu amigo – comentou Evelyn.

– Scot é o homem que Nick quer ser, basicamente – respondeu Charlotte. – Pres, você pode preparar uma coisinha para Evie?

– Puta que pariu, Hillary, ele não é o homem que quero ser. – Evelyn tinha esquecido o apelido que Nick usava para chamar Charlotte: Hillary, por causa de Clinton.

– Sei lá. É questão de tempo. Scot é adorado na Morgan Stanley, Evie, é protegido de David Greenbaum, então Nick pensou em levá-lo para ver a vida esportiva durante o fim de semana – respondeu Charlotte, e fez barulhos exagerados de beijo.

– Quem é David Greenbaum? – perguntou Evelyn.

– O chefe do grupo de mídia no qual Nick está tentando entrar. Talvez Greenbaum seja o próximo presidente da Morgan Stanley e um dia o próximo secretário do Tesouro.

– Você quer trabalhar com mídia? – perguntou Evelyn para Nick.

– Eu quero trabalhar com poder – respondeu Nick.

Evelyn arregalou os olhos para Charlotte. Era por isso que ela evitava encontrar Nick.

– O garoto é, sei lá, do Arizona, e parece que nunca viu um lago. Achei que seria legal. Uma atitude em prol do meu Fundo pelo Ar Puro – falou Nick.

– Acho que um vice-presidente da Morgan Stanley não precisa de seu Fundo pelo Ar Puro, Nick – murmurou Charlotte.

– Ninguém te perguntou nada, Hill. Então você vem se escondendo da vida social, Evelyn. O que há de novo?

Evelyn odiava responder a essa pergunta, pois raramente tinha coisas a relatar. Ele gostaria de discutir se ela devia comprar o sofá da Crate & Barrel na cor areia ou neve? Mas, desta vez, ela estava preparada.

– Acabei de começar em um emprego novo, na verdade – contou ela.

– Ah, é? Que pena, eu ia dar uma ideia de livro. Quer ouvir? É

sobre por que aquele economista, Bernanke, é péssimo.

– Sei – disse Evelyn.

Ela trabalhou no departamento de marketing em uma editora de livros didáticos, fazendo pesquisa sobre as tendências do mercado e criando apresentações para compradores, mas, independentemente de quantas vezes contasse isso para Nick, sempre que ela o via, ele oferecia ideias ruins para livros de negócios.

– A rede social é bem interessante. Estamos funcionando no modo secreto, então não posso dizer muito.

Ela tinha ouvido Arun se referir ao PLU como “funcionando no modo secreto” e achou que parecia uma coisa absurda, mas previu, corretamente, que isso fosse atrair o interesse de Nick.

– Modo secreto? – perguntou ele. – Conte, por favor.

– Bem, tenho que tomar cuidado com o que digo, nosso investidor é peixe grande, mas pense em um Facebook de superelite. Mas é bem restrito quanto aos membros... ah, com licença por um minuto, por favor.

Evelyn se afastou, torcendo para ter deixado Nick desejando mais. Charlotte tinha ido até o bar, estava na ponta dos pés e falava com Preston, e Evelyn se juntou a eles.

– Cerveja? Temos Ubu, mas fique avisada que tem a gradação alcoólica de destilados – disse Preston.

– Gim e água tônica – respondeu Evelyn.

– Gim e água tônica? – repetiu Preston, surpreso.

– É.

Evelyn conseguiu ver a expressão de dúvida de Charlotte, mas ignorou. E então eles ouviram um estrondo, pois, aparentemente, Scot tinha tropeçado e se segurado na porta de tela. O rosto estava vermelho-escuro enquanto ele se agarrava à moldura frágil de madeira.

– Qual é a história dele? – perguntou Evelyn baixinho para Charlotte, enquanto Preston cortava um limão e o resto do grupo fingia gentilmente não ter visto nada estranho.

– De Scot? Não o conheço direito, mas ele é inteligente. A Graystone o contrataria em um segundo. Ele se formou em um

lugar qualquer, fez administração em Harvard uns dois anos antes de mim, quando conheceu Greenbaum por meio de um professor. Não consigo me lembrar da história, mas Greenbaum o recrutou e o tornou vice-presidente em um segundo. Solteiro, obviamente. É brilhante na análise de negócios, ao que parece. Está um nível acima de Nick, que não o suporta, porém é inteligente o bastante para fazer com que Scot fique ao seu lado. Puxa-saquismo puro.

– Interessante. – Evelyn se virou para Preston. – Pres, você pode fazer dois gins-tônicas?

Ela entrou em uma área iluminada pelo sol e fez o que torcia para ser um olhar plácido.

Charlotte riu quando viu o exultante sorriso que Evelyn exibia.

– Evie, por que você parece possuída?

– Não possuída, Charlotte, querida. Em modo de recrutamento.

O PLU ia precisar de gente em ascensão cadastrada na rede social em algum momento. Seria inteligente ao menos fazer a conexão logo. Com a gim-tônica na mão, Evelyn se aproximou de Scot e ofereceu a ele.

– Achei que uma bebida seria útil depois da longa viagem de trem – disse ela.

– Ah. Caramba. Obrigado. Muito obrigado. – Ele colocou os dedos grandes em volta do copo e derramou um pouco na mão de Evelyn; ela deixou o líquido ficar ali em vez de balançar a mão para secar e correr o risco de fazê-lo se sentir ainda mais desconfortável. – Eu me atrasei porque achei que os petiscos caninos de Hamilton eram biscoitos e comi alguns – contou ele de repente.

Evelyn deu um sorriso que dizia “acontece com todo mundo”.

No jantar, servido em uma longa mesa de madeira com candelabros de chifre, jogos americanos com tema de caça e cadeiras de vime e madeira duras, Evelyn praticou. Um jantar com pessoas de antigas famílias ricas era uma série de obstáculos que ela tinha que atravessar se queria ter associados para o PLU até o fim da semana. Ela se lembrava de grande parte das boas

maneiras que a mãe enfiou em sua cabeça quando eles se mudaram para Sag Neck, e, enquanto conversava e flertava com os vizinhos idosos sentados dos dois lados, reavivou a memória automática e encheu a colher de sopa no sentido contrário a ela.

Ainda assim, ela se sentia uma intrusa. Vivia com medo de usar o garfo errado ou de se esticar demais para pegar o sal ou de cometer algum outro erro que nem perceberia estar cometendo. Como Scot, do outro lado da mesa, que estava se saindo pessimamente. Evelyn concluía que ele devia ter passado por jantares suficientes de Harvard e da firma para aprender as regras do ambiente, mas percebeu enquanto o observava que ele não sabia nada. Ele pegou o garfo da entrada e começou a comer antes das outras pessoas, ocasionando um “Peguei meu garfo” bem alto da sra. Hacking vários momentos depois. Passou manteiga no pão inteiro, passou o sal sem a pimenta e não pareceu ter ideia do que fazer com a faca de peixe quando o linguado foi servido e a deixou na lateral do prato.

“Parte do jogo é provar que todos conhecem o mesmo código, que todos cresceram nas mesmas casas de campo usando facas de peixe todas as noites”, pensou Evelyn enquanto observava as outras pessoas separarem a carne do linguado da espinha usando as facas de peixe. Não era verdade, claro, ninguém fazia mais isso, mas, sem uma aristocracia de verdade nos Estados Unidos, o melhor que os que queriam ser da classe alta podiam fazer era criar sistemas de exclusividade e códigos de conduta. Ela se perguntou o quanto estava se saindo bem enquanto usava a faca de peixe para levantar um pedaço delicado de linguado da espinha e se virou para o sr. Desrochers a fim de perguntar como a extração de minério de ferro mudou na última década.

Durante a sobremesa, Scot usou a colher para cortar uma torta de chocolate e botou leite no *espresso*, ganhando uma tossida intensa do sr. Van Borgh à esquerda de Evelyn.

Mas Scot em pouco tempo se tornou bem-vindo aos olhos do sr. Hacking, considerando o dever de casa que fez.

– Shuh-shuh-gah é uma das grandes propriedades? – perguntou Scot.

– Já foi – respondeu a sra. Hacking. – Foi dividida e vendida em partes quando os Leveling precisaram de dinheiro.

– Vamos ver uma das grandes propriedades amanhã – disse o sr. Hacking, um modelo ainda mais magro de Preston que passava um tempo mínimo ao ar livre, exceto quando estava jogando golfe. Ele estava comendo pedaços minúsculos da torta, mastigando tão leve e lentamente cada um que Evelyn temeu que eles fossem ficar no jantar durante horas. – Camp Sachem. Eles vão dar o jantar do Fruit Stripe.

– Eu li sobre essa propriedade – falou Scot com empolgação. – Foi dos Rockefeller, não foi?

– Obrigada por não inclinar a cadeira – advertiu a sra. Hacking para o marido, que logo ajeitou a posição.

– Não, você está pensando em Wonundra – disse o sr. Hacking. – Sachem foi propriedade, dentre outras, da família Stokes, a linhagem comercial. Uma filha herdou tudo e se casou com um Henning, que, claro...

– A fortuna Beech-Nut! – exclamou Scot, sem conter a empolgação.

O sr. Hacking pareceu imensamente triste por sua frase final ter sido roubada e assentiu com aborrecimento.

– A fortuna Beech-Nut foi uma fortuna grandiosa – opinou o sr. Van Borgh pelo que pareceram ser litros de saliva; Evelyn tentou proteger sua torta do jato. – Construiu boa parte do Erie Canal. E as garotas Henning sempre se casaram bem. Um Vanderbilt aqui, um Hunt ali. Foi inteligente, na minha opinião, limitar a procriação. Deixou-a com a família.

– O que você quer dizer? – perguntou Evelyn.

– Primogenitura. Os Henning só tinham um filho por geração. Um motivo para a propriedade nunca ter sido dividida entre irmãos em briga. Herança direta. Nada de confusão. *Sachen über alles*. Esse é o caminho.

– Espere – disse Charlotte. – Eles limitavam o número de filhos que tinham para poderem manter a propriedade inteira?

– Isso mesmo. Foi bem inteligente. É claro que Souse, a dona da propriedade agora, não seguiu isso, não é? Pelo menos ela teve

duas meninas, não dois meninos. Menos confusão. Você veleja, criança? – perguntou o sr. Van Borgh.

Charlotte pareceu surpresa com essa mudança no rumo da conversa.

– Não exatamente. Quer dizer, eu sei, mas...

– O Fruit Stripe também é legado dos Henning. Souse organiza tudo. Você devia participar no domingo.

– Fruit Stripe? Que nem o chiclete? – perguntou Charlotte.

– É um chiclete Beech-Nut – respondeu o sr. Hacking. – A empresa deu dinheiro para a competição anos atrás, quando Souse ameaçou tentar um lugar no comitê se a empresa não custeasse a regata.

Houve um estalo na mente dela, e Evelyn se virou para o sr. Van Borgh.

– Beech-Nut – disse ela baixinho. – Eles têm parentesco com Camilla Rutherford?

– Sim, sim – respondeu o sr. Van Borgh, assobiando enquanto respirava. – Ela é uma das filhas. Camilla é a mais velha, Phoebe é a mais nova.

Evelyn lambeu os lábios, surpresa com a onda de empolgação que estava sentindo. Camilla era o alvo principal daquele fim de semana, e agora, quase sem nenhum esforço, já tinha uma oportunidade de conhecê-la. Se conseguisse Camilla Rutherford como membro, poderia convencer Arun e Jin-ho de que tinham contratado a pessoa certa.

– Então o Fruit Stripe é coisa deles? Dos Rutherford? – perguntou ela.

– É, sempre foi evento de Souse, e ela escolhe que tipo de competição vai acontecer cada ano. Os participantes têm que ter uma casa de barcos cheia de todos os tipos de barcos; um ano ela escolheu barcos-guia das Adirondack que só algumas propriedades tinham para poder participar. Na verdade, Souse até muda o fim de semana em que vai acontecer a cada verão. Quando acontece em maio, como esse ano, é terrível para os pobres competidores. Está muito frio. Prefiro o Fruit Stripe em agosto – disse o sr. Van Borgh.

– É compreensível – comentou Evelyn.

“É claro que os habitantes deste mundo mudariam constantemente as regras da regata deles”, pensou ela.

4

CAMP SACHEM

No sábado, Evelyn se levantou às oito da manhã. Mais ninguém tinha acordado, ou melhor, quem tinha acordado também já tinha saído, em busca de algum objetivo formador de caráter: Charlotte estava correndo e a sra. Hacking tinha deixado um bilhete de "Sirvam-se!" na cozinha, ao lado de uma tigela grande de frutas, uma garrafa térmica com café e um pão de nozes de ótima aparência. Evelyn mordeu um pedaço enquanto olhava o *Journal*, que também estava ali, para tentar se posicionar como uma pessoa de conversa interessante para o jantar; ela não sabia sobre o que Camilla e as pessoas da estirpe dela gostariam de falar. Percorreu um artigo sobre o mercado oscilante de casas e condomínios residenciais em áreas quase rurais que estavam em perigo, particularmente no Arizona e na Califórnia. Em seguida, leu um artigo de finanças pessoais sobre o motivo de hipotecas com taxas ajustáveis fazerem sentido para consumidores de renda média. Por fim, foi até a seção de mercado e um artigo falando que o Walmart, encorajado pela economia, tentava subir de nível com leite mais caro, corredores mais organizados e roupas de marca. Ela repetiu o essencial de cada artigo para si mesma, como fazia quando decorava Marlowe em Sheffield, em seguida dobrou o jornal cuidadosamente para que parecesse intocado e o colocou no mesmo lugar onde o encontrara.

Depois de um jogo lento de golfe que ocupou quase o dia inteiro, ela estava morrendo de fome quando o grupo tinha que sair para a festa em Camp Sachem. Ou para o jantar em Camp Sachem; ela não conseguia decifrar exatamente qual era o evento da noite. Os convites em Lake James eram sempre apresentados e executados

de forma vaga. Às vezes, “drinques” significavam uma taça de vinho e às vezes um jantar formal de cinco horas de duração cheio de brindes e histórias de exploração em colégios internos. Ela se perguntava se as anfitriãs de Lake James tomavam as decisões na hora, avaliando a robustez dos vários convidados antes de promovê-los a uma refeição completa.

Charlotte, que encontrou tempo para um mergulho rápido no lago depois do golfe, correu para o chuveiro, deixando as roupas suadas e o biquíni molhado no chão entre as camas. Evelyn empurrou tudo para baixo da cama de Charlotte com o dedão do pé e deu uma olhada final no espelho. Tirou a faixa de cabelo e, no último minuto, colocou o vestido verde Lilly Pulitzer que tinha levado.

Na lavanderia do outro lado do corredor, ela ouviu a sra. Hacking tirando coisas da secadora. Evelyn andou até a porta da lavanderia, anunciando sua presença com uma batidinha na moldura da porta.

– Ah, oi, Evelyn! – disse a sra. Hacking, com os braços cheios de lençóis. – Estávamos nos aprontando para sair. Estou um pouco atrasada.

Ela estava usando um blazer transpassado com botões dourados e calça branca, um capitão de navio que inspira confiança.

– O que posso fazer para ajudar? Posso levar esses lençóis para algum lugar? – perguntou Evelyn.

O dia até o momento havia sido caro. Alguém tinha que pagar pelos jantares e saídas e bebidas, e Evelyn estava começando a ficar com medo de estar se tornando óbvio que nunca era ela. Preston pagou a taxa do jogo, Char cuidou dos aluguéis de tacos, Scot pagou o almoço no clube e Nick, uma rodada de bebidas. Chrissie tinha passe, pois era namorada de Bing. A garrafa de Veuve que Evelyn levou, que custou 90 dólares, acabou sendo desprezível quando ela viu duas caixas na despensa dos Hacking. Ela pegou um lençol e começou a dobrar antes que a sra. Hacking pudesse protestar. Evelyn precisaria oferecer pagamento em trabalho se não ia cobrir outros custos. Ela sabia seu lugar: se oferecia para os quartos ruins e ajudava com as roupas limpas e lavava os pratos, como fizera na noite anterior.

Quando terminou de dobrar, espalhou uma caixa de palitos de parmesão da despensa em uma travessa, seguindo instruções da sra. Hacking, e levou para a doca. Vários metros à frente dela, Nick e Preston, com mocassins sem meias e óculos de sol, e Scot, usando o que parecia ser um par de sandálias Tevas, estavam andando até a água na escada rasa de pedra. Depois que o resto do grupo se reuniu no cais, com forte cheiro de gasolina, o sr. Hacking, seguindo instruções da sra. Hacking, empurrou a lancha Chris-Craft para longe do lugar. Bing tinha saído com alguns amigos de Tuck, e Pip preferiu ficar em casa, embora parecesse ter se arrependido dessa decisão quando Chrissie anunciou que tomaria conta dela e elas poderiam jogar palavras cruzadas.

Scot se sentou no chão do barco, com as pernas compridas encostadas na cobertura do motor à frente, e Charlotte se sentou precariamente na borda do costado. Enquanto a sra. Hacking saía de ré e devagar da casa do barco e o sr. Hacking começava a encher copos plásticos de vinho, Evelyn se equilibrou ao lado de Charlotte.

– Está tudo indo conforme os planos – disse Evelyn.

– Com o PLU? O que houve, você conseguiu a sra. Hacking como membro?

– Não, mas sabe a propriedade para a qual estamos indo, Camp Sachem? É de Camilla Rutherford, e ela é o alvo número um do PLU.

– Ela veraneia em Lake James, que maravilha – comentou Charlotte. – Quem é?

– Camilla? Bem, ela tem uma história meio complicada. Estudou em St. Paul's...

– Claro – disse Charlotte, mordendo o palito de queijo. St. Paul's era a mais fresca das escolas, e Charlotte ficou fascinada por ela em Sheffield depois que nadou contra alunos de lá e reparou que todas as garotas da equipe de natação tinham toalhas com monogramas.

– Sua favorita. Depois, fez faculdade em Trinity, mas no último ano os pais se divorciaram. Você deve ter ouvido sobre eles. Volta e meia apareciam no Page Six. Susan, Souse, é a mãe. E o pai é

Fritz Rutherford.

– Espere, desculpe, Rutherford dos Rutherford Rutherford? O que quer dizer que ela deve ser dona de ações de fundadora da J.P. Morgan?

– Shiiiiiii – advertiu Evelyn, indicando os Hacking com a cabeça. – Isso.

– E nossa heroína não conseguiu nem terminar a Trin-Trin?

Evelyn baixou a voz a um sussurro.

– Ela acabou se formando no Havaí ou no Equador ou algum lugar assim. Fugiu da cidade após o divórcio dos pais. Eu pesquisei os detalhes, parece que teve a ver com a recusa de Fritz em apoiar o Guggenheim.

– Não consigo escutar. Por que aconteceu o divórcio? – Charlotte parecia estar aumentando o volume de propósito.

– Por causa da recusa de Fritz em apoiar o Guggenheim – sussurrou Evelyn de novo, lançando um olhar por cima do ombro para ver se a sra. Hacking a tinha ouvido.

– Todos achamos que temos nossos problemas, mas graças a Deus não temos maridos que não apoiam o Guggenheim.

– Charlotte, fale baixo. Ela faz eventos para a *Vogue*. Acho que até os chefes do PLU vão ficar impressionados se eu consegui-la.

– Não sei bem o que dizer, Beegan, mas gosto da sua disposição – disse Charlotte.

A sra. Hacking desacelerou o barco quando eles se aproximaram de Sachem, que ficava em uma ilha particular no meio do lago. Scot e Charlotte começaram a fazer perguntas ao sr. Hacking sobre como exatamente as provisões de uma ilha particular eram fornecidas, mas o vento carregou as palavras deles para além da proa do barco e da bandeira norte-americana molhada que bateu na cabeça de Evelyn.

Quando a sra. Hacking reduziu novamente e o barco seguiu chapinhando na direção de uma doca, Preston deu um salto e amarrou o Chris-Craft com alguns nós rápidos. A doca era menos elegante do que Evelyn esperava, só um telhado de madeira em V sobre uma plataforma com alguns bancos e uma plataforma longa e fina oscilando ao lado, onde uma variedade de lanchas e barcos a

remo estava presa.

Evelyn saiu do barco na frente de todo mundo e, tentando parecer que sabia aonde estava indo, seguiu por um caminho na direção de uma estrutura em forma de A que parecia feita de troncos gigantescos. Ela ouviu um assobio vindo de trás.

– Caminho errado, Evie – disse Preston.

– Aquilo não é a casa?

– Aquilo é a tenda.

– Aquilo é uma tenda?

O sr. Hacking, que tinha ultrapassado Evelyn no caminho inclinado e estava observando a casa como se fosse uma ave de rapina rara, se intrometeu.

– Chama-se Typee. Por causa de Melville. Onde os homens se embebedavam. Longe o bastante da casa principal para eles poderem beber e fumar charutos sem as mulheres saberem. A coluna embaixo, diz a lenda, é coberta de vidro. Você consegue adivinhar por quê?

Evelyn, sentindo como se não tivesse feito a leitura para a aula de história no terceiro tempo, balançou a cabeça.

– Garrafas de bebida – respondeu ele. – Eles jogavam as garrafas pela amurada e atiravam nelas.

– Ah. – Evelyn olhou novamente para a doca, mas não conseguiu ver outro caminho; ergueu o olhar e viu outra casa, uns trezentos metros acima da primeira, vermelha e grande sobre a colina. – Aquela é a casa principal, então? No alto da colina?

– Não – disse o sr. Hacking, satisfeito com a aluna –, embora seja um bom palpite. Aquilo é conhecido como o chalé. Os Henning eram, claro, grandes rivais dos Bluestadt, da fortuna ganha com arame farpado, e os Bluestadt tinham uma propriedade ao leste desta, em East Lake. Da casa dos Bluestadt dava para ver o topo da colina em Sachem, onde na época ficavam os aposentos dos criados; os criados ficavam no alto da colina porque era o local mais longe da água, claro. Bem, os Henning ficaram furiosos porque os convidados dos Bluestadt tinham vista dos aposentos dos criados, então construíram na frente uma fachada de chalé, para que os convidados dos Bluestadt não pensassem mal deles.

Charlotte já os tinha alcançado.

– O ego dessa gente. Minha nossa, um vilarejo de Potemkin. Ou, acho, um chalé de Potemkin – falou ela.

– Muito bem – respondeu o sr. Hacking com alegria.

– E a casa principal? – perguntou Charlotte.

– Nós chegamos pela garagem de barcos dos criados. É mais fácil de encontrar espaço lá durante as festas. Tem um caminho para a casa principal a partir dali. Bem escondido, na verdade – concluiu o sr. Hacking.

– Sim, que Deus não permita que os criados consigam achar seus patrões – falou Charlotte.

O resto do grupo já tinha seguido pelo caminho. Depois de uma curta caminhada pelo bosque, a trilha ia ficando menor, com hostas contornando a beirada do que pareceu a Evelyn um campo de escoteiras meio chique.

Na beirada da água ficava uma estrutura enorme de madeira com estilo de cabana de caça, com três ou quatro andares feitos de troncos típicos das Adirondack, descascando. Após uma área de grama verdejante marcada com arcos de croqué fincados, por onde passavam as bolinhas batidas por tacos de madeira durante as partidas, havia uma construção similar, menor e mais quadrada, com uma espécie de rotunda de um lado com vista para a água. Atrás havia uma quadra de tênis e mais estruturas; Evelyn contou seis ao todo. A porta vermelha enorme no meio da cabana estava aberta, e havia algumas dezenas de pessoas saindo e entrando, na varanda, correndo até a água. Crianças e adultos, rindo, falando, andando com tranquilidade. Ela parou por um momento, com os pés coçando por causa da grama na lateral do caminho. Ela errou ao escolher o vestido, assim como a mãe quando insistiu para que ela o levasse. Ali não era um clube de tênis de Vineyard; era o ambiente sensato das Adirondack. Uma mulher estava com suéter de pescador. Outra, de short-saia. As mulheres pareciam tão rústicas quanto as casas onde ficavam, com roupas que terra e água só podiam incrementar. Evelyn concluiu que precisava confiar mais em seus instintos.

Scot e o sr. Hacking também pararam, mas por um motivo

diferente.

– Quase parece suíço – disse Scot com voz controlada para o sr. Hacking enquanto eles observavam a construção principal.

– Ah, sim, na época a única ideia que os americanos tinham da natureza era o que os suíços estavam construindo, e, pelas vigas do pequeno telhado inclinado, dá para ver essa influência – explicou o sr. Hacking. – Dá para ver isso em nossa propriedade também. Repare em todos esses elementos rústicos.

Evelyn olhou para as amuradas das varandas, feitas de galhos montados em padrões entrelaçados usando suas curvas naturais, e para os vasos de troncos esvaziados que ladeavam as portas, e para os troncos empilhados descascando que formavam a casa.

– Deixando a natureza entrar – comentou Scot.

– Precisamente. Essa era a ideia nova na época, você deve saber; enquanto os Astor, os Belmont e os Vanderbilt estavam construindo casas de estilo europeu em Newport, essas cabanas de caça prometiam uma coisa bem diferente. Lá dentro, você vai ver um verdadeiro *tour de force* de arquitetura, com vigas feitas de uma única árvore sustentando o teto da sala. E olhe o exterior; isso é cedro branco. Tem mais de cem anos e ainda está ótimo. É um trabalho artístico de especialista.

O sr. Hackman explicou que a casa dos Rutherford foi construída em 1880, embora tenha pegado fogo duas vezes, como toda casa que valia a pena ter no lago, e que aquela versão datava de "...tenta e nove".

– Uau – disse Scot. – E o campo de croqué?

– Isso é uma história e tanto. Deve ter sido, vamos ver, a tataravó, eu acho, Frances Henning, obviamente a principal herdeira da fortuna Beech-Nut. Ela era a matriarca da casa até sua morte, em 1950... foi em 50 ou 51? Ela insistia que os convidados deviam chegar de trenó no inverno, mesmo depois que as outras ilhas particulares estavam usando carros para dirigir pelo gelo. Era uma jogadora séria de croqué, como você pode ver. É claro que é um campo péssimo, mas ela conhecia todas as elevações e inclinações e ganhava habilmente de qualquer pessoa que ousasse jogar contra ela.

Evelyn conseguia ver tudo à frente: os jogos de croqué, os trenós com cobertores de pele, a era em que todo mundo sabia quem devia ser. Ouviu uma gargalhada aguda quando uma garota alta se aproximou vinda da água com um taco de croqué na mão, e Evelyn se perguntou por um momento se o fantasma de Frances Henning tinha decidido aparecer. Mas, quando a garota se aproximou, Evelyn viu Nick ir para perto dela e beijar sua bochecha, e reconheceu aquele cabelo comprido cor de caramelo, e identificou aquela voz, cheia de sol e ouro.

– Camilla – sussurrou ela, vendo a garota se jogar em uma cadeira vermelha Adirondack na lateral do campo.

– Temos que olhar essa casa – disse Charlotte, começando a andar para a porta. – Isso é coisa séria de preservação histórica.

Os olhos de Evelyn estavam grudados no campo. A luz estava estranha, prateada e imóvel, e o ar tinha cheiro intenso e úmido, de canela, terra e folhas. Camilla estava jogando croqué com Nick.

– Eles se conhecem? – perguntou Evelyn.

– Quem? Nick? Ah, merda, aquela é sua garota?

– Camilla, sim. Você sabe como Nick a conhece?

– Evie, eu nem sei direito quem é essa garota. E definitivamente não sei como Nick a conhece. Quero ir olhar lá dentro. O sr. Hacking estava dizendo que era incrível.

– Ótimo – disse Evelyn, vendo Camilla se apoiar no taco. Não era tanto a aparência de Camilla Rutherford, que era bonita, nem o corpo, que era vigoroso e com membros compridos e movimentos elegantes. Era o fato de Camilla Rutherford estar eminentemente à vontade. Não pensava duas vezes no que vestir nem no que dizer; ao contrário de Evelyn, e isso era perceptível.

Evelyn ouviu barulho de cubos de gelo atrás de si. Preston estava observando o croqué com diversão.

– Que romance, hein? – disse ele.

– Você está falando de Nick? – perguntou Evelyn.

– *Oui. Et Mademoiselle* Rutherford.

– Eles não são...

– Eles estão fazendo a dança do amor etc.

– Nick e Camilla Rutherford? Sério? Como eles se conheceram?

– Em um evento beneficente. Rins Que Se Importam, eu acho. Ou Fígado Que Se Importa. Seja qual for o órgão popular com o qual todas essas garotas se envolvem.

– O fígado é um órgão?

– Eu tenho cara de anatomista?

– Então eles estão ficando? Namorando?

– Meu bom deus, mulher, não sei. Você acha que eu devia ter aquela conversinha com eles?

Evelyn pegou a bebida de Preston e tomou um gole; quando ele gritou em protesto, ela devolveu. Seguiu Preston para dentro da casa, mas ficou lançando olhares para Camilla.

Lá dentro, Evelyn entendeu de onde saíram as linhas e troncos e decoração da casa dos Hacking. A sala central de Sachem podia legitimamente ser chamada de ampla, em contrapartida ao jargão de marketing usado para vender apartamentos, em que uma “sala ampla” significava só uma sala de estar e jantar. Tinha cheiro de folhas de livro de biblioteca e turfa. Janelas amplas horizontais davam vista para o lago, e todos os livros de mesa de centro, as almofadas Navajo e os cobertores grossos pareciam tão casualmente espalhados que Evelyn desconfiava de que devia ser assim mesmo, e não que tinham sido colocados ali cuidadosamente antes da festa.

Um candelabro de chifre pendia do teto, e uma lareira enorme feita de pedras cinzentas largas e planas ocupava um lado da sala. O sr. Hacking estava agachado na frente dela.

– Muito bom, não é? Encontramos muitas lareiras assim, mas a qualidade do trabalho daqui é difícil de igualar. Está vendo por quê?
– perguntou ele.

Evelyn olhou para Scot, o aluno nota dez, para que ele respondesse, mas o sr. Hacking falou primeiro.

– A argamassa! – disse o sr. Hacking. – A camada é muito fina. Mostra trabalho de qualidade. A maioria das lareiras assim tem camadas de argamassa de um centímetro ou mais. Esta, não. Belo trabalho.

Charlotte estava ansiosa para ir ver a sala de jantar, em uma construção separada da casa principal, e ela, Scot e o sr. Hacking

saíram apressados. Evelyn se virou para a sala. As pessoas estavam se misturando, conversando. Ela ouviu uma mulher falar que jamais tocara em um nabo, e outra dizer o quanto odiava Portland. Não era só Camilla que tinha aquela atitude de quem estava à vontade. Todas aquelas pessoas tinham. Todo mundo sabia o que fazer, o que beber, sobre o que falar. Sabiam do que gostavam e do que não gostavam (Portland e nabo encabeçando uma lista sem dúvida enorme). Havia outras coisas que Evelyn não via e que certamente estavam acontecendo, tinha certeza (alcoolismo aqui, um caso amoroso ali), mas as regras deles os protegiam e faziam tudo transcorrer tranquilamente. Hipotecas com taxas ajustáveis? Por que ela foi ler sobre hipotecas com taxas ajustáveis? Aquelas pessoas não se importavam com isso. Ela não fazia ideia do que devia dizer para nenhuma delas, e ia voltar como um grande fracasso para o PLU porque não conseguia pensar em nada que pudesse interessar àquelas pessoas e também não conseguiria a inscrição delas. Evelyn sentiu como se houvesse uma seta enorme de néon acima da lareira com argamassa fina apontando para ela e piscando: PÁRIA – PÁRIA – PÁRIA.

O calor dos dedos no cotovelo de Evelyn a assustou. Ela virou a cabeça e viu a mulher que estava observando minutos antes, quando falava mal de nabos, uma morena de colar de pérolas cinza. Parecia familiar daquele jeito que Evelyn achava que as mulheres ricas e brancas pareciam; talvez a tivesse visto em uma das edições de Barbara da revista *Town & Country*, ou a sócia dela tivesse arbitrado em uma partida de tênis do Eastern Tennis Club em que Evelyn jogou.

– Eu sempre penso que os primeiros momentos de uma festa são os mais difíceis, antes de todo mundo ter bebido o suficiente – disse a mulher.

Evelyn reconhecia uma corda salva-vidas quando via uma e agarrou com gratidão.

– É verdade – concordou ela. – Mas não sei se podemos dizer com segurança que as pessoas daqui ainda não beberam o bastante.

A mulher riu, um som rouco de fumaça de charuto.

– Sou Margaret Faber – falou ela, esticando a mão.
– Evelyn.
– Prazer em conhecê-la, Evelyn. E como você conhece os Rutherford?

– Estou hospedada com os Hacking, em West Lake. Estudei em Sheffield com Preston, um dos filhos deles – explicou Evelyn, observando Margaret com atenção para monitorar a resposta, e viu sua boca se abrir em um sorriso.

– Sheffield – repetiu Margaret. – Um lugar maravilhoso.

“Abre-te, Sésamo”, pensou Evelyn, e prosseguiu.

– Todo mundo na casa está animado para o Fruit Stripe. A sra. Hacking está determinada a fazermos uma boa apresentação.

– Conhecendo Jean Hacking, posso garantir que é melhor que a equipe faça mesmo uma boa apresentação. Você vai competir?

– Ah, não. Vou ficar assistindo.

– Sabe, acho que também vou. Não tenho nenhum interesse em ficar encharcada na minha idade.

A gentileza da mulher animou Evelyn, e ela sentia que podia lidar com a situação. Ao ver o sr. Van Borgh tossir em um guardanapo, ela pediu licença para ir falar com ele, a fim de persuadi-lo a andar lá fora com ela, para Camilla talvez vê-la com um ancião de Lake James. Depois de uma conversa com o sr. Van Borgh e Maisie-alguma-coisa e Wim-alguma-coisa, que tentavam decidir qual era o melhor tratamento para tártaro em dachshunds, Evelyn se virou para o jogo de croqué, para longe do qual Camilla e Nick estavam indo.

Ela se colocou no caminho de Camilla e Nick, em frente a uma mesa cheia de queijos. Ficou de costas para Camilla primeiro, para não parecer que estava tentando se intrometer, e esticou a mão para uma faca de queijo na mesma hora que Nick.

– Ah, me desculpe – disse Evelyn, e ergueu o olhar. – Ah! Nick! Me desculpe, eu não pretendia ser a nazista dos queijos.

– Nada de mais, Evelyn – respondeu Nick. – Pode cortar seu roquefort.

– Obrigada. – Evelyn colocou um pedaço de queijo em uma fatia de pão, depois virou o olhar para Camilla. – Ah! Oi! – Ela olhou

para Nick com expectativa.

– Vocês duas se conhecem? Camilla Rutherford, Evelyn Beegan.

Evelyn deixou Camilla, como a pessoa de status maior, esticar a mão primeiro, um ensinamento de Babs do qual se lembrou.

– Muito obrigada por nos receber. Estamos hospedados com os Hacking. Você deve conhecer Preston Hacking, não? É um prazer conhecê-la formalmente.

– Prazer em conhecê-la – disse Camilla.

No pulso, uma pulseira de ouro com pingentes, que pareciam pequenos *waffles* pendurados, fez barulho quando ela pegou uma bebida que parecia ser um *Dark and Stormy*.

– Adorei sua pulseira – elogiou Evelyn, tentando sustentar a conversa antes que Camilla se distraísse. – O que são os pingentes?

– Ah, campeonatos do Racquet Club. Que meu avô ganhou. Era da minha avó – contou Camilla.

– Que incrível – falou Evelyn.

Ela deixou a importância da pulseira ser absorvida; o Racquet Club, ainda desafiadoramente só para homens, ainda de elite, ainda tão tradicional que permitia aos membros nadarem nus. É claro que todo mundo do nível de Camilla saberia precisamente o que usava e por que era tão mais valioso do que uma pulseira de rubis e diamantes. Camilla o balançou de forma musical.

– Meu avô era um aficionado por tênis real – disse Evelyn, tão rápido que, depois que as palavras saíram, não soube explicá-las. Ela mal sabia o que era tênis real, só que tinha regras antigas e era esporte de elite.

– É mesmo? Onde ele jogava?

– Ah, em Baltimore, antes de ser urbanizada.

Na verdade, seu avô foi contador sem ter feito faculdade e abandonou a família quando a mãe dela era criança, e Evelyn duvidava que sequer jogasse tênis normal. Esperava desesperadamente que Camilla não perguntasse coisas específicas; por sorte, Camilla, se animando, queria falar sobre suas próprias aventuras no tênis real.

Quando Nick começou a falar do centro de rolha das bolas de

tênis real, Evelyn aproveitou a oportunidade para dar uma olhada no lago. Foi observando uma propriedade atrás da outra. Quando estava pronta, ergueu o queixo para o copo vazio de Camilla.

– Acho que Camilla precisa de outra bebida, Nick, querido – disse Evelyn.

– Ah, claro. Só um minuto. – Nick foi na direção do bar.

– É tão interessante o Camp Piemacum, não é? – falou Evelyn, chegando mais perto de Camilla e soltando um dos nomes de propriedade que tinha ouvido no trajeto de barco até ali.

Camilla apertou os olhos.

– O que tem Piemacum?

– Os donos estão aqui?

– Os Pratt? Não, eles estão no Maine por causa do casamento da filha.

– Ah. – Isso tornava as coisas mais fáceis. – Eu tinha ouvido que o presidente da NBC, ou seria da ABC, tinha feito uma proposta não requisitada pela propriedade, mas estava condicionada à construção de uma *villa* italiana no terreno.

– É mesmo? – Camilla cortou um pedaço de roquefort, mas estava observando Evelyn enquanto pegava. – Eles não têm obrigação de preservar? Achei que isso limitava o que podiam fazer com a terra.

Evelyn precisava falar coisas vagas.

– Pode ser isso mesmo. Achei que alguém tinha postado sobre isso no People Like Us, mas, sinceramente, sou péssima com detalhes. Pode até não ter sido sobre Camp Piemacum. Talvez tenha sido sobre Upper St. Regis.

Camilla comeu o queijo com mordidas pequenas. Ela estava absorta na festa e não pareceu interessada no que a outra dizia, e Evelyn já tentava pensar em outra forma de tocar no assunto. Mas então Camilla disse:

– Postou onde?

Evelyn soltou o ar de leve.

– No People Like Us. É uma rede social para influenciadores se conectarem uns com os outros. Na verdade, eu trabalho lá. É legal. Tem dicas de viagem e onde comprar certas coisas difíceis de

encontrar. As pessoas conseguem encontrar os melhores amigos de acampamentos de verão na Suíça em 1992, esse tipo de coisa. Pensei que alguém tivesse postado sobre a transação na seção sobre propriedades, mas posso estar errada.

– Nunca ouvi falar... sobre essa rede – falou Camilla, e inclinou a cabeça, pensando.

– Só funciona com convites no momento, então é bem restrito. Eles estão se concentrando na inscrição de apenas alguns influenciadores essenciais em cada círculo social. Se você estiver interessada, fico feliz em mexer uns pauzinhos. Eles adorariam sua participação na parte de moda.

Camilla demorou um pouco até dizer:

– Também sei muita coisa sobre artes.

– É claro. Artes. As pessoas adorariam ler o que você tem a dizer.

– People Like Us, você disse?

– Aqui. – Evelyn tirou um cartão da bolsa clutch, feliz por ter decidido fazer cartões de papel mais denso. – Vou mandar minha equipe montar seu perfil. Você não vai ter que fazer nada, exceto, claro, dizer para as pessoas o que acha de desfiles de moda. Ou, melhor, de exposições de arte.

Quando Nick voltou com o *Dark and Stormy* e puxou Camilla, Evelyn mordeu o lábio por um momento, depois pegou outro gim-tônica, que bebeu rápido o bastante a ponto de ficar com soluço. Durante o resto da festa, ficou observando onde Camilla estava, como se a garota fosse um interesse amoroso: conversando com uma garota loura mais nova, que devia ser a irmã dela, Phoebe; de braços dados com Nick.

Mais tarde, enquanto um disco de Chubby Checker tocava, Evelyn procurou Preston, que colocou o gim e alguma coisa na mesa, deu um pulo no ar com a graça de uma grua, e ofereceu a mão para Evelyn. Enquanto eles executavam a coreografia de swing da escola, ela avaliou os outros dançarinos no gramado. Todos iriam embora naquela noite para casas imponentes, e no café da manhã do dia seguinte discutiriam como foi a noite, lembrando taças de champanhe e gim que captavam as luzes cintilantes, e se sentiriam seguros com quem e onde estavam. Eles

foram legais com ela, essa era a parte surpreendente. Achava que seriam mordazes, mas foram gentis. Acolhedores.

Evelyn, girando quando Preston aumentou a pressão da mão na lombar para virá-la, viu a figura desajeitada de Scot contornada na frente do lago negro das Adirondack. Preston a girou de novo, e seus olhos pousaram não em Scot, mas em Camilla, de pé ao lado, dando uma mordida delicada em um rabanete.

5

UMA GARRAFA DE T

U sando dois casacos conseguidos em um armário de Shuh-shuh-gah, Evelyn estava sentada tremendo de frio na lancha enquanto o Fruit Stripe acontecia. Bing estava competindo com um garoto vizinho, apesar dos pedidos de sua filha para competir com ela (o vizinho pesava menos, e assim o barco de Bing se moveria mais rápido), o que deixou Pip formando dupla com Chrissie. A sra. Hacking tinha parado no Camp Jumping Rock, onde a recepção do Fruit Stripe aconteceria, a fim de organizar as bebidas antes de seguir para a competição, e Nick, Scot, Charlotte e o sr. Hacking também ficaram lá para ajudar na partida dos barcos.

Evelyn se ofereceu para ir com Preston e a sra. Hacking principalmente porque Scot, na festa da noite anterior, a interceptara e pedira seu número de telefone, depois não conseguira falar com ela no barco na volta nem no café da manhã, e ela queria evitar mais encontros constrangedores. No entanto, presa com a sra. Hacking na lancha, Evelyn viu a sabedoria que seria ter ficado em terra.

A sra. Hacking, que usava um chapéu de chuva de aba larga marrom e um suéter de Dole-Kemp, procurou no meio das velas as da propriedade dela, marcadas com listras azuis. Estava um dia frio nas Adirondack, e os participantes da competição usavam roupas pesadas, exceto Chrissie, que colocou um lenço de seda na cabeça, como se fosse a estrela na cena do filme *Alta Sociedade* com a música "True Love". A única vez que Evelyn tinha visto a competição, quando amarrou errado o barco – o que aparentemente jamais seria esquecido –, supôs que a Fruit Stripe era uma regata séria. Agora, conhecia a história melhor. No dia

anterior à corrida, todos os adolescentes mais velhos e jovens de 20 e poucos anos do lago iam para a casa do anfitrião para ajudar a preparar bebidas. Eles derramavam uma garrafa após a outra de limonada, suco de cranberry ou de uva verde com um toque de corante verde em baldes. Quantidades variadas de vodca eram acrescentadas, misturadas, e a bebida era recolocada nas garrafas de suco, evocando as cores dos pacotes de chiclete Fruit Stripe, com uma marca da letra *V* de “virgem”, *F* de “forte” e *T* de “tóxico”. As bebidas eram colocadas em uma canoa cheia de gelo na margem durante a corrida, e, na última vez, Evelyn passou a cerimônia de premiação vomitando nos arbustos de Camp Georgia depois de escolher uma garrafa flutuando com a letra *T* na canoa achando que queria dizer “tranquilo”.

A maior parte dos competidores encarava o Fruit Stripe com leveza, levando uma garrafa de *T* junto, e, quando o vento ficava fraco demais, usando um remo para seguir pelo percurso e se desqualificar com alegria. No entanto, a sra. Hacking tinha uma reverência ianque por esportes ao ar livre e esperava que os residentes e hóspedes de Shuh-shuh-gah vencessem, se colocassem bem ou ficassem em último. O primeiro lugar ficaria com o troféu do Iate Clube de Lake James por um ano, o segundo podia pendurar a faixa do Fruit Stripe na casa de barcos de sua propriedade, e o último ficava com todas as bebidas que sobrassem. Um barco da propriedade dela chegando em penúltimo, o que mostrava que os competidores não tinham habilidade e nem sagacidade, fazia a sra. Hacking ficar vermelha de raiva.

No final do grupo, em um ponto no meio do lago, Evelyn viu a vela listrada de azul que pertencia a Chrissie e Pip. A sra. Hacking acelerou o motor, borrifando água gelada em Evelyn e Preston.

Em menos de um minuto, a lancha estava circulando o barco à vela. Embora não tivesse passado muito tempo desde a saída, o barco já estava com vários centímetros de água, e Chrissie tentava tirar o excesso de dentro com uma caneca de café enquanto Pip estava deitada infeliz na proa do Sunfish.

– Sua linha na água está baixa demais. Tire essa água. Tire essa água! – ordenou a sra. Hacking.

– Estou tirando! – gritou Chrissie. – Nos desviamos da rota!
– Olhe para estibordo, Chrissie. Você está sendo empurrada para a margem.

O rastro da lancha estava balançando o Sunfish, e Pip passou os braços pelo casco. A sra. Hacking tinha encontrado um megafone em algum lugar da lancha e começou a gritar nele.

– Chrissie! O vento está vindo do lado oeste do lago. Venha para cá! Venha para cá! – Com a outra mão, a sra. Hacking girou o volante, para ficar ao lado do barco. – Pip, mostre a Chrissie o que fazer! – berrou ela.

Pip empurrou o capuz da capa de chuva para trás.

– Estou tentando, vovó – disse ela, resignada.

– Venha, Chrissie, olhe o ângulo. Olhe o ângulo. Você nunca vai sair dele agora! Pegue o leme, cuidado, cuidado, não, não, não, não! Meu deus! Cuidado! – A sra. Hacking gritou na hora em que a retranca girou e quase bateu na cabeça de Chrissie; ela empurrou desesperadamente a retranca de um lado para outro. – Achei que Bing tivesse dito que ela sabia velejar – disse a sra. Hacking para Preston, embora tenha falado no megafone.

Preston tomou um longo gole do suco de cranberry, da versão T. Evelyn esticou a mão para a garrafa e tomou um gole de solidariedade, por Chrissie, por Bing, por Pip ou por Preston, ela não tinha certeza, mas estava tentando não se mexer abruptamente, para que a sra. Hacking não virasse o megafone para ela.

– Está orçando. Está orçando! – gritou a sra. Hacking quando uma onda veio e acertou Chrissie no braço. – Todo mundo já chegou na terceira boia, Chrissie! Você tem que sair daí! Esse local é um ponto morto. Saia daí!

– Posso ir para o barco com você, vovó? – gritou Pip.

– Eu queria, Pip, mas você vai ter que terminar a competição.

Uma buzina soou do outro lado do lago.

– É o primeiro lugar! – berrou a sra. Hacking. – Temos que voltar para a festa! Prepare-se, Chrissie. Você vai ficar aqui por horas!

Pip, deitada de bruços na frente do barco, deu um tchau desanimado.

A sra. Hacking acelerou o motor de novo na direção de Jumping Rock, e o rastro jogou mais alguns centímetros de água no barco a vela. Evelyn olhou para trás e viu Chrissie ficando menor. Chrissie estava ansiosa demais e cometeu um grande erro ao insistir em um convite para a casa dos Hacking, alegando saber velejar e também ao se esforçar demais. E a sua presença do outro lado da linha invisível de comportamento permitiu que Evelyn ficasse tranquila do lado de cá. Ainda assim, ao olhar para Chrissie enfiando a caneca na água gelada que ia até os tornozelos, com a garota aristocrata na frente duvidando de cada esforço dela, Evelyn desejou que um sopro de vento surgisse e as ajudasse.

– Os Simpson estão à frente! Tom Junior está atrás de você com Lally! – gritou a sra. Hacking quando a lancha foi se afastando.

Em Jumping Rock, Evelyn pulou da lancha e correu para terreno seguro. Nick já tinha tomado uns dez drinques e tinha decidido que o caminho até a casa de hóspedes de Jumping Rock devia ser marcado com moledros, e convocou Preston para reunir pedras no bosque. Cansada, Evelyn foi para o deque da casa de barcos com uma garrafa de ponche verde com a letra *F* e se acomodou em uma cadeira Adirondack. Quarenta minutos depois estava bêbada o bastante para quase sufocar a inquietação que sentia quanto ao final da competição. Bing estava perto da linha de chegada, no barco, e, quando viu Chrissie e a filha finalmente se aproximando, deu outra volta para poder ser o último e a filha e a namorada ficarem com o temido penúltimo lugar. Enquanto Evelyn ouvia a buzina marcar a colocação de Chrissie e uma segunda buzina marcar a de Bing, trocou a garrafa com *F* por uma com *T*. Bing se levantou no barco a gargalhadas e aplausos vindos da margem, fazendo uma reverência. Phoebe e Camilla desceram correndo para dar abraços nele, e a sra. Hacking, que tinha levado o megafone para terra, gritou os parabéns. Evelyn procurou Chrissie e a viu subindo a colina, com o lenço molhado e murcho ainda envolto na cabeça. Ela se levantou e correu para o banheiro da casa de barcos, onde pegou uma das toalhas de praia em que tinha reparado mais cedo.

– Ei – disse ela quando encontrou Chrissie. – Você deve estar

com frio. Acho que isso ajudaria.

Chrissie se virou, encharcada, e Evelyn esticou a toalha.

– Aquilo foi tão horrível – comentou Chrissie, passando as mãos pelos olhos mareados. – Tão horrível. Tão molhado e demorado, e então Bing... – Ela parou de falar.

Evelyn abriu a toalha com uma das mãos e envolveu os ombros de Chrissie, que a segurou.

– Obrigada – falou Chrissie.

Evelyn tinha levado a garrafa de *T* e esticou para Chrissie com um sorriso solidário.

– É forte – ofereceu ela. – Não posso prometer que seus problemas vão sumir, mas pelo menos você vai estar bêbada quando encontrar todo mundo de novo em Shuh-shuh-gah.

Chrissie pensou nisso e virou a bebida garganta abaixo. Quando devolveu a garrafa, Evelyn também tomou um longo gole.

6

SAG NECK

Era o final de semana prolongado do Quatro de Julho, e o perfil de Camilla, criado por Evelyn, entrou no ar no PLU dois dias antes. Evelyn escolheu uma foto fabulosa e, por meio do RP de salário altíssimo contratado, inseriu isso em uma menção no Page Six: "SOUBEMOS... que a elegante socialite Camilla Rutherford entrou no People Like Us, e outras pessoas como ela estão clamando pelos convites limitados da rede social." Ela fez uma página para Nick e para Bing também, e até conseguiu iniciar uma discussão animada sobre propriedades nas Adirondack, a fim de que Camilla tivesse dificuldade em perceber que ela estava blefando sobre Camp Piemacum. Evelyn estava começando a receber pedidos não solicitados de perfil e, ao selecionar membros um a um, aprovou muitos, mas recusou alguns sem explicação, pois as rejeições aleatórias tornariam as aprovações ainda mais interessantes.

Barbara deixou claro que não queria que a filha passasse o verão em sua casa, pois era o momento de ficar pulando entre casas de veraneio e conhecer um futuro marido. As conversas delas estavam meio artificiais ultimamente. Evelyn ligou depois de Lake James, explodindo de empolgação pelo quanto as coisas foram bem e querendo descrever as festas e os jantares que achou que a mãe adoraria ouvir. A mãe respondeu que nunca teve interesse em vendas. O pai não foi melhor e perguntou se ela ainda andava rondando socialites.

– Na minha época, não se recebia salário para isso – disse ele.

Evelyn não voltou a ligar depois e ficou surpresa ao receber uma mensagem da mãe a chamando para ir à casa dela no Quatro de

Julho. Haveria o banquete anual de patriotismo de Sally Channing – Tonny Channing era sócio na firma de advocacia do pai dela, a Leiberg Channing –, e a família queria a filha em casa para o evento. Evelyn pensou brevemente em desobedecer e ir para a casa de Nick em Hamptons. Mas esse novo mundo exigia bem mais dinheiro do que Evelyn tinha; ela precisava de um empréstimo dos pais, e, se precisava de um empréstimo, teria que seguir as regras deles, ainda que por pouco tempo.

Ela desceu do trem Amtrak em New Carrollton, Maryland, onde o ar de verão pesava ao redor dela, e sentiu como se estivesse respirando algodão. Já tinha ligado para o pai no caminho, tanto no celular quanto no escritório, mas ele não respondeu. Quando o calor fez evaporar da sua pele o frescor do ar-condicionado do trem, ela começou a transpirar. Ao passar por um Datsun castanho vagamente familiar e ver uma mulher de ombros largos de pé ao lado, reconheceu que era Valeriya, a russa de cara feia que tinha assumido o posto de governanta de Sag Neck alguns anos antes.

– Oi! Eveline! – chamou Valeriya, levantando a mão com letargia.

– Oi, Valeriya. Meus pais não estão aqui?

– Por favor, coloque a mala no porta-malas, não no banco de trás. Acho que o banco de trás vai ficar muito sujo e vou ter que limpar de novo.

Evelyn obedeceu e colocou a mala de um jeito que não tocasse no par de sapatinhos chineses e no saco de mercado com luvas de vinil no porta-malas. Entrou no banco de trás e viu o contorno da cabeça de um homem no banco do passageiro.

– Meu marido, Alexei, também está aqui. Ele não gosta que eu dirija sozinha à noite. Semana passada aconteceu um, como é que se diz, roubo de carro com uma moça dentro na estrada.

Alexei, com cabelo louro curto no estilo jovem Hitler e um casaco de couro dobrado no colo, levantou a mão em um cumprimento mudo.

– Valeriya, obrigada por vir me buscar, mas meu pai é quem devia ter vindo. Ele está trabalhando?

Valeriya fez uma curva rápida cantando pneus para a direita para sair do estacionamento.

- Seu pai... Ele chega em casa e eles têm uma briga.
- Hoje? Eles estavam brigando hoje?
- Hoje, ontem, todas as noites. Eu digo para Alexei que as mulheres americanas são muito difíceis com os maridos. Na Rússia, as mulheres não são tão difíceis assim. Contribui para a briga.
- Espere, isso foi ontem à noite? Ou hoje? Ele não devia ter ficado em Wilmington até essa tarde? – O pai costumava ficar no apartamento em Wilmington, onde estava a sede da firma de advocacia.
- Meu primeiro marido, na Rússia, ele sempre dizia que as mulheres russas são as mais cabeças-duras. Mas acho que não é verdade. Meu primeiro marido cuida da casa, e limpa, limpa como uma mulher, mas bebe. Vodca. O que se pode fazer? Eu vai embora, e aqui estou. – Ela apertou a buzina com a mão fechada, assustando um pedestre, que ergueu o rosto, alarmado, e atravessou a rua correndo.
- Mas, Valeriya, você disse que meu pai já foi para casa? – perguntou Evelyn.
- Seu pai, sim, ele já veio. Na quinta. Na quarta.
- Ele está em casa há dois dias? O que ficou fazendo lá?
- Eu digo que é difícil. Sua mãe, ela fecha a porta do quarto e me diz, do outro lado da porta, que não vai me deixar limpar lá dentro, o que é difícil porque ela precisa de ajuda. Ela diz “Valeriya, foi um erro me casar com esse homem.” É isso que ela diz.
- O quê? – Evelyn acreditava que a mãe tinha mesmo dito aquilo; só não acreditava que tivesse dito para a governanta. Sua mãe observava as divisões de castas distintas, e, com “os ajudantes” (ela realmente os chamava de “os ajudantes”), falava lentamente e com um sorriso exagerado. – Me desculpe, mas então meu pai está em casa desde quarta?
- Só conto o que ela diz. Eu digo para ela: “Sra. Barbara, é sempre difícil para a mulher.” Eles discutem por causa das acusações. As acusações isso, as acusações aquilo – contou Valeriya.
- Espere, acusações? Eles estão se acusando de quê?
- Evelyn bateu com os dedos na janela, depois parou quando viu a

cara feia de Valeriya por causa das marcas de digitais que estava deixando. Os pais a ajudavam com dinheiro aqui e ali, mas os únicos gastos que ela fez no cartão de crédito dos pais nas últimas semanas foram especificamente combinados com eles. Ela comprou um ingresso para um evento beneficente para crianças desfavorecidas no cartão deles, esperando poder cobrar da empresa, mas Ann, a pessoa que cuidava do RH e da administração do PLU, rejeitou o pedido de reembolso, dizendo que Evelyn teria que pagar pelos ingressos de eventos beneficentes, pois não eram gastos diretos de negócios. Ela também teve que comprar um vestido para o evento, pois seu vestido preto desalinhado não serviria para uma festa de verão, e gastou mais 200 dólares na Bloomingdale's com isso. O pai dissera que achava que eles não deviam cobrir esse tipo de coisa, então ela prometeu pagar, mas não tinha dinheiro no momento, pois o salário no PLU era muito baixo. Seria por isso que eles estavam se acusando? Os comentários de Valeriya não eram um começo promissor, considerando que ela precisava tirar mais dinheiro deles naquele fim de semana.

– Eles estão se acusando por causa de gastos, Valeriya? No MasterCard?

– MasterCard? Não, não foi isso.

Valeriya passou a falar em russo com rapidez, e Alexei fazia sons baixos de concordância. Evelyn se aninhou na lateral do Datsun. Quando palavras como “MasterCard” e “Bloomingdale’s” e “beneficente” começaram a se chocar na sua mente, ela fechou os olhos e caiu em um sono agitado e suado.

Foi acordada de repente quando o carro passou pela Chesapeake Bay Bridge, abriu as pálpebras pesadas e viu as piras altas que marcavam a distância cada vez menor entre ela e sua cidade natal de Bibville. Ela adormeceu de novo, e, quando abriu os olhos, Valeriya estava seguindo pelo caminho de cascalho que levava a Sag Neck, a casa de Evelyn. Valeriya não desligou o motor, e Evelyn evidentemente cometeu alguma gafe, pois a russa foi seca ao se despedir. Já Alexei desejou um grave “Boa sorte para você”.

Sag Neck era uma mansão, dissera Evelyn quando eles se

mudaram para lá na época em que ela estava no ensino fundamental, até a mãe mandar que não usasse a palavra “mansão”. Era uma casa grande de madeira com fileiras de árvores protegendo-a dos vizinhos, com uma inclinação leve no terreno atrás até o riacho Meetinghouse. No andar de baixo havia um corredor central imponente com pé-direito equivalente a dois andares, marcado por um candelabro e uma escadaria ampla de madeira. À esquerda ficava a sala, uma biblioteca pouco usada e uma sala de jantar formal com vista para o gramado e para o riacho. À direita ficava a grande sala do piano (Barbara chamava de salão de baile, mas nenhum baile aconteceu ali no reinado dela), que ocupava o comprimento da casa. A cozinha ficava nos fundos. Foi uma melhoria enorme em comparação a onde Evelyn nasceu, uma casa de dois níveis no subúrbio de Silver Spring, em Washington, com paredes marrons e armários marrons e grama marrom, que todos deixaram para trás com alegria depois que o pai começou a ganhar grandes casos.

A porta de Sag Neck estava destrancada e inchada com a umidade, como sempre ficava no verão. Quando Evelyn a abriu, a casa estava silenciosa por dentro.

– Olá? Mãe? Pai?

– Evelyn, é você? – veio a voz da mãe de algum lugar no andar de cima.

– O que está acontecendo? Por que papai não foi me buscar? Fiz um trajeto muito estranho com Valeriya e o marido.

– Sim, por que seu pai não foi buscar você?

Evelyn estava cansada e sem humor para os jogos de palavras da mãe.

– Você sabe onde ele está?

– Não sei nada que seu pai faz, aparentemente.

Ela ouviu uma porta se fechar e uma tranca correr, e esse foi o fim das boas-vindas de Evelyn.

– Mãe? – tentou ela mais uma vez, mas não houve resposta.

Evelyn mexeu em uma fileira de interruptores de luz e foi para a cozinha. Estava com a cabeça dentro de um armário baixo, onde às vezes havia petiscos guardados, quando o estalo repentino da

porta dos fundos a fez dar uma cabeçada no tampo. Dale Beegan entrou pela porta, suando, ofegando, usando uma bermuda de ciclista apertada demais, e quase tropeçou na filha agachada.

– Jesus Cristo, Evie, o que você está fazendo escondida na cozinha como um rato? Levante-se e apareça!

– Ai. Eu teria feito isso se soubesse que você ia me assustar assim – retrucou Evelyn, tocando na parte de trás da cabeça. – Acho que estou com um galo.

Dale foi até a pia e tomou um copo de água. Ainda tinha um cabelo ótimo, castanho, denso e brilhante, e as bochechas gordinhas de um bebê feliz. Os dentes eram muito brancos, pois ele usava tiras de clareadores dentais todas as noites depois do jantar, durante os trinta minutos recomendados, sem constrangimentos. Estava começando a parecer mais filho de Barbara do que marido, uma mudança que Evelyn sabia que não devia comentar.

– O que você espera fazer ao assustar um homem idoso assim?

– Eu achava que você não estava em casa, já que não foi me buscar.

Ele encheu o copo com mais água.

– Tenho certeza de que você vai ficar bem.

– Esperemos que sim. Valeriya disse que você está em casa há alguns dias.

Dale colocou o copo usado na bancada.

– Como está aquela sua linda cidade, Evie? As pessoas chiques para quem você trabalha não estão pegando no seu pé?

– Na verdade, o trabalho é bem desafiador – retrucou ela.

– Lidar com gente rica sempre é – respondeu ele. – Sempre achei mais satisfatório trabalhar com gente que está se esforçando.

“Mas você voa de primeira classe para isso”, pensou Evelyn, abrindo um pacote de biscoitos salgados. O pai nasceu na Carolina do Norte, em uma cidade de indústria têxtil, e os pais dele trabalhavam na fábrica. A casa da família ficava do outro lado do rio das casas firmes de tijolos das famílias ricas da administração. Dale disse que via os donos da fábrica massacram a vida dos outros e que isso o fez querer advogar a favor das pessoas que não

conseguiam ser ouvidas, pessoas como os pais dele. Na cidade de Dale, as lojas no centro fechavam cedo, porque queriam atender as mulheres das casas de tijolos, que não trabalhavam, e não as mulheres da indústria têxtil, que trabalhavam. Embora Dale frequentasse a escola e a igreja com os garotos das casas de tijolos, nos verões ficava atrás da bancada da sorveteria, servindo, e os outros meninos, do outro lado. Ele decidiu que se tornaria universitário e que estudaria direito, e que mostraria para aqueles garotos ricos e engomadinhos que todo mundo merecia uma chance.

Ele advogava sozinho quando Evelyn era mais nova, quando eles moravam em Silver Spring, e ficou conhecido por processos de consumidores contra grandes empresas farmacêuticas. A Leiberg Channing, uma grande firma de advocacia de Wilmington que só atende reclamantes, logo ofereceu um emprego para ele cuidar do processo contra empresas farmacêuticas.

Ela viu o pai em vários julgamentos, e ele era cativante. Não usava anotações, mas derrubava os oponentes com uma questão sutil após a outra. Sabia o que dizer para os jurados, como manipular as emoções deles e fazer com que se solidarizassem com ele e com os clientes. Parecia saber exatamente o que dizer para as pessoas em todos os lugares, menos para as de casa.

Embora o pai tenha ganhado muito dinheiro em processos farmacêuticos, ele parecia não conseguir decidir se era um figurão ou se ainda odiava figurões, como quando era um garoto numa cidade de indústria têxtil. Gostava de presentes exagerados e feitos para impressionar quem os visse. Em Sheffield, a caixa mensal de *galettes* de frutas da Harry & David que ele enviava eram a inveja do alojamento de Evelyn, enquanto o Rolex de ouro gigante que ele lhe deu na formatura foi constrangedoramente caro e ela o guardou em uma caixa com anuários antigos, depois comprou um par de brincos de pérolas com dinheiro economizado da mesada, como presente de formatura para si mesma. Quando e se gastava dinheiro, era sempre nos termos dele; ele era o árbitro moral, quem decidia o que valia e o que não valia, o único que entendia o valor do dinheiro.

Na vida após a faculdade, o pai esperava que ela se sustentasse, que trabalhasse em um campo que ele considerasse digno e que também servisse ao bem maior. Evelyn, ciente de que os trabalhos em serviço social não cobririam o aluguel e que também não dariam o prestígio suficiente para a aprovação dos pais, tentou então, nos primeiros meses em Nova York, se voluntariar em um grupo de mentoria de garotas. O grupo disse que havia uma fila de espera de um ano para mentores, ela precisaria de três referências profissionais e que preferiam alguém com mais experiência.

Ela resistiu a dizer qualquer uma dessas coisas em voz alta; se o pai estava chateado com os gastos no cartão de crédito e ela ainda precisava de mais dinheiro, não podia se dar ao luxo de uma discussão.

– Então por que você está em casa? A Leiberg Channing está permitindo julgamentos por videoconferência?

– Você deve estar cansada da viagem. Vamos conversar de manhã, certo?

Ele começou a sair da cozinha, com o copo usado ainda na bancada, para que outra pessoa o colocasse na lava-louças.

– Se são os gastos, papai, é melhor conversarmos logo. – Ela franziu a testa para o rótulo do biscoito, como se fosse do tipo sem sal. – Você disse especificamente que não havia problema colocar certos gastos no seu cartão. E é só uma fração do que Nova York custa. Sinceramente, um almoço custa 11 dólares, e isso só se for uma salada em um recipiente plástico. Vou pagar tudo. Mas é que, com o emprego e tudo mais, as coisas estão meio complicadas agora.

– Acho que devemos deixar para amanhã de manhã – repetiu ele. – Boa noite, querida. Essa blusa é nova? A cor fica bem em você.

Era uma blusa nova, e, quando ele saiu da cozinha e subiu a escada, Evelyn, mordendo um biscoito pelas beiradas, pensou em como o pai sempre conseguia dizer uma coisa encantadora que tornava impossível odiá-lo.

* * *

Na manhã seguinte, Evelyn decidiu tomar um café na cidade para se fortificar para a discussão com os pais. Quando desceu a escada até o térreo, viu duas figuras à direita na sala, a mãe olhando a entrada de carros pela janela, o pai mexendo em uma pilha de papéis.

– Evelyn.

A mãe se virou alguns graus da janela e descruzou os braços, esticando-os como Evita na varanda da Casa Rosada, o sinal dela para Evelyn se aproximar para um abraço. Evelyn obedeceu, e mãe e filha se abraçaram tocando antebraços e inclinando cabeças.

– Oi, mãe. Você está linda – disse Evelyn.

A mãe, de suéter cinza pesado demais para julho e uma calça branca, na verdade parecia ter ganhado peso, e Evelyn ainda estava frustrada com ela por causa do desprezo pelo People Like Us. Mas, depois da conversa vaga da noite anterior com o pai, concluiu que precisaria de uma aliada.

Evelyn esperou instruções, mas o pai e a mãe ficaram em silêncio. Ela olhou para um e para o outro.

– Bem, eu ia até a cidade – começou ela.

– Não, Evelyn, seu pai – a mãe tornou o substantivo pesado de tanto sarcasmo – tem uma coisa para contar para você. Sente-se.

O pai estava em uma de suas poses relaxadas estranhas, em uma poltrona de estofamento áspero de lã, com o tornozelo direito apoiado na coxa esquerda. Evelyn tentou ter um vislumbre dos papéis que ele estava examinando para se preparar, mas o pai os empilhou e colocou virados de cabeça para baixo em cima da mesa de centro. Ela se sentou em uma cadeira dura de madeira perto da porta.

– Fico feliz em ver você, Evie – falou ele, esticando os lábios. – Tem uma coisa que precisamos discutir.

– Uma coisa? – perguntou Barbara com desprezo de onde estava, na janela.

– Você sabe sobre meu trabalho e sabe que gosto desse trabalho, assim como meus colegas advogados. – Ele pronunciou a palavra como se houvesse uma vogal a mais na primeira sílaba. – Nosso trabalho é lutar pelas – e Evelyn era capaz de terminar a

frase em pensamento, pelas inúmeras vezes que ouviu o pai dizer em jantares de premiação, em festas, para pessoas que tinha acabado de conhecer – pessoas que são pobres ou sufocadas demais para terem voz. Estamos fazendo isso da melhor maneira que podemos.

– Isso é sobre meu emprego? – perguntou Evelyn. – Escute, eu sei, aquelas pessoas têm voz, não estou dizendo que não têm. Elas não são tão ruins quanto você pensa. São... bem, mamãe sabe. Elas podem ser bem legais. E não são vendas. É um título de membro, que é bem diferente. Ser membro é coisa mais do nível deles. E custa só 450 dólares, que sei que não é muita coisa, mas é...

– Querida, querida – interrompeu Dale. Ele olhou para Barbara, mas ela não se virou. – Não é sobre seu emprego. É sobre o meu. Quando se luta pelas pessoas, você torna a vida mais difícil para quem está no comando, e adivinhe, as pessoas no comando tentam ir atrás de você. Os republicanos estão querendo mostrar para advogados de reclamantes quanto poder eles têm, e o governo encontrou uma pessoa que está dizendo para eles que fizemos coisas ilegais, que fizemos algumas ofertas, digamos, ilegais.

“Você já esteve em tribunais enquanto eu lutava por um caso atrás do outro. Ouviu as testemunhas, os especialistas. Ouviu o juiz. Sabe como esse processo é. Por que levei testemunhas especialistas? Bem, precisamos dessas testemunhas, geralmente médicos, para explicarem para o júri os efeitos que algumas drogas podem ter em nossos clientes.”

– Certo – disse Evelyn, cautelosa.

– Você se lembra do caso Oney, Peg Oney de Cresheim? Lembra-se dela, do caso Wallen Pharma?

– Lembro – afirmou Evelyn.

Evelyn estava no fundamental II na época, e ela e Barbara viajaram para a Pensilvânia para ver o pai fazer o discurso de abertura do caso. O processo dizia que Wallen sabia, mas não divulgou os efeitos colaterais de um de seus remédios. O caso era complicado, cheio de procedimentos químicos e de

desenvolvimentos de medicamentos, mas o pai tornou tudo simples. Começou descrevendo como Peg perdeu a sensação nas pontas dos dedos como resultado do uso do medicamento. “As pontas dos dedos podem não parecer muito”, disse ele com o sotaque pesado da Carolina do Norte. “Não é uma perna. Não é um braço. Não é nem uma mão. Mas, quando Peg coloca a mão na frente de uma vela, não sente o calor. Quando vai fazer carinho no cachorro Scout, não sente o pelo dele. Quando toca na bochecha de um bebê de 1 ano, não sente sua pele macia. As pontas dos dedos são só as pontas, mas as pontas dos dedos também são o mundo.” Ele fez todos os jurados sentirem como era ser Peg, depois desceu do pódio e chegou perto o bastante deles para que os da frente pudessem tocar nele. “Bem aqui, neste tribunal, vocês, o povo da Pensilvânia, podem dizer para esse enorme conglomerado: ‘Para nós, já basta. Vocês não podem tirar nossas sensações. Vocês não podem nos dizer que não podemos sentir calor, não podemos fazer carinho no nosso cachorro, não podemos tocar no nosso bebê. Fomos enganados demais, fomos feitos de trouxa, ouvimos mentiras. Vai acabar aqui. Vai acabar hoje.’” Os jurados demoraram menos de três horas para conceder uma soma enorme a Peg Oney.

– Os ferimentos de Peg, o efeito no corpo dela, eram complicados – dizia Dale enquanto ajeitava a pilha de papéis. – Para fazer com que Wallen fosse responsável, tivemos que mandar especialistas rastrearem exatamente o que a Wallen testou, exatamente o que sabia, exatamente quais foram os efeitos em Peg e outros reclamantes. Você tem que ter bons especialistas, e procuramos muito pelos certos, um médico e um químico, que ofereceram testemunho muito convincente. A recompensa naquele caso, Evie, foi muito significativa para os Oney. Muito significativa.

“E para nós”, pensou Evelyn; ela se lembrava de ter ouvido os pais discutirem os milhões que o pai tinha ganhado como parcela no caso, e a mãe contratou um decorador para dar uma melhorada em Sag Neck, do papel de parede aos lustres, logo em seguida.

– Então qual é o problema? – perguntou ela.

– O marido de Peg, ex-marido na época, nos pediu depois para

darmos uma olhada em outro caso farmacêutico. Acho que ele não viu muito do dinheiro do veredito e estava com raiva. Estava magoado. Agora, acredito que estava querendo se vingar de Peg, e nos escolheu para essa vingança. Ele nos contou na época que estava fazendo investimentos farmacêuticos e descobriu o que achava serem políticas questionáveis de controle de qualidade em uma das grandes empresas, e nos procurou na esperança de podermos transformar em um caso. Analisamos a história e abrimos um processo, e acabou se resolvendo rápido. Aparentemente, o ex-marido não ficou satisfeito, embora tivéssemos feito o máximo para ajudá-lo, junto com a família e a cidade dele. Quando o governo apareceu na nossa porta, ele disse que nós, que a Leiberg Channing, subornamos esses especialistas para dar o testemunho que deram. O caso Wallen Pharma já tinha prescrito, mas ele alegou que os pagamentos ocorreram no segundo caso dele. Acho que ele só tinha um e-mail em que falamos sobre pagar esses especialistas, o que é perfeitamente legal. – Dale se encostou na poltrona, tão relaxado quanto se estivesse se bronzeando nas férias de primavera.

– Mas o governo não pode transformar isso em processo – disse Evelyn.

Dale dirigiu um sorriso para as costas da mãe dela, que se curvou como um saque não devolvido.

– Isso mesmo. Eu sabia que você entenderia. Não tem nada aqui. As empresas farmacêuticas são doadoras de peso para a administração Bush, e todos aqueles promotores públicos de faculdades da Ivy League querem ir atrás de peixe pequeno como eu, que está ajudando os americanos comuns. Mas quem ri por último, ri melhor, querida. Eles só conseguiram depois da grande investigação um único ex-marido de uma antiga cliente que diz que fizemos uma coisa ilegal anos atrás. A administração Bush e os republicanos só querem...

Houve o som de mão batendo em vidro. Barbara, na janela.

– Você pode parar de botar a culpa dos seus problemas em uma conspiração republicana?

Dale virou as palmas das mãos para cima, sinalizando que estava

de mente aberta.

– Barbara, podemos discutir isso até o fim dos dias, mas, quando promotores federais conseguem intimidar o que e quem quiserem para investigar uma firma que é sabidamente odiada pelos grandes doadores republicanos, a conexão não é difícil de fazer.

Evelyn olhou para a mãe, mas Barbara estava observando um esquilo lá fora. Virou a cabeça para o pai, que usava uma camisa polo verde feita de um tecido de jérsei fino demais que enfatizava o tronco e as costelas.

– E o que vai acontecer? – perguntou Evelyn.

Dale apoiou a perna na mesa de centro.

– Ainda não fizeram acusações contra a firma nem contra nenhum dos sócios, porque as provas, ou o que eles acham ser provas, são escassas e eles sabem que não vão chegar a lugar algum. Mas eu, ou melhor, a sua mãe, achou que você devia ouvir isso de nós.

– Então por que você não conta para ela o que está realmente acontecendo? – perguntou Barbara, cuspidando as palavras. – Ou não diz para ela o que dizer quando ela for ignorada na festa dos Channing hoje. Isso mesmo, você não mencionou essa parte, não é? Por que você não conta para sua filha sobre como esses promotores republicanos parecem estar se concentrando em você? Não em Tommy Channing nem em Larry Leiberg? Por que não diz para ela o que o governo está realmente investigando, que sua firma estava fazendo subornos de larga escala, dando aos especialistas uma parte do veredito do júri ou do acordo, para que talvez, só talvez, eles pudessem dar uma ênfase maior ao que aconteceu com a pobre Peg Oney ou com o pobre seja lá quem for que vocês estivessem representando?

Ela estava falando tão rápido que as palavras se atropelaram, e, quando acabou, se encostou na janela com aparência exausta.

Dale piscou, sem mudar o sorriso agradável no rosto. Depois de um minuto, ele retomou a conversa.

– Bem, o segredo foi revelado, ao que parece. Como eu era o advogado cuidando daqueles casos, pelo que podemos perceber, parece que parte do foco pode estar dirigida a mim. Mas que fique

bem claro, nós três, Larry, Tommy e eu, trabalhamos juntos em todos os casos.

– As acusações – disse Evelyn de pronto, balançando a cabeça. – Valeriya. Valeriya disse que você está em casa desde quarta. Isso não é normal para você. Deus. Ela estava falando dessas acusações. Quais são?

– Tem um grande júri. Seu pai está sendo investigado por um grande júri – explicou Barbara.

Evelyn se levantou tão rápido que as pernas de madeira da cadeira gritaram no chão.

– Um grande júri? Há quanto tempo você sabe sobre isso?

– Bem, é uma investigação em andamento – defendeu-se Dale.

– Sim, entendi. Mas há quanto tempo você sabe sobre o grande júri?

– Há meses – desabafou Barbara.

– Barbara, muitas investigações do grande júri duram meses – respondeu Dale, com voz ríspida. – Não quer dizer que vai dar em alguma coisa.

Evelyn apertou o encosto da cadeira.

– Isso não faz sentido.

– Não – concordou o pai. Ele modulou a voz agora, toda doce. – Lamento estarmos jogando isso em cima de você agora, querida. Achamos que não ia dar em nada, ainda achamos, mas o governo anda soltando coisas para a imprensa, e acabaria sendo divulgado.

Barbara se virou da janela e disse:

– Isso não devia ter acontecido. – A mão dela estava tremendo, mas o corpo estava parado. – Isso não devia ter acontecido.

– Ah, mas aconteceu. Está acontecendo. – Evelyn estava tentando manter a voz controlada, mas o som ganhava uma altura imprevisível, como se outra pessoa estivesse controlando o botão do volume. – Acontece que Dale Beegan está sendo investigado por um grande júri. Acontece que talvez você devesse ter mencionado isso para sua filha antes que vários meses se passassem. Talvez isso fosse uma boa ideia.

– Nós não achamos necessário... – disse Dale.

– Ah, mas era. Era necessário.

– Evie, não fique nervosa. A investigação parece empacada, exceto por um sujeito desempregado fazendo alegações falsas. Pensamos em falar com você em pessoa porque sabíamos que você viria para a festa...

– E que festa linda vai ser! – gritou Barbara, se livrando do leve sotaque de Baltimore que às vezes surgia quando ela estava cansada ou com raiva e mergulhando na voz de castelã de Sag Neck, com longas vogais de Katharine Hepburn misturadas com a nasalidade de Ethel Merman. – Agora, Evelyn, o que você acha, devemos ir à festa dos Channing usando nossos vestidos do Quatro de Julho e fingir que ninguém sabe que seu pai está sendo investigado por... o que seria? Lavagem de dinheiro? Suborno? Isso não parece pegadinha? Tenho certeza de que Sally Channing vai ficar feliz de nos ver lá, o trio formado pelos Beegan, e nos dar uma recepção calorosa. As amigas de Sally também vão ficar felizes de nos ver depois de lerem os relatos fascinantes de jornal sobre como o governo diz que você anda violando a lei.

– Barbara. Já basta. Eu já falei, se você não quiser ir à festa, não precisa ir – disse Dale.

Havia alguma coisa especialmente perturbadora no que eles disseram, sobrevoando a ideia deturpada de que o pai estava sendo investigado por um grande júri, acima da tensão da sala, acima do dia horrível à frente, no qual Evelyn seria obrigada a ir a essa festa ou obrigada a ficar em casa com os pais furiosos. Era isso. Notícias de jornais. Se o caso estava tendo cobertura, todos os amigos dela já podiam estar sabendo. Podiam estar trocando e-mails sobre o assunto desde o dia em que ela voltou de Lake James; ela praticamente conseguia ver a mensagem de Nick: “Parece que a vida de alguém não é tão perfeita quanto ela finge que é.” Camilla também podia ser leitora de jornal, e, mesmo que não fosse, do jeito como tudo aparecia on-line e se espalhava rapidamente hoje em dia, não havia como controlar e prever o que seria lido por quem. Evelyn seria alvo de risadas.

– Isso está nos jornais? – indagou ela em voz baixa.

A mãe soltou um “Rá!” agudo.

O pai passou a língua pelos dentes da frente.

– É o que os jornais fazem, Evelyn. Tentam transformar nada em alguma coisa.

– Em Nova York? Os jornais de Nova York não estão escrevendo sobre isso, estão?

– Não segui tão de perto, querida.

– Ah, não... – Evelyn deu alguns passos para longe dele e da mãe, indo na direção da porta grossa de madeira que levava ao saguão. – Pai, você não está falando sério, está? Já escreveram sobre isso? Com seu nome incluído?

– Os jornais estão escrevendo sobre pura especulação. Pura especulação.

– Seu nome está aparecendo? Nos artigos?

O pai apertou os olhos para ela com um grande sorriso, o que ele usava nos encerramentos e que ela havia tempos chamava de cativante.

– Não me lembro se os jornais disseram meu nome ou o nome da firma. Não importa. Todos nós sabemos a verdade.

– Sabemos? – perguntou Barbara enquanto Evelyn recuava mais alguns passos; ela achava que, se conseguisse chegar à porta, poderia ir embora sem ninguém reparar.

Ela queria jogar no Google; mas não queria jogar no Google. Alguém teria lhe dito alguma coisa se tivesse ouvido sobre isso em Nova York. Preston ou Charlotte teriam falado, e Nick e Scot provavelmente só liam sobre finanças. Definitivamente, só finanças. Camilla não podia ser leitora de jornal. Camilla nem devia saber o sobrenome de Evelyn. Os blogs de Nova York não ligariam para um advogado de Maryland. Estava tudo bem. Tudo ficaria bem.

– A verdade – disse Barbara em voz alta – é que todas as pessoas de Bibville sabem o que seu pai fez. A Leiberg Channing, campeã dos casos de danos, queridinha do Partido Democrata, finalmente foi posta de joelhos pelo governo republicano que tanto odeia. Ou, me deixem ser específica, não Leiberg, não Channing, mas Dale Beegan, que nunca conseguiu colocar seu nome na placa no número 422 da North Market.

Isso deixou o aposento em silêncio. Barbara estava olhando para o marido com olhos que perderam o brilho. Dale tinha parado de se

mexer com agitação e observava as mãos unidas. Evelyn sentiu a energia sumindo do corpo, e o cheiro de cera de laranja que Valeriya deve ter passado no piso de madeira parecia estar ficando mais forte.

Foi o pai que finalmente rompeu o silêncio ao limpar a garganta. Ele bateu nos joelhos.

– Bem, é melhor eu voltar a me preparar para esse testemunho. Alguma outra pergunta?

Evelyn fez que não com a cabeça e ergueu os olhos para a mãe, que parecia perdida e distraída na sala. Recuou nas pontas dos pés e apagou as luzes ao sair.

7

HISTÓRIA SOCIAL

No andar de cima, Evelyn se sentou de pernas cruzadas no banco da janela do quarto de infância, olhando na direção do riacho e das plantas aquáticas, vendo o cachorro do vizinho brincar com um galho depois de um pequeno bosque de árvores. Era um affenpinscher.

O caso de Peg Oney. Foi quando a carreira do pai começou a decolar. Ele voltava para casa nos fins de semana às vezes, mas com a mesma frequência ficava em Beaumont, Texas ou Caddo, Arkansas ou Tallahassee, Flórida, lugares que Evelyn pesquisava no atlas gigantesco na sala do piano. Ela ainda achava o pai glamoroso na época, achava que os ternos trespassados dele eram chiques e que o cabelo arrumado o fazia parecer Howard Keel, não que os ternos eram brega e que o cabelo era exagerado. Às vezes, desejava ainda poder vê-lo assim, como quando era uma garotinha e entrava no escritório e tocava na pasta de couro lisa quando ele lhe dava um caramelo com uma piscadela. Ela ficava lá por um longo tempo às vezes, trançando a franja do tapete em silêncio enquanto o ouvia rabiscar no bloco amarelo.

Os pais se conheceram no outono do segundo ano de sua mãe em Hollins, uma faculdade pequena e rural da Virgínia. Barbara Topfer nasceu em Baltimore, mas sua família deixou Peabody Heights para morar no subúrbio nos anos 1950. O pai fugiu com uma secretária jovem da empresa de transportes quando Barbara era adolescente. Ele enviava dinheiro suficiente para ela e a mãe viverem com conforto, mas Barbara via a ausência dele com vergonha e julgamento. Presa com a mãe em Towson, Barbara assistia a filmes, lia livros e era bonita, e decidiu que seu destino

era maior do que ficar onde estava. Candidatou-se à Hollins College, e, quando chegou lá, tinha a história toda montada: era de uma família antiga com riquezas derivadas de transportes, e o pai não tinha fugido com uma secretária, mas morreu jovem, deixando uma grande fortuna para ela. (Evelyn levou um susto ao ouvir essa versão nos eventos de uma amiga da mãe da época da Hollins.)

No outono do segundo ano, ela foi para um baile da Universidade da Carolina do Norte e conheceu Dale Beegan. Dale, que ganhou uma bolsa da Estadual da Carolina do Norte e tirou notas quase perfeitas lá, foi para a Universidade da Carolina do Norte para estudar direito, onde foi um astro. O acompanhante de Barbara do fim de semana era um dos colegas metidos que Dale não suportava, então ele teve grande prazer em encantá-la e afastá-la dele. Barbara era fácil de encantar; ela achou que a ambição, o charme e as raízes trabalhadoras formavam um belo coquetel político. Uma vez, contou a Evelyn que acreditou que Dale estivesse a caminho de se tornar embaixador, senador ou até presidente. Barbara também tinha ambição, uma ambição crua que, quando garota, não tinha permissão de admitir. Na Hollins nos anos 1960, essa ambição só podia tomar uma direção: ser dona de casa. Se Barbara não podia dirigir o carro, queria ir no banco do passageiro. Eles se casaram depois da formatura de Dale na faculdade de direito; Barbara não terminou a faculdade.

Foi só quando estava em Sheffield que Evelyn deduziu que alguma coisa devia ter acontecido para explicar o vazio de doze anos entre o casamento dos pais e seu nascimento, quando Barbara tinha a idade avançadíssima de 33 anos para ser garota da Hollins. Ela descobriu em uma tarde, nas férias de verão da escola, quando Barbara, depois de uma garrafa de vinho branco, a chamou para o terraço para avisar que a fertilidade das mulheres não dura muito.

Barbara teve dificuldade para engravidar quando ela e Dale decidiram tentar, contou a Evelyn, que fez uma careta e se virou para o riacho. As semanas viraram um tempo inacreditável enquanto ela seguia o conselho do médico de coito cuidadosamente receitado ("Mãe!", interrompeu Evelyn, mas isso

não impediu o discurso de Barbara). Ela esperou e se perguntou se estava se sentindo mais cansada do que o habitual, depois sentiu as cólicas normais e a decepção voltarem. Demorou um ano para Barbara finalmente engravidar.

Quando Barbara contou para o marido, após uma consulta médica, que o bebê tinha o tamanho de uma ervilha, Dale passou a chamar o bebê de Ervilhinha. Quando Barbara contou essa história para Evelyn, ela ouviu a voz da mãe ficar embargada.

Barbara estava com três meses de gravidez e fazendo manchas de tinta branca para formar a lã de uma ovelha no mural do quarto do bebê quando começou a sangrar. Ela teve cólicas e sangue seco na calcinha, contou, e aqui Evelyn tentou de novo fazê-la parar, mas a mãe, que quase nunca reconhecia a existência de funções básicas do corpo na vida, pareceu determinada a dar à filha todos os detalhes do aborto sem trair nenhuma emoção pelo acontecimento. Ela dirigiu até o hospital, pois Dale estava trabalhando em um caso na Califórnia, e lhe deram sedativos. Quando acordou, o médico disse que *ela* tinha perdido o bebê.

O sangramento prosseguiu por mais de duas semanas, quando Barbara acordava depois de um sono agitado no meio da noite com mais cólicas, mais expulsão, esperando que o corpo dela e do bebê se desintegrassem. Cada nova cólica debochava da aridez do corpo dela, da incapacidade de fazer essa coisa simples e básica que todas as mulheres do mundo conseguiam fazer e ela, não. Por pedido de Dale, Barbara foi à igreja depois do aborto, mas foi embora quando o padre pediu à congregação para rezar pelas pessoas que tinham morrido, e ela não sabia se a igreja achava que a coleção de células dentro dela era uma pessoa que morreu.

– E então, seu pai... – disse Barbara, com o rosto sombrio – ...seu pai. Ele não fez nada além de trabalhar nas semanas seguintes.

Mandava a secretária ver como ela estava durante o dia. A *secretária*, frisou Barbara. Dez semanas depois do aborto, Dale chegou em casa cedo.

– Ele me disse que tinha olhado tudo, meus registros médicos, meus remédios, sem minha permissão, e descobriu que havia uma

causa. Que um remédio que eu estava tomando, pentatilinato, era problemático, e que havia outros casos de mulheres tendo abortos enquanto tomavam o remédio. Ele encontrou um médico no Kentucky que se recusava a deixar pacientes grávidas chegarem perto da substância.

Evelyn se lembrava de ter lido sobre o caso. O pai tinha mostrado a ela um artigo do *Washington Post*. Graças a esse caso e outros similares, as mulheres passaram a ter que assinar um papel prometendo que não engravidariam se estivessem tomando pentatilinato. Dale cimentou sua reputação com o caso. Pediu aos jurados e aos espectadores que imaginassem o que uma ervilhinha (a palavra que o pai usava, ela lembrou com um pouco de náusea) estaria sentindo, dizendo: “Me deixem viver. Me deixem continuar aqui’ enquanto sentia aquele remédio trabalhando contra ela.” O *Post* disse que a voz do bebê ainda não nascido, com a qual ele falou, fez alguns jurados chorarem, principalmente enquanto descrevia a vida que a garotinha poderia estar vivendo, andando por aí e pegando tudo por perto e com cabelo sedoso começando a crescer. Dale Beegan teve que parar nessa hora, dizia o jornal, para se recompor no púlpito; o repórter conseguiu ver os ombros dele tremendo.

– Ele quis que eu testemunhasse – dissera Barbara. – Achou que eu seria a testemunha ideal, oferecendo meu passado para que estranhos pudessem me julgar. Eu não sabia, Evelyn. Eu jamais teria tomado o remédio se soubesse. Era só para a pele, para ficar com a pele limpa, e eu jamais teria tomado.

– Tudo bem – falara Evelyn, erguendo o olhar do riacho para a mãe.

– Nós não sabíamos na época...

– Tudo bem – repetira Evelyn.

– Não era dele – dissera a mãe, com a raiva perfurando as palavras.

– O bebê? – perguntara Evelyn, alto demais.

– É claro que o bebê era dele, Evelyn. O que se passa na sua cabeça? Só não era dele para que usasse assim. Para que explorasse. Fui eu que perdi o bebê.

Evelyn achou que os pais começaram a dormir em quartos separados nessa época.

Com Dale trabalhando, a juventude de Evelyn foi quase toda dela e de Barbara, uma mesa para duas no Eastern Tennis Club. Quando criança, nas manhãs de segunda, Evelyn esperava até ouvir os sapatos do pai no cascalho, depois ia até a sala do piano e se sentava debaixo do cobertor azul-marinho áspero no sofá. Tentava manter os olhos abertos até a mãe se juntar a ela minutos depois, mas muitas vezes estava cochilando quando sentia a mão fria acariciar seu cabelo, quando abria os olhos e a mãe começava a tocar o piano. Barbara começava com escalas, leves e fluidas, depois seguia para "Oh, What a Beautiful Mornin'" ou "Bill". Às vezes, perguntava a Evelyn o que ela queria ouvir. Evelyn, que sempre pensava nessa pergunta por vários dias, dizia para ela. Se a mãe e o pai estavam zangados um com o outro, pedia "Waitin' for My Dearie" ou "If I Loved You", pensando que ninguém podia tocar essas músicas e não ficar apaixonado. Se a mãe estava tendo dias de mau humor, Evelyn pedia uma música engraçada, como "Sister Suffragette". Às vezes, quando a mãe estava feliz por um ou dois dias e fazia planos com amigas ou para Evelyn, ela sabia que podia pedir o que realmente queria: "Somewhere", de *Amor, sublime amor*. "Há um lugar para nós", ela cantava para os bichos de pelúcia à noite.

Evelyn começou a tocar quando tinha 5 anos, e os cadernos de notas grandes de Clementi e Mozart ainda estavam guardados nos armários na lateral da sala do piano de Sag Neck, junto com Irving Berlin, George Gershwin e Frank Loesser de quando ela melhorou. Ela ficou surpresa com o quanto as músicas dela pareceram melhores quando se mudaram para lá; a sala do piano era quase um salão de concerto. Ninguém a incomodava quando ela estava tocando, mas às vezes Evelyn conseguia esticar o pescoço por cima do piano e ver a mãe sentada no pátio, ouvindo. Eram os melhores momentos, a mãe ali, mas de costas para ela e vendo o riacho Meetinghouse passar, uma janela oferecendo uma divisão firme entre elas, os dedos de Evelyn criando músicas.

Evelyn costumava esperar o pai chegar de Wilmington às sextas-

feiras, para passar o fim de semana. Isso mudou depois do caso de Peg Oney. Depois da declaração de abertura do caso, a família saiu para jantar com os reclamantes em um restaurante italiano com cardápios de plástico na beira da rodovia, e todo mundo na cidade foi até seu pai para agradecer pelo trabalho que ele estava fazendo. "Seu pai é um homem tão especial...", "Ele tem sido tão bom para nós...", "Você tem tanta sorte...". O pai estava tão ocupado sendo bajulado que quase não falou com ela nem com a mãe, mesmo depois da longa viagem.

Barbara arrastou Dale para longe da multidão encantada, e Evelyn sentiu vontade de se esconder debaixo da mesa quando viu a mãe tirar da bolsa um cartão de Dia dos Namorados de papel cor-de-rosa feito na escola, que a filha levou para casa uma semana antes e que dizia "Papai" com a caligrafia hesitante dela na frente, e empurrar contra o peito de Dale. Parecia que era o coração cor-de-rosa dela batendo naquele papel áspero quando o pai olhou e sua boca virou uma linha, e nem ele nem a mãe disseram nada para ela, que não conseguiu dormir direito naquela noite, imaginando o cartão em cima de uma pilha de macarrão velho no lixão do restaurante. Barbara e Evelyn foram embora de Cresheim três dias antes do planejado.

Foi nessa época que Barbara começou a fazer Evelyn de confidente e conspiradora, o que era emocionante algumas vezes, mas em outras era muito desagradável. Barbara explicou que Dale não controlava os próprios gastos quando queria, mas era avarento com ela. Então, Barbara mandava Evelyn ao escritório para perguntar se podia comprar raquetes de tênis novas ou chamar um jardineiro, e ele às vezes concordava. Conforme foi ficando mais velha, ela começou a se contorcer por dentro quando fazia isso, ao ver os olhos dele se erguerem da página mais uma vez e darem de cara com a filha, já mais alta na porta do escritório, pedindo coisas que queria: dinheiro para poder viajar pela Europa durante o semestre em Sarennes, a taxa adicional para ter um quarto sozinha em Davidson.

Quando Barbara levava Evelyn para a escola ou para o Eastern Tennis Club, ela ouvia uma trilha sonora repetitiva. "Seu pai nunca

está aqui." "Seu pai cancelou de novo." "Seu pai foi o motivo de eu não ter entrado naquele comitê". "Seu pai é um perigo social". "Se seu pai não fosse advogado de reclamantes..." "Se seu pai não fosse advogado..." "Então, Evelyn, então teríamos vencido na vida."

O cachorro do vizinho estava pulando com um pássaro do tamanho de um pardal na boca. Evelyn se perguntou se o cachorro tinha matado o pássaro primeiro ou se o pobrezinho estava morrendo de medo enquanto ela olhava. A ideia de que um grande júri estava investigando seu pai era massacrante, latejante, apavorante. Era um descuido tão grande dele se colocar nessa posição. O pai pegava no pé dela por causa do emprego no People Like Us, mas fez uma coisa questionável o bastante para investigadores federais o investigarem? Ela teve que implorar por 450 dólares, mas investigadores achavam que ele subornou especialistas para conseguir vereditos de muitos milhões?

– Evelyn! – gritou a mãe do corredor, e Evelyn ouviu passos logo em seguida. – Evelyn? – A mãe abriu a porta sem bater. – Você não se trocou?

– Não me troquei?

– Para a festa. Vamos sair em trinta minutos.

– Vocês ainda vão à festa dos Channing?

– Ainda vamos, sim. Não tenho interesse em não ir e deixar que isso seja o assunto da festa. Vá se vestir – ordenou Barbara.

Evelyn continuou olhando pela janela.

– Evelyn, estou falando sério. Vá se vestir. Você tem quinze minutos.

Evelyn se virou na cadeira da janela e olhou para a mãe. Barbara tinha se dedicado à roupa. Estava com um lenço enrolado no pescoço e usava o maior colar de pérolas que tinha, um vestido de linho azul-marinho e sapatos Ferragamo bege. Também estava usando o anel de diamantes que selecionou para o aniversário de vinte anos de casamento com Dale.

– Eu não quero ir – disse Evelyn.

Para sua surpresa, Barbara ficou em silêncio. Para sua surpresa

maior ainda, Barbara foi até a cama, se sentou e segurou a ponta de um travesseiro. Evelyn tentou categorizar esse comportamento; só tinha visto a mãe se sentar em sua cama duas vezes na vida, quando a filha estava doente. Barbara puxou um fio solto do travesseiro e o estava enrolando lentamente. Evelyn foi até a cama e tirou o travesseiro da mãe. Sentiu-se estranha de pé na frente dela.

– Isso não é bom, Evelyn. – Barbara estava olhando para onde o travesseiro estava antes.

– Talvez esteja tudo bem. Não sabemos. – Evelyn esticou a mão com constrangimento para devolver o travesseiro, mas Barbara pareceu não ver.

– Isso não é bom.

No teto, o ventilador girava e movia o calor denso do verão pelo quarto, mas não oferecia nenhum alívio.

– Ele achou, eu achei, que seria mais fácil. Parecia que os antecedentes não seriam importantes; estávamos nos anos 1960. Eu não era hippie, mas parecia que tudo estava mudando. Uma coisa para a nova geração. Mas de repente ele, tudo, desmoronou. Aqueles primeiros anos foram tão difíceis. Seu pai só trabalhava, eu ficava sozinha, tentando fazer linóleo parecer uma coisa boa. – Ela fez uma pausa e passou a mão pela colcha da cama. – Você acha que não importa como o dinheiro é ganho. Mas está sempre lá. Sempre por perto, por baixo, está o ganha-pão. Um advogado de tribunal. Processando gente que está trabalhando e produzindo.

Evelyn apertou o travesseiro com força. Ela sabia, e sabia bem, que importava como o dinheiro era conseguido e, mais importante ainda, quando. Tinha visto em Sheffield, onde as garotas com nomes do meio incríveis que significavam famílias antigas e ricas entravam e saíam dos círculos que queriam, confiantes de que seriam aceitas, e via agora com Camilla. Não dava para encobrir o cheiro de dinheiro novo, intenso e plástico como uma cortina de vinil de banheiro tirada da embalagem. Você pode tentar usando casas velhas, móveis velhos e imitando os modos das pessoas que vivem essa vida há séculos. Mas, a não ser que sua fortuna também tivesse gerações de idade, isso – você – jamais contaria

da mesma forma.

Ela parou de apertar o travesseiro. A questão com o pai era terrível, mas talvez estivesse permitindo que uma nova Barbara se manifestasse. Uma Barbara acessível, até vulnerável. Uma Barbara que se sentava na cama da filha.

A mãe se levantou e esfregou as mãos.

– Evelyn. Essa confusão com seu pai vai chegar com tudo, e vai ser logo. Se o acusarem, se isso acabar em julgamento ou acordo, pode significar dinheiro também. Nós, pagando para o governo. Você tem que cimentar onde está em Nova York. Entende o que estou dizendo? Sua posição. Sua reputação. Acho que seu emprego no site pode ser bom para você, afinal. Você é amiga de Camilla Rutherford, e está reavivando a amizade com Preston. Tem que continuar com isso. Você precisa de uma coisa sólida por baixo antes que isso tudo... – Ela baixou as mãos. – Entendeu?

Evelyn colocou o travesseiro na cama e enfiou o fio solto para trás.

– Entendi.

– Essas amizades podem ser muito, muito importantes. – Barbara olhou com atenção para a filha. – Eu gostaria que você fosse à festa dos Channing.

Evelyn assentiu lentamente e deu à mãe o que esperava ser um sorriso tranquilizador.

– Eu vou.

Quando Evelyn desceu de vestido, os ombros da mãe estavam empertigados e os olhos estavam ferozes, e no caminho de carro até lá Barbara falou que o jardim de Sally tinha ficado infestado de pulgões este ano. Em algum momento entre o quarto de Evelyn e a porta da frente, a mãe ouviu um sussurro e se lembrou das falas e subiu ao palco. A conversa ficaria nas coxias; não tinha nada a ver com os papéis delas.

8

NOVA YORK, NOVA YORK

Evelyn se inclinou na direção da janela do trem, procurando a placa TRENTON CONCEBE, O MUNDO RECEBE, que sempre procurava na volta a Nova York. Ela sabia agora que Trenton era uma cidade pobre de Nova Jersey, mas se lembrava da primeira vez que a viu, na primeira viagem a Nova York, quando tinha 10 anos. Tudo naquele trajeto de trem foi mágico, e ela imaginava Trenton como uma oficina de Papai Noel depois de ver aquela placa, uma cidade que fazia algodão-doce e asas de libélula.

Até a Penn Station foi encantadora naquela primeira vez, cheia de mais gente do que Evelyn já tinha visto reunida. Barbara a puxou pela multidão até a rua, depois chamou um táxi com cheiro de banheiro químico, que tinha um aromatizador em forma de pinheiro feito de papelão pendurado na janela e que Evelyn teve que pedir à mãe para explicar o que era.

Elas ficaram no Plaza Hotel e, imediatamente depois de chegarem, foram tomar chá. No chá da tarde (nunca chame só de chá, dissera Barbara), Evelyn demonstrou o que ela e a mãe estavam treinando em casa. As sobancelhas ficaram franzidas de concentração, pois ela não queria arruinar o bom humor da mãe. Guardanapo no colo assim que você se senta. Guardanapo na cadeira se você sair. Creme no chá English breakfast, tudo bem; creme no Earl Grey, nunca. O creme é servido depois do chá. (Quando Evelyn perguntou por quê, Barbara mandou que ela parasse de fazer tantas perguntas. Mais tarde, em uma viagem até Bath com um grupo de Sheffield, Evelyn descobriu que a classe média inglesa tentava impedir as manchas nas xícaras servindo o leite primeiro. A classe alta nunca precisava tirar as manchas ou

tinha xícaras suficientes para que isso não fosse problema.) Sanduíches de pepino em mordidas elegantes. Limpar o cantinho da boca com o guardanapo, sem esfregar.

Quando a mãe foi ao banheiro, Evelyn colocou uma das flores comestíveis na boca e mastigou com vontade; tinha certeza de que isso não estava na lista de comportamentos adequados.

Na manhã seguinte, Barbara declarou que ia mostrar à filha a Nova York de Barbara Topfer. Algumas das amigas da Hollins moraram ali, e Barbara passou prolongados fins de semana felizes na cidade. No Frick, depois que elas passaram uma hora olhando as obras de arte, Barbara desapareceu um tempo e voltou balançando um panfleto brilhante.

– Está gostando de Nova York, Evelyn? – perguntara ela, sentando-se ao lado da filha em um banco frio de mármore. – Acho que devíamos passar mais tempo aqui, você não acha?

Evelyn, que tinha visto um outdoor de *Cats*, disse que sim e perguntou se elas podiam ir à peça. A mãe respondeu que a Times Square era cheia de depravados sexuais.

Na manhã seguinte, Barbara acordou Evelyn cedo, dizendo que elas tinham hora no salão e que iam almoçar com uma amiga íntima dela, da Hollins. A amiga Push, como as amigas da Hollins a conheciam, não só tinha se casado com um homem da família Van Rensselaer, mas também era uma Pierrepont pelo lado do pai e uma Phipps pelo lado da mãe.

– “Push?” – perguntara Evelyn.

– Não seja rude – respondera Barbara.

Evelyn imaginou uma mulher cheia de camadas de gordura que derrubava porcelana sempre que se virava.

Barbara mandou lavar e arrumar seu cabelo no salão do Plaza e pediu que o de Evelyn fosse enrolado em cachos longos que já estavam desmontando quando elas saíram de lá. No elevador para o quarto, Barbara contou mais sobre a amiga de nome misterioso, que Push devia ter ido ao seu casamento, mas cancelou no último minuto, e claro que Push tinha outros compromissos em Nova York e teria ido, só que não estava se sentindo bem e a viagem até Durham era longa. Push foi uma debutante conhecida, cujo baile

apareceu na *Life*, embora não fosse culpa dela. Ela não permitiu fotografos públicos no baile, mas a imprensa brigou para conseguir uma foto dela.

Mesmo aos 10 anos, Evelyn não acreditou na história da mãe. De repente, a mãe era amiga íntima de uma Van alguma coisa que era outra coisa pelo lado da mãe? Além do mais, a mãe virara especialista em debutantes. Uma pergunta voava pela mente de Evelyn como um mosquito, e ela tentou afastá-la, mas os cachos roçavam nos ombros de forma irritante, e ela queria ver a estátua de Alice no País das Maravilhas no Central Park em vez de ter que usar um vestido que pinicava, então soltou:

– Você se divertiu no casamento dela, mãe?

Barbara esperou que as portas do elevador se abrissem e virou rapidamente para a direita.

– Ah, eu não pude ir. Nova York era muito longe naquela época, e eu tinha minha vida social para cuidar.

O mosquito estava zumbindo mais alto ainda, procurando pele para picar.

– Push ficou triste de você não ir?

– Ah – dissera Barbara, tentando enfiar a chave na fechadura. – Tenho certeza de que ficou triste pelas amigas que não foram.

– Você guardou o convite? Seria legal ver.

– Evelyn, você devia trocar de roupa. Esse vestido faz sua barriga parecer grande.

Evelyn tirou o vestido. Mas o mosquito queria sangue.

– Deve ter sido triste perder um evento tão importante da sociedade.

– Cuidado, Evelyn. Não quero ouvir nada sobre isso quando a encontrarmos. Entendeu?

Push cresceu na 66th Street com Park e, nas décadas seguintes, se mudou para duas quadras acima e para o lado, para a 68th com a Fifth Avenue. Barbara não queria andar até lá do Plaza, pois estava com medo de a sujeira da cidade estragar suas roupas, e pediu um carro preto comprido especial para levá-las. Usava um terninho cor-de-rosa com botões dourados na frente, e Evelyn estava com um vestido azul florido de Laura Ashley com uma gola

de renda na frente que achava que fazia com que parecesse puritana.

A primeira coisa que Evelyn viu quando elas saíram do elevador foi um quadro de um jovem soldado tocando tambor com bochechas rosadas, pendurado em cima de uma mesa dourada com flores cor-de-rosa. Uma empregada as levou aposento atrás de aposento, até elas chegarem a uma sala com janelas dos dois lados, onde o telhado parecia quase tão alto quanto o saguão do Plaza e havia um candelabro grande e mais vasos de flores frescas. Ela sabia que flores frescas eram caras porque os pais sempre brigavam para decidir se eram necessárias ou não.

Evelyn foi até a janela e olhou os táxis lá embaixo, até que a mãe disse "Evelyn!" e inclinou a cabeça na direção de uma cadeira, e ela afundou em uma poltrona verde grande e seus pés não tocavam no chão.

Em seguida, anunciada por um tilintar de pulseiras, Push chegou. Evelyn soube na hora que era Push pela preocupação apressada de uma empregada atrás dela e porque usava um tipo de blusa que Evelyn nunca tinha visto, toda leve ao redor do pescoço. O cabelo estava preso em uma coisa que parecia um coque, seguro por sorte e por um palito. Push usava batom vermelho, que a mãe tinha dito uma vez que era usado por garotas de programa, e embora Evelyn não soubesse direito o que era isso, tinha certeza de que Push não era uma e que a mãe talvez estivesse errada.

– Barbara, que delícia ver você de novo, você não envelheceu nem um dia – exclamara Push ao se aproximar do sofá do qual Barbara pulou.

Evelyn meio que se levantou, mas voltou a se sentar, esquecendo completamente se devia estar em pé ou sentada quando apertava a mão de um adulto. Mas estava confiante em seu aperto de mão; a mãe a fez treiná-lo dois anos antes, porque ter um aperto fraco era convidar o desrespeito.

As adultas começaram a conversar, e demorou um tempo para Push reparar em Evelyn, sentada de forma desconfortável na poltrona para o caso de ser chamada e mandada sentar ou ficar de pé.

– Ah! Essa deve ser sua filha! Oi, sou a sra. Van Rensselaer – dissera ela, esticando a mão para Evelyn, que apertou com determinação.

– Sou Evelyn. É um prazer conhecê-la.

– Você também vai ser uma garota da Hollins? – perguntara Push.

– Espero ser – respondera Evelyn, com um sotaque que achou ser parecido com o da baronesa Schraeder de *A noviça rebelde*.

– Ah! Que lindo. – Ela se virou para Barbara com um sorriso. – Também tenho uma filha, mas ela é bebê. Vamos ver se vou conseguir matriculá-la na Hollins um dia também.

As adultas continuaram conversando, depois Push fez sinal para uma pessoa, e uma travessa de chá foi colocada na mesa, e Evelyn entendeu por que ela e a mãe estavam treinando no Plaza.

Push serviu uma xícara para Barbara e uma para Evelyn, que a ergueu pela asa. Ela olhou para ver se Push ia colocar creme no chá. Ela colocou, depois do chá, então Evelyn deduziu que era English Breakfast e esticou a mão para o creme. Em seguida, Push colocou limão, que Evelyn achava que era proibido e, perdida, olhou para a mãe, mas a mãe não estava prestando atenção.

– É tão bom ver velhas amigas – começara Barbara. – E é maravilhoso estar de volta a Nova York. A cidade tem tanta vitalidade.

– É um lugar maravilhoso de morar – concordara Push.

– Uma coisa que nos falta em Bibville é o tipo de vida cultural que vocês têm aqui. Levei Evelyn ao Frick ontem e ela se sentiu transportada.

Isso não era verdade; Evelyn gostou do lago, mas as obras de arte eram chatas.

– Bibville... – dissera Push vagamente.

– Um lugar lindo em Eastern Shore, cheio de políticos no verão.

– Eastern Shore.

– Em Maryland.

– Claro.

– O Frick está fazendo um trabalho fascinante. Você é do comitê de lá, pelo que me lembro.

Push franziu as sobrancelhas.

– Tem pouco tempo, sim.

– É uma instituição tão valorosa.

– É.

A mãe de Evelyn envolveu a asa da xícara com o dedinho.

– Espero passar mais tempo em Nova York agora que Evie está quase fora de casa – comentara ela.

– Ela está mesmo quase fora de casa? Quantos anos você tem, Evelyn?

– Dez – respondera Evelyn.

– Quase onze – completara a mãe –, e estamos considerando um colégio interno.

Foi a primeira vez que Evelyn ouviu qualquer coisa sobre o assunto, mas, por ser leitora entusiasmada de *Pen Pals*, uma série de livros adolescentes sobre garotas chamadas Palmer e Shanon que frequentavam colégios internos, ela gostou.

– Ah, meus meninos estão em Sheffield e adoram. Eu estudei na Porter. Então você só vai ouvir coisas boas de mim.

– Vou detestar perder minha queridinha, mas você sabe como é. Em relação a Nova York. Eu adorava quando vínhamos para cá na faculdade. Eu acho que gostaria de me envolver mais com o Frick.

Push ergueu o bule de chá e o colocou de volta na bandeja, olhando na direção da porta, mas a empregada tinha sumido. Barbara prosseguiu:

– A coleção de lá é tão forte. É um centro tão intenso de vida social.

– Obrigada. É uma instituição incrível. Não consigo imaginar aonde Rosa foi. Você não quer biscoitinhos amanteigados?

– Obrigada, não. Mas, quanto ao Frick, eu adoraria me envolver mais. Se você se lembra, eu era muito fã de arte na Hollins.

Evelyn estava totalmente imóvel.

– Bem. – Push ajeitou o guardanapo. – Há programas docentes, mas acho que seriam mais adequados a pessoas que moram aqui. Os horários podem ser surpreendentemente exigentes.

– Eu estava mais interessada em um lugar no comitê caso uma vaga se abrisse.

– Lugar no comitê? Barbara, acho que isso é... depende dos outros diretores e executivos e do escritório de desenvolvimento. Não passo de uma organizadora de festas supervalorizada, na verdade. Tenho muito pouca influência.

Barbara ajeitou a saia.

– Bem, a firma do meu marido está sempre procurando patrocínio corporativo.

Ao ouvir isso, Push ergueu o rosto.

– Que firma?

– Leiberg Channing.

Push não parecia já ter ouvido falar.

– Humm.

– A firma fica em Wilmington e é muito influente. Muito mesmo.

– Tenho certeza de que é – comentara Push. – Não trabalhamos muito com outras cidades; somos uma instituição nova-iorquina. Agradeço muito seu interesse, mas não sou eu quem cuida disso. Deve haver algumas galerias em Bib... Bib... Maryland que vão adorar ter sua ajuda.

Barbara repuxou os lábios sobre os dentes.

Push levantou um dedo, e desta vez Rosa se materializou, respondendo à mudança de quase dez centímetros na altura do dedo da patroa. Rosa tirou o pires e a xícara pela metade que Evelyn estava segurando, e a bandeja toda de chá foi levada.

– Fico feliz de você gostar do Frick. Vou dizer para o curador que agradou o olhar criterioso de uma garota da Hollins – falara Push de forma agradável. – Todas aquelas aulas divertidas de arte que fomos obrigadas a fazer. Ah, isso me lembra de por que estamos aqui. Estou tão feliz de você ter me dito que vinha visitar Nova York, porque não suporto fazer essas coisas pelo telefone. É tão impessoal, na minha opinião. Odeio ser tão direta, mas esse ano vai ter reunião, e gostaríamos que você aumentasse seu nível de apoio.

Evelyn viu que a mãe tinha virado a cabeça para a janela, fingindo grande interesse na cor do céu e nos topos dos prédios. Olhou para Push, que estava observando Barbara com expectativa, mas ela conhecia esse jogo e sabia que não daria em nada. Evelyn

esperou o silêncio ficar tão longo que sentiu vontade de gritar e tentou fazer a mãe falar alguma coisa com a força do pensamento, mas Barbara não disse nada. E então, Evelyn deu um sorriso hesitante para Push.

– Minha mãe adorava Hollins. Ela fala de lá o tempo todo.

Push desviou o olhar para a esquerda e depois para baixo, como se estivesse olhando por um binóculo e tentando localizar um anfíbio especificamente pequeno.

– Ah! Isso não é adorável?! – questionara ela.

Evelyn bateu um calcanhar no outro e juntou as pernas.

– Parece ter sido uma experiência divertida. O Dia da Tinker parece que era muito divertido.

– Nossa, o Dia da Tinker era uma tradição tão maravilhosa da Hollins, não era, Barbara?

Barbara virou a cabeça de leve com um sorriso desligado, como se Push e sua filha estivessem em uma tela de televisão, objetos de pouco interesse, mas com os quais ela não tinha envolvimento emocional.

Push não pareceu desanimar.

– Isso mesmo, e o Dia da Tinker significava que não tínhamos aulas no dia, e todo mundo subia a montanha Tinker. Algumas garotas ficavam agitadas demais na caminhada. Que selvagens nós éramos!

– Vocês não faziam piqueniques legais quando chegavam lá? – perguntara Evelyn.

– Os piqueniques, ah, sim, claro! Ah! – Push bateu as palmas bem alto. Rosa entrou correndo, mas saiu correndo quando viu que Push só estava agindo com animação, não dando ordens. – Acho que tenho uma coisa de que você vai gostar muito! Venha, venha!

Em um instante, Push se levantou da cadeira e saiu correndo para uma porta lateral de vaivém. Evelyn também se levantou, depois olhou para a mãe. Barbara a encarava, e a pele ao redor dos lábios estava frouxa. Uma garra ácida começou a arranhar a lateral do estômago dela, mas ela já estava fora da cadeira, e Push esperava com expectativa. Evelyn se virou e seguiu Push por várias salas pequenas até uma biblioteca, com estantes de madeira com

livros acima de mais estantes e uma escada com rodinhas presa ao alto da parede.

– Está em algum lugar aqui – dissera Push, deslizando na escada e empurrando com uma das pernas pela sala. – Não vejo há anos, mas desconfio... venha aqui! – Evelyn foi. Push estava jogando fitas e cartões de um lado para outro de uma caixa pequena e tirou uma fita larga cor-de-rosa e verde. – Aqui está! Foi o que usei no Dia da Tinker no segundo ano, como faixa de cabeça, sabe. Todas usávamos coisas estranhas, e era maravilhoso usar uma coisa que uma ex-aluna já tivesse usado. Se você vai ser garota da Hollins, acho que devia levar.

Evelyn olhou para a mulher com incerteza.

– Ande, pegue!

A fita era feita de gorgorão, amarrada nas pontas e desbotada. Evelyn pegou como se fosse um pardal ferido e colocou delicadamente na mão em concha.

– Muito obrigada.

– É um prazer. É maravilhoso quando a geração seguinte se envolve com a Hollins. É melhor voltamos para sua mãe, não é?

– Sim, sra. Van Rensselaer – concordara Evelyn.

Quando elas voltaram para a sala, Barbara estava de pé com os ombros projetados para trás.

– Obrigada pelo chá – dissera Barbara com voz baixa.

– Claro, Barbara. Pense na doação. Realmente, se a firma do seu marido estiver interessada em filantropia, não consigo pensar em lugar melhor do que a Hollins. Alguns dos programas de bolsa são muito...

– Entendi – respondera Barbara, e começou a andar na direção do elevador sem olhar para a filha. Estava na metade da sala quando Evelyn se deu conta de que era melhor ir atrás dela.

– Marquei você e seu marido como doadores de cinco mil – avisara Push com alegria, gritando da sala de estar. – Ele deve receber uma ligação do departamento de desenvolvimento. Estou tão feliz de a Hollins poder contar com você! *Esse quam videri*, como a escola nos ensinou! Adeus, foi ótimo revê-la! Divirta-se em Bibbington!

Evelyn mal tinha chegado ao elevador quando as portas se fecharam, e o estômago foi ficando mais embrulhado ao perceber que Barbara não falou com ela conforme o elevador descia, nem quando o carro preto com o motor ligado as engoliu. Evelyn passou o dedo no tecido puído da fita, ainda segura na mão, que parecia a língua tranquilizadora de um gato. Cada minuto que passava em silêncio furioso aumentava a pressão e tornava mais impossível consertar a situação.

Barbara só falou quando elas estavam no elevador do Plaza.

– Bem. Foi uma atuação e tanto. – A voz dela parecia a tampa de uma panela cheia de água fervente.

A garra no estômago de Evelyn arranhou de novo, com mais força desta vez. Ela deixou a voz suave, torcendo para que soasse vulnerável.

– O que você quer dizer?

Barbara fez um beicinho horrível e franziu o nariz.

– Ah, “minha mãe adorava o Dia da Tinker” – dissera ela, com a voz um pouco fina. – Ah, “estou tão animada para ser garota de Hollins”. – Os arranhões da garra estavam virando líquido quente agora. – Que diabos ela queria mostrar?

– O quê? – perguntara Evelyn, enrolando.

– Quando ela levou você lá dentro. O que ela queria mostrar? – Barbara enfiou a chave na fechadura do quarto do hotel e quase abriu com um chute.

– Só umas coisas da escola. Um anuário.

– Anuário? – Barbara apertou os olhos para Evelyn. – Ela deu alguma coisa para você?

– Não – respondera Evelyn, apertando a fita, já úmida.

– Você está mentindo. – A voz da mãe ficara mais baixa. – Você mente muito mal. Me deixe ver.

Barbara esticou a mão. Evelyn apertou a dela.

– Agora – exigira Barbara.

Evelyn recuou na direção da parede até uma cômoda grande, onde achava que conseguiria esconder silenciosamente a fita. Sua mãe segurou seu pulso antes que ela conseguisse chegar lá, abriu sua mão e pegou a lembrança.

– O que é isso? Cores da Hollins. Tem a ver com o Dia da Tinker? Você pediu isso?

– Não, não. A sra. Van Rensselaer me deu.

– Deu nada. Depois de você ficar toda agitada lá como uma porcaria de caixeira-viajante. Você nunca teve senso de orgulho. Igual ao seu pai.

Evelyn se encolheu a cada palavra, tentando recuar mais, mas não havia para onde ir.

– Vou dizer o que você pode fazer com essa porcaria de lembrança do Dia da Tinker – falara Barbara.

Ela se virou e andou na direção de um cesto de lixo, mas parou e virou para o banheiro, esbarrando em Evelyn com tanta força que os braços das duas bateram. Evelyn ficou parada com os olhos fechados, tentando não respirar muito alto. Ouviu a descarga e a água da pia, depois a porta do banheiro fechar. Evelyn se perguntou o quanto conseguia deixar o corpo imóvel. Estava com medo de que, se fizesse barulho, a mãe saísse do banheiro antes de a raiva passar. Então, ficou com as mãos nas laterais do corpo, ouvindo só o zumbido do ar-condicionado trabalhar e parar em intervalos regulares para manter o quarto em temperatura constante. Descobriu que, se respirasse metade da quantidade normal de ar pelas narinas, o peito nem se erguia. Conseguiu até quase sair flutuando do corpo ver a si mesma do teto.

9

BLUES DE WALL STREET

O trem da Amtrak deixou Evelyn na Penn Station, e ela seguiu a multidão pelas escadas rolantes até a sala de espera, ainda atordoada pela Nova York de dezesseis anos antes. Conseguiu um táxi em poucos segundos, pois o fim de semana prolongado do Quatro de Julho tinha deixado a cidade vazia naquele domingo. A família sobreviveu à festa dos Channing, como ela sabia que aconteceria, Barbara com comportamento forçado e alegre, Dale discutindo uma moção e Evelyn ficando perto dos bolinhos de caranguejo e dos ovos temperados. Ninguém, dentro ou fora da família, mencionou a investigação do grande júri. Ainda assim, Evelyn ficou esgotada depois do fim de semana e bateu com o dedo na janela do táxi, perguntando-se se era tarde demais para cancelar seu segundo encontro com Scot naquela noite. Ele tinha escolhido um bistrô francês na 79th Street, e a ideia de vê-lo em dilema entre um steak tartare e filé com pimenta parecia mortal. Mas, depois que o táxi a deixou no apartamento, a investigação começou a tomar conta dos seus pensamentos, e ela decidiu que precisava sair e interagir com alguém. Pagaria pela sua metade da refeição, decidiu, e faria com que Scot soubesse no final que, apesar de ter gostado de sair com ele, aquilo – eles – não estava dando certo.

Evelyn aceitou com relutância um primeiro encontro com Scot quando ele ligou após o fim de semana em Lake James. Ela foi ao encontro com quatro ou cinco tópicos de conversa, mas gastou todos antes mesmo de o garçom ter levado o cesto de pães. Ela guiou a conversa, e o fardo era pesado. Eles trocaram frases sobre si: ele cresceu na Califórnia, mas se mudou para o Arizona depois

que a mãe se casou novamente e sempre achou que não era um cara do Arizona, porém só se sentiu em casa quando foi fazer mestrado em Harvard. Ela disse que cresceu em uma cidadezinha de Chesapeake Bay e que a água e o litoral eram lindos. Ele falou a respeito da tese da faculdade sobre a sobreposição de Adam Smith e Friedrich Hayek, e ela tentou sufocar um bocejo. Então, ele mudou de assunto, ou achou que estivesse mudando, e começou a falar acerca do imposto de ganho de capital, mas isso levou a uma discussão com ele mesmo do imposto sobre heranças. Ele era um cara gentil e legal. Quando a beijou depois do primeiro encontro e Evelyn limpou a saliva da boca de um jeito um tanto óbvio, ela se sentiu uma cretina. Também não conseguiu pensar em um bom motivo para não sair com ele de novo.

Evelyn se preparava para encontros como se estivesse estudando para uma prova de uma matéria a cuja aula quase não assistiu. Para Harris Reardon, um consultor chato da McKinsey com quem ela saiu logo que terminou a faculdade, estudou beisebol até ter opiniões fortes sobre as corridas impulsionadas de B.J. Upton. Para Jack Lynch, um amigo de um amigo de Charlotte que era analista de pesquisas na Bear Stearns, ela tentou aprender o suficiente sobre vinhos para poder falar sobre o aroma e o buquê de forma tão pretensiosa quanto ele. Era assim que ela se aproximava de todos os homens, decidindo que versão dela mesma apresentar para fazer com que o cara ficasse interessado nela.

Evelyn não conseguia identificar por que sua vida amorosa nunca decolou. Foi lenta desde o começo, em Bibville. O garoto de quem ela gostava no fundamental II, Josh Meisel, demonstrou um interesse breve e surpreendente nela no sexto ano, quando ligava para ela na linha particular durante um episódio de *Quantum Leap* para perguntar sobre o dever de matemática, mas na escola Evelyn ficava nervosa demais para falar com ele e, durante as raras conversas deles, olhava para o nada com uma expressão que achava que era um tanto europeia. Isso não o cativou.

O mundo sempre dizia para ser ela mesma, mas acabava que, quando era ela mesma, nenhum homem se interessava, então só restavam os jogos de faz de conta, expressando entusiasmo pelo

que quer que os homens quisessem fazer, fosse escalar, ir a uma harmonização de queijos e cervejas ou a um jogo do Knicks.

Ela seguiu para o oeste na 74th Street, tentando manter os pensamentos sobre o caso do pai longe da cabeça, e conseguiu até uma mulher de terninho cinza, com os ângulos firmes de promotora, lançar um segundo olhar perturbador para ela. Evelyn virou para o sul. Na 72nd Street, começou a se perguntar quais jornais cobriram o caso. Na 70th, ficou com medo de o pai ser preso. Na 69th, quando virou à direita, achou que todos os amigos e chefes do PLU já deviam saber e estar rindo dela pelas costas. Quando finalmente parou em frente ao Le Charlot, a vida toda estava desmoronando.

Ela achou que tivesse se recomposto quando entrou e viu Scot à mesa tomando água. Andou até lá e pretendia abrir a boca e dizer algo leve e alegre, mas ficou de pé, com a boca aberta e sem emitir som algum, e de repente começou a chorar.

Scot se levantou da cadeira e, para a surpresa dela, não hesitou. Ele a puxou em um abraço envolvente. O peito dele era firme e quente, e os braços longos o bastante para aninhá-la toda, e o suéter de algodão era macio, e ele tinha cheiro de Natal, e pela primeira vez disse a coisa certa ao não dizer nada.

– Quer andar? – perguntou ele depois de alguns minutos, nos quais ela encharcou a camisa dele com lágrimas.

Ela assentiu e tentou limpar a mancha escura que deixou no algodão azul-céu, mas ele só disse “Deixa” e a guiou pelo restaurante borrado. Quando viraram na 69th Street, Evelyn começou a emitir tentativas de uma palavra só para se explicar. Scot não forçou nada, só deixou a mão grande e quente nas costas dela e andou lentamente ao lado dela pelo quarteirão, atravessou a rua, desceu outro quarteirão, atravessou outra rua, por vezes envolvendo as costas dela com a mão, mas, fora isso, só a deixando chorar. Enfim, ela se sentou em um banco em frente a um consultório de oculista e tentou limpar sutilmente o que devia ser rímel acumulado debaixo dos olhos enquanto Scot se sentava ao seu lado.

– Me desculpe – disse ela. – São coisas de família.

– Tudo bem.

Ela não conseguia se lembrar de ter ficado tão aliviada com duas palavras. Sem perguntas. Sem curiosidade. Só “tudo bem”.

– Tudo bem? – repetiu ela.

– Tudo bem. – Ele acariciou o cabelo dela, e ela sentiu aquele formigamento delicioso e tranquilizador que experimentou nas poucas vezes que foi convidada para dormir na casa de amigas no fundamental II e as garotas trançaram os cabelos umas das outras.

– Ainda está com vontade de comer?

Ela fez que não.

– Quer que eu leve você para casa?

Ela fez que não de novo.

– Devemos só ficar aqui por um tempo?

Ela ergueu o rosto e viu em meio às lágrimas uma pessoa do outro lado da rua que parecia uma colega de Sheffield. Não era, mas era parecida o bastante para ela querer sair do local.

– Por que não vamos para seu bairro? – perguntou ela.

– Wall Street em um domingo? Vai estar vazio.

– Vazio parece ótimo – disse Evelyn, fungando. – Vazio parece muito bom.

Scot a puxou para mais perto, depois se levantou e chamou um táxi.

O apartamento dele ficava em uma torre gigante na Gold Street, onde todos os prédios eram altos em ruas estreitas da era colonial, fazendo-as parecerem escuras e úmidas mesmo no começo daquela noite de verão. Ele a guiou pelos barulhos de uma construção, por vendedores de cartões-postais bregas prometendo que jamais esqueceríamos a cidade, por turistas tentando descobrir qual rua era a Fulton. O prédio em si era típico de solteiros de Wall Street, com piscina no porão e um saguão enorme de azulejos brancos e pretos e sofás nos quais ninguém nunca sentava.

O apartamento de Scot, o 5G, era igualmente amplo e vazio. A sala continha um sofá enorme com cara de duro, uma TV de tela plana, um sistema de som com alto-falantes prateados enormes e dois bancos enfileirados junto a uma janela aberta para a cozinha.

Quando Evelyn seguiu Scot até o quarto, ele colocou música

clássica, "In the Hall of Mountain King", depois se sentou na cama. Ela não ia fazer sexo com ele tão cedo, mas queria mais daquele calor que sentiu na rua. Eles começaram a se beijar, e ela finalmente desabotoou alguns botões da blusa quando ficou claro que ele não faria isso. Ele reagiu se levantando, tirando a camisa, dobrando, colocando com cuidado em uma cadeira e voltou, esperando que ela prosseguisse. Ela o masturbou enquanto ele fazia o mesmo com ela, e, embora ele grunhisse com apreciação durante todo o tempo, ela teve a sensação de que estava sendo tão sem graça para ele quanto para ela. Mas para frente, quando ela fez barulhos indicando que iria embora, ele disse simplesmente:

– Fique.

Ela ficou. Escovou os dentes com pasta no indicador, lavou o rosto com sabonete e usou uma das camisetas dele, que ia até o joelho, para dormir. Ele passou os braços grandes ao redor dela e encostou as pernas atrás dela, e Evelyn ficou rígida no começo, mas depois, em uma cama desconhecida, se sentiu protegida, passou o polegar pelo antebraço grosso dele e adormeceu ouvindo acordes de Gried.

No dia seguinte, recebeu um e-mail de Nick: "Eu soube que vocês dois se abraçaram. Sexy."

10

AO SUL DA RODOVIA

Evelyn estava tão absorta em Nancy Mitford que, quando o trem da Long Island Railroad parou em Bridgehampton, ela quase perdeu o intervalo de dois minutos para descer. Agosto era a alta temporada nos Hamptons, e o trem estava mais lotado do que um vagão de metrô, com garotas sentadas e de pé nos corredores durante boa parte do trajeto de três horas e meia. Evelyn conseguiu um lugar, e, com a ajuda dos livros, a viagem foi rápida. Ela decidiu que precisava estudar se queria continuar com o sucesso do *People Like Us* e estava lendo como uma louca: Emily Post dos anos 1920, antes de a conselheira de etiqueta ficar popular demais; *Class*, de Paul Fussell; *The English Aristocracy*, de Nancy Mitford, no qual a aristocrata definiu o que era discurso "A e não A". Evelyn tinha acabado de aprender que as palavras mais diretas "morrer" e "rico" deviam ser usadas em vez das empoladas "falecer" e "abastado". Ela não devia dizer "saúde" em um brinde. Ficou irritada de descobrir que monogramas em papéis de carta deviam ser gravados, não impressos; tinha acabado de gastar 300 dólares em cartões de correspondência, mas eram impressos, e agora ela teria que encomendar novamente. Camilla saberia a diferença.

Evelyn já tinha ido aos Hamptons duas vezes, um número constrangedor – uma vez foi para uma festa na beira da piscina dada pelo antigo chefe em Westhampton, que não contava. Depois, no fim de semana anterior, para uma degustação de vinho promovida pelo *People Like Us* que ela organizou em East Hampton, onde se sentiu uma abelha trabalhadora com o crachá plastificado quando Preston e Nick passaram para dar um oi. Ela

conseguiu a inscrição de mais quinze pessoas no evento, embora Jin-ho achasse que os poucos mil dólares gastos na degustação não compensaram. Evelyn argumentou que só o fato de ser o tipo de local que recebia degustações de vinho em East Hampton era bom para a marca; não se podia fazer uma análise direta de custo-benefício em tudo aquilo.

– Evie! Vamos! – Charlotte estava inclinada para fora da janela do carro vermelho alugado no estacionamento.

Charlotte, para o alívio de Evelyn, não parecia saber nada sobre seu pai. Evelyn não planejava contar para nenhum dos amigos sobre esses problemas e se arrependia de ter desmoronado na frente de Scot; a fraqueza dava vantagem para as outras pessoas.

Evelyn entrou no carro, e Charlotte disparou pela distância curta até a casa de Nick. Ficava ao sul da rodovia, mas bem pouco, e, enquanto elas seguiam para lá, Evelyn viu por que todo mundo fazia a distinção entre “ao sul da rodovia” e “ao norte da rodovia” quando falava dos Hamptons. Em um lado havia propriedades, cercas vivas, dinheiro, privilégio. Do outro lado, não.

Charlotte foi em direção à casa, e Evelyn ficou surpresa com o quanto a casa de Nick era atraente; ela sabia por Preston que tinha custado 900 mil dólares e estava esperando uma coisa de vidro e cromo, não uma doce casa com telhas maltratadas pelo tempo e molduras brancas em portas e janelas. O fato de Nick ter uma casa aos 26 anos, como ele mesmo diria, não era nada de mais. Nick devia ter mais dinheiro do que ela pensava; apesar de trabalhar com bancos pagar bem, o salário de sócio não bastava para custear uma casa de veraneio, e Preston disse que os pais de Nick não o ajudaram com a compra do imóvel. Isso a fez pensar se todos os amigos tinham uma fonte secreta de dinheiro.

Dentro, na sala de estar, ficou claro que o dono era solteiro: havia um sofá acolchoado demais encostado à parede, uma mesa de bar encostada a outra e uma mesa de jantar encostada a outra mesa de bar, com tudo o mais perto das paredes possível. O local tinha uma mistura de dinheiro, masculinidade e uma promessa latente de vida doméstica que devia dar a toda Jenna e Jenny e Sara que Nick levava para casa depois de idas a casas noturnas

uma sensação de que ela poderia domar a casa e Nick; havia um desfile regular de mulheres assim, Evelyn sabia por ter ouvido de Preston. Nenhuma voltava uma segunda vez.

Charlotte tinha dado três passos para dentro da casa quando anunciou para Evelyn que seria rápida, pois tinha que trabalhar naquela noite. Nick estava na cidade comprando carvão, e Scot e Preston iam pegar um ônibus Luxury Liner à noite.

– Devemos escolher qualquer quarto? – perguntou Evelyn.

– Acho que sim. Foi o que eu fiz. Não o quarto de Nick, obviamente, mas não tem tanta gente vindo esse fim de semana, né? Então, não precisamos nos preocupar.

– É provável.

Evelyn levou a mala para o andar de cima, por um corredor estreito cheio de quartos. Cada cama estava arrumada com lençóis de linho coloridos que Nick encomendou, mais uma vez mostrando gosto incrivelmente limitado. Era evidente que o do final era de Nick por causa da cama de madeira gigantesca e de dois quadros a óleo da floresta; o resto não tinha decoração de parede. Evelyn entrou em um à direita, com duas camas de solteiro, janelas altas e bonitas com vista do gramado e banheiro próprio. Era cedo demais para dividir a cama com Scot (ela não queria ter que encarar comentários de Preston e Nick, e os momentos que passaram juntos não tinham melhorado muito), então as duas camas eram um achado feliz.

Na manhã seguinte, ela ouviu gargalhadas e um agudo:

– Niiiiiiiick!

O grupo tinha ido ao Jeroboam na noite anterior, depois que todo mundo chegou. Era uma casa noturna que surgiu na beirada da Montauk Highway em um antigo hotel decrépito e se tornou na mesma hora o centro da vida noturna dos banqueiros nos Hamptons. Nick mexeu uns pauzinhos para todos entrarem, “até Scot”, como ela o ouviu dizer a Preston, o que a incomodou. A doçura de Scot era atraente quando estavam sozinhos, mas, em grupos assim, o jeito desajeitado deixava Evelyn tão sem graça que

ela não conseguia se divertir, pois ficava tentando perceber como estava sendo julgada por estar com ele.

O Jero, como era conhecido, era basicamente uma casa noturna da rua Vinte e Sete transferida para Hamptons. Era quente e vermelho por dentro, latejante e escuro como uma artéria. Evelyn seguiu Nick por uma multidão, sendo empurrada pelos quadris de homens de cabelo desgrenhado e de camisas de botão. Eles esperaram bebidas em uma grande fila e saíram com vodcas Grey Goose e refrigerantes de 15 dólares um tempo depois. As bebidas eram pequenas e acabaram em poucos goles. Charlotte estava horrível. Evelyn sabia disso porque ela ficava dizendo, com um sorriso de dentes trincados:

– Estou no inferno!

Mas Evelyn não tinha o luxo desse ponto de vista, então decidiu que ia gostar do Jeroboam. Tomou duas bebidas rapidamente e se juntou a Nick e Preston na pista de dança, onde uma máquina borrifava alguma coisa nas pessoas.

– Feromônios – gritou Nick, apontando, enquanto gotículas se condensavam acima deles.

Evelyn só secou o suor da testa e continuou dançando “I’m N Luv (Wit a Stripper)”.

Em um determinado momento da noite, quando o grupo conseguiu uma mesa e umas garotas estavam dançando em cima dela, Evelyn se lembrava de ter derramado suco de cranberry na saia e da imagem de uma garrafa de Grey Goose em um balde de gelo. Estava com uma sensação ruim em relação ao Grey Goose, mas não sabia dizer por quê.

De volta à casa de Nick, Charlotte, de pijama, entrou na cozinha, e viu Evelyn abrindo os armários em busca de filtros de papel para fazer café.

– Nick trouxe alguém para casa? – perguntou Charlotte, indicando o grito vindo de cima.

– Acho que trouxe. Nick e Pres fizeram uma aposta: quem conseguiria pegar uma garota com uma cantada sobre uma coisa... o que era mesmo? O litro alguma coisa? Uma taxa de juros qualquer? – perguntou Evelyn.

- O LIBOR?
- Isso mesmo.
- Meu deus. Pobres garotas. Quando saímos em Nova York duas semanas atrás, eles fizeram a mesma coisa, mas falando se os Estados Unidos deviam ficar no padrão-ouro ou não.
- Quem ganhou?
- Acho que Pres, embora tenha deixado a garota padrão-ouro no bar.
- Naturalmente.
- Nick foi meio... energético ontem, não foi?
- Como assim?
- Como se estivesse cheio de branquinha nas ideias, boba. Uma das vendedoras da Morgan Stanley é basicamente traficante de cocaína para os clientes. Acho que fornece em grande quantidade para Nick.
- Não que eu esteja chocada de Nick usar cocaína, mas uma pessoa distribuindo na função oficial de vendedora da Morgan Stanley?

Charlotte abriu a geladeira.

– Serviço ao cliente. Alguns caras querem champanhe, outros querem estimulantes e alguns outros querem relaxantes. Ela também tem que levá-los a casas de strip e fingir que gosta. É doentio, mas é assim que os negócios são feitos. Eu gostaria de ver o relatório de gastos dela.

- Falando sério. Os colombianos dão recibo?
- Falando sério. Até que horas você ficou?
- Mais ou menos até as duas.
- Não consigo acreditar que você não está pior. Você se lembra de correr para pegar aquela vodca ridícula?

O Grey Goose.

- Ridícula como?
- Viu a lista de preços?
- Quanto custava?
- Trezentos e cinquenta. Quatrocentos.
- Uma garrafa de vodca?

Evelyn abriu um armário que só continha um vidro de

especiarias. Era isso que a estava incomodando. Ela podia ter aceitado facilmente que Preston ou Nick pagassem pela vodca, mas foi bom ao menos uma vez oferecer uma coisa tão cara. Os garotos comemoraram a compra dela, e ela serviu porções generosas de vodca em cada copo enquanto eles berravam de aprovação.

– Bem, sou convidada aqui e já está feito, então, paciência.

– Foram os rapazes que pediram serviço na mesa. Você não precisava pagar.

– Você pagou uma rodada.

– Mas, Evie, eu trabalho com banco. Sei o que você ganha no PLU, e olha, você não precisa sentir que...

– Charlotte. Chega. Eu queria fazer uma coisa legal. Não precisa criticar em detalhes o que eu fiz.

– Você que sabe.

Charlotte foi para a sala e afundou no sofá.

Evelyn conseguiu encontrar os filtros em uma gaveta com utensílios de churrasco e estava colocando grãos moídos na máquina de café quando ouviu passos pesados na escada. Bem-arrumado, mas com a voz um pouco mais grave do que o habitual, Preston se materializou na porta.

– Café – disse ele em tom de súplica.

– Ainda não está pronto – falou Evelyn.

– Agora – gemeu Preston. – Por que você não pode ser uma boa secretária e fazer o que eu mandar? Arquivo! Anote o que vou ditar!

– Bom dia, sr. Hacking – disse Evelyn. – Obrigada, sr. Hacking.

– Você se lembra do café em Sarennes? Acredito que era sólido, não líquido – comentou Preston enquanto abria a geladeira, pegava um pote de mostarda e o examinava como se tentando discernir o significado antes de colocar seu conteúdo em uma tigela vazia na bancada.

– Deus, lembro – respondeu Evelyn, servindo café em uma caneca e entregando para Preston. – Adoro o fato de que éramos alunos do ensino médio passando um período fora do país e acabamos nos tornando bebedores de café tão dedicados.

– Estávamos na França. É claro que bebemos café. – Preston

tomou um gole. – Não que eu gostasse muito do café estilo combustível de avião de Sarennes, mas, meu bom deus, mulher. Tem cafeína nisso aqui? Isso é basicamente água quente.

A máquina ainda estava estalando, e ele puxou o filtro, colocou mais grãos moídos, tirou o jarro e colocou a caneca embaixo do fluxo.

– Quem Nick trouxe para casa ontem à noite? – perguntou Evelyn.

– Quem Nick traz para casa? Uma garota. Ela é bem mais velha. Tem uns trinta e poucos – disse Preston.

– Ele não está ainda com a tal Camilla? – perguntou Evelyn, tentando parecer casual.

Preston tomou um gole de café.

– Mais ou menos, mas acho que Camilla não quer nada sério.

Eles ouviram um barulho na escada e olharam para a sala. Nick estava tentando levar a garota, com olhos escuros de manchas de rímel, até a porta antes que alguém a visse.

– Oi, sou... – começou a garota.

– Vou levá-la rapidinho e volto com bolinhos, tá? – interrompeu Nick.

Evelyn viu a expressão nos olhos da garota, um desejo de posse, e soube que ele não retornaria as ligações dela.

Nick voltou quinze minutos depois com uma sacola da Golden Pear, depois de Scot ter se juntado a todos no andar de baixo.

– Muito bem, campistas. Aqui está sua comida – disse Nick, jogando sacos de papel marrom para todo mundo. – Meu MIC chegou? – perguntou a Scot.

– Chegou – respondeu Scot, apontando para a porta, onde havia uma caixa da FedEx. – Aquilo ali é seu, Nick.

– MIC? – perguntou Evelyn.

– Memorando de Informações Confidenciais – explicou Nick. – Para negociações.

– Uau, você é tão importante – disse Charlotte.

– O quê, Hillary? Você está irritada por não ser importante o bastante para receber um MIC no fim de semana? – indagou Nick.

– Vá se ferrar. Recebo uns cinco por semana. Meu chefe deixou

um para mim ontem à noite. Serviço de entrega em casa – respondeu Charlotte.

– Onde fica a casa dele?

– Southampton. Meadow Lane.

Nick ficou concentrado em Charlotte.

– Quando ele comprou? Qual é?

– A casa enorme e cinza com frontões que dá para ver da estrada. Duas depois da de Calvin Klein.

– Ficou à venda por tanto tempo.

– É, ele comprou um ano e meio atrás.

– Por quanto, uns trinta?

– Mais. Saiu no *Post*.

– Droga. Ele está vivendo minha vida. Não é ele que tem aquela mulher gostosa?

– Ela – disse Charlotte, sorrindo – é um absurdo. Liga para a vice-presidente, que tem, sei lá, uns 36 anos e é fabulosa, e pede conselhos financeiros. Como se a mulher tivesse controle sobre as finanças da família e como se a vice-presidente, que ganha um milhão por ano, tivesse tempo de orientar os investimentos dela. Acho que é sério, tipo, ela vê alguma coisa na CNBC quando está na academia. E, de roupa de ginástica, e eu a imagino de roupa de ginástica, liga para a outra mulher e diz: “Na tela dizia que o florim estava perdendo o valor, e eu queria saber o que isso representa para meu portf... portf... ah, aquela coisinha que gera dinheiro!”

Quando o café da manhã acabou, Nick mandou Charlotte pegar toalhas para a praia e Evelyn pegar petiscos. Evelyn apanhou dois sacos de batatas chips Terra e um saco de tiras de alcaçuz Twizzlers na despensa. No quarto que ela e Scot dividiam, colocou a túnica nova de Tory Burch, que Nick tinha visto em Lake James e chamado de “assassina de ereção”, e jogou as coisas de Scot na bolsa de praia: relatórios de pesquisa, relatórios anuais, um par de óculos, medicação de asma, uma biografia de Nathanael Greene, dois *Economist*, protetor solar fator 55 e um vidro de aloe vera para quando ele inevitavelmente ficasse queimado de sol.

A ida à praia foi interrompida por nuvens à tarde, já ameaçando chuva quando Evelyn e Charlotte chegaram em casa depois de uma

parada na FedEx, porque Charlotte teve que fazer o envio de alguns papéis. Evelyn saiu do carro alugado, cheia de sal, do mar e das batatas que tinha comido, e passou as mãos nos braços nus; a temperatura tinha passado de quente a fria. Charlotte estava digitando no BlackBerry dentro do carro, e o carro de Nick estava na entrada, assim como um outro, um Jaguar azul com a placa BIGDEAL, emitindo estalos que indicavam que tinha acabado de ser usado. Talvez fosse o chefe de Nick, que foi tomar umas bebidas?

– Olá! – gritou Evelyn quando colocou a bolsa ao lado da porta. – Nick, você está em casa? Scot! Pres!

Ela subiu depressa. Se corresse para o banheiro, poderia afundar naquela banheira linda quando a tempestade começasse.

Levou um susto ao ver uma pilha de roupas no corredor, embolada sobre o tapete oriental. Logo a pilha tomou a forma de coisas específicas. Aquele era o biquíni marrom dela com fecho de casco de tartaruga. O vestido branco que ela pendurou no banheiro, embolado embaixo da sola coberta de terra de uma sandália Jack Rodgers. A bolsa de maquiagem dela, aberta, com um absorvente íntimo para fora de maneira indiscreta. A escova de dentes azul-turquesa de viagem, molhada e com as cerdas encostando no chão do corredor. Alguém tinha ido lavar a roupa e tinha reunido as coisas de Evelyn sem querer? Mas a escova de dentes e a bolsa de maquiagem? Será que Scot... ele não colocaria as coisas dela do lado de fora, e certamente não sem dobrar. Ela se aproximou da pilha e viu que tudo o que ela tinha escolhido com tanto cuidado tinha sido embolado em uma bagunça furiosa. A mala de Scot, que ele não tinha desfeito e estava arrumada e intacta, estava atrás da pilha. Estaria Nick com raiva? O que ela tinha feito de errado?

Ela espiou dentro do quarto que tinha escolhido um dia antes em busca de uma pista. No banco no pé da cama, onde antes estava sua mala, havia uma bolsa com as iniciais CHR em cor-de-rosa. Ela decodificou na mesma hora.

– Não, mantenha como corporação C – Evelyn ouviu por trás da porta de Nick. – O quê? Porque, se estruturarmos assim, podemos usar a compensação de prejuízo fiscal com períodos-base

subsequentes. Compensação de prejuízo fiscal com períodos-base subsequentes – repetiu ele, com convicção. – Rich, dê um jeito nisso tudo, tá? Conversamos de novo em duas horas, e quero esses números resolvidos.

A porta do final do corredor se abriu.

– Evelyn – disse Nick, segurando o celular e olhando a bagunça.
– Concluo que todas essas coisas são suas.

Evelyn percebeu que, além de estar agachada, estava com a mão no absorvente íntimo perdido. Ela virou o braço para tentar bloquear a visão de Nick do absorvente e, com o pé, empurrou o bojo de um sutiã para longe.

Nick deu um sorriso estranho.

– Camilla decidiu vir passar uns dias aqui. Acho que quis o quarto onde vocês estavam. Me desculpe por isso.

Evelyn piscou rápido.

– Não, tenho certeza de que a culpa é minha. Eu não sabia que Camilla vinha. Eu não devia ter escolhido um quarto.

Na mesma hora que falou, ela percebeu que era absurdo; devia ter dormido no pé da escada na noite anterior?

O sorriso de Nick relaxou.

– É. Camilla veio no fim de semana passado e gostou da vista desse quarto, sei lá. Me desculpe.

– Fim de semana passado?

Evelyn estava na degustação do PLU e não soube nada sobre Camilla ir até lá no fim de semana. Aparentemente, já estava excluída.

– É. Se o resto dos quartos estiver ocupado, você e Scot podem dormir na sala, no sofá-cama. Tem lençóis no armário ao lado da cozinha.

Na sala, no sofá-cama. “Que ótimo.” Camilla provavelmente apareceria de pé acima dela de manhã, apontando para a saliva seca que tinha se formado ao redor da boca aberta de Evelyn enquanto ela dormia.

– Pode deixar. Só preciso da minha bolsa. Não parece estar aqui.

Nick chutou uma porta vizinha com o pé e encontrou a bolsa atrás da porta.

– Camilla tem braço bom, mas a mira é meio fraca – explicou ele com voz soturna, entregando a Evelyn a bolsa aberta e seguindo para a escada.

Evelyn sacudiu uma camisa e começou a dobrar as roupas lentamente. Quando ouviu os passos de Nick no andar de baixo, enfiou tudo na bolsa. Juntou as sandálias Jack Rogers com um barulho de insatisfação e jogou a escova de dentes do outro lado do corredor, onde bateu na parede. Se Nick tinha visto as coisas dela no corredor, Preston também tinha, e Camilla mexeu em tudo. A calcinha manchada de sangue de menstruação que mil lavagens tinham deixado marrom e que ela incluiu no último minuto. A escova de dentes no chão, cheia de germes. Tudo jogado no corredor, para todo mundo ver. Que regra ela esqueceu de estudar? O que Nancy Mitford se esqueceu de mencionar sobre os costumes sociais dos Estados Unidos de 2006? Ela levou a bolsa para a pequena sala escura e se sentou no sofá enquanto o céu lá fora ficava mais cinza. Deu um chute na bolsa. Ela sabia o que Nancy Mitford diria: “Evelyn não devia ter escolhido o segundo melhor quarto, certamente não na casa de Nick, onde era no máximo uma convidada de quarta categoria.” Ela deu outro chute.

– Porra! – Ela ouviu Charlotte passando pela sala, digitando no celular. – Por que essa porra de arquivo não anexou?

– Olha a boca! – A voz de Preston veio de algum lugar lá fora.

Evelyn foi até o corredor e olhou pelas portas de vidro para o quintal e a piscina. Camilla estava lá, deitada, usando (Evelyn apertou os olhos) suéter de tricô, calcinha de biquíni e um par de mocassins surrado. Evelyn voltou para a sala. Tinha que resolver a situação com Camilla. Mostrar que não a tinha afetado. Ela tirou a túnica, ficou só de biquíni e encarou a pergunta óbvia: Camilla estava de sutiã de biquíni por baixo do suéter ou isso tiraria o efeito de improvisado? Ela colocou um cardigã verde fino, mas ficou bizarro. Experimentou a parte de baixo com uma capa, mas ficou parecendo uma prostituta de cidade praiana. Evelyn colocou uma camiseta de manga comprida por cima do biquíni e torceu para isso estar próximo o bastante.

Todo mundo estava conversando quando ela se aproximou da

porta. Evelyn olhou por toda a cozinha em busca de alguma coisa para levar à festa. Havia uma garrafa aberta de vinho tinto na cozinha, mas ela se lembrava vagamente de uma regra sobre não tomar vinho tinto antes das quatro. Viu rum no carrinho de bar de Nick, pegou a garrafa e se lembrou de ter visto cerveja de gengibre na geladeira. Serviu um *Dark and Stormy*, provou, limpou as marcas de lábios do copo, acrescentou limão e serviu um segundo.

Ela saiu, com o gelo nos copos estalando.

– Alguém quer um *Dark and Stormy*?

– Sim! – gritou Camilla da cadeira. – Por favor.

Ela balançou a mão para Evelyn, que sentiu na mesma hora, enquanto segurava a bebida escorregadia, que sua roupa para a piscina não tinha ficado boa.

– Evelyn! Eu não sabia que você vinha. Amei minha página no People Like Us. Ontem, postei uma pergunta sobre Gorsuch e tive uma resposta em uns três minutos.

– Incrível. – Evelyn riu e tomou uma nota mental de descobrir o que era Gorsuch. – Que engraçado. Você também gosta de *Dark and Stormy*? Não somos muitas que gostamos. É tão bom, né?

– Aham – disse Camilla. – Pessoal, isso é muito engraçado.

Ela estava com o *Journal* do fim de semana aberto na frente dela. A sombra do corpo de Nick caiu sobre o jornal.

– O artigo sobre aviões particulares – falou Nick. – Você nem sabe que mandei essa história às dez da manhã.

– E você nem sabe que eu mandei às nove e meia – acrescentou Charlotte, colocando o BlackBerry na mesa de piquenique. – Internet sem fio, como eu amo.

– E é por isso que você não é casada, Hillary – retrucou Nick.

– Qual é o artigo? – perguntou Evelyn.

– São pessoas reformando aviões para uso pessoal – explicou Charlotte. – Aviões de passageiros inteiros. Um cara que investe em fundos de alto-risco usa o avião para transportar cavalos.

– A parte mais esquisita é o advogado que tem um 737 – comentou Nick. – Não faz sentido um advogado investir num avião desses. Que tipo de advogado tem um avião? ganhando o que, 180 mil por ano, ele compra um 737?

– Se ele for advogado de reclamantes, pode apostar que ganha bem mais do que 180 mil por ano. Um caso contra a indústria do tabaco, por exemplo? – Preston bateu em um maço de cigarros em uma mesinha lateral. – Basicamente, os dólares do nosso parlamento estão pagando o transporte desse sujeito.

– Pres – disse Charlotte bruscamente, indicando Evelyn com a cabeça.

– Ah, caramba. Foi mal, Evie. Eu tinha me esquecido do seu pai. Evelyn deu um sorriso fraco e se sentou à mesa de piquenique.

– O que tem o pai dela? – perguntou Nick.

– Dale Beegan, advogado de reclamantes – explicou Preston.

– Está de brincadeira – falou Nick. – De que firma?

– Leiberg Channing, de Wilmington. Você não deve ter ouvido falar – respondeu Evelyn. – Trabalha com casos farmacêuticos quase sempre. Quando a empresa não testou um medicamento o bastante, esse tipo de coisa.

– Leiberg Channing – repetiu Camilla, logo ela. – É uma firma grande?

– Média – disse Evelyn, desejando que o tópico tivesse uma morte lenta.

– Nick, posso pegar seu BlackBerry um minuto? – pediu Camilla.

Nick o entregou para ela.

– Farmacêuticos. Eu juro que não sabia. Espere, essa é a firma... – começou Nick.

– Não consigo acreditar que as pessoas ainda fumam – declarou Charlotte com voz alta.

Preston esticou o corpo magro na cadeira e passou a mão pelos cachos.

– Isso me lembra de uma coisa, pessoal. Não podemos sustentar essa situação do trem por muito mais tempo.

– Você não gosta da sensação de ser um viajante de Jersey pela LIRR? – perguntou Charlotte. – Espere, vocês não vieram de Luxury Liner ontem?

– O Luxury Liner, minha querida, ainda é um ônibus. Qualquer coisa com quatro rodas e um banheirinho pequeno, sem mencionar qualquer coisa que se autointitula de “luxury”, não tem nada a ver

com o que realmente importa. O que precisamos fazer, grupo, é uma melhoria total. Acho que devíamos vir de helicóptero da próxima vez.

– Tão pretensioso! – exclamou Charlotte, rindo.

– Meu irmão. Preston tem 40 mil só no pulso e estamos sentados ao redor de uma piscina em Bridgehampton. Acho que passamos do nível de pretensiosos já tem um tempo – disse Nick, erguendo o queixo na direção do relógio Patek Philippe no pulso de Preston. – Eu topo o helicóptero. Chegaríamos aqui em meia hora. O heliporto fica a dois minutos do meu escritório.

– Por que você precisa dizer “meu irmão”, Nick? Suas viagens a trabalho até Los Angeles não deviam dar o direito de você falar como se fosse da Califórnia. Desculpe, Scot – disse Preston.

– Eu sou do Arizona.

– Não reconheço o Arizona.

– Como assim, como estado? – perguntou Charlotte.

– Não, de uma perspectiva diplomática. Comércio, reparação, esse tipo de coisa. De qualquer modo, a questão a fazer não é alugar um helicóptero. Alugar... – Prestou deu um sorriso indulgente para a ideia.

– Nós não queremos um helicóptero – falou Nick. – Meu chefe tem um de doze lugares. Guarda no aeroporto particular do JFK. Do heliporto até o JFK, avião para a pista de pouso de East Hampton. Meia hora no máximo. Quando recebermos nossos bônus.

Camilla ergueu o rosto do BlackBerry de Nick.

– Você precisa ser tão grosseiro?

– Não é grosseiro quando é alcançável, querida C – disse Preston.

– Vocês são idiotas. Eu gosto do meu ônibus. – Charlotte mudou de posição no banco junto à mesa de piquenique.

– E você, Scot? Qual é sua posição nesse assunto polêmico de viagem aérea para Bridgehampton? – perguntou Preston.

Scot, que estava usando uma sunga azul tão grande que quase cobria as coxas dele, limpou a garganta.

– Bem – começou ele, e Evelyn tirou uma farpa de madeira da

mesa –, o transporte de massa na verdade é incrivelmente eficiente, e a viagem aérea usa combustíveis fósseis e obviamente tem emissão pesada de carbono. Além disso, não sei... – Ele olhou para Evelyn, que estava examinando a farpa. – Desculpe, estou sendo chato?

– Nem um pouco – disse Nick. – Por favor. O palco é seu.

– Acho que temos que pensar na questão do materialismo. Nossa geração é obcecada com muita coisa. Ficamos querendo melhorar, e, se você pensar em Schopenhauer, a futilidade de lutar e o vazio determinante dos desejos humanos...

Evelyn olhou para o grupo: Charlotte parecia sonolenta, Preston observava o relógio, Nick estava avaliando o céu como um gato satisfeito procurando um pássaro para servir de lanchinho, Camilla digitando no BlackBerry de Nick. Evelyn achava que o fim de semana nos Hamptons, na casa de Nick, que era dele e não alugada, com os amigos que estudaram em Sheffield, Enfield e St. Paul, em Harvard, Dartmouth, Tufts e HBS, bastava. Mas tomou o trem quando devia ter tomado o ônibus, e o ônibus não era bom o bastante, então eles estavam falando da possibilidade de um helicóptero, mas o helicóptero seria subordinado a um avião, e nunca havia o bastante e nada era bom o bastante. Sempre o “mais” dançava ao redor, provocando-a.

– Desculpem. Acho que isso é pesado para a praia – concluiu Scot.

– Eu adoro Schopenhauer na praia – murmurou Charlotte, de olhos fechados. Os outros ficaram em silêncio.

– Scot – disse Evelyn bruscamente. – Você pode pegar água para mim?

– Claro. – Ele deu um pulo e chutou a cadeira sem querer, que chiou alto no piso e parou de repente.

Ele entrou na casa com o foco de um homem executando uma missão importante.

– Seu namorado é hilário – comentou Preston depois que Scot fechou a porta. – Espero ansiosamente a palestra noturna sobre geologia.

– Falando sério, que porra foi aquela? – perguntou Nick.

Camilla estava olhando para a porta por onde Scot entrou.

– Eu o acho muito inteligente – disse ela com simplicidade, e devolveu o BlackBerry de Nick.

Com isso, a maldade evaporou e o humor ficou gentil de novo, e Evelyn se perguntou se tinha subestimado Camilla.

– Podemos pensar no jantar? – indagou Camilla. – Eu gostaria de comer carne. Grelhada e com *chimichurri*. Nick, você faz *chimichurri* para mim?

– Faço qualquer coisa que você desejar – afirmou Nick com voz suave, agradável.

– Ah, vamos fazer salada de lagosta de entrada! Não é divertido e a cara da praia?

– É mesmo.

– Vamos sair para comprar as coisas – disse Camilla, e olhou para Evelyn, que deu um pulo ao ver que ela a estava incluindo. – Acho que vou ter que vestir uma calça. Encontro você na porta em cinco minutos, Evelyn.

Camilla entregou o copo vazio para Evelyn ao passar e entrou.

– Então – disse Nick quando Evelyn estava entrando –, tenho um cartão de crédito da Best Buy por causa dessa proposta de zero por cento de juros quando comprei a TV de tela plana. Eu pensei no valor do dinheiro com o tempo, é um ano de financiamento sem juros, vou aceitar. Mas é tão coisa de pobre ter um cartão de crédito da Best Buy na carteira.

Evelyn correu para lavar e secar os copos, ir ao banheiro, vestir uma calça e esperar na porta em cinco minutos, como Camilla instruiu.

Alguns minutos depois, Camilla bateu na porta da sala e entrou sem esperar resposta.

– Oi... São suas coisas?

Ela pareceu se divertir ao ver as coisas de Evelyn espalhadas ao redor da bolsa.

Evelyn colocou rapidamente a mão sobre o absorvente.

– Minhas? Ah, sim. São.

– Eu joguei para fora do quarto lá em cima.

– Ah, foi você? – perguntou Evelyn, mas achou que não tinha

sido convincente. – Achei que estivesse atrapalhando, sei lá.

– Ah, meu deus – disse Camilla, começando a rir. – Eu vi aquele maiô azul-turquesa de lantejoulas e pensei que a pessoa com quem Nick tinha dormido na noite anterior devia ter deixado as coisas dela lá. Ele e eu ficamos na última vez que viemos aqui, e Preston disse que tinha uma garota aqui ontem à noite, e eu vi aqueles vestidos pendurados no banheiro e pensei... bem.

Evelyn não achava o maiô azul-turquesa exagerado e se perguntou o que havia de ofensivo nos vestidos. Suas roupas pareciam pertencer a uma garota qualquer que Nick levava para casa? Ela tinha comprado metade daquelas coisas na Calypso, quando aquela garota devia fazer compras na Rampage.

– Falando sério, a salinha é bem confortável – afirmou Evelyn. – É ótima.

Camilla se encostou na moldura da porta.

– Estamos ficando. Nick e eu. É uma coisa bem pouco interessante. Mas é bom você saber. Minha quiromante diz que preciso me esforçar para ser mais aberta, então estou contando para você. Só estou entediada e preciso de alguém com quem passar o tempo.

– Claro. Claro. Acho ótimo. Nick é um cara legal e...

– Eu não estava querendo sua opinião. Só queria ser aberta e sincera, e ser aberta e sincera é uma prática mais do que uma qualidade, diz minha quiromante. Então, é isso. – Camilla parecia estar esperando alguma coisa. – Ah, joguei seu pai no Google.

– Meu pai? Agora?

– No BlackBerry de Nick. Descobri umas coisas muito interessantes.

Camilla tinha ido ali para humilhá-la, como se elas estivessem no meio de *Jovens, loucos e rebeldes* e ela fosse uma caloura a levar trote? Evelyn estava se esforçando muito com aquela garota, mas a situação estava ficando ridícula. Ela se sentou na beirada do sofá-cama, de costas para Camilla.

– Olha. Basicamente foi um cara de anos atrás que ficou aborrecido e começou isso tudo. Não vão encontrar nada.

– Que cara?

– O grande júri, Camilla. Se você veio aqui para me dizer que sabe que meu pai está sendo investigado, muito bem. Vá contar para todo mundo.

Camilla deu a volta no sofá-cama e inclinou a cabeça.

– Seu pai está sendo investigado por um grande júri?

Evelyn olhou para Camilla, sem saber como responder.

– Você não está preocupada, está? – perguntou Camilla.

– Camilla, é uma investigação federal.

Ela ouviu Camilla rir, e foi uma gargalhada gentil e suave, não cruel.

– Ah, minha querida – disse Camilla. – Não é nada de mais.

– O quê?

– Querida, todo mundo que é alguém está sendo investigado por grandes júris atualmente. Você não está se arriscando o bastante nos negócios se não estiver, de verdade. Os pais de duas garotas da minha turma em St. Paul foram indiciados nos dois últimos meses. – Camilla estava assentindo com confiança. – Primeiro de tudo, ninguém nunca vai preso, e, se for, vão basicamente para longe por uns meses. As esposas adoram, acabam tendo um descanso dos maridos. Minha mãe acabou de planejar uma viagem com uma das melhores amigas, cujo marido vai sumir por três meses. Para a Costa Amalfitana. – Camilla bateu palmas. – Estou falando sério. Você não pode estar preocupada com isso. Nem é problema. Aliás, falei no seu pai porque ele parece muito real – concluiu ela.

Evelyn, apesar de tudo, riu.

– Acho tão importante ficar conectada com gente real – disse Camilla. – Aposto que os clientes do seu pai são pessoas verdadeiramente pobres.

– Os clientes dele? – perguntou Evelyn.

A família do pai foi pobre. Ela visitou a cidade onde ele passou a infância duas vezes. Uma vez quando os pais dele ainda estavam vivos, e Evelyn só conseguia se lembrar de uma casa escura com dentaduras boiando em um copo manchado e onde tudo tinha cheiro de madeira molhada. Mais tarde, no ensino médio, Dale fez tempestade em copo d'água por causa de um fim de semana de

pai e filha que eles teriam juntos, mas em vez de ir jogar golfe como tinha proposto inicialmente, ele a levou para a cidade dele, quase toda abandonada e um tanto assustadora. Seja lá o que queria contar para ela, ele acabou não encontrando as palavras, e os dois acabaram comendo hambúrgueres oleosos em silêncio em um dos restaurantes ainda em funcionamento e passando a noite na cidade de Charlotte. Se Camilla já tinha lido sobre seu pai, Evelyn não poderia apagar esse passado, mas ainda podia mudar a impressão de Camilla sobre a linhagem da mãe.

– Os clientes são mesmo pessoas reais. Como meu pai. Ele e minha mãe formam um casal tão engraçado. Ela é de uma família antiga de Baltimore, de transportadora, frotas de transporte, e eles estavam em Baltimore havia gerações, e os pais dela quase surtaram quando ela levou para casa um rapaz de cidade industrial da Carolina do Norte.

– Isso é tão romântico.

– Muito.

– Adoro isso. É tão incrível. Quero que você me apresente.

– Meus pais?

– Seu pai. – Camilla cruzou os braços e fez cara de satisfeita. – Quero uma apresentação. – Ela se virou para a porta e, ao sair, jogou a chave de um carro para Evelyn. – Você pode dirigir? Estou meio tonta.

– Pode deixar – disse Evelyn, meio atordoada com o que tinha acabado de acontecer.

O carro de Camilla era o azul, pequeno e veloz.

– Adorei sua placa – comentou Evelyn quando abriu a porta do motorista.

– Como assim? – perguntou Camilla.

– “BIGDEAL”. É tão engraçado.

– Ah, meu deus – disse Camilla. – Não é minha placa. Esse carro é do namorado da minha mãe. Percebi que precisava dele durante o verão. Ele não podia ser mais brega. Essa placa me dá nos nervos.

– Certo – disse Evelyn baixinho e colocou a chave na ignição; pelo menos, ela aprendeu a dirigir com câmbio manual em

Sarenes.

Quando elas pararam em um sinal de trânsito, Evelyn percebeu que Camilla estava usando a mesma pulseira de raquetes que usou em Sachem. Camilla a instruiu a ir para Southampton, que, ela disse, tinha lojas melhores do que Bridge. Evelyn obedeceu e, apesar da improbabilidade, encontrou uma vaga na Main Street quando elas chegaram.

– Você pode ir comprar a carne e a salada de lagosta? Vou só dar uma passadinha na farmácia – disse Camilla. – O Johnson’s fica a um quarteirão naquela direção.

Camilla saiu do carro e atravessou a rua entre um Volvo e uma Vespa, os dois verde-mar, os dois parando no meio da rua para ela. Um pug na cesta da Vespa estava de óculos.

– Obrigada! Você é uma fofa! – gritou Camilla do outro lado da rua. – Ah, e vinho! Um Cabernet!

Evelyn pensou na Grey Goose que comprou na noite anterior e pensou que não comprar o vinho quando Camilla tinha pedido claramente seria má ideia. Parou primeiro na loja de bebidas. Na loja, nada que custasse mais de 150 dólares estava ao alcance da mão, em parte para desencorajar os furtos de Southampton, em parte para que os que quisessem comprar um Ducru-Beaucaillou pudessem anunciar essa intenção em voz alta na frente de todo mundo. Evelyn foi direto para a seção dos Bordeaux, de forma que qualquer um que olhasse acharia que ela sabia o que estava fazendo, e foi pegando garrafas até encontrar uma que custasse 125 dólares; mesmo não sendo Cabernet, era caro o bastante para que ninguém reclamasse, e ela comprou duas por garantia.

Ela encontrou o Johnson’s depois de passar três vezes por ele. Era um açougue antiquado. Longo e estreito, não era feito para multidões e como resultado vivia lotado, com todo mundo querendo que todos os demais voltassem para Manhattan para poder apreciar o Johnson’s autêntico. Depois de vinte minutos, ela pediu.

– Preciso de bifés – disse ela. – Acho que seis. Ou oito, se as pessoas estiverem com fome.

– Você ligou antes? – perguntou o açougueiro.

- Na verdade, não.
- Bisteca, fraldinha, filé, contrafilé, o que você quer?
- Hã, filé-mignon, eu acho.
- O filé inteiro ou só o corte do centro?

Ela estava supondo, como se fosse um exame de vista.

- Centro?
- De que tamanho? Meio quilo cada?

Evelyn procurou a tabela de preços, mas estava em frente à seção de carne de porco, não de boi.

- Claro.
- Seis peças de filés-mignon, corte central, meio quilo cada! – gritou o açougueiro.
- Oito, por garantia.
- Oito!
- E salada de lagosta também? Quanto seria necessário para seis pessoas?

- Seis pessoas, um quilo para fazer sanduíches.
- Parece ótimo.

Ela pegou as sacolas e saiu com dificuldade, colocando o pacote pesado de carne e o pote cheio de salada de lagosta na bancada. A mulher do caixa estava mascarando chiclete e se ocupou com uma bola cor-de-rosa gigantesca antes de dizer:

- Cinco e quarenta.

Concluindo que a mulher falava a linguagem de Nick, na qual 5 dólares significava entre 5 mil, 500 mil ou 5 milhões, Evelyn deduziu que ela queria dizer 50,40 dólares e entregou três notas de 20.

A mulher continuou mastigando e ficou olhando.

- O que é isso?
- Cinquenta dólares e quarenta centavos. Me desculpe, não tenho quarenta centavos.
- Rá! – Ela riu e cuspiu saliva da cor de frutas silvestres na registradora. – Bill! Olha só essa! Cinquenta dólares por essa merda! – Ela balançou a mão em cima dos pacotes. – Você fez meu dia. Não, são cinco e quarenta. Quinhentos e quarenta.
- O quê? Dólares?

– Não, liras. O que você acha?
– O quê? São só uns bifês e salada de lagosta.
– Filé-mignon – disse a mulher em voz alta, levantando o pacote –, 68 dólares o quilo, 4kg. Salada de lagosta, 180 dólares o quilo, 1,1kg. Mais os impostos. São 540 dólares. Aceitamos Visa ou MasterCard, AmEx não.

– Quanto é a salada de lagosta? – começou Evelyn, mas reparou em um par de mocassins sem meia e barras cortadas de calça jeans atrás e soube que um habitante impaciente de Southampton estava esperando sua vez, avaliando se ela era mesmo tão inocente ou se era falta de fundos. – Lamento tanto – disse para a caixa enquanto sorria para o homem atrás e entregava um cartão de débito.

Ela pensou se devia contar a história para Camilla. Por um lado, mostrava que não se preocupava com dinheiro. Por outro, ela já não devia saber que salada de lagosta nos Hamptons custaria 180 dólares o quilo?

– Minha mulher é igual – disse o homem de mocassins.

Evelyn fez um movimento de ombros que dizia “quem, eu?” e riu.

– Não são todas? – murmurou a funcionária, e passou o cartão dela.

– É isso que acontece quando se manda civis para fazerem o serviço, eu acho – falou Evelyn, e olhou nos olhos do homem enquanto ria. – Minha cozinheira costuma fazer as compras aqui. Tenha uma ótima tarde.

11

ASSUNTOS DE EX-ALUNOS

Evelyn estava hesitante em convidar Scot para a recepção de ex-alunos de Sheffield, à qual os pais também iriam. Ela gostava de ficar sozinha com ele. Os dois foram ver *Uma aventura na África* no Film Forum, no Village, e Scot contrabandeou uma caixinha de Good & Plenty, e o fato de ter um encontro com esse homem doce e atencioso foi tranquilizador. Os antebraços se tocaram no apoio compartilhado da poltrona como se eles fossem adolescentes tímidos, embora de uma fase adolescente que Evelyn nunca vivenciou. Depois, ao caminhar pela cidade cansada em agosto, foram à livraria favorita de Scot e tomaram vinho branco gelado em um pequeno bar de madeira escura à luz de velas. Ela se sentiu como uma parte feliz da música "Manhattan", de Ella Fitzgerald, no fim de semana de verão, um jovem casal indo a lugares boêmios e elegantes.

Mas a crítica da mãe dela acabaria chegando. As perguntas de Barbara sobre Scot estavam ficando cada vez mais diretas, e em algumas questões ela queria a opinião da mãe. Evelyn gostava de Scot, às vezes gostava muito, mas precisava de confirmação externa de que ele era um bom namorado, alguém que melhorasse a imagem dela e pudesse acompanhar seu ritmo, que estava ficando mais rápido a cada segundo. Ela recebeu convites para dois desfiles de moda, apesar de o assento em que ficou ser um tanto distante da passarela. Foi a Shuh-shuh-gah de novo e duas vezes para a casa de Nick. Camilla a convidou para ir a Sachem no outono, e todo mundo estava falando sobre uma viagem para esqui em Jackson no inverno.

Com o céu ainda claro às sete e um chuveiro caindo, Evelyn

tentou chegar à Times Square e atravessar o local sem esbarrar em ninguém. Puxou o sobretudo ao redor do corpo com força enquanto passava por lojas de botões e de acabamentos e outros remanescentes da indústria, que permaneceram ali apesar da cidade mudando ao redor. Ela foi espremida, esbarrada e apertada entre turistas que paravam em grupos de três na calçada da Seventh Avenue, de forma a bloquear qualquer fluxo de tráfego linear. Foi abordada por alguém dando amostras das barrinhas proteicas PowerBars, por gente dando amostras de papel higiênico e por uma pessoa dando o que parecia pedaços de chocolate branco em forminhas de papel, que ela estava prestes a enfiar na boca quando a promoter avisou que era sabonete artesanal. Duas vezes, seu salto afundou no rejunte grudento entre placas da calçada, e ela teve que puxar o pé enquanto tentava parecer elegante e imperturbável.

Barbara estava descontente com o evento de ex-alunos de antemão. Tinha feito lobby para que esse jantar acontecesse no Harvard Club, mas como nem ela, nem Dale e nem Evelyn estudaram em Harvard, sua opinião não teve muito peso. Quando Evelyn se encontrou com a mãe em frente ao Marriott Marquis na Times Square, ela estava encolhida debaixo de um toldo como se estivesse caindo uma tempestade e ignorando dramaticamente um comediante de rua que ficava perguntando se ela queria rir. “Não é seu público”, Evelyn teve vontade de dizer a ele.

– Evie. Esse foi o vestido que comprei para você?

Barbara a segurou com os braços esticados, avaliando-a enquanto apertava seus ombros.

– É.

O Marquis Theatre estava tocando uma canção animada nos alto-falantes, e Evelyn, balançando os joelhos imperceptivelmente no ritmo, olhou com vontade para o pôster do musical que o teatro apresentava, *A madrinha embriagada*.

– Ficou bom. Estou surpresa. Bege é uma cor que a maioria das mulheres não pode vestir. Seu pai não está aqui, como sempre. Ele avisou onde está?

– Vou verificar. Eu queria que você comprasse um celular. –

Evelyn abriu o celular e escutou uma mensagem de voz de Aimee, a secretária dele. – Ele vai chegar atrasado.

– Claro que vai – disse Barbara. – Eu acho que ele não devia vir, mas ele diz que é importante não agir como culpado quando não se é. No entanto, não tenho certeza se os promotores de Delaware estão monitorando eventos dos ex-alunos de Sheffield.

– Acho que ele não vai a um evento da Sheffield desde que me formei – comentou Evelyn.

Era enlouquecedor seu pai decidir ir, enfim, aos eventos dela, quando aparentemente importava para a percepção pública, em vez de quando ela queria que ele estivesse presente. Isso a colocava em uma situação constrangedora; ela tinha decidido que, sendo coisa séria ou não, era melhor não falar nada sobre a investigação para os amigos, e, até onde tinha conhecimento, ninguém além de Camilla sabia.

– Não. Acho que não – disse Barbara. – E então. Onde está esse seu amigo?

– Pode dizer “namorado”, mãe. Falei para Scot nos encontrar lá dentro.

– Devemos entrar?

Quando as duas mulheres entraram no saguão, viram vários homens esperando. Infelizmente, Evelyn observou, o rosto da mãe se iluminou quando ela viu um homem de ombros fortes de terno cinza elegante que emanava confiança. Não era Scot. Evelyn deu um aceno fraco para o verdadeiro Scot, que estava de pé como uma cegonha, apoiado em um pé só.

– O alto? Aquele é Scot? – perguntou Barbara.

– Aquele é Scot.

Barbara considerou isso.

– Ele me lembra de um faz-tudo que tivemos. Com feições largas e toda essa escuridão.

– Ele é banqueiro, mãe. – “O faz-tudo... Sério?!”

As duas mulheres tinham o mesmo passo rígido conforme se aproximaram. Evelyn torcia para Scot estar relaxado e jovial, como ficava quando estava com ela, mas ele mexeu desajeitado no BlackBerry, quase deixando o celular cair antes de colocá-lo no

bolso.

– Oi – disse ele, e se inclinou para cumprimentar Evelyn, depois levantou os dois braços na direção de Barbara. Evelyn, alarmada, entrou entre eles antes que ele pudesse abraçar sua mãe e tentou pressionar sutilmente um braço para baixo a fim de que ele só pudesse dar um aperto de mão.

A estranha modernidade do Marquis, com as escadas rolantes extralongas e o semicírculo de elevadores sem botões, era uma escolha estranha para Sheffield. Evelyn ficou feliz em ver o vice-presidente da associação de ex-alunos em frente à chapelaria, quando a mãe foi perguntar por que a escola financiaria um cruzeiro de ex-alunos no Yangtzé. Do outro lado do salão, Evelyn viu Charlotte e Preston perto do bar e foi até lá com Scot.

– Ora, ora, ora – disse Preston. – Estávamos falando de você. Scot, que bom revê-lo.

– Ela existe – afirmou Charlotte para Preston. – Estávamos debatendo se você era fruto da minha imaginação. Oi, Scot.

– Eu vi vocês em... – disse Evelyn.

– Nos Hamptons em julho – completou Charlotte.

– Ah – falou Evelyn.

– Os encontros a sós estão cada vez mais raros – disse Preston, ajeitando os óculos. – Apesar de que só é preciso procurar Camilla, e Evelyn vai estar perto.

– Ah, pare com isso, Pres – pediu Evelyn.

– Camilla – murmurou Charlotte. – Scot, como está seu xadrez?

Scot se animou e começou a descrever um jogo do qual tinha participado havia pouco tempo em um parque no Lower East Side com uns russos, enquanto Preston se aproximava de Evelyn e passava o braço pela cintura dela.

– Trazendo Scot para um evento de Sheffield. Ousado. Para conhecer a formidável Babs. Scot sabe no que se meteu? – perguntou Preston.

– Ele acabou de conhecer Babs.

– E ainda está de pé? Não levou um tiro de cara? Já é alguma coisa. Eu me lembro de quando conheci sua mãe, ela me entupiu de bebida, mas eu era um filho favorito.

- Ela não deu bebida para você. Você tinha 16 anos.
- Ah, srta. Beegan, lamento discordar. Eu me lembro bem. Babs nos levou para jantar em Portsmouth e juro que pedi martíni de chocolate. Foi logo depois que voltamos de Sarennes.

De repente, Evelyn se lembrou com perfeita clareza do copo de martíni com líquido leitoso em cima da toalha de mesa branca e da sensação de sucesso que teve enquanto via a mãe conversar com Preston Hacking.

O fato de ela estudar em Sheffield e a amizade com Preston lá não foram predeterminados. Em uma manhã de domingo, quando Evelyn tinha 12 anos, acordou com o som do piano de Barbara e estava prestes a se levantar quando o som parou. Barbara bateu na porta do quarto e disse que ela podia ficar mais uma hora na cama. E então, deu uma pilha de leitura a ela: um livro chamado *Preparando-se para o poder: Os colégios internos de elite dos Estados Unidos*, um catálogo da J. Crew, um guia de estudo do SSAT e um catálogo de admissão de Sheffield. Barbara disse que a filha de Gibby Hodge estudou em Sheffield e lá conheceu e acabou se casando com um Cabot da linhagem de Massachusetts. Evelyn sabia que Gibby Hodge não tinha nada a ver com aquilo e que era porque os garotos de Push Van Rensselaer tinham ido para lá que ela também estava sendo enviada. Felizmente, suas notas eram boas o bastante para que ela entrasse sem dificuldades, e Dale poderia pagar a mensalidade com facilidade.

Preston estava um ano na frente de Evelyn, e ela sabia o nome dele antes de saber como ele era. Isso foi em parte por causa da mãe. Depois de descobrir que a mãe de Preston era uma Winthrop e que ele era de Beacon Hill, Barbara sugeriu que Evelyn o fizesse convidá-la para o baile. A ideia era tão risível que Evelyn nem sabia como explicar para a mãe o que aconteceria se ela, uma novata desconhecida e gorducha, fosse falar com Preston Hacking. Ou ela sabia o que aconteceria: acabaria escrevendo uma redação sobre ele em vez de ir com ele ao baile.

Ele escrevia uma coluna de humor, “Empoleirado na Torre de Marfim”, para o jornal da escola. Inicialmente, era para sair toda semana, mas Preston não acreditava em prazos, então ganhou o

subtítulo “Uma coluna aproximadamente quinzenal” depois da estreia. Preston jogava squash em clubes, não na escola, porque achava as viagens de ônibus para os torneios de fim de semana nada civilizadas e era o vice-presidente dos Jovens Republicanos, basicamente porque o bisavô foi secretário de Estado de Teddy Roosevelt.

Sabendo de tudo isso, Evelyn levou um susto ao descobrir a aparência de Preston Hacking. Era assembleia do Dia de Apreciação dos Ex-alunos, e o diretor tinha pedido a Preston para dizer algumas palavras sobre ser parte da quarta geração de sua família em Sheffield. Em vez do rapaz lindo de cabelo escuro que imaginava (a foto dele nos registros de alunos estava desfocada e foi tirada em um ângulo estranho, permitindo que Evelyn acrescentasse todo tipo de floreio dramático), ela percebeu que ele era o sujeito alto e magrelo com cabelo louro ondulado e pele de alabastro que relaxava em bancos do *campus* usando suéteres com remendos de couro nos cotovelos. Ele era um dos garotos descolados, claro, mas também parecia excêntrico de uma forma que Evelyn invejava.

A própria Evelyn não era excêntrica, nem descolada, nem nada em Sheffield. Isso ficou claro no segundo dia dela lá, o dia dos testes: da associação beneficente na biblioteca, do grupo teatral Ben Jonson no teatro experimental, da sociedade federalista no Academy Building, da trupe de dança indígena Aananda nas quadras de squash. Evelyn, com o estudo de piano, tinha esperanças de participar do teatro. Mas, em uma manhã ruim em Bibville, Barbara dissera que ela estava cantando sem tom, e Evelyn parou de cantar. Ela foi de papéis de coral em musicais do fundamental II em Bibville a pintar cenários, achando que talvez pudesse dirigir um dia. Antes do oitavo ano, ela tentou mais uma vez, pois queria ir ao acampamento de música na Virgínia, mas a mãe deu uma olhada na capa do livreto, que mostrava uma garota gorducha cantando, e disse que essas pessoas do teatro precisavam passar mais tempo se exercitando ao ar livre. Babs acabou matriculando a filha no acampamento de tênis naquele verão.

Evelyn criou coragem naquele segundo dia em Sheffield para ir ao centro de artes ouvir sobre a temporada de teatro, mas, quando a mão estava na porta do auditório, ela ouviu uma garota falando que tinha feito o papel de jovem Cosette na produção itinerante de *Os Miseráveis* no verão. Ela quase voltou correndo para o alojamento. Ficou claro para Evelyn no final dos testes que vários alunos já tinham sido escolhidos para o estrelato. Um calouro de Wyckoff foi incrível como atacante de futebol naquela manhã e ia participar de três esportes. A garota que fez Cosette, caloura de McGeorge, foi escolhida para interpretar Sarah na produção outonal de *Guys and Dolls*. Evelyn sentia que tinha sido selecionada para seu papel em Sheffield sem fazer um único teste: Garota ao Fundo nº 4.

Barbara conseguiu uma cópia da lista de alunos de Sheffield e, além de perguntar sobre Preston, fazia perguntas sobre James Scripps Robinson e Sarah Monaghan Lowell. "Os Scripps abriram o museu de arte em Detroit", dizia. Ou: "Tivemos uma garota Lowell na Hollins um ano ou dois antes de mim. Acho que ela se casou com um De Puy."

Ao se preparar para os interrogatórios da mãe, Evelyn aprendeu os sinais (os endereços em Tuxedo Park, os nomes de famílias ricas tradicionais mesmo de cidades como Cleveland) que funcionavam como decodificador para esse mundo. Às vezes, em tiras de papel que arrancava e jogava fora logo depois, ela experimentava seu nome com alguns dos sobrenomes mais ilustres: Evelyn Beegan Cushing, sra. James Cady Robinson (Evelyn). Mas ficava a maior parte do tempo vendo *Caindo na real*, *Quatro casamentos e um funeral* ou o que a chefe do alojamento tivesse alugado na videolocadora naquela semana, ouvindo o amontoado de garotas na sala ao lado cantando Lisa Loeb.

Foi Sarennes que mudou o destino social de Evelyn em Sheffield. Barbara a observou nas férias de verão depois do primeiro ano, com o nariz enfiado em um livro e os dedos nas teclas do piano, e percebeu que a filha estava, se era possível, ainda menos social do que antes de Sheffield. Então, decidiu que terapia de imersão funcionaria melhor, procurou a sra. Germont, que dirigia o período

de outono no exterior em Sarenes, na Alsácia, e inscreveu a filha no programa no último minuto. A ideia quase paralisou Evelyn quando a mãe tocou no assunto, pois ela sabia quem ia naquele período, especificamente Preston Hacking e seus amigos.

Evelyn foi colocada com uma família de padeiros acima da padaria da cidadezinha, com uma matriarca rigorosa que acordava às quatro da manhã e agia como se Evelyn fosse sua assistente contratada. A matriarca falava francês no começo, aparentemente para receber o pagamento de família anfitriã, mas foi só alsaciano quando o corpo docente de Sheffield foi embora, e Evelyn não conseguia entender quase nada que a mulher dizia. O primeiro dia dela lá foi um domingo, quando a padaria estava fechada, e, apesar de ser arrastada para uma missa luterana longa e chata, não teve muito o que fazer. No segundo dia, a mulher acordou Evelyn às cinco horas para que pudesse montar guarda no andar de baixo e aceitar as panelas de ensopado das mulheres da cidade. O padeiro então as cobriu com massa crua, e as mulheres voltavam depois de lavar roupa e fazer as tarefas para buscar o *baeckeoffe*, e Evelyn, sentindo cheiro de carne gordurosa e farinha, perguntou-se com que rapidez poderia escapar daquilo.

Na terceira manhã como serva alsaciana, Evelyn decidiu que fugiria para a cidade e usaria o telefone dos restaurantes a fim de descobrir sobre voos para casa. A rua ao amanhecer ficava vazia, mas ela viu Preston Hacking encostado casualmente em um cabo de vassoura na frente de uma porta na rua. O instinto de Evelyn foi dar meia-volta e ir para a cidade na outra direção, para não ter que se constranger com um alô desajeitado. Mas isso acrescentaria vários minutos ao trajeto, e ela tinha que estar em casa antes de a madame voltar das tarefas matinais. Portanto, seguiu em frente, balançou a mão sem elegância do outro lado da rua estreita de pedras e, com uma voz que soou falsa e aguda aos próprios ouvidos, gritou:

– Oi!

Eles não tinham se falado até o momento, pois Preston ficava sempre com o grupo de amigos, mas ele olhou com algo que parecia interesse.

– Que lugar – disse ele em seu dialeto de maxilar travado. – O que estou fazendo com uma vassoura na mão tão cedo?

Ela teve que lutar contra a vontade de dar um sorriso sem graça e sair correndo. E inspirou ar frio.

– Trabalho manual?

– Trabalho manual. Correto. Estamos pagando esses franceses para ficarmos aqui e, além de não valorizar o dinheiro, eles me acordam ao amanhecer e colocam este objeto na minha mão. Pareço um varredor de rua?

– Um varredor bem-vestido.

Evelyn esperou que Preston ignorasse o comentário, mas Preston sorriu e continuou conversando.

– Não existe isso. Não existe esse homem. Certamente, não eu. O que você está fazendo a essa hora tão cruel? Indo apertar o pescoço de uma galinha?

– Na verdade, eu estava indo ao restaurante.

– A comida é tão ruim assim na casa onde você está?

Ela riu com nervosismo e deu alguns passos hesitantes até o outro lado da rua, na direção dele.

– Para usar o telefone, na verdade.

– Vai ligar para a mamãe salvar você?

– Na verdade, não. Eu ia ligar para o agente de viagens.

Ele bateu no cabo da vassoura.

– Entendi. Vai direto à fonte para se libertar desse campo de concentração. Seus pais não vão ficar alarmados quando você aparecer em casa sem ter avisado?

– Eu não tinha pensado nisso. Talvez fiquem felizes.

– Depois do que esse programa de trabalhos forçados custou? Duvido.

– Bem, talvez eu peça ao agente para me mandar para Paris por um tempo, então.

Preston riu, e Evelyn sentiu as bochechas ficarem vermelhas e o calor se espalhar pelo corpo. Não conseguia acreditar que tinha feito alguém como Preston rir. Ela estava ali, falando com um dos riquinhos mais populares (e, aparentemente, entretendo-o), quando passou o ano todo quase sem falar com garotos. Queria

que alguém estivesse filmando, para ter alguma evidência de sucesso social para lembrar durante as longas noites no alojamento.

– Gostei. Uma fuga para Paris, custeada pelos pais. Eles nunca vão saber. Evelyn, não é?

– É.

– Evelyn de quê?

– Beegan.

– Beegan. O que é? Irlandês?

Evelyn mudou a posição para se apoiar no pé de trás.

– Coreano. Russo. Africano.

Preston deu um sorriso e apoiou o cabo da vassoura na moldura da porta.

– Multiétnico. Que moderno. Vou com você. Quero ver se é mesmo possível escapar.

Ele passou por cima de uma pequena poça, e os mocassins brilharam mesmo na pouca luz quando ele se juntou a Evelyn na rua.

No bar, ele comprou café denso, quase mastigável, para os dois, enquanto ela, tendo esquecido a diferença de fuso horário, deixava uma mensagem para o agente de viagens de Easton que cuidou dos voos dela.

Ela acabou não precisando de um voo para ir embora. Naquela noite, Evelyn ouviu pios embaixo da janela, se jogou no chão e engatinhou até lá para ver quem era e por que estava tirando sarro dela. Era Preston, com Charlotte Macmillan, uma garota com experiência internacional do alojamento de Evelyn que diziam que foi repreendida por entrar escondida no quarto de James Ying de madrugada. Eles estavam com alguns outros “descolados”, como eram conhecidos na Sheffield, e não pareciam estar rindo dela. Preston a estava chamando para ir com eles. Ela se levantou, acenou e se juntou a eles.

Conforme o período foi passando, ela achou surpreendente e reconfortante finalmente ter amigos, um grupo, pessoas que não se importavam e talvez até gostassem dela. Ela mandava fotos para a mãe, dela com outros seres humanos de verdade. Havia

outros alunos no programa de Sarennes que eram estranhos e diziam coisas estranhas, que iam sozinhos aos castelos do Vale do Loire em passeios de fins de semana, e ela não era um deles. Ela era parte de uma coisa. Evelyn vivia se monitorando para ter certeza de que não estava sendo chata e irritante nem sem graça demais e fazia bem seu papel tranquilo em comparação às confusões de Preston e dos outros.

Quando voltou à Sheffield, ela não era mais tão popular, mas tinha um lugar. Uma das garotas de Sarennes disse que ela seria perfeita para a equipe de peso leve de remo e a levou até a casa de barcos no primeiro dia do período de primavera. O treinador disse que ela devia ter talento natural por causa do tipo de corpo. Ela passou a ter outro grupo novo de amigos com quem se sentar, com quem fazer piadas internas, em quem jogar água Ammonoosuc e com quem cantar no ônibus nas competições de fim de semana em Groton e Kent. Agora, Charlotte se sentava com ela na sala comunal do alojamento e perguntava se ela queria pedir sanduíches de frango do Delvecchio. Charlotte pediu que Evelyn dividisse o quarto com ela nos dois últimos anos para que pudessem pegar o “duplo quente”, o quarto duplo do quarto andar com varanda e armário escondido onde Charlotte podia fumar. Evelyn agora tinha uma etiqueta de referência, “amiga de Preston”, que a destacava entre as multidões da Sheffield.

A mãe foi visitá-la no fim de semana de Páscoa e insistiu que ela convidasse um amigo ou amiga para jantar.

– Mãe, o que você acha de levar um grupo? – sugeriu Evelyn.

– Que grupo? – perguntou Barbara.

E Evelyn soltou cada nome como uma bala em uma boca ansiosa: Preston Hacking, Charlotte Macmillan, Nick Geary, o melhor amigo de Preston do fundamental II que estava de visita naquele fim de semana, vindo de Enfield.

Barbara decidiu transformar a noite em festa e contratou um carro para levar os adolescentes com ela junto a Portsmouth, assinando cada autorização com um floreio e os levando em seguida a um restaurante na beira do rio. Nick, ao saber que o plano de sábado à noite era ir a Portsmouth com a mãe de alguém,

descobriu um vendedor de maconha que conhecia de Brookline e ficou doidão antes de sair, mas encantou Barbara mesmo assim. Preston tomou mesmo o tal martíni de chocolate, e Evelyn se lembrava da mãe pedindo vinho para o resto. O fato de Evelyn ter conseguido reunir um grupo de Brookline e Beacon Hill (Barbara não ficou impressionada com Charlotte, que estava de marias-chiquinhas naquela noite) a fez sentir que ia explodir de realização. Ter amigos de repente e sua mãe ver que você tem amigos, quando toda a sua vida foi um fracasso social... Evelyn queria que aquela noite durasse horas.

– Eu me lembro daquele martíni – comentou Evelyn. – Eu não achava que Babs daria bebida para estudantes menores de idade, mas aconteceu.

– Estou bem ansioso para revê-la – afirmou Preston.

– Você vai ganhar dose tripla de Beegan hoje. Meu pai também vem.

– Charlotte – disse Preston –, você ouviu que vamos ver o fenômeno, digo, o sr. Beegan hoje?

Charlotte ficou estranhamente pálida.

– Eu não sabia que seu pai estava na cidade, Evie.

– Ele decidiu tarde na vida ser apoiador dos ex-alunos de Sheffield. O que posso dizer? – perguntou Evelyn.

– A prática jurídica dele... – começou Scot com a voz de trompete, mas Charlotte o cortou rapidamente.

– Então o velho moscovita mexeu o peão para onde? – perguntou ela.

Dale chegou alguns minutos depois, acompanhado pela diretora-assistente de assuntos de ex-alunos, que ele não conhecia, mas que estava morrendo de rir de alguma coisa que ele dizia. Principalmente entre os cardumes de nova-iorquinos grisalhos, todos usando ternos cinza, sensatos e discretos, Dale se destacava. Hoje, estava usando um terno que parecia feito de brim com um lenço de bolso rosa-shocking. Mesmo em casa, seu visual era exagerado, e Evelyn se perguntava como conseguia chamar

atenção em Nova York, onde pessoas usando polainas ou vestes de druida nem ganhavam um segundo olhar. Ele viu Evelyn e se despediu da diretora-assistente com, evidentemente, mais uma piada hilária.

– Ah, oi, querida. Essa sua cidade é quente como Hades, não é?
– disse ele. Ele carregou no “não é”.

– Pai, você se lembra de Charlotte e Preston? E este é Scot – falou Evelyn.

Dale, que não via Charlotte e Preston desde a formatura de Evelyn em Sheffield, e que, pela lembrança dela, nunca perguntou sobre eles, nem hesitou. Olhou para cada um nos olhos enquanto apertava as mãos.

– Charlotte, você está linda, como sempre. Preston, obrigado por cuidar da minha garotinha na cidade grande. Scot, é um grande prazer.

Charlotte se movia com inquietação.

– É um prazer vê-lo, sr. Beegan. Vou pegar comida. Alguém quer alguma coisa? Não? Tudo bem – falou ela, e se afastou.

– Bem – disse Dale, olhando ao redor. – Parece um evento e tanto. O que você está lendo aí, Scot? – Havia um livro branco aparecendo na bolsa carteiro de Scot.

– Uma revista de economia. Um artigo sobre Nouriel Roubini – respondeu Scot enquanto Preston, atrás dele, fingia narcolepsia.

– O que o sr. Roubini tem a dizer? – perguntou Dale.

– Ele acha que os Estados Unidos estão prestes a cair de um penhasco. Moradia, falências bancárias.

– O profeta do apocaliipse – disse Preston com voz de Scooby.

– Ah, seria bom ver Wall Street ser repreendida – afirmou Dale.

– Pai, vamos deixar Wall Street em paz, certo? – falou Evelyn.

Dale olhou ao redor e se animou.

– Ah! Olhem, é Jim Weisz ali. Tive um caso contra ele no SDNY ano passado. Vou lá dizer oi.

Ele saiu andando tão depressa quanto chegou.

– SDNY? – perguntou Preston.

– Southern District de Nova York. Tribunal federal – explicou Scot.

– Ah, que bom. Eu estava com medo de que fosse uma escola estadual – comentou Preston, empurrando o canudo da bebida para virar tudo o que tinha no copo. – Alguém quer mais?

Preston foi buscar as bebidas e Evelyn se juntou a Charlotte na mesa de petiscos; havia caviar empilhado no enorme prato dela.

– Deus, isso não é demais? Quanto você acha que este evento custou? – perguntou Charlotte.

Evelyn pegou um prato, surpresa por Charlotte, que sempre parecia distante pelo salário que tinha, ter reparado em gastos.

– Você nunca... – disse Charlotte. – Estou falando de tudo, de todas essas coisas de colégio interno e tudo o que o cerca, as viagens de fim de semana e vinhos e jantares. Como quando estávamos na casa de Nick nos Hamptons, todo mundo ficava se parabenizando por ser parte da hegemonia branca quando na verdade não significa mais nada.

Evelyn pegou um crepe de salmão defumado.

– Não sei, Char. Tem seu apelo – falou ela.

– Qual?

– Acho que é a tradição. O jeito de vida, os modos. Tratar as pessoas bem e servir a um bem maior. As pessoas... Char, sem querer fazer propaganda do PLU, mas achei que as pessoas fossem ser horríveis, mas elas são legais. São ótimas, na verdade.

– Mas – Charlotte indicou o salão com a mão – quem nessa multidão, ou essa, na verdade, está atingindo um bem maior? São todos um bando de garotos egoístas com empregos fornecidos pelos pais.

– Não é verdade, Charlotte. Você está dizendo isso porque todo mundo é jovem e ninguém teve oportunidade de brilhar ainda, mas Camilla vai mandar na cena social de Nova York e, pode rir, mas faz um trabalho benéfico bem importante. O avô de Nick foi governador de Massachusetts e ele provavelmente vai entrar na política.

– Isso é loucura. Nick não consegue nem ser promovido a vice-presidente e tem uma história longa de uso de cocaína que impediria qualquer tentativa de concorrer a um cargo político. Você acha que qualquer jornalista cobrindo a história dele não vai

descobrir as trinta mulheres por ano com quem ele dormiu e para quem nunca ligou antes de ele se casar com a esposa correta? Além do mais, para entrar para a política, ele não devia estar fazendo alguma outra coisa além de trabalhar como banqueiro no momento?

– Ele não vai ser banqueiro para sempre. Estava falando semana passada sobre voltar a morar em Brookline e concorrer ao conselho municipal. A vivência no banco dá a ele experiência do mundo real.

– Acho que não funciona mais assim. Veja os jovens que estão tentando de verdade a política como carreira. Metade das pessoas com quem estudei em Harvard estava determinada a ser presidente. Eram pessoas assustadoras, mas isso é detalhe agora. Foram presidentes das turmas de ensino médio e entraram para o Instituto de Política na primeira semana no *campus*, e, quando nos formamos, eram estagiários em Washington e organizavam conferências com Henry Kissinger. Um banqueiro com conexões de família não pode mais passar por cima disso tudo e ser eleito.

– Veja os Bush. Há algo em conexões familiares em que as pessoas confiam.

– Os Bush! Tudo bem, exceto por um incidente em que papai paga para livrá-lo do problema e consegue a presidência para ele...

– Charlotte, por favor, não preciso de seu sermão nisso. Os Kennedy, se você quer um exemplo de democratas.

– Só estou dizendo que o dinheiro é conseguido de muitos outros jeitos interessantes agora.

– Ah, mas isso não torna a tradição mais importante? Se qualquer um pode ganhar dinheiro, não é desejável ter, sei lá, família, tradição...

– Diga. Classe.

– Charlotte.

– Classe. Classe-classe-classe-classe.

– Não faz diferença. Eu só estou dizendo que, como todas essas faculdades e clubes e similares se abrem para qualquer um que possa pagar a entrada, e até para pessoas que conseguem entrar pelos próprios méritos, então talvez as pessoas ainda queiram um lugar onde a família e a tradição e...

– O isolamento e a aristocracia ainda reinam? Para deixar a ralé de fora, certo, Evie? Olhe, os brancos protestantes cuidavam de tudo porque não havia mais ninguém. Agora há. Vivemos em uma sociedade de meritocracia, ou pelo menos no que era para ser, então você tem gente com capacidade de verdade conquistando poder. O jeito dos brancos protestantes ainda é bom, sim, só que não há mais nada para admirar. Ninguém liga para os brancos protestantes além deles próprios.

– Não acho que seja verdade. Veja, sei lá, a moda. A coleção de outono de Michael Kors é toda *Gatsby* e *Love Story*. Listras de rúgbi para todo lado.

– Você gosta de moda agora?

– Não precisa ser tão desdenhosa, Charlotte.

– Tudo bem. Ainda é uma referência cultural, com isso eu concordo – disse Charlotte.

– Olhe, o outro paradigma para uma pessoa com dinheiro é, tipo, Phil Giamatti ou seu chefe horrível com casa em Meadow Lane. Não sei se é uma coisa a se desejar.

Charlotte riu.

– Eu falei que meu chefe batizou a lancha nova de *Nunca Satisfeito II*? – perguntou ela.

Evelyn riu.

– O *Nunca Satisfeito I* devia ter dado uma pista.

Quando os pais Beegan se juntaram a elas no jantar, Charlotte se levantou abruptamente da mesa, alegando ter prometido se sentar com a antiga treinadora de natação. Isso quis dizer que Barbara se sentou ao lado de Scot, onde a conversa pareceu ir ficando mais e mais aleatória, embora Evelyn soubesse precisamente qual era o objetivo da mãe enquanto discorria sobre tênis para ver se Scot jogava e depois falava sobre as grandes famílias de Baltimore que ele não tinha como conhecer, depois perguntou onde ele estudou. Quando respondeu que fez o ensino médio no Arizona, Barbara perguntou se foi em uma escola pública, e, com ele confirmando, ela perguntou se foi em uma reserva indígena.

Evelyn estava ansiosa pelo intervalo enquanto o orador, um ex-aluno que era embaixador na China, discursava. Ela divagou

durante o discurso chato, mas voltou a prestar atenção durante as perguntas, quando viu Scot levantar a mão. A mãe inclinou a cabeça, e Evelyn colocou a mão no joelho dele.

– Não é esse tipo de evento – sussurrou ela com um sorriso leve.

– Acabaram de pedir perguntas.

– Eu sei, mas as pessoas não fazem perguntas em jantares como este – disse ela.

– Acho que não tem problema fazer perguntas – falou Dale em voz alta, sentado do outro lado de Evelyn. – Manda ver. É bom responsabilizar as pessoas com poder.

Do outro lado do salão, um antigo ex-aluno fez uma pergunta sobre as acomodações do cruzeiro no Yangtzé, e Scot olhou para Evelyn de um jeito zombeteiro e levantou a mão mais alto.

– Sim – disse Scot quando levaram o microfone para ele. – Eu estava curioso para saber se algo foi feito em relação à ideia de que o presidente Bush deveria pressionar Hu Jintao sobre o valor baixo artificial do yuan e o que você pensa do efeito disso na indústria americana em comparação ao efeito que um yuan livre poderia ter nos juros americanos.

Preston, sentado do outro lado da mesa, balançou as mãos para Evelyn, Barbara pegou o guardanapo e Dale sorriu, achando divertido. O embaixador respondeu à pergunta, e Scot então indicou que queria o microfone de volta, mas Evelyn dispensou a pessoa com o microfone.

– Já está bom, Scot. Já chega – sussurrou Evelyn.

– Achei...

– Está bom – disse ela, com o olhar nos nós dos dedos da mãe.

– Gosto da coragem dele – afirmou Dale.

Quando eles se levantaram das cadeiras, Barbara segurou o ombro de Evelyn.

– Isto é um evento de ex-alunos da Sheffield, não uma conferência de novidades – sibilou Barbara. – Imagino que o embaixador tenha achado que estava falando com amigos, não interrogadores.

Evelyn ajeitou o guardanapo na mesa.

– Bem! – disse Evelyn, olhando para o guardanapo. – Devemos

ir?

– Então. Ele é de Nevada – comentou Barbara enquanto guiava a filha até a chapelaria para pegar os casacos.

– Arizona.

– A família dele ainda está no Arizona?

– A mãe está.

– É viúva?

– Não, é divorciada.

– Divorciada. – Barbara repuxou os lábios. – Vou dizer uma coisa, Evelyn. As mulheres Topfer podem não ter sido felizes, mas nós nunca recorreremos a divórcio.

Era verdade; mesmo depois que o pai de Barbara fugiu com a secretária, a mãe, que passou boa parte da vida fumando cigarros e cortando cupons de desconto, nunca pediu o divórcio. Evelyn tirou duas notas de um da carteira para entregar para a garota da chapelaria.

– Eu falei para você começar a usar filtro solar nas mãos – falou Barbara. – Você tem que tomar cuidado com as rugas. As mãos são as primeiras, Evelyn. As mãos e os joelhos. Você usa filtro nos joelhos?

– Não sei.

– Eles entregam a idade. Você já tem quase 27 anos. Esse é mesmo o melhor jeito de passar seu tempo? Como esse homem do Arizona?

– Vinte e seis. A maior parte das pessoas da minha idade não é casada.

– Muitas são. Passar tempo com um garoto do Arizona é ótimo quando se acaba de sair da faculdade, mas, nessa idade...

– Mãe, ele é muito inteligente. Charlotte diz que é uma das pessoas mais inteligentes da Morgan Stanley. Foi recrutado para lá por David Greenbaum, que é um figurão, e é um dos vice-presidentes mais jovens de lá, uma posição ainda mais alta do que a de Nick. Ele não é músico de metrô.

– Tenho certeza de que ele é perfeitamente qualificado para o trabalho dele. Mas achei que seu emprego levaria você a novos círculos. Que levaria você a conhecer novas pessoas.

– E levou.

– É que, com a investigação... – Barbara guiou Evelyn para o final do corredor, onde ninguém ouviria.

– O pai de todo mundo está sendo investigado atualmente – disse Evelyn. Ela vinha tentando se convencer disso desde que Camilla falou, e o mantra às vezes ajudava a diminuir sua ansiedade com a situação, mas soava falso quando ela falava em voz alta.

– Ah, está? – O tom de Barbara foi sarcástico. – Que bom saber que Nova York ficou tão tolerante. Em Bibville, as pessoas se importam, na verdade. – Barbara tirou um batom malva da bolsa e passou com precisão. – Para falar a verdade, todas as minhas amigas no Eastern andam perguntando sobre você e dizendo que não sabem por que alguém ainda não se casou com você. Porque, no fundo, as pessoas acham que você tem algum problema se não se casa ou não está noiva aos 27. Começa a ficar estranho.

– Por que você não fala que estou namorando?

– Não quero que você cometa o mesmo erro que eu. Casar com alguém fora do círculo coloca você fora do círculo, não vê? A vida à qual você se compromete, de ajustes sociais constantes porque seu marido não se incomoda com o que acha que são tolices sociais, não é agradável. Regras são regras por um motivo. Scot nem joga tênis. Você quer mesmo passar a vida com alguém que não sabe jogar tênis?

– Mãe, isso é tão antiquado – respondeu Evelyn.

Mas sentiu decepção quando Scot ficou sentado na lateral da quadra durante os jogos de tênis na casa de Nick, perdido em um livro de história, sem ligar por não saber jogar, enquanto Evelyn tinha que fazer par com o amigo gordo de Nick de Enfield que respingava suor por toda a quadra.

– Eu queria falar com você sobre Jaime Cardenas. Ele está em todos os comitês beneficentes juniores e estudou administração em Harvard e em Stanford. É filho de Fernando Cardenas. Você já o conhece? – perguntou Barbara.

Era comum que Evelyn ficasse impressionada com a mãe, que conseguia acompanhar os círculos jovens de Nova York tão bem

quanto ela mesma tinha que fazer agora, apesar de mal saber usar a internet. Evelyn não conhecia Jaime, mas sabia sobre ele; tinha jogado o nome dele no Google várias vezes depois de vê-lo em algumas fotos com Camilla. A fortuna da família começou com uma engarrafadora venezuelana algumas gerações atrás, e o avô de Jaime construiu um conglomerado de produtos de consumo, de varejo, e entrou para o negócio de bancos. Jaime era vice-presidente dos negócios da família e entrou na cena social de Nova York com uma certa força, inclusive na eleição inédita para o comitê do Met Museum aos 28 anos. Ele era um dos alvos futuros do People Like Us, mas ela ainda não tinha esbarrado com ele para fazer uma proposta.

– Pronuncia-se “Raime”, mãe, e “de Cardenías”. Jaime de Cardenas. Scot também estudou em Harvard.

– A escola de administração não é a mesma coisa que a faculdade. Jaime de Cardenas – disse a mãe devagar e como se estivesse com azeitonas enfiadas na boca. Evelyn se perguntou se foi a única coisa em espanhol que ela já disse além de “Rioja”. – Que bom. Então você conhece.

– Na verdade, não.

– Normalmente, eu não sei o que acharia de uma pessoa, você sabe, chicana.

– Acho que as pessoas não dizem mais “chicana”.

– O fato é que o mundo está mudando.

– Tenho certeza de que Jaime vai adorar saber disso.

– Deixe de sarcasmo. Não fica bem. Acho que você devia pensar em sair com ele.

E Sheffield se repetia. A mãe achava que uma simples instrução era suficiente para Evelyn alcançar a glória social. Basta fazer amizade com sei lá quem de Watch Hill. Basta sair com um bilionário venezuelano. Mas a mãe nunca chegou a esse nível, Evelyn pensou, e vinha tentando compensar desde então.

– Eu tenho namorado – argumentou Evelyn.

– Chame como quiser. Evelyn, odeio dizer, mas sua aparência vai começar a piorar e seu corpo vai começar a ficar flácido. Está acontecendo comigo há trinta anos e é horrível. Quando penso no

que eu poderia ter feito aos 26... bem. Jaime de Cardenas tem ligação com a nobreza espanhola. É uma coisa com a qual não dá para discutir. Susie, você se lembra da Susie, a filha dela está em Washington, estava dizendo que ele vai para o baile Save Venice deste ano.

Ao Save Venice e aos jovens amigos do Frick e ao Apollo Circle no Met Opera, sim, sim, Evelyn sabia.

– Você devia ficar de olho nele. Ele parece o último dos solteiros bons partidos – falou Barbara.

Evelyn viu Scot na outra ponta do corredor, esperando-a e alongando o braço de um jeito esquisito. O veredito da mãe tinha sido dado; Evelyn ficou em silêncio por um tempo, apertando o polegar acima da junta de cima do mindinho.

– Era tudo o que eu queria dizer – concluiu Barbara. – Você pode me ajudar com meu casaco?

12

VERÃO NA CIDADE

Camilla decretou que um dos últimos fins de semana deveria ser uma “incursão urbana”, ignorando a correção de Scot de que “incursão” era uma invasão repentina, e não o oposto de “excursão”.

– Vai ser fabuloso – disse Camilla para Evelyn. – Todos os restaurantes vão estar praticamente vazios, e podemos ir para onde quisermos, fazer pilates e não ter que esperar hora marcada na Exhale.

– Você nunca tem que esperar hora marcada na Exhale – falou Evelyn.

Camilla só sorriu.

Evelyn saiu discretamente do PLU ao meio-dia naquela sexta, após uma discussão intensa e cansativa com Arun e Jin-Ho. O fundador Habsburgo estava infeliz com a quantidade de membros, e Arun e Jin-ho a chamaram até uma das salas de reunião para discutir isso. Eles queriam marketing mais tradicional, disseram; Evelyn devia fazer o que fosse necessário para aumentar os números.

– Como o quê? – perguntara ela. – Vocês querem que eu compre listas de e-mails de registros imobiliários de bairros chiques? Querem saber o quanto custa isso e quantos e-mails não solicitados essas pessoas recebem? O nosso diferencial é ser seletivo. Se vocês querem multidões, podem ir ao MySpace, e nem o Facebook se restringe mais a faculdades. Não precisamos copiar o que eles estão fazendo.

– Precisamos de outra coisa – dissera Arun. – Os eventos únicos que você tem organizado foram caros e não resultaram em muitas

adesões.

– É uma estratégia de longo prazo. A essa altura, nós não devíamos fazer eventos enormes com muita gente. Se vocês quiserem gastar em uma festa de lançamento de verdade, ótimo. Fico feliz de cuidar disso. Mas vão ser centenas de milhares de dólares, e acho que não temos orçamento para isso. Os eventos menores são relativamente baratos e criam boatos: aparecemos no Page Six, aparecemos em Styles, e os membros que temos são classe A: Bridie Harley, Caperton Ripp, Camilla Rutherford, Preston e Bing Hacking, só para citar alguns. É precisamente o que queremos ser.

– Ulrich acha que os números já deviam ser maiores – falara Arun.

– Ulrich é suíço e, com respeito, está com 70 e poucos anos. Estamos atrás de americanos de 20 e poucos. Ele vai ter que confiar em nós.

– Um amigo meu trabalha na linha de frente dos Rangers – falara Jin-ho. – Você devia falar com ele quando a temporada de hóquei começar. Eles são profissionais em comarketing.

– Os Rangers? Você está de brincadeira? Acho que oferecer dedos de isopor enquanto homens quebram os dentes uns dos outros não tem nada a ver com a elite. Estamos tentando provar que nossa rede social é para o estrato social mais alto. Se fizermos uma coisa de nível inferior agora, vamos perdê-los. Essas pessoas são capazes de farejar erros. São capazes de farejar fraqueza.

Arun torceu os lábios e sorriu. Ele era mais gentil do que Jin-ho.

– Tudo bem, Evelyn, mas, quer você goste ou não, todos trabalhamos para Ulrich, e, se ele nos mandar aumentar os números, temos que aumentar os números. Não precisa ser em um jogo dos Rangers, mas você tem que pensar em alguma coisa.

Evelyn tinha cruzado os braços, sem querer se comprometer com nada. Quando viu Arun e Jin-ho saírem do prédio ao meio-dia, indo para uma despedida de solteiro em Las Vegas, ela saiu para a rua, batendo os pés na calçada com tanta força que amassou os saltos, para encontrar Camilla na Takashimaya, uma loja de departamentos japonesa na Fifth Avenue.

Lá dentro estava silencioso como em uma biblioteca quando Evelyn encontrou Camilla no segundo andar, examinando um kit de cuidado de unhas para viagem feito de couro de crocodilo.

– É fofo, você não acha? – perguntou Camilla quando Evelyn chegou.

Evelyn sentiu que sua cabeça emitia nuvens de vapor.

– O quê? – perguntou Camilla.

– Trabalho – grunhiu Evelyn. – Eles não escutam nada do que tenho a dizer.

– Quem não escuta?

– Os CEOs. Arun e Jin-ho.

– Quem e quem? Quem são essas pessoas?

– Formados em Stanford. Alunos aleatórios, devo acrescentar. Jin-ho abotoa a camisa até o último botão e Arun desabotoa três ou quatro, para que todo mundo possa ver os pelos do peito dele. Mas eles acham que sabem mais do que eu sobre o que fazer.

– Isso é maluquice. Ignore! – aconselhou Camilla com alegria. – Meu acupunturista diz que temos que tirar toda energia negativa das nossas vidas. Quero sandálias de couro.

Como se Camilla tivesse chamado um gênio, um homem de cabelo branco se aproximou. Evelyn desviou o olhar para ele, imitando a frieza com a qual Barbara sempre tratava vendedores, e esperava que Camilla fizesse o mesmo. Mas Camilla se inclinou.

– Oi! – disse Camilla, como se o homem fosse o tio favorito dela.

– Como você está? Não está um lindo dia lá fora? Adorei seu prendedor de gravata. Eu estava querendo ver sandálias. Tamanho 37.

O homem deu um sorriso de dentes separados que o fez parecer doce e vivo, não um trabalhador demitido que só conseguiu arrumar emprego vendendo sapatos de mulher. Essa era a magia de Camilla.

– Sandálias – repetiu o homem, e foi para os fundos. Voltou com três caixas grandes e se agachou aos pés de Camilla.

– Você é engraçada – comentou Camilla enquanto ele colocava um par nos pés dela.

– Me desculpe – disse Evelyn. – Ainda estou pensando nessa

coisa de trabalho. Eles chegaram a falar hoje em fazer um evento de marketing em um jogo dos Rangers.

– Eca. Não quero meu perfil lá se tiver gente de esportes no meio.

– Não, não, não, não, não. Eles não vão fazer. Não vou deixar. Vou preservar o PLU, prometo. – Evelyn não podia perder Camilla como membro e logo formou uma nova ideia. – Os membros deviam ser pessoas como nós, como diz o nome. Eu estava pensando em fazer alguma coisa com, digamos, a nova leva de debutantes.

Ela ficou observando. Deu certo. Camilla mordeu a isca.

– Ah, isso seria ótimo. Consigo ver as debutantes usando o site – confirmou ela.

Evelyn virou a cabeça, tentando impedir que o sorriso se espalhasse pelo rosto. Ela vinha estudando debutantes para o trabalho no PLU, lendo sobre elas na Biblioteca Pública de Nova York. Em microfilmes e microfichas ela descobriu, com uma certa dificuldade, pois parte do código de ser debutante era que você não falava e nem escrevia sobre ser debutante, como era debutar em Nova York.

Ela soube primeiro sobre a cena debutante de Nova York em Sheffield, quando Preston foi acompanhante em alguns bailes. “A temporada”, no sentido de que havia uma temporada para debutar, era uma aproximação das festas da corte de Londres que inspirou a tradição debutante americana.

O Bal Français era o primeiro dos bailes, em junho, quando as adolescentes se formavam no ensino médio. Com os bailes de prestígio acontecendo nas férias, o Bal servia como treinamento. O Junior League, no dia de Ação de Graças, era coisa de novos-ricos, embora fosse considerada uma festa divertida. No Natal, o Infirmary era o grande evento social, com garotas de famílias antigas de Greenwich e Boston e Washington além das nova-iorquinas; como as debutantes podiam convidar amigos, era uma festa popular entre os jovens. O Junior Assembly era a mais importante, um baile pequeno e antiquado limitado às debutantes, suas famílias e acompanhantes, no qual ainda se erguia uma

sobrancelha se uma garota era católica. O International, que acontecia perto do Ano-Novo, completava a temporada, mas era para novos-ricos bem recentes, filhos de oligarcas russos e reis de cortes de frango.

Evelyn também leu sobre a sociologia dos bailes de debutantes, sobre por que essa tradição aparentemente arcaica ainda acontecia em cidades de todo o país, de Dallas a Seattle e Boston, e por que continuavam acontecendo mesmo com as garotas de 18 anos não sendo mais apresentadas à sociedade pela primeira vez nessa idade. “Ritos de passagem marcados com simbolismos de status social”, ela escrevera no caderninho. “Esforço de estratificação social.” “Forma de passar adiante marcadores de classe/posição na sociedade para os filhos porque os americanos não têm títulos no estilo britânico, com a mesma função de registro social.” “Capital cultural.” “Bailes apenas para convidados querem dizer que a elite decide quem é convidado. Distingue a elite de quem não é tão elite assim.”

Se Camilla estava falando sobre debutantes com ela, devia supor que Evelyn também debutou; esse era o código.

– Sem dúvida. Acho que seria um grande atrativo para o PLU. Mesmo só o conteúdo sobre os bailes, onde procurar o vestido, onde fazer a festa depois da festa, essas coisas.

– Consigo visualizar – disse Camilla.

– Tive problemas assim com meu vestido, porque tirei as medidas para ele no verão e fui para o colégio e ganhei quatro quilos, e a costureira ficou muito zangada comigo. – As palavras saíram de repente, e Evelyn não queria segurá-las. Queria ver onde isso ia dar.

– Onde você debutou? – perguntou Camilla, apontando para as sandálias que queria.

– No Bachelors’ Cotillion – falou Evelyn casualmente. Ela não passou tanto tempo lendo microfichas para nada.

– Bachelors’ Cotillion – repetiu Camilla.

– Em Baltimore. – Evelyn logo mudou a cadência na voz. – É tão divertido e antiquado. Quando minha avó debutou, elas todas tiveram que usar vestidos de mangas compridas, e o caos se fez

quando uma das garotas apareceu de tomara que caia. Nós víamos aquela mulher no clube de tênis, quando ela já tinha uns 70 anos, usando túnicas, e minha avó ainda a considerava ousada.

Ela ficou fascinada pela forma como as palavras saíam mais rápido do que o cérebro parecia formá-las.

Camilla só sorriu.

– Hilário. – Ela deu um pulo e entregou o AmEx Platinum para o homem. – Você pode embrulhar para mim? Muito obrigada. Evelyn, temos que conversar.

Evelyn começou a repensar na história de quando foi debutante, mas, antes que pudesse, Camilla continuou:

– Você sabe que minha mãe está me obrigando a ser anfitriã do comitê júnior dos Luminaries, certo?

– Claro – disse Evelyn. Era o principal evento de arrecadação de dinheiro do New York Signet Society, uma obra de caridade que apoiava eventos artísticos e literários por toda a cidade.

– Eu estava pensando que seu pai seria um ótimo Luminary.

– Meu pai? Ele não é de Nova York.

Camilla piscou.

– Às vezes, podemos abrir exceções. Particularmente se os Luminaries apoiarem o grupo.

– Milla, ele não é um cara que aprecia literatura.

– Eu estava pensando que ele devia entrar no nível Benfeitores Luminary. Tem um jantar fabuloso que ele adoraria. Ele parece tão divertido, Evelyn. Nunca recebemos gente do sul, ele acrescentaria um tempero.

– Tenho certeza de que ele adoraria, mas, sinceramente, não acho que seja o tipo de coisa de que ele gosta.

– Evelyn, você apoia minhas coisas, eu apoio as suas – falou Camilla em voz baixa, apertando os olhos. Evelyn ficou esperando um “Capisce?”.

– Vou perguntar, mas...

– No nível Benfeitor. Ele vai adorar. Vou reunir as informações. Avise que estou contando com ele para uma doação. São 25 mil.

– Vinte e cinco mil. – Evelyn lambeu os lábios. – Está bem, mas a questão é...

O homem voltou com uma sacola triangular, e Camilla pegou enquanto falava:

– Ele vai se divertir muito. Não quero ouvir mais nada sobre isso. Agora, o almoço.

Ela saiu andando, deixando Evelyn meio atordoada.

Evelyn imaginou o fim de semana em Nova York como sendo só ela e Camilla fazendo compras, e pedindo bebidas e comendo, mas, quando se juntou à amiga naquela noite no Sant Ambroeus, Camilla tinha pedido Aperol Spritzes para sete.

– Quem mais vem? – perguntou Evelyn, tomando um gole da bebida laranja.

– Nick, Brooke Birch, Will Brodzik, Pres, e acho que Pres vai trazer sua amiga Carrie – disse Camilla.

– Charlotte? – perguntou Evelyn.

– Não é Carrie? – perguntou Camilla.

Brooke estudou em St. Paul e em Trinity com Camilla, Evelyn descobriu quando jogou o nome dela no Google depois de uma menção anterior. O namorado gorducho, Will, jogou polo aquático em Enfield, mas era puramente de classe média; ele era aluno de externato em Enfield, morador da cidade, Camilla explicou em outra ocasião. Brooke e Will eram do tipo não competitivo e foram morar em São Francisco depois da faculdade, elegendo uma vida de triatlos e mercados de segunda categoria em vez da confusão de Nova York. Brooke trabalhou por dois anos com arrecadação de dinheiro no San Francisco Museum of Modern Art. Deixou o emprego não muito tempo antes e falava vagamente em abrir uma boutique em Pacific Heights, mas o segundo casamento da mãe foi bom o bastante para ela herdar muito dinheiro e não precisar trabalhar. O casamento, com um desenvolvedor de resorts de esqui, também foi bom para Will, que trabalhava na empresa do padrasto de Brooke.

Brooke chegou quando Camilla estava no banheiro e, no momento em que *maître* a levou até a mesa, encarou Evelyn abertamente antes de se sentar.

– Sou Evelyn Beegan. É um prazer finalmente conhecer você. Ouvi tanto a seu respeito – disse Evelyn, levantando-se da cadeira para oferecer a mão. – Você conhece Camilla de St. Paul?

– Somos amigas há muito tempo – falou Brooke, que tinha cabelo louro fino e orelhas pontudas, enfatizando o “muito”. – Achei que seríamos só eu, ela, Will e Preston hoje, na verdade.

– Não – respondeu Evelyn.

– Vocês se conheceram em uma rede social?

Brooke estava com ciúmes e agindo como uma vaca, e Evelyn se sentou sem pressa antes de responder.

– Nós nos conhecemos em Lake James. Mas sim, eu trabalho em uma rede social. O People Like Us. Houve um artigo na Styles sobre ele semana passada.

– É de encontros on-line, essas coisas?

– Não. Nada disso. Temos alguns grupos de membros. Em Nova York, claro, mas também em Dubai, Londres, Genebra. Aspen – explicou ela, lembrando que o padrasto de Brooke tinha uma propriedade enorme em Vail, então Brooke devia ter complexo de inferioridade por causa de Aspen.

– Ah – disse Brooke.

Nick, Preston, Will e Charlotte chegaram juntos, no meio de uma conversa sobre um conhecido.

– Mas ele estudou em Wharton – acrescentou Charlotte.

– Ele estudou em Wharton porque o pai coloca todas as outras pessoas importantes em Wharton – respondeu Nick. – O pai fodeu com o Federated LBO.

– O pai dele não colocou você em Wharton – retrucou Charlotte.

– Esquece isso, Hillary. A questão é que ele é um idiota, mas o grupo de CDO dele na Lehman ganhou bilhões ano passado. Bilhões. Lucro suficiente para a firma inteira. Eles fornecem crédito hipotecário para, qual é o termo, Pres?

– Subprime.

– Não, o outro.

– Ah, NINJA.

– Certo. Gente sem renda, sem emprego, sem bens.

– CDO significa obrigações de dívida... – começou Charlotte.

– Colateralizada – terminou Nick. – Bancos que vendem pacotes de hipoteca feitos para fracassados em Nevada e na Califórnia.

– Primeiro de tudo, não é culpa das pessoas que pegam os empréstimos, é culpa do banco por dar os empréstimos. Segundo de tudo, o mercado imobiliário não está mais tão aquecido – defendeu Charlotte.

– Os bancos alemães estão comprando essa merda como se fosse bala, então não tem como perder com o negócio – argumentou Nick. – Só não consigo acreditar que esse tal de Lehman consiga esse tipo de bônus.

– Estou entediada – falou Camilla, voltando para a mesa. – Chega de negócios. Nós todos nos conhecemos?

– Estou surpresa de ver você aqui – disse Evelyn baixinho para Charlotte enquanto Camilla fazia as apresentações.

– Também estou surpresa de me ver aqui – respondeu Charlotte.

– Pres me ligou, e eu tinha acabado o trabalho cedo, e achei que valia encarar a srta. Rutherford para jantar direito e ver vocês dois. Ninguém está passando o verão na cidade.

– E então? Estamos todos animados com nosso fim de semana urbano? – perguntou Camilla, falando mais alto do que Charlotte.

– Achei que íamos sair da cidade – comentou Brooke. – Não pegamos o avião até aqui para passar o fim de semana em Manhattan.

– Ah, achei que um fim de semana aqui seria divertido – falou Camilla com tranquilidade. – Pode ficar à vontade para fazer seus próprios planos se discordar. Para quem quiser se divertir de verdade, vamos tomar uns drinques na minha casa depois do jantar.

Brooke trocou um olhar com Will que Evelyn não conseguiu decifrar.

– Parece ótimo – respondeu Brooke sem animação.

– Que bom – concluiu Camilla. – Eu falei que o corretor quer colocar as feras dele na École, certo? Adivinhem quem foi recrutada como supervisora de debutantes do Bal?

Camilla devia andar com um tradutor, Evelyn pensou. “O corretor”, também conhecido como Ari, era o namorado de Souse

Rutherford, o da placa escrito BIGDEAL. A empresa dele, a AF Holdings, era dona de boa parte das propriedades importantes de Nova York: o Pierre Hotel, o prédio da Lord & Taylor. Camilla não gostava dele, por isso o chamava de "o corretor". Ari morava em um apartamento gigantesco que ocupava o andar todo de um prédio na Fifth Avenue depois de ter feito uma proposta repentina e conseguido a barganha de 21,5 milhões de dólares quando uma proposta mais alta de um príncipe baremês foi recusada pelo comitê de proprietários por temores de a imunidade diplomática dele levar ao esconderijo de armas no prédio. As "feras" eram os dois filhos pequenos de Ari, que tinham mais ou menos 4 e 6 anos, e "a École" era a École Internationale, a escola francesa na East End Avenue que tinha fama de ser difícil de entrar. E "o Bal" (Evelyn sentia que estava preenchendo um teste com limite de tempo) era o Bal Français, o baile de debutantes cujas anfitriãs eram basicamente mães da École e membros do comitê.

– Você, como exemplo para as mentes jovens? Que diabos você vai fazer, dar aulas de valsa e fornecer loló para elas cheirarem? – perguntou Preston.

– E fazer a *danse d'honneur* – respondeu Camilla com uma reverência. – Quando fazem as debutantes antigas dançarem com o embaixador, sabem?

– É tão importante – falou Brooke com olhos arregalados. – Bill Cunningham sempre coloca uma foto da *danse d'honneur* na coluna dele, e Marchesa emprestou um vestido de sua grife da temporada passada para Sophie Gerond só para isso. Milla. É incrível.

Camilla fez uma colher girar na toalha de mesa.

– Phoebe vai participar do Assembly e do Infirmary, claro, mas minha mãe a inscreveu no Bal Français em junho porque Ari acha que vai ajudar os filhos dele a entrarem na École. Quem sabe? – disse Camilla.

Evelyn sabia que o Bal Français ficava perto do final no ranking de bailes de Nova York, mas ainda era importante; quem ia bem no Bal ganhava convites para os bailes de inverno, que eram as verdadeiras reuniões da sociedade. No entanto, ser debutante no

Bal sem participar do Assembly nem do Infirmary era como ser um ianque de Staten Island.

Um garçom colocou um cesto de pães na mesa. Charlotte foi a única garota que esticou a mão para pegar um.

– Ari ao menos fala francês? – perguntou Nick.

– Ari fala dólares – explicou Camilla. Ela segurou a colher em pé pelo cabo, e Evelyn viu a luz refletir no metal. – De qualquer modo, querido, a questão não é falar francês. É a escola. Uns onze alunos da École foram aceitos em Yale antecipadamente este ano. Tenho certeza de que o corretor não ligaria se os filhos tivessem aulas em tunisiano, considerando essa taxa de aceitação.

– Tunisiano não é uma língua – corrigiu Charlotte. – Eles falam árabe. E francês.

– Exatamente – concluiu Camilla.

Brooke deu um gemido feliz.

– Que divertido para Phoebe. Fiz o International na faculdade. Eu adorei.

Camilla assentiu.

– Você está certa. O Bal é pelo menos melhor do que o International. Phoebe vai se divertir – falou ela, tão rápido que Evelyn se perguntou se Brooke percebeu que tinha sido minimizada. – Evelyn, quando você debutou, foi festa grande ou pequena? Nem sei como se faz fora das cidades de verdade.

Evelyn olhou para Charlotte, que estava com um pedaço de manteiga na lateral do lábio. Não fez o sinal de limpar para ela; se Charlotte queria bancar a intelectualmente superior com aquele papo de “tunisiano não é uma língua”, Evelyn não a ajudaria.

– É uma festa em Baltimore – falou Evelyn. – De tamanho médio.

Charlotte levou a língua até o ponto que estava sujo de manteiga, mas não conseguiu tirar.

– Você foi debutante, Evie? Por que não me lembro disso?

– Ah, quem vai ficar se gabando, não é? – Evelyn gargalhou alto.

– Como é que é? Por que não fui convidado? – perguntou Preston, ajeitando os óculos. – Eu era o melhor acompanhante. Em um dos bailes, fiquei tão bêbado que minha mãe me levou para fora do Plaza em uma tempestade de neve para tentar me deixar

sóbrio. Acho que tentei agarrá-la. Só entre nós, acho que ela me beijou de língua.

– Eca! – Evelyn riu.

– Eu levei maconha escondido quando fui acompanhante – disse Nick. – Acreditem, isso tornou o café da manhã da meia-noite delicioso.

Camilla apertou os olhos para Will.

– E você, Will?

– Ah, eu não fiz essas coisas – disse ele.

– Mesmo? – Camilla deixou o silêncio se espalhar e esperou alguns segundos antes de continuar. – Então, Birchie, Will pode achar isso um tanto intrigante, eu acho, e antiquado. Você vai me ajudar com o Bal, certo? Minha mãe me inscreveu no comitê de anfitriãs, eles gostam de gente jovem para controlar os pagamentos, e não consigo lidar com todas aquelas adolescentes sozinha, então ela disse que eu podia escolher alguém para me ajudar.

– Ah, meu deus, sim. Claro, Milla.

– Que ótimo. Não é muito trabalho, de verdade. Só algumas reuniões e o baile em junho.

– Em junho? – Brooke lançou um olhar para Will. – Eu adoraria, mas o problema é que posso estar ocupada em junho. Querido?

Will se levantou e bateu com a colher no copo de água, um gesto totalmente desnecessário, pois o restaurante estava silencioso fora a mesa deles.

– Nós temos um comunicado – começou ele, carregando no “nós”.

Ele olhou para Brooke, que esticou a mão, com o dedo anelar rígido. Tinha uma aliança de diamante, que ela deve ter colocado com a mão no bolso, pois não a estava usando um momento antes.

– Estamos noivos! – anunciou ela com um gritinho.

Preston e Nick se levantaram na mesma hora, deram tapinhas nas costas de Will e beijos nas bochechas de Brooke, e Charlotte também se levantou, dando apertos de mãos masculinos nos dois, mas Evelyn ficou sentada quando reparou em Camilla, do outro

lado da mesa, também sentada e fazendo dobras cuidadosas no guardanapo.

– Uau, parabéns, crianças – disse Camilla.

Brooke andou pela mesa.

– Quer ver o anel?

– Sim, claro – respondeu Camilla, dando um tapinha na mão de Brooke. – É tão redondo.

Evelyn se levantou e deu um tapinha constrangido nas costas de Brooke.

– Que ótimo – falou. – É tão bonito.

O garçom apareceu com uma garrafa de champanhe e várias taças.

– Para comemorar! – gritou Will, e o grupo aceitou as taças e Nick fez um brinde ao casal.

Camilla bebeu rápido e terminou o champanhe com poucos goles. Esticou o braço para o garçom encher de novo e derrubou um pouco pela lateral.

– Ops. Minha taça transbordou – disse ela, levantando a taça na direção dos noivos.

Depois do jantar, Evelyn e Camilla andaram direto para o apartamento de Camilla; Nick insistiu em parar na loja de vinhos com Preston, argumentando que, na última vez que Preston comprou um Burgundy, o vinho era tão insosso que parecia ser de Long Island, e Charlotte, que estava bêbada e discutindo com Nick sobre a equipe titular do Red Sox em 1986, foi junto. Brooke, reclamando que os saltos eram altos demais, disse que ela e Will pegariam um táxi. Quando Evelyn e Camilla se afastaram, elas ouviram Brooke, chorando e dizendo para Will que não era assim que devia ter transcorrido o anúncio de noivado dela.

Camilla estava andando pela Madison tão depressa que Evelyn precisou dar uma corridinha para alcançá-la.

– E então? O que acabou de acontecer? Esse teatro do noivado? Estou surpresa de não ter tido nenhum show junto – criticou Camilla.

Evelyn avaliou o que sabia: que Camilla e Brooke foram melhores amigas em St. Paul, que o casamento atrapalhava os planos para o

Bal e que Camilla não gostava de Will. Escolheu uma declaração neutra.

– Eles queriam comemorar.

Isso teve o resultado que ela desejava e tirou mais de Camilla, para que Evelyn pudesse saber o caminho a seguir.

– Primeiro de tudo, eles devem ter ficado noivos um tempo atrás, mas estavam escondendo de nós para nos fazer comemorar a fabulosa escolha deles. Mostrar o anel? Pedir champanhe para a própria comemoração? Não há palavras. Eu devia ter pedido minha própria garrafa de champanhe e feito todo mundo brindar a mim.

– A Camilla, pela série mais recente de sucessos...

– Não é? Por que não? – Elas pararam em um sinal vermelho, e uma moto passou voando. – Você não conhece Brooke, obviamente, mas antes ela era muito divertida. Muito original. E agora? Will? Will Brodzik? Evelyn, os pais dele são donos de uma concessionária de carros. Concessionária de carros, Evelyn. E ele se casa com Brooke? Sério? Aposto que ela vai parar a pílula na noite de núpcias e vai estar grávida em um mês. E depois? Eles vão se mudar para um subúrbio de São Francisco, Will vai continuar no emprego absurdo e fingir que se importa com a carreira, e pronto. Éramos da mesma casa em St. Paul, e no último ano ela sempre falava em morar na Itália e criar sua própria linha de roupas, e agora vai ser uma dona de casa suburbana. Qual é o sentido? – Elas passaram por uma loja de sapatos fechada, com os sapatos iluminados como joias. – Aposto que o primeiro filho vai se chamar Will. O segundo vai se chamar Birch. É esse o nível de imaginação com o qual estamos lidando. Isso me mata.

– Brooke Birch Brodzik? – falou Evelyn, rindo.

– Ah, meu deus. Eu nem tinha pensado nisso. Brooke Birch Brodzik. Evelyn, há tão pouca grandeza na nossa sociedade hoje, tão pouca grandeza de verdade, e tanto... isso pode parecer horrível, mas você entende... tanto foco em trabalho e labuta – prosseguiu Camilla. – Você consegue guardar um segredo?

– Como um gato. – Essa não era bem a comparação que Evelyn desejava.

– Vou pedir demissão – afirmou Camilla.

– Do trabalho?

– Sejam sinceras: não faz sentido, faz? Não sei o que eu aprender sobre o Microsoft Outlook vai fazer pelo mundo. Não é bom para a pele, nem para o corpo ficar sentada em um escritório o dia todo. Acho que eu seria bem mais útil para a sociedade se me envolvesse mais com trabalho de verdade agora, em vez de fingir que ligo para coordenar os trajés dos garçons em mais um evento.

– Eu não tinha pensado por esse ângulo...

– Will Brodzik! Quando as pessoas da nossa idade estão fazendo coisas de verdade. Como Jaime de Cardenas, mas tem o chato do Will. – Ela balançou os braços como um símio.

– Jaime? Totalmente – falou Evelyn com cuidado.

– Você o conhece?

– Conheço... Acho que o conheci no Harvard Club.

– Acho que ele vai ser um grande homem. Um grande homem. Você vai se casar com Scot?

– Só estou saindo com ele há uns dois meses.

– Entendo. – Camilla franziu a testa, mas de leve; ela sempre tomava cuidado para não franzir de forma a aumentar as rugas. – É tão difícil imaginar Scot em Harvard, não é? – Ela entrou na 71st Street. – Mas Scot é um bom par para você.

“Mensagem recebida”, pensou Evelyn, tentando não revirar os olhos para o desprezo de Camilla.

No apartamento, um clássico de seis aposentos na Fifth Avenue com vista para o zoológico do Central Park, o grupo se reuniu de novo. Na quarta garrafa de vinho, Brooke levou a conversa mais uma vez para o noivado.

– Eu queria uma lapidação Asscher, apesar de sempre ter me visto como uma garota de lapidação princesa, então foi o que acabamos escolhendo – explicou Brooke.

– Uau – exclamou Camilla, olhando para a aliança com um grande sorriso. – É tão lindo, Birchie. O que você sempre quis. Você está pensando em casar em junho?

– Acho que sim. Tem tanta coisa para planejar. Minha mãe está me ajudando, claro, e ela acha que as flores de junho são as

perfeitas, rosas e lírios.

Evelyn se serviu de uma grande taça de vinho, perguntando-se o que Camilla, com atitude completamente diferente de horas antes, estava tramando; ela agora perguntava a Brooke sobre os cortes de vestido de noiva preferidos. Só quando o resto do grupo prestou atenção foi que Camilla parou e deixou uma declaração de Brooke sobre decotes pairando no ar.

– Birchie – falou Camilla, embora estivesse falando com a sala de um modo geral –, parece que seu casamento vai dar trabalho à beça. Não quero tirar você disso, então vou ser uma boa amiga e deixar você de fora da história do Bal. – Antes que Brooke tivesse engolido o gole de vinho, Camilla jogou o cabelo e se virou para Evelyn. – Evelyn, você pode fazer, não pode? Vai ter tempo?

Evelyn ergueu os olhos da taça. Todo mundo, menos Will, tinha parado no meio do gole.

– Evelyn? Você foi debutante, então conhece a coisa toda – argumentou Camilla.

– Conheço. Conheço, sim. Eu adoraria. Quer dizer, se Brooke...

– Brooke é noiva agora. Tem flores e listas de convidados e a mudança para passar a ser a sra. Brodzik para resolver. Certo, Birchie? Evie – disse Camilla, reduzindo o nome dela com emoção pela primeira vez que Evelyn conseguia lembrar –, você vai adorar. Acho que é uma das melhores festas de Nova York.

– Tudo bem – concordou Brooke, com olhos brilhando. – Tudo bem. Vou estar ocupada em junho, Camilla, você está certa.

– Vai ser ótimo – afirmou Evelyn. – Vai ser fabuloso.

Will, alheio, terminou o vinho com um gole barulhento.

– Alguém quer jogar golfe amanhã?

– Estamos passando um fim de semana na cidade, Will. Você pode jogar golfe quando voltar a São Francisco – falou Camilla, que tinha se virado para olhar pela janela.

Mais tarde, quando Evelyn passou por cima de Preston, prostrado, para ir ao banheiro, ele bateu no tornozelo dela com o Cohiba que estava fumando.

– O Bal. É coisa boa – falou ele.

PARTE DOIS

13

RICOS E FELIZES

Quando Evelyn viu o e-mail com o assunto “ENC: Chá do Bal e reunião de planejamento”, obrigou-se a esperar para abri-lo, só para saborear o prazer. Ela esperava que Camilla esquecesse a proposta ou reincorporasse Brooke ao comitê, mas ali, em preto e branco, estavam as informações: “Oi, Evie, veja abaixo. Empolgada! Bjs.” Para seu prazer, ela viu que era no apartamento de Margaret Faber, a mulher que foi tão simpática em Sachem, e viu também que ela morava em um dos melhores endereços de toda Nova York.

Ela não sabia qual seria a reação da mãe ao convite para o comitê do baile de debutantes, mas ficou empolgada.

– Estou tão feliz por você, querida – dissera Barbara. – Dizem que é uma festa maravilhosa. Estou tão feliz de você estar finalmente fazendo essas coisas. Estou dizendo há anos o quanto essas pessoas são interessantes.

Barbara até ligou de novo depois para perguntar sobre detalhes da festa e pareceu genuinamente feliz. Foi a primeira vez que ela deixou a mãe tão feliz assim.

Evelyn achava que ter sucesso no baile era vital. Se fosse um arraso lá, isso podia levar a mais credibilidade no PLU e a mais convites por seus próprios méritos. Ela podia ser convidada para o Junior League e o Infirmary no inverno e talvez até entrar para os comitês quando seus filhos tivessem idade suficiente.

Quando chegou ao apartamento de Margaret Faber na Park, um homem de gravata Hermès passou correndo por Evelyn, e o porteiro disse:

– Bom dia, sr. Shuder.

“Rob Shuder, produtor de Hollywood. Comprador novo, meio andar, e uma briga com vizinhos relatada no *New York Post* sobre o que constituía espaço público quando o decorador dele acrescentou rebites de metal ao corredor compartilhado.”

Evelyn foi atrás dele.

– Oi. Evelyn Beegan, para o apartamento de Margaret Faber.

O porteiro (ou ela devia chamá-lo de *concierge*?) da direita sorriu.

– Sim, srta. Beegan. A sra. Faber a está esperando – respondeu ele, sem consultar uma lista. – Por favor, venha comigo.

Os passos dele mal faziam barulho pelo chão de mármore, enquanto os dela gemiam de forma constrangedora. Ele chamou o elevador, e havia um ascensorista dentro.

– Srta. Beegan, para o apartamento da sra. Faber – informou o porteiro.

O ascensorista colocou a chave no painel e girou, apertou o 12 e, com os braços esticados ao lado do corpo e os olhos voltados para o alto, subiu com Evelyn.

– Obrigado, srta. Beegan – disse o ascensorista quando o elevador o engoliu de novo, com as portas se fechando.

Evelyn deu um passo inseguro na direção de uma sala com fileiras de cadeiras e procurou... o quê? Uma empregada? Um mordomo? Ela viu Margaret Faber com um terninho acinturado (de *bouclé*, como o dela, Evelyn reparou com alívio) entrar no corredor.

– Os queijos estão praticamente congelados! – constatou Margaret.

Evelyn se empertigou; esperava não ter sido confundida com uma fornecedora de bufê.

– Lamento ouvir isso – falou ela.

Ela olhou para a esquerda, para o fim do corredor, onde viu as anfitriãs, os maridos, as futuras debutantes e os pais das garotas se misturando em uma sala grande com estantes embutidas. As janelas davam vista para a Park Avenue, com cortinas pesadas de brocado cor-de-rosa e castanho-acizentado ao redor. Alguma coisa no sofá parecia familiar; Evelyn se perguntou se já tinha visto no *Architectural Digest*. Em uma sala adjacente, ela viu um flash de

câmera.

– Sou a amiga de Camilla Rutherford, Evelyn – disse ela. O sorriso agradável de expectativa da mulher não mudou. – Nós nos conhecemos em Sachem. Estou ajudando com o baile de debutantes.

– Ah, sim. Claro. Eu não sabia que você era uma das amigas de Camilla que conhecemos em Sachem. Souse e eu somos amigas há anos e conheço Camilla desde que ela era pequenininha. Souse! Souse! – A voz soou estrondosa e alta, e ela não teve problema em gritar pelo saguão que parecia de museu.

Uma mulher loura veio correndo da sala cheia de gente; Souse Rutherford, vibrando com ainda mais energia do que a amiga, com um bronzeado dourado e braços lindamente firmes expostos em um vestido de lã, também *bouclé*.

– Os *macarons* estão chegando! – gritou Souse, como um Paul Revere gastronômico.

– A amiga de Camilla chegou! Evelyn! – gritou Margaret.

– Evelyn? Evelyn! – Souse se inclinou para inspecioná-la, e Evelyn sentiu um aroma misturado de pó facial e Chanel nº 5. – Ah! Ouvi tanto sobre você, e Camilla anda escondendo você de mim esse tempo todo. Olhe só para ela. Adorável. Veja essa jaqueta. É fabulosa. Não é fabulosa?

– É fabulosa. É *vintage*? – perguntou Margaret.

– É, eu ganhei da minha mãe – respondeu Evelyn. Ela comprou em um brechó, mas os sorrisos das duas mulheres se alargaram, como ela esperava.

– Eu queria que minha filha usasse minhas coisas antigas. – Margaret franziu a testa. – Tenho alguns Balmains velhos que estão virando colônias de traças.

– Camilla está atrasada, como sempre, mas você devia entrar e conhecer todo mundo. O chá está sendo servido na sala, e as garotas estão tirando fotos na biblioteca, mas temos que fazer nossa reunião primeiro com os membros do comitê, na antessala – avisou Souse.

– Vamos começar em cinco minutos, apesar de metade das mulheres estar sempre atrasada, e a não ser que consertemos essa

situação dos queijos... Os queijos estão tão duros... – Margaret parou de falar, parecendo perturbada.

– Pode deixar. Eu resolvo, a situação dos queijos. É só me mostrar a direção da cozinha. Bastam alguns segundos no micro-ondas, sei que é terrível, mas vai deixá-los mais macios. – Evelyn conseguia ouvir a voz da mãe: todo mundo gosta de um convidado útil. E a dela mesma: cante para conseguir o jantar, Evelyn.

– Sim! – Margaret bateu palmas. – Que inteligente! Rosa não sabe o que fazer com os queijos, e eles parecem blocos de gelo. Um queijo precisa respirar! Quer ficar exposto no mundo! Você não precisa ir. Vou chamá-la e falar com ela. Maravilha. Maravilha!

Evelyn estava olhando para trás de Margaret, tentando entender o motivo de o garoto do tambor com bochechas rosadas parecer tão familiar quando ouviu Souse dizer:

– Push, devo esperar no saguão, para não darem trabalho para o sujeito dos *macarons*?

Evelyn abriu a boca, como a do garoto do tambor. O apartamento pareceu se elevar e começar a girar ao redor dela, e ela viu aquele vaso, aquela mesa, aquele tapete de anos atrás. A mão se fechou e ficou úmida, como se ainda estivesse segurando aquela fita amassada do Dia da Tinker, como se a fita também lembrasse a pressão que a Evelyn de 10 anos sentia para tentar esconder tudo, para tentar consertar tudo, para cobrir os silêncios da mãe e os toques impróprios e tornar Nova York o que ela e a mãe esperavam que pudesse ser. Mas não. Ela não era mais aquela garotinha. Não se deixaria perturbar por uma lembrança antiga, por uma fraqueza do passado. Tinha mudado. Podia mostrar que ali era o lugar dela. Só precisava mostrar que ali era o lugar dela.

Ela tentou não ficar olhando para Push, com cabelo mais escuro e em um apartamento diferente. Quando uma terceira mulher que se juntou a elas falava sobre a escola para moças em Lausanne, Evelyn abriu a mão e se obrigou a respirar mais devagar.

– É uma pena que as garotas insistam em terminar os estudos em Nova York – disse a mulher, e Evelyn balançou a cabeça em solidariedade.

– É por isso que devemos fazê-las passar por essa temporada de

debutante, não é? O treino é tão pouco – comentou Push.

– Todas nós somos, até certo ponto, inseguras, então qualquer coisa que nos dê confiança não pode fazer mal – falou a mulher de Lausanne, cujas panturrilhas eram grossas de tantos músculos.

– Bem, as escolas americanas eram diferentes – argumentou Push. – Na Hollins, tínhamos que usar luvas no jantar, se vocês conseguem acreditar, e fazer aulas de arranjos florais. É claro que isso faz um século.

– Hollins? – perguntou Camilla, saindo do elevador na hora errada. – Oi, mãe. Oi, Push. Oi, sra. Egstrom. Desculpem o atraso. Sua mãe não estudou em Hollins, Evelyn?

– Ah, é? Qual é o nome dela? – disseram juntas Push e Souse.

– Ela é bem mais velha do que vocês, tenho certeza de que vocês não se conheceram. Ela foi... – Evelyn fez umas contas rapidamente, tentando encontrar uma diferença de idade grande o bastante para as mulheres não perguntarem mais nada – ...da turma de 1953.

– Nossa! – exclamou Push, franzindo a testa.

Percebendo que tinha feito a mãe ir para a casa dos 70 e muitos anos, Evelyn soltou uma gargalhada de Tinker Bell.

– Fui temporã – declarou ela.

– Também tive um assim – disse Push, dando uma piscadela. – Wythe deve estar colocando fogo nas tarteletes enquanto conversamos.

“Wythe”, Evelyn pensou. Ela se lembrava de Push ter uma criança pequena quando era uma Van Rensselaer.

Na antessala (Evelyn estava feliz por descobrir o que era uma antessala), o comitê de anfitriãs se juntou para uma reunião rápida. A presidente do baile, Agathe, com cabelo branco fino e o corpo magro de uma garota de 20 e poucos anos, listou as debutantes do ano, três da Spence, duas da Brearley, quatro da École e uma da Chapin, depois repreendeu os membros:

– Fizemos uma visita, como vocês sabem, até o centro de crianças no Harlem em setembro. Foi a única visita ao local este ano, e o número de pessoas que foi podia ser contado em menos de duas mãos. Temos que decidir se vamos continuar combinando

o baile com um componente de caridade quando está claro que nossos membros têm pouco interesse nisso.

– Acho que o baile é foco suficiente, temos tantos outros eventos para arrecadar dinheiro – falou uma mulher idosa de voz aquosa ao fundo, ligando ou desligando o aparelho de surdez, Evelyn não saberia dizer. – Acho lindo ver as garotas aprenderem a dançar e como se comportar. Talvez as visitas e tudo aquilo devesse ser secundário.

– Eu fiz a escola de moças em Lausanne – contou a morena corpulenta –, e lá aprendemos a falar, a nos portar na sociedade, coisa que as garotas estão aprendendo como debutantes. Eu também acho um elemento maravilhoso.

– Sim, mas veja a dificuldade em encontrar as debutantes. Sim, nossas filhas vão participar, mas temos o Assembly, o Infirmary, que ficam com a nata das garotas de Nova York – protestou Agathe. – Há uma sensação entre as garotas mais novas de que essas festas não são muito democráticas.

– O que é mais democrático do que ajudar crianças? – perguntou a mulher de Lausanne.

– Somos inconsistentes ao dizer para nossas filhas e amigas participarem por questões de caridade quando nosso grupo não consegue passar uma tarde em um centro de crianças para acompanhar um programa que apoiamos – constatou Agathe.

As mulheres olharam para os sapatos e pela janela.

– Bem, temos duas jovens aqui. O que vocês acham da tradição? – inquiriu Agathe, apertando o olhar para Evelyn.

Evelyn olhou para Camilla, tentando passar a pergunta para ela, mas a amiga enfiou a mão na bolsa para mexer no celular e Evelyn viu que tinha que responder.

– Ser debutante – disse Evelyn, enrolando. – Acho um jeito maravilhoso de se conectar com a história. De se ligar com o que nossas mães e avós faziam, de aprender o comportamento social adequado.

Os rostos ainda estavam voltados para ela com expectativa, e ela viu que precisava estabelecer suas credenciais, mesmo não sendo exatamente verdade.

– Fui debutante em Maryland, de onde minha família é – falou ela. Ela viu cabeças prateadas e amarelo-claras assentindo. Era o caminho certo, então. – Em um mundo em que qualquer pessoa pode ser qualquer coisa e todo mundo pode ir para todo lugar, e tão poucas pessoas sabem se comportar, não é bom ter uma tradição que diz que alguém é realmente alguém?

– Além do mais – completou Camilla, erguendo o rosto do celular –, é basicamente champanhe e vestidos bonitos, coisas de que adolescentes gostam.

Souse parecia prestes a bater palmas.

– Temos que ir a tantos eventos tediosos... todas nós temos, Louise, não me olhe assim, em que tem vinho branco e peixe cozido e o orador falando sem parar sobre o safári da Abercrombie e Kent no leilão silencioso – disse Margaret Faber. – É terrível. Essa é uma festa grande com um grupo de pessoas que você conhece. As debutantes fazem parecer mais jovem, mais alegre, e acho um evento familiar lindo. Muitas, a maioria de nós aqui, foi debutante e se lembra disso com carinho, e considerando que nossas filhas passam o tempo todo no celular e no computador, não é legal dar a elas um pouco da tradição e do mundo em que crescemos?

A defesa da sra. Faber silenciou os opositores, até Agathe.

Com o assunto aparentemente decidido, Agathe encerrou a reunião, e o grupo foi para a sala do chá. Cada debutante estava posando para uma foto, e todas usavam suéter peludinho com saia de rendas, com cabelo cuidadosamente penteado e cacheado.

Houve um estalo, e Phoebe, a irmã mais nova de Camilla, entrou na sala, seguida de uma garota que parecia Margaret Faber: a filha dela, Wythe Van Rensselaer. Phoebe bateu o pé e levantou os braços em uma pose de estrela de cinema dos anos 1940. A blusa era branca de botão e estava amassada, e ela estava usando uma calça jeans rasgada e tênis Keds, um com cadarço cor-de-rosa, outro, verde.

– Banque a Phoebe, cara, é o que dizem nas passarelas – disse Wythe, e Phoebe projetou o quadril para o lado e saiu andando na direção de Camilla.

– Mamãe está livre, finalmente? – perguntou Phoebe em voz alta.

– Parece que isso é coisa dela e que só estou aqui sendo linda. E Milla, a outra garota de Spence que está tirando a foto agora é uma fracassada e tanto. Jennifer. Ugh. Não faço ideia do que ela está fazendo aqui.

Camilla bateu no pulso da irmã.

– Oi. Você não está sendo linda. Ombros para trás. Está parecendo uma corcunda.

Camilla estava usando uma roupa bem estranha, considerando que era um chá da tarde, com um vestido de *tweed* e couro preto e botas com rebites e um ar distinto de dominatrix. Mas Evelyn ficou feliz de ter escolhido *bouclé*: o CEO pode falar palavrões e ter casos, mas a executiva júnior cheia de aspirações tem que ser pontual nas reuniões e educada.

– São umas garotas quaisquer, Milla. Não sei por que mamãe está me obrigando a fazer isso com todas aquelas garotas – reclamou Phoebe.

– Porque Ari quer. Evelyn! Venha conhecer minha irmã pestinha e a melhor amiga dela. Phoebe, Wythe, esta é minha amiga Evelyn.

Depois que Evelyn apertou a mão das garotas, a mulher de Lausanne lançou um olhar preocupado para a biblioteca, onde Jennifer estava sentada para tirar a foto, e bateu no ombro de Evelyn.

– É Evelyn, não é? Você pode cuidar para que as fotos estejam saindo bem e as garotas possem adequadamente?

Evelyn entrou na outra sala, onde a mãe de Jennifer, uma morena com olhos saltados provocados por problemas de tireoide e cachos feitos por modelador combinando com os da filha estava tentando tirar a câmera da mão da fotógrafa para olhar as fotos.

– Ela precisa mandar fazer o vestido porque é pequena demais – disse a mãe.

– Sou tamanho 34 – concordou a garota.

A fotógrafa puxou a câmera de volta e mirou na garota.

– É Jennifer? Me conte o que gosta de fazer quando não está na Spence.

– Quase não tenho tempo fora da escola – respondeu Jennifer. – Estou fazendo quatro turmas avançadas e esgrima.

– Ela acabou de ganhar um prêmio de pintura, o Courbet Award. A professora disse que nunca soube de alguém ganhar o prêmio em todos os anos que inscreve garotas da Spence – contou a mãe.

– Tudo bem. Relaxe os lábios. Você deve estar quase indo para a faculdade, certo? – perguntou a fotógrafa.

A mãe também respondeu essa.

– Whitman. Em Washington. É essencialmente dos Williams de Washington.

– Você sempre soube que seria debutante? – perguntou a fotógrafa, movendo o tripé para alguns centímetros mais perto.

– Eu...

– Quando a convidaram, logo depois que ela enviou a matrícula para a Whitman, em dezembro, Jennifer me disse: “As mulheres ainda debutam? É tão antiquado.” Eu disse para ela: “Isso diz às pessoas quem você é. Se você participar, durante o resto da vida vai poder dizer ‘Eu fui uma debutante’.” A decisão foi totalmente dela – disse a mãe.

– Você também foi? – perguntou a fotógrafa.

– Eu podia ter sido.

A mãe reparou nesse momento em Evelyn, que por sua vez a avaliou rapidamente. Atrás dela estava outro quadro do qual se lembrava de antes, uma imagem abstrata com pinceladas furiosas em preto e azul, cheias de maldade. Não, essa mãe não podia ter sido. Essa mãe foi produto de um subúrbio em Nova Jersey, que provavelmente não sabia que debutantes ainda existiam até chegar à cidade e forçar a filha bem-ensaiada para que acrescentasse ao currículo social dela. A presença de Jennifer ali vulgarizava o baile todo, tornava-o uma coisa para a qual os frequentadores do Infirmary e do Assembly poderiam olhar de cara feia.

– Algumas pessoas talvez se sintam incomodadas, mas é só porque não pertencem a esse mundo – falou Jennifer. – Representa um pouco ser aceita na sociedade. É engraçado, todo mundo acha que meu vestido é de noiva, e eu tenho 17 anos, mas ele é clássico. Com decote coração e saia ampla. Mãe, você pode retocar meu batom, por favor?

– Está na minha bolsa, na outra sala. Já volto – disse a mãe,

passando correndo por Evelyn.

– Vou fazer uma pausa também – avisou a fotógrafa, e seguiu por outra porta.

Jennifer beliscou as bochechas.

– “Mãe, você pode retocar meu batom, por favor?” – falou Phoebe, com uma voz debochada e calibrada de forma tão precisa que Evelyn quase não conseguiu ouvir, apesar de a garota estar a centímetros de distância.

Phoebe pegou um colar de pérolas falso em uma pilha de acessórios ao lado da fotógrafa e jogou em Wythe, que segurou com uma das mãos.

– Wythe, me arrume – ordenou Phoebe, e Wythe deu três voltas com o colar no pescoço de Phoebe.

As outras debutantes se amontoaram atrás delas, querendo entender as regras.

– E aí? Jennifer? Como estão suas fotos? – perguntou Phoebe.

– Boas – disse Jennifer, levantando o nariz.

– Não sei. Acho que você precisa de alguma coisa. De um topete. De óculos, talvez – falou Wythe.

– Topete – refletiu Phoebe. – Bem dona de casa dos anos 1950. Acho que ficaria lindo, Jenny-Jen-Jenno.

– Minha mãe fez meu cabelo – afirmou Jennifer.

– Ah, sua mãe fez seu cabelo? Eu não sabia. Wythe, a mãe dela fez o cabelo dela.

– Muito bem, então – disse Wythe. – Mais um motivo para mudá-lo.

Jennifer, ainda na cadeira, deu um sorriso hesitante e puxou um dos cachos. Olhou para Evelyn, que conseguia ouvir a respiração das outras debutantes ao redor, observando para ver até onde aquilo iria. Evelyn devia ser a adulta ali. Devia interferir.

– Evelyn! Você pode dizer a Jennifer que ela precisa refazer o penteado? – perguntou Phoebe.

Quando Evelyn olhou para a garota com os cachos exagerados, com a mãe exagerada de Jersey esperando em outro lugar, sentiu uma onda de poder crescer e vibrar, e esticou a mão e pegou um pente na mesa de acessórios.

– Acho que um topete ficaria lindo – comentou Evelyn, surpresa com o quanto as palavras soaram azedas e boas em sua língua.

– Isso! – gritou Wythe.

– Vai, Jennifer! Topete! Topete! – cantarolou Phoebe.

Evelyn se aproximou de Jennifer, segurando o pente como uma faca. Queria não só esticar os cachos, mas puxar o pente pelo cabelo da garota, para ver como era a sensação de ser a rainha do ensino médio que todo mundo temia.

– Topete! Topete! – cantarolou Wythe enquanto Phoebe jogava cordões de pérolas falsas no ar, em êxtase.

Evelyn estava esticando a mão para pegar os cachos inertes e tristes de Jennifer quando a mulher de Lausanne, ao passar pela sala, pegou parte da conversa.

– O que está acontecendo, garotas? Jennifer, você não devia mexer no cabelo. E coloquem esses colares de volta. Vocês não conseguem seguir instruções simples? Não mandei vocês ouvirem a Evelyn? – Ela deu um sorriso solidário para Evelyn.

Jennifer balançou a cabeça sem dizer nada e saiu correndo do aposento, balançando os cachos. Evelyn a viu sair, e agora o pente em sua mão parecia ridículo. O que estava fazendo, atormentando uma adolescente? Ela sentiu um aperto no braço dado por Phoebe, virou o rosto e viu as outras debutantes olhando com assombro.

– Amo a Evelyn – disse Phoebe para Camilla, que tinha acabado de abrir caminho entre o monte de debutantes para se juntar a elas. – Mas não quero ir a esse baile. Se bem que meu vestido é incrível pra caralho. Comprei em uma loja *vintage* por 20 dólares. Acho que originalmente era uma camisola.

– O da Jennifer tem decote coração com saia ampla – falou Evelyn, imitando a voz fina da garota.

Phoebe e Wythe riram, e as debutantes atrás também. Até Camilla deu um sorrisinho.

– Ugh. Vou pedir para a banda tocar “Hot Legs” quando eu fizer minha reverência – disse Phoebe.

Camilla soltou um suspiro longo.

– Você e Wythe podem parar com isso que vocês estão fazendo? Por favor? Comprem vestidos normais e convidem acompanhantes

normais, e podemos passar por isso inteiras. Evelyn?

– Camilla está certa – concordou Evelyn. – No meu baile, tinha uma garota usando botas Doc Marten, e ela só pareceu maluca.

As garotas morreram de rir.

– Doc Marten! Quantos anos você tem?

– Doc Marten. Ah, meu deus, a era grunge não acaba nunca – zombou Camilla.

– A mãe dela quase desmaiou quando ela levantou o vestido para fazer a reverência. – O estranho era que Evelyn conseguia imaginar isso quase como se lembrasse.

– Onde você debutou? – perguntou Phoebe.

– Ah, em Maryland, onde nasci. No Bachelors' Cotillion.

– Bachelors' – repetiu Camilla. – Não consigo acreditar nessa história das botas.

– Por sorte, não eram de flanela.

Wythe se inclinou e examinou os brincos de pérola cinza em forma de gota de Evelyn; ela tinha colocado os brincos em uma caixa um mês antes e não os usou até então.

– Que brincos maneiros – elogiou Wythe, estalando os dedos. – Phoebs, tem um cigarro?

Phoebe e Wythe saíram correndo para a porta, apesar de o chá ainda estar acontecendo, quando Souse finalmente reapareceu.

– Ah, mãe, obrigada por me dar a oportunidade de me tornar debutante e realizar todos os seus desejos – Evelyn ouviu Phoebe dizer para Souse em tom cantarolado.

– Ah, Phoebe – disse Souse. – Você tem dinheiro para o táxi?

Phoebe, em situação de necessidade, deu um sorriso tímido. Souse deu 20 dólares a ela e, depois que Phoebe ergueu uma sobancelha, botou mais 20 na mão dela.

Quando as garotas saíram, Souse se virou para Evelyn e fez sinal para um garçom trazer duas taças de champanhe.

– Oi de novo. Estou exausta. Venham, sentem-se. Meus dois minutos com minha filha, não é moderno? Phoebe chateou o pai, e Fritz não vem. O que devo fazer, dançar com dois homens ao mesmo tempo? Ari deu bastante dinheiro para a organização, então conquistou o direito de fazer isso. Fritz vai participar do

Assembly. Temos que nos revezar. Sente-se, Evelyn. – Souse tirou um sanduíche sem casca de uma bandeja. – Uma das coisas mais civilizadas que faço é tomar chá diariamente, então esse é meu direito esta tarde. O quanto um dia pode ser ruim quando se come um sanduichinho?

– Nossa empregada sempre fazia uns ótimos, de pepino, com um pouquinho de manteiga – disse Evelyn.

Eles só contrataram Valeriya alguns anos antes, e a única comida que Evelyn a viu preparar foram pães duros que ela levava de casa e às vezes esquecia no armário dos Beegan.

Mas a demonstração de solidariedade entre castas pareceu funcionar, e Souse disse:

– Eu soube que você é de Baltimore.

– A família da minha mãe é, sim.

– Estão lá há muito tempo?

Esse era um tema de perguntas que teria deixado Evelyn nervosa alguns meses antes. Mas ela andou lendo e treinando. As inverdades escorreram pela língua. Ela contou sobre a transportadora, as casas no estilo Tudor lado a lado, as tias-avós solteironas, em Roland Park, as histórias com as quais cresceu, os belos automóveis de Baltimore, as ligações familiares com John Hopkins, a casa de veraneio em Eastern Shore que eles decidiram transformar em residência permanente... tudo, ela pensou, de que Souse precisaria para identificá-la como de família rica tradicional.

– Que lindo. Eu quase não conheço Baltimore, mas é tão bom ter essa tradição toda – falou Souse quando ela terminou. – E Camilla me disse que você tem namorado.

– Tenho, sim. Scot.

– Quem é ele?

– Ah, ele trabalha com finanças. No grupo Morgan Stanley. Trabalha com David Greenbaum.

– Finanças. As garotas agora são tão tradicionalistas. Na minha geração, éramos todas rebeldes, e as garotas de agora, bem, são os anos 1950 de Eisenhower, não são? E tem Ari. Imóveis. É sério. Conheci Ari em um dia de chuva na Madison, não é horrível? Em um bar, se você consegue acreditar. Ele ficou bêbado rápido,

porque, na verdade, ele só tem um rim. Ele é muito bom com as meninas.

– Posso imaginar. Vejo que Camilla tem muito respeito por ele.

– É mesmo? Eu não tenho como saber. Me diga, Evelyn, porque Camilla não vai me contar. Ela vai levar alguém ao baile? Um acompanhante?

– Ela estava pensando em levar Nick Geary, mas só como amigo. Acho que ela está feliz em ficar sozinha agora, para ser sincera. Não é falta de interesse da parte dos homens.

– Ah, eu sei, eu sei. Mas ela não devia estar namorando? Não sei. Não entendo como as pessoas jovens conseguem atualmente. Todo mundo anda tão ocupado. Como Jaime de Cardenas, você o conhece?

Evelyn se empertigou.

– Nós nos vimos uma ou duas vezes. Ele parece ótima pessoa.

– Ele é. E atira muito bem.

– Caça?

– Patos, basicamente. É impressionante. Ele vai a Sachem sempre que pode, e é divertido para todo mundo. Se bem que faz muito tempo. Os jovens hoje em dia. Todo mundo está sobrecarregado. Eu queria dizer que Camilla está muito feliz de receber seu pai como convidado no jantar dos Luminaries.

O jantar dos Luminaries, com a etiqueta de preço de 25 mil dólares, sobre o qual Evelyn torcia para Camilla ter esquecido. Estava prestes a fugir do assunto quando se deu conta de que, se Souse estava feliz pelo pai dela ir ao jantar, Camilla não devia ter contado sobre a investigação do grande júri e que isso não importava, ao menos enquanto todos acreditassem na linhagem ilustre dela.

– Meu pai está animado para ir – disse Evelyn.

– A doação dele é muito generosa. De verdade. Ah, querida, Push está batendo as asas para mim. Ainda não encontrei objetos para o leilão silencioso e tenho que ir compensar. Estou feliz de termos conversado. Por que não nos conhecemos antes?

O significado implícito de que Evelyn estava dentro ou perto do círculo de Souse provocou um arrepio no pescoço dela, mesmo

estando em um buraco cada vez mais fundo com suas histórias.

– Ah, eu andei ocupada com o trabalho e só agora estou conhecendo Camilla melhor. Esse evento está sendo um prazer. É sempre legal revisitar os dias de debutante.

– É mesmo, você está certa. Nos mantém jovens. Ou me mantém jovem. Você não precisa se preocupar com isso, precisa?

Souse saiu andando, e Evelyn, que se sentia jovem no meio daquelas pessoas, andou até as travessas de comida: quiche, tabule e tarteletes de framboesa e limão. Encheu um pequeno prato e tentou sugar sutilmente um pedaço de salsinha do tabule dos dentes enquanto ouvia as mulheres conversarem.

– Ani foi aceita antecipadamente em Princeton, mas Michael só em Oberlin...

– Conheço várias pessoas que estudaram em Oberlin e são ótimas...

– Compramos perto de Stockbridge...

– Frango é a única coisa que as pessoas parecem comer e servir agora...

– As audições do coral...

– Os americanos sempre perguntam sobre Maria Antonieta e acham interessante termos decapitado uma rainha.

14

UMA SELEÇÃO DE PRESUNTOS

Evelyn observou o pai pelo vidro do bar Jamón. Ele estava vibrando de energia, apontando para uma peça de presunto após a outra e jogando os braços no ar enquanto ria do que estava dizendo. Ainda sem indiciamento, ele e Leiberg Channing achavam melhor todos prosseguirem com a vida normalmente. Ele estava em Nova York para um acordo, que devia ter corrido bem: sua calça cáqui estava quase inflada de orgulho.

Ele estava de pé em frente ao bar de mármore, e o homem atrás da bancada estava esperando o pedido dele, mas Dale estava ocupado demais com seu monólogo sobre os presuntos pendurados. Evelyn tinha escolhido o ponto de encontro, o bar Jamón, pelo guia *Zagat*, que dizia que era “ibérico-chique” com uma “energia secreta”; e era perto de onde aconteceu a reunião do acordo dele. Ela esperava que fosse tranquilo, pois o pai se distraía facilmente, e ela precisava pedir dinheiro para ele. Na última vez que tentou fazer isso, em Bibville, a notícia do indiciamento a deixou abalada.

– Pai – disse ela ao entrar.

Dale se virou e sorriu.

– Estou olhando para toda essa comida. Temos presunto lá na nossa cidade, mas não é um presunto assim!

Ele examinou o atendente de olhos caídos, e Evelyn conseguiu perceber que estava esperando a reação dos jurados, o tremor do sorrisinho e o leve enrugamento ao redor dos olhos que indicavam que Dale o conquistara, mas ele ainda não tinha terminado.

– Então. Que tal presunto, filho? – Dale riu.

O jovem ergueu o olhar.

– Presunto serrano, presunto ibérico de bellota, presunto ibérico de cebo. – murmurou o atendente, apontando para os pedaços de carne de porco.

– Nada do presunto da Virgínia? – perguntou Dale.

O homem pareceu arrasado.

– Não.

Dale riu de novo, intensamente.

– Ah. Evie, seus gostos estão ficando sofisticados. Agora, meu bom homem, posso pedir só um café preto?

O atendente foi fazer um americano com movimentos sofridos enquanto Evelyn e Dale se sentavam a uma mesa alta, com uma vela acesa entre eles apesar de estar claro lá fora.

– Ah, Nova York não é cidade para mim, mas no outono não é ruim – disse Dale.

– O outono em Nova York – falou Evelyn, meio cantarolando.

– O que foi? – Ele fez sinal para o homem levar o café até lá.

– Você tem que pegar no balcão, eu acho – observou Evelyn.

– Bem aqui – pediu Dale. Para a frustração de Evelyn, o homem levou o café até a mesa deles. – Nada que uma boa gorjeta não resolva – acrescentou Dale em voz alta.

Evelyn fez cara feia para a mesa. Não podia se irritar com ele; estava ali para pedir, querendo conseguir dinheiro. Era uma posição ridícula de se estar. Ela tentou tanto se sustentar e estava indo bem até pouco tempo, e agora, enquanto o pai estava sendo investigado pelo governo por suborno, ela ainda tinha que implorar e permitir que ele a criticasse novamente. Até o MasterCard que ele lhe deu foi cancelado sem explicação, então não havia fonte alternativa de fundos.

O fato era que ela precisava de mais dinheiro. Tinha conseguido acompanhar a nova posição social até o momento, mas o ritmo estava acelerando. Nas semanas anteriores, Camilla a pressionou para ir a vários eventos que custavam de 500 a 750 dólares cada, e ela não podia pedir a Scot ou Preston para pagarem a conta. As roupas também; não conseguia acreditar no quanto soava bobo, mas era verdade. Ela tinha que ter uma série de vestidos novos, pois usar a mesma coisa em eventos em que via as mesmas

peças era tão estranho quanto usar a mesma calça jeans para trabalhar dois dias seguidos. Os vestidos custavam, mesmo em uma boa liquidação, 600 dólares cada. Evelyn já tinha acabado com o plano de aposentadoria do emprego na editora, que ajudou por um tempo, mas acabou rápido. Um jeito essencial de poder pagar isso tudo era ser como Camilla, cujos convites eram de cortesia porque os organizadores das festas a queriam nas fotos com o *backdrop*, e estilistas enviavam vestidos para ela porque queriam publicidade gratuita.

Todas as outras pessoas tinham fundos, se não vindos de um emprego (e raramente era de um emprego, exceto no caso dos banqueiros), por fundos de investimento, subsídios dos pais ou outras fontes. Evelyn se perguntava por quê, visto que tentou ser responsável a vida toda, os pais não a achavam merecedora desse tipo de apoio. Na verdade, para ser precisa, ela sabia por quê. O pai alegava acreditar no valor da frugalidade, mesmo quando estava ocupado comprando o horrendo e sem dúvida caro blazer castanho que estava usando. Ele parecia estar especialmente vibrante e com ar de vendedor hoje, só para testá-la.

– E como você está, querida? – perguntou Dale.

– Bem, pai. Cansada; fui a um evento beneficente com Preston e Camilla ontem que só acabou às duas.

– Pensei que o nome do seu namorado fosse Tate.

– Não. Não é Tate. É Scot. Preston é um dos meus amigos mais antigos. Da Sheffield. Você o viu no evento de Sheffield.

– Preston, isso mesmo. É aquele magrelo. O que ele faz?

O que aquelas pessoas faziam? O trabalho indefinido de Preston com investimentos queria dizer, até onde Evelyn sabia, que ele jogava golfe e almoçava. Camilla abandonou o emprego na *Vogue*, como tinha dito que faria; a gota d'água foi quando, enquanto a equipe dos eventos especiais começava o trabalho do baile de gala do ano seguinte do Costume Institute no Met, Camilla viu que Jessica Simpson estava na lista de desejos de celebridades convidadas e deu um ataque.

Os amigos de Camilla tinham empregos de meio período que davam tempo suficiente para eles participarem do cenário

beneficente: embaixador global de uma marca de joias ou consultor de marketing da Citarella, a loja gourmet no Upper East Side e nos Hamptons. Nick, que trabalhava, sempre se atrasava para as festas, isso se não faltasse, e Camilla estava ficando cada vez mais zangada com ele. Não havia como ter emprego e fazer isso tudo, e, na verdade, ter um emprego parecia desqualificar você para realmente pertencer ao grupo.

– Preston trabalha com investimentos. Mas ele é um Hacking pelo lado do pai e um Winthrop pelo lado da mãe, então não precisa trabalhar – contou Evelyn. E o dinheiro continuava surgindo para ele, graças às ligações que tinha; Charlotte ficou perplexa quando soube que ele levou um lote em uma oferta pública inicial das ações de uma empresa de tecnologia que todo mundo do mercado queria.

– Enquanto eu estudava direito, trabalhei como lavador de pratos em uma lanchonete velha no centro de Chapel Hill.

– Eu sei, eu sei, pai. Mas não sei se Preston está interessado em ter uma carreira de lavador de pratos. A maioria dos meus amigos não tem emprego de tempo integral.

– Isso não faz sentido.

– Acho que é difícil juntar a vida moderna e trabalhar o tempo todo. É uma coisa ou outra.

– Isso não pode ser verdade, Evelyn. Seus amigos todos recusam trabalho?

– Nem todos os meus amigos. Ah, bem. Eu trabalho – disse ela, se ajeitando no banco e dando o que torcia para ser um sorriso vencedor.

Foi um alívio, depois que ela se formou na faculdade, ter salário próprio para não ter que preparar aquele showzinho, mas o salário obviamente não cobria mais as necessidades da vida dela.

– Então, pai. Eu estava com esperanças de poder pegar um cheque com você, só para me dar uma ajuda.

– Você é adulta. E fico feliz em dizer que tem um emprego. – Ele estava olhando para trás dela, para o cardápio escrito acima do bar, em um quadro-negro. – Que tal isso. Pombo em conserva. Você acha que pegam os pombos da calçada? Meu amigo? – gritou

ele, aparentemente prestes a fazer a mesma pergunta, mas Evelyn fez sinal para o atendente não se aproximar.

– Pai, esqueça o pombo. O que eu estava dizendo é que a maior parte das pessoas em Nova York recebe ajuda dos pais, e, com meu salário, não é muito fácil acompanhar.

– Você não é a maioria das pessoas. Foi criada com padrões.

– Mas, pai... sei que parece besteira, mas esses eventos beneficentes são muito caros.

– Eventos beneficentes, Evelyn? Se você quer ir a festas, pode pagar por elas. – Ele fez sinal para o atendente. – Acho que vou ter que experimentar aquele presunto especial.

Evelyn se virou de novo, mas o homem estava ocupado com outro cliente. Ela se voltou para o pai.

– Os eventos beneficentes são parte do meu trabalho, e só estou pedindo um pouquinho de ajuda.

Dale se calou ao ver Barbara entrando no bar. Ela estava com óculos de sol gigantescos que tinha começado a usar do amanhecer ao anoitecer. Estava carregando uma sacola lilás da Bergdorf, embora Evelyn conseguisse ver uma sacola maior da Duane Reade enfiada lá dentro.

– Mãe, papai e eu estávamos discutindo se eu devia receber um dinheiro para me dar uma ajuda. Todos os eventos beneficentes, jantares e viagens custam muito – explicou Evelyn.

– Eu estava dizendo a Evelyn que não quero bancar uma vida social – respondeu Dale. – Se fossem necessidades reais de sobrevivência, poderia ser diferente, mas acho que um vestido de festa não pode ser classificado como necessidade.

– Seu lenço de bolso custou 200 dólares! – exclamou Evelyn.

– Eu ganhei meu dinheiro e posso gastar como quiser, assim como você pode gastar o dinheiro que ganha como quiser.

– Certo. Que boba eu.

– Já tive essa discussão com seu pai durante décadas, Evelyn. Ele não faz ideia do custo de se manter algo parecido com vida social – observou Barbara. Ela ainda não tinha tirado os óculos. – Vamos ficar sentados nessa mesa comunitária?

– Mãe – disse Evelyn. – Sente-se. É para ser como na Espanha.

Barbara se equilibrou em um banco contra a vontade.

– Dale, Evelyn está vivendo o grande momento da vida dela, e isso não é de graça.

– Então ela pode pagar. É simples assim – falou Dale.

Eles estavam todos irritados e olhando para paredes diferentes. O atendente se aproximou, os avaliou e se afastou.

– Seu pai está certo, querida. Cuidar do orçamento é importante.

– Mãe. – Evelyn estava exasperada.

– Como está a busca pelo apartamento?

– O quê?

– Evie estava planejando se mudar – contou Barbara, para a surpresa de Evelyn. Ela não estava. – O apartamento dela agora é um tanto perigoso. A localização dele. Andamos conversando sobre ela se mudar para o oeste da Lexington, onde é menos perigoso. – Barbara deu um sorriso conspiratório para Evelyn. – Não houve um incidente em frente ao seu prédio recentemente, Evelyn? Um incidente de segurança? Foi por isso que começamos a falar da mudança.

– Certo – disse Evelyn, entendendo a deixa. – Certo. Mas o apartamento que estou vendo é um pouco mais caro. Porque tem segurança 24 horas, o que é importante atualmente, por causa dos crimes. Também tem sistema de alarme.

– Eu achava que seu bairro não tinha criminalidade alta – comentou Dale.

– Está ficando, com os projetos; tem muitos furtos, e onde eu moro não é seguro à noite – respondeu Evelyn. Os crimes eram os ocasionais roubos de esmalte na Duane Reade, cometidos por adolescentes de Brearley, mas ela não precisava especificar isso. – O novo prédio não é tão mais caro. Só mais algumas centenas de dólares por mês. Acho valiosíssimo em termos de me sentir segura.

Ela se sentiu mal enquanto via o pai pensando nisso, mas também lembrou o que a mãe sempre dizia: que como ele era insistente no controle do dinheiro, era ele que as obrigava a agir assim.

– Onde é esse novo apartamento? – perguntou ele

– É, hã, na 78th Street. Na 78th leste. Perto da Park.

- Custa algumas centenas de dólares a mais por mês?
- Isso.
- Acho razoável – disse ele. – Quero que você compre um spray de pimenta também.
- Claro.

Ela e a mãe sorriram uma para a outra. Evelyn ficaria no Petit Trianon, o que era fácil de esconder do pai, pois ele não a visitava nunca, mas a diferença no “aluguel” representaria mais 400 dólares por mês direto para ela. Depois de alguns meses assim, ela calculava que poderia comprar as sapatilhas Chanel com ponteira que desejava. Não era tão difícil economizar.

- Nova York está cheia de crimes.
- Eu sei, pai.

O celular tocou e ela olhou. Tinha prometido se encontrar com Camilla para ir à pedicure no Village e precisava sair logo. Ela atendeu e disse à amiga que estava no bar Jamón tentando encerrar a conversa com os pais e que iria logo em seguida para o Jin Soon.

Com a missão cumprida em relação ao dinheiro, Evelyn estava fazendo perguntas ao pai sobre a temporada de futebol americano do Tar Heels dez minutos depois, quando um sopro de ar frio e um cheiro de calçada anunciaram a chegada de alguém da rua. Evelyn se virou e viu com susto que Camilla estava indo na direção deles. Só teve tempo de se virar para os pais e sussurrar:

- Essa é Camilla Rutherford. Não...
- Oi! – disse Camilla com alegria. – Sr. Beegan. Sra. Beegan. É um prazer. Sou Camilla Rutherford. Peço desculpas pela interrupção, mas eu estava aqui perto, e Evelyn disse que vocês estavam aqui. Eu não poderia deixar passar a oportunidade de conhecer vocês.

– Camilla! – exclamou Evelyn. Por que seu pai escolheu logo hoje para usar aquele blazer castanho ridículo? – Que surpresa. Estes são meus pais, mas acho que isso é óbvio.

– É tão bom conhecer vocês – falou Camilla com sinceridade, apertando a mão de Barbara e se submetendo ao aperto breve e forte de Dale. Evelyn reparou que os punhos da camisa dele eram

curtos demais e que ele estava usando uma pulseira amarela
LIVESTRONG.

– Mãe, pai, nós estamos atrasadas para a pedicure, então temos que ir – falou Evelyn. – Mãe, podemos decidir a situação do cheque amanhã de manhã? Posso passar no seu hotel.

– Não, não – disse Camilla. – Não seja boba. Podemos fazer as unhas a qualquer hora, mas não é todo dia que os Beegan estão na cidade.

– Temos horário às seis horas. – Evelyn tinha que acabar com aquilo, pois quem sabe o que seus pais diriam? A mãe diria alguma coisa que se entregaria (e a Evelyn, por consequência) como de classe média, e o pai bancaria o sulista babão.

Camilla balançou a mão.

– Evelyn, não se preocupe. Jin Soon pode nos atender a qualquer hora. É um prazer enorme para mim estar aqui.

– Eu marquei com Jin Soon três semanas atrás – protestou Evelyn.

– Ah, por que você não se senta, Camilla? – convidou Dale. – Estou comendo um presunto chique, e tenho que dizer que é bem gostoso.

– Não, nós estamos mesmo com pressa. É só *jamón* serrano, pai. Não é tão raro. Tem em toda parte de Nova York – disse Evelyn.

– A nova loja gourmet em Easton tem bastante, Dale – falou Barbara. – Nós não moramos no fim do mundo.

– Eu adoraria ficar aqui com vocês – disse Camilla. – Que tipo de café você está tomando, sr. Beegan? Parece delicioso. Quero um igual. E um pouco do *jamón* também, por que não?

– Não temos tempo para ficar. Temos mesmo que ir – insistiu Evelyn.

– Camilla, eu soube que você é muito envolvida com filantropia de artes visuais – comentou Barbara –, assim como eu. Evelyn mandou fotos de vocês no evento do MoMA e achei seu vestido lindíssimo.

– Não! Eu não mandei fotos – desmentiu Evelyn. Mas tinha mandado. – Você está falando... acho que você viu no jornal do dia seguinte. Eu não mandei fotos. É sério. Que estranho. Então vai ser

café preto, Camilla?

– Um *Americano*, é como eles chamam aqui – explicou Dale, sinalizando para o atendente. – *Yo soy Americano*.

– Dale aprendeu espanhol para falar com alguns clientes de classe mais baixa – completou Barbara.

– O café? – quase gritou Evelyn. – Outro americano, por favor?

– Camilla, eu soube que você está se destacando no mundo dos banqueiros com a rapidez de uma lebre – falou Dale.

– Pai, essa é a Charlotte, e é com ativos privados. Charlotte foi minha colega de quarto na Sheffield. Você a conhece há uns dez anos. Camilla não trabalha em banco.

– É tão fácil confundir, sr. Beegan – comentou Camilla, e Evelyn teve a sensação irritante de que a amiga estava flertando com seu pai. – Tantas garotas em Nova York e tantos empregos. Mas não, eu trabalhava com planejamento de eventos e relações comunitárias até recentemente.

– Relações comunitárias, que maravilha. Eu sempre digo para Evelyn que é preciso considerar o mundo ao redor no trabalho, mas não sei se ela escuta.

– Na *Vogue* – explicou Evelyn, enfiando as unhas nos pulsos. – A revista *Vogue*. A revista de moda.

– Que delícia – disse Camilla, cheirando o café como se fosse vinho. – Excelente recomendação, sr. Beegan.

– Não está gostoso? – perguntou Dale, com o “está” soando como “tá” aos ouvidos de Evelyn.

– Camilla, como está sua mãe? – questionou Barbara, como se ela e Souse se conhecessem.

Camilla olhou de um para o outro e aparentemente escolheu Dale.

– Sr. Beegan – falou ela, se inclinando para perto dele –, espero não estar sendo agressiva demais, mas eu queria falar com você pessoalmente sobre o apoio aos Luminaries.

– Ah, Camilla, não tive oportunidade de falar com ele sobre isso – interrompeu Evelyn, com os batimentos acelerando.

– Foi por isso que vim aqui – afirmou Camilla, colocando a mão no braço de Dale; Evelyn e Barbara olharam para a mão com

desconfiança. – Achei que devíamos conversar pessoalmente. Os Luminaries, sr. Beegan, é um evento maravilhoso. Reúne líderes de negócios, artes, filantropia e, claro, do direito – ela apertou o braço dele – para falar de ideias. Eu ficaria honrada se você fosse meu convidado, como Benfeitor Luminary.

– Seu convidado? Não tenho dúvida de que você consegue encontrar alguém mais novo e mais animado do que eu.

– De jeito nenhum, sr. Beegan. Você seria perfeito. É um evento muito interessante. É no apartamento de Georgette Scharffenberg, da Constellation Capital, e tem a atmosfera de um jantar particular, então não é formal demais.

– Constellation Capital – disse Dale. – A empresa de ativos privados? Acho que não ficariam muito felizes de me ver. Eles apoiaram uma empresa contra a qual ganhei em um acordo recente.

– Temos todo o tipo de firmas financeiras interessantes em Bibville atualmente – interrompeu Barbara.

– Mãe – falou Evelyn. Barbara não estava agindo como herdeira de uma transportadora.

– Ah, não, não é assim – ronronou Camilla, ignorando as duas mulheres. – É um evento puramente social. Para ser sincera, David Boies foi ano passado e todos o adoraram, apesar de os anfitriões basicamente terem fundado sozinhos o lado Bush de Bush contra Gore.

A ideia do pai circulando em uma festa e falando da infância em uma cidade industrial para Georgette Scharffenberg fez Evelyn se arrepiar. Por que Camilla o queria, afinal? Souse podia ajudar a filha a convocar quem ela quisesse... Mas, de repente, Evelyn se sentiu quente. Claro. Era strike duplo. Assim, Camilla conseguia a doação de 25 mil, que ajudaria o poder social dela, mas levar um advogado de reclamantes do sul que está sob investigação para uma festa seria um gigantesco “foda-se” para Souse e daria uma certa notoriedade rebelde a si própria.

Evelyn empurrou uma faca pela mesa para chamar atenção da mãe, e, quando Barbara olhou, a filha a encarou com expressão dura e falou com movimentos labiais: *grande júri*. A mãe podia

botar um ponto-final nisso, e pelo menos iria querer proteger a reputação da família em Nova York, se não a de Dale.

– Não sei se o momento é o certo – disse Barbara, seguindo a dica. – Dale está tentando se concentrar no trabalho atualmente e não em aparições públicas. Não é, Dale?

– Ah, isso não parece muito público – discordou Dale.

– Também tem um donativo envolvido, certo, Camilla? Um donativo. Um donativo necessário – falou Evelyn. Ela estava quase gritando.

– Os benfeitores patrocinam o evento, mas quase todo o dinheiro vai para programas de alfabetização de jovens desprivilegiados, como reformas de bibliotecas em escolas públicas. É uma causa incrível – explicou Camilla.

– Eu ficaria orgulhoso de apoiar uma causa assim – afirmou Dale.

– É que, em termos do seu dinheiro... atenção... tempo, tempo, talvez não seja um bom momento – gaguejou Evelyn, se levantando.

– Você está tentando impedi-lo de ir? – perguntou Camilla. A voz soou inocente, mas os olhos estavam ardendo.

– Não! Não. Claro que não. Parece ótimo. Mas é que papai se compromete demais com muita facilidade. Não é, pai?

Dale sorriu para Camilla.

– Eu realmente me comprometo demais, mas o convite parece tão bom que acho que vou ter que dizer sim.

– Acho que vai ser incrível, sr. Beegan. Tão divertido. Li sua palestra de convidado na UNC sobre como Wall Street trabalha contra o público americano e sei que os outros convidados vão adorar saber sobre isso.

– Não consigo imaginar alguém querendo saber sobre isso – disse Barbara, não muito baixo.

– Camilla – falou Evelyn, quase implorando.

O pai parecia tão alegre. Evelyn queria protegê-lo e sacrificá-lo ao mesmo tempo. Decidiu que precisava sair dali. Ela foi na direção da porta como se pudesse levar Camilla magicamente junto.

– Eu ficaria honrado – disse Dale, abrindo um sorriso largo.

– Vou inscrever você como Benfeitor Luminary – falou Camilla. –

Muito obrigada, sr. Beegan.

Evelyn permaneceu levantada e começou a bater o pé, desejando que Camilla se levantasse e fosse embora; Camilla enfim o fez, seguindo-a para fora do local e sibilando:

– O que foi aquilo? Você devia me ajudar.

– Eu estava ajudando. Estava mesmo! Ele realmente anda muito ocupado.

– Ocupado demais para mim, então?

– Não, não é isso. Não mesmo. É que tem muita coisa acontecendo.

Quinze minutos depois e trinta minutos atrasadas para a hora marcada, Evelyn e Camilla chegaram ao Jin Soon na Jones Street. Camilla escolheu um esmalte cinza-amarronzado na estante.

– Cuide para que ele possa ir. Certo?

Evelyn fez que não com a cabeça, mas falou:

– Tudo bem. Tudo bem.

Camilla entregou a Evelyn o vidro de esmalte.

– Isso ficaria bonito nas suas unhas dos pés – disse ela.

Era da cor de lama seca.

15

AGENDA DE COMPROMISSOS

O outono chegou, com tardes manchadas de laranja e envelopes brancos grossos com convites para festas. Houve a noite de terça em que Camilla convidou Evelyn para jantar no Colony Club, o clube para mulheres de famílias tradicionais no Upper East Side pelo qual ela tinha passado várias vezes, mas nunca entrado. Camilla, ao levar Evelyn pelo saguão, mencionou que sempre fazia o jantar de aniversário no Colony no dia exato, 13 de julho, e que a teria convidado para a festa mais recente, alguns meses antes, se a conhecesse melhor na época. Evelyn estava feliz de estar no Colony, principalmente em um jantar só com Camilla, embora tenha ficado surpresa com o quanto algumas partes estavam malcuidadas, com sofás velhos que teriam sido relegados ao gato em qualquer casa de novos-ricos, mas ali eram marca de parcimônia branca. A comida era de nível inferior a clubes *country*, peixes assados e saladas Waldorf servidos na sala de jantar coral. Evelyn viu mulheres falando com o nada e percebeu que estavam acostumadas a falarem com servos alertas.

Houve a tarde de quinta em que Camilla insistiu para que Evelyn se juntasse a ela na exposição Met's Louis Comfort Tiffany (para a qual, Evelyn reparou quando estava lendo uma das placas de parede, a família dos avós de Camilla tinha oferecido donativos generosos). Evelyn disse que estava doente para o pessoal do People Like Us para poder participar. Depois, elas foram ao EAT. para comer salada. Camilla, por não querer usar o banheiro lá, insistiu em ir ao apartamento de Evelyn. A cada quarto para o leste, Evelyn sentia o medo aumentar; não conseguia lembrar se deu a entender para Camilla que morava perto da Madison ou se

tinha deixado clara a verdade. Quando Camilla começou a fazer piadas sobre o Orient, Evelyn se enrolou para explicar como foi parar tão a leste: a secretária do pai encontrou o apartamento e fez um contrato de aluguel longo. Evelyn entrou no apartamento na frente de Camilla e, enquanto ela estava no banheiro, saiu correndo pegando o Mitford e o Post e o Fussell como se fossem pornografia, empurrando para debaixo da cama e jogando um cobertor sobre a pilha de CDs piegas de Rodgers e Hammerstein. Camilla a encontrou no quarto, deu uma olhada na colcha florida e disse que Scot devia sentir que estava dormindo em uma casa de bonecas.

Evelyn fez luzes, que a deixaram loura pela primeira vez, e começou a fazer escova três vezes por semana com a cabeleireira de Camilla para que o cabelo pudesse se aproximar do nível de perfeição brilhante do da amiga. O preço pareceu alto no começo, mas ela descobriu que, de forma libertadora, quanto mais gastava, menos se importava. A mãe apareceu com um cheque secreto, o que deu a Evelyn 10 mil dólares a mais, dizendo para que ela gastasse com sabedoria, junto com a diferença no dinheiro do aluguel para o "apartamento novo". Evelyn entendia que gastar com sabedoria queria dizer gastar em se estabilizar na cena. Comprou um secador poderoso, para que o cabelo sempre estivesse liso e volumoso, embora não pudesse usar ao mesmo tempo do ar-condicionado de janela para não queimar um fusível. Ela andava pelos andares principais da Barneys, da Bergdorf's e da Saks, escolhendo os artigos de higiene corretos: um sabonete para mãos de 23 dólares da Molton Brown, com aroma de amora branca e louro. Comprou a escova de pelos de javali da Mason Pearson. Comprou Perles de Lalique, em grande parte porque Camilla gostava do vidro, embora o perfume tivesse um cheiro estranho de pimenta-do-reino; ela torcia para se tornar uma daquelas mulheres conhecidas pelo aroma clássico, de forma que, quando entrasse na sala, as pessoas dissessem: "Ah, Evelyn." Em um antiquário no Soho, comprou um aparador *art déco* para a sala, a fim de abrigar o faqueiro completo que a mãe mandou recentemente; Babs tinha acrescentado um bilhete dizendo que a filha precisaria dele para

começar a receber em breve e que talvez achasse útil. Após passar irritantes sete minutos com um vidro de polidor de prata, Evelyn colocou tudo em uma bolsa e levou até o restaurante indiano três portas depois e ofereceu 100 dólares ao lavador de pratos bengali para ele lavar e polir. Ele aceitou, e Evelyn achou chique passar por lá no caminho de casa para pegar a prataria brilhando e alguns *paparis*.

A distância entre o trabalho e a vida noturna ficava cada vez maior. Quanto mais envolvida ela ficava na cena social e quanto mais aprendia sobre o que essas pessoas queriam, menos Arun e Jin-ho a ouviam. Eles estavam insistindo no crescimento grande, ao ponto de Jin-ho sugerir que Evelyn parasse de aprovar ou recusar membros um a um e permitisse inscrições abertas. Evelyn sustentou que isso acabaria com qualquer posição de mercado que eles tinham. Enquanto isso, brigava regularmente pela questão dos anúncios, depois que colocaram um anúncio enorme de Uggs no meio da homepage, e pela questão do conteúdo, que começou a pedir resenhas de produtos de beleza de farmácias.

O People Like Us ainda não tinha providenciado uma mesa para ela e tinha contratado um programador chamado Clarence que ficava sentado ao lado dela na longa mesa de linóleo. Havia apenas alguns centímetros não regulamentados entre ela e Clarence, e sempre que os olhos de Evelyn se desviavam uma pequena fração da tela do computador pousavam no tornozelo enorme e branco dele, permeado por grossos e esparsos pelos pretos. Ele usava short todos os dias para trabalhar desde que começou, em agosto. Clarence ficava digitando com os braços esticados, o lábio inferior gordo pendendo, respirando pela boca. Ele sugava o ar regularmente, e o lábio, brilhando com cuspe, tremia. Os pés, envoltos em tênis pretos pesados de cano alto, quase não chegavam ao chão. Ele recebia telefonemas ocasionalmente (um foi sobre o fato de que o plano de saúde não cobria remédio para calvície) e continuava digitando enquanto falava, como se fosse um executivo importante que não pudesse ser distraído. Evelyn sempre sentia como se estivesse dentro das funções corporais dele, das tosses que sacudiam o peito e que espirravam nas telas do

computador, nos bocejos reverberantes de cinco sílabas. Ela enfiava os fones do iPod no ouvido e colocava a trilha sonora de *Annie* o mais alto que conseguia suportar para tentar sufocar os sons da boca de Clarence. "And maybe real nearby", cantava Annie, com esperanças de que sua vida perfeita estivesse esperando. Enquanto isso, Evelyn recebia e-mails de Camilla ("dia no spa, você pode ir?" ou "indo para Q, avise se puder ir", sobre a casa da avó em Quogue) que faziam a vida de Evelyn no trabalho parecer ainda mais sombria.

Evelyn odiava usar o banheiro do trabalho para se trocar e sair à noite. As luzes fluorescentes faziam o branco dos olhos ficar amarelado e tornavam impossível distinguir se o rosto estava com um brilho de frescor ou de oleosidade. Também era degradante colocar os lindos vestidos de noite enquanto ouvia uma embalagem de absorvente interno ser aberta na cabine ao lado e os gemidos sufocados e outros ruídos que anunciavam os problemas digestivos de Ann, a mulher do RH, que estava sempre no banheiro às 17h. Evelyn se sentia muito trivial naquele banheiro de aço e linóleo com sabonete líquido antibacteriano cor-de-rosa; se sentia como uma secretária cansada de um filme dos anos 1950 que tinha que tirar meias sujas antes de pegar a linha para Astoria.

Geralmente, Evelyn esperava em uma cabine até ouvir Ann se levantar da privada e sair pela porta, depois tirava com cuidado as roupas de trabalho, se equilibrando na parte da frente dos sapatos de salto Givenchy. Tentando impedir que tudo tocasse o chão, ela terminava com a nécessaire espremida entre o cotovelo e as costelas, uma calça pendurada no pescoço e um suéter preso entre os joelhos enquanto se contorcia para colocar o vestido. Os sapatos já estariam machucando; foram feitos para acompanhar um carro e um motorista.

Evelyn saía da cabine e seguia uma rotina de retoques: um borrifo de água de rosas no rosto, Touche Éclat na parte interna dos olhos, papel removedor de oleosidade no nariz, uma sombra bege cintilante nas pálpebras, cor-de-rosa Chanel clássico nos lábios com hidratante labial por cima, um borrifo de Perles de Lalique por cima do aroma de pérolas intestinais de Ann. Mas isso

tudo não apagava o dia de trabalho. Ela sabia que estava gravado no rosto dela como pó de carvão ficaria depois de um dia de mineração. Não havia como ficar com o visual refrescado, descansado, de ioga feita e escova no cabelo das mulheres que saíam dos apartamentos no Upper East Side e com quem Evelyn tinha que competir nos eventos noturnos.

A pior parte era carregar a *nécessaire* até o banheiro, para que todos aqueles fracassados pudessem sorrir de solidariedade para ela. Ela não era uma garota trabalhadora leitora de *O livro vermelho* que achava que acrescentar um lenço e incrementar o visual com joias bastaria para uma transformação do dia para a noite. Sabia que não era assim. Como as pessoas nos eventos sabiam que ela estava indo direto do trabalho, Evelyn sempre colocava roupas que fossem plausíveis de usar durante o dia. Não queria que as pessoas pensassem que ela se trocou no banheiro do trabalho.

Mas, à noite, quando saía do PLU, era como se tivesse entrado em um mundo encantado. Ela conhecia os códigos agora; era capaz de entrar em um bar, pedir porto de Cockburn e pronunciar "Coburn" e receber um olhar impressionado do barman. Ela dizia "cabanas" para o Maine e "chalés" para Jackson Hole (que era só "Jackson") e "propriedades" para as Adirondack. Encontrava Preston para *premières* no Met e ia jantar no Knickerbocker Club, onde fazia brindes inteligentes comemorando o aniversariante ou o casal que acabou de ficar noivo. Entrava no La Goulue, onde o *maitre* já a conhecia e a sentava a uma mesa que era quase a melhor. Caminhava por festas e colocava uma mão educada e apropriadamente íntima nos braços da anfitriã. Era parte do grupo sobre o qual imaginava, um daqueles que era levado para o andar de cima ou de baixo, para partes restritas de clubes e restaurantes que já eram restritos por natureza, assentindo respeitosamente quando via as versões mais velhas de si mesma, que respondiam com educação, pois foram jovens e privilegiadas não muito tempo antes. Evelyn tinha 26 anos e, pela primeira vez na vida, estava sendo vista. Reconhecida. As cabeças não estavam virando – ela não pediria tanto – mas, só por um momento, um homem

sustentava o olhar dela por mais tempo do que deveria. Ou os olhos de uma mulher avaliavam o vestido dela com inveja. Ela agora podia ser uma conexão na Craigslist, um fragmento de letra de música, a inspiração para uma garota de musical. Descia escadarias grandiosas, feitas para exibir as mulheres na melhor de sua forma, e olhava para a multidão que a observava. A mãe a aprovava pela primeira vez na vida. Ela era convidada a ir a Newport no fim de semana; Newport! Entrando na história com aquelas pias de mármore, aquelas decorações de cobre, aquelas camas com dosséis, aquela cidade que foi o centro da sociedade. Os estresses da vida moderna, as ruas sujas, o lixo, os gastos, sumiam e viravam o palco dela. Ela sentia como se praticamente tivesse uma fila de dançarinas atrás, erguendo as pernas e dançando enquanto a celebravam.

– Senhorita Evelyn, você anda recebendo tanta correspondência atualmente. O carteiro deixou isto aqui para você porque não conseguiu deixar na sua caixa.

O porteiro do fim de semana (Randy? Andy?) entregou a Evelyn um montinho de cartas com um elástico grosso esticado segurando-as. Ela viu na mesma hora que havia envelopes grossos e quadrados e pretos texturizados se destacando entre as contas retangulares e que era uma leva excelente de convites.

Para abrir a correspondência, Evelyn diminuiu a luz na sala, pôs Judy Holliday cantando “The Party’s Over” e se serviu de uma taça de vinho. Colocou uma bandeja de prata redonda na mesa de centro para os convites, abriu a agenda vermelha Smythson e pegou a caneta Sharpie de ponta de pena favorita para escrever o título de cada convite, seguido de quem o oferecia. As páginas da agenda estavam começando a pesar com as múltiplas inscrições a cada semana.

Jantar no New York Antiques Show – TALVEZ? (ver se Pres vai)
Pré-estreia do documentário sobre Chanel, Paris Theater, festa em seguida, Bergdorf’s – SIM – jantar CHR antes

Jantar da pediatria no New York Presbyterian – ✓ Ungaro
vermelho
Almoço anual de arrecadação no Sloan Kettering – ✓ Jaqueta
branca Milly
Evento de compras beneficentes J. Mendel, New Yorkers Fight
Lupus – NÃO
Festa de lançamento da Ivari (linha de joias de Jessa Winter)
na Barneys – (talvez? Em conflito c/ documentário Chanel)
ArtBall no Studio Five, Chelsea – SIM – mesa CHR – confirmar
se Scot pode ir

Como sempre, ela separou as coisas boas das contas, que olhou o mais rapidamente possível, tirando dos envelopes e procurando o mínimo mensal, e não o total devido. Preencheu cheques, depois amontoou as contas e as depositou no fundo da gaveta de talheres, onde era o lugar dessas declarações acusatórias.

Então, pôde relaxar de novo. Aumentou o som de Judy Holliday com o controle remoto e repassou os convites mais uma vez. Essa era a melhor parte da coisa toda, a expectativa. Receber os convites significava que alguém a procurou e tentou descobrir o endereço dela. Alguém a quis.

16

NOITE SILENCIOSA

Evelyn abriu a porta de Sag Neck, com um *latte* desnatado e descafeinado com gengibre em uma das mãos, e reparou que os pais não colocaram nem guirlanda este ano. Normalmente, a marcha forçada de festas de Barbara Beegan começava com uma missa de véspera de Natal, um jantar (peru com recheio de ostra e acompanhamento de ostras fritas), bolo de café na manhã no dia seguinte, depois presentes, músicas de Natal e, mais tarde, almoço com rosbife, torta e mais músicas natalinas. Evelyn gostava de tudo, até do vidro de amendoins em conserva envolto em um laço de fita (limo na salmoura, como o pai chamava), que Sally Channing deixava na porta da frente da casa deles todos os anos.

Ela e Scot comemoraram na noite anterior à partida dela de Nova York. Foram só os dois, e ele seguiu a dica dela e reservou um jantar no Daniel e comprou para ela o anel Cartier com três tipos de ouro que Evelyn queria. Durante todo o outono, ela ficou tentando transformar o Scot que existia no Scot que poderia existir. Mandou-o comprar um terno sob medida, com costura precisa à mão na lapela, e o fez trocar as camisas polo de outlet por Lacoste. Ele parecia ansiar pelos elogios dela e sempre usava as roupas que ela escolhia quando saíam, o que a deixava se sentindo estranhamente culpada. Evelyn também trabalhou nos modos dele, tentando corrigir de um jeito descontraído a posição da faca e a etiqueta com portas giratórias. Quando estavam sozinhos, ela gostava dele, gostava da nerdice leve e da doçura, mas, quando estavam em grupo, só conseguia reparar que a camisa parecia ter acabado de sair da arara e que a gargalhada dele era alta demais.

Em uma manhã de domingo de novembro, quando Evelyn estava

saindo do apartamento dele e ouviu Scot sussurrar “eu te amo”, ela fingiu que não ouviu e continuou andando na direção do elevador. Perguntou-se: como se podia saber quando uma coisa era certa e quando não era?

Era o número de Camilla que ela colocava no topo da lista de favoritos do celular.

Mas o anel Cartier era perfeito, substancial com os três tipos de ouro, e Evelyn usava no dedo do meio e inclinava para captar a luz durante metade da viagem de metrô até em casa. Ela também pegava de vez em quando o cartão de Scot: “Querida Evelyn, você fez meu ano ser maravilhoso. Feliz Natal. Com amor, Scot.” O cartão manuscrito dava a ela a mesma sensação que a de um bilhete infantil escrito por um garoto de verdade: alguém gosta de mim.

Ela deixou no apartamento o presente de brincadeira que os amigos lhe deram na festa de Natal abastecida de *hot toddy* que aconteceu na casa de Camilla. Preston que escolheu: uma tiara de plástico, pois, ele disse, Evelyn era agora a rainha de Nova York. No final da noite, Camilla estava usando a tiara.

Em Sag Neck, além de não haver guirlanda, não havia árvore. (Limpar todas aquelas agulhas de pinheiro para um dia de comemoração não valia o trabalho, disse a mãe.) Os pais não penduravam mais meias de lã nas hastes de madeira do corrimão. Para o dia de Natal, a mãe fez uma reserva no Eastern Tennis Club para usar parte do mínimo mensal de comida obrigatório, e o plano de véspera do feriado eram sanduíches frios. Não houve amendoins em conserva de Sally Channing na porta deles este ano. Aquela parte, pelo menos, não foi surpresa para Evelyn.

O pai estava no andar de cima, no escritório, e a mãe, sentada ao piano, embora não tocasse e estivesse só com as mãos suspensas sobre as teclas como esperando que um titereiro puxasse as cordinhas.

Evelyn jogou a bolsa no corredor, subiu a escada e empurrou a porta do escritório do pai ao mesmo tempo que batia. Ele estava sentado à escrivaninha com um copo de bourbon, um livro grosso aberto à frente e tirando sujeira de baixo das unhas com uma lixa.

O escritório foi basicamente decorado por Barbara, o que queria dizer remos e esquis de madeira e uma carta para o secretário da Marinha assinada por William McKinley e endereçada a “Meu querido Pots”. (Evelyn deduziu muito tempo antes que isso não tinha nada a ver com a família dela.) A isso, Dale acrescentou seus próprios objetos: uma flâmula da UNC, livros sobre epidemiologia, e química e biologia, e um exemplar de *Inside the Jury*. Uma prateleira era ocupada por pirâmides de cristal e pesos de papel de metal que declaravam que Dale Beegan era MEMBRO EMÉRITO DO COMITÊ, ATTORNEYS AND AID e EX-ALUNO ILUSTRE DE TAR HEEL, 1999, e VICE-PRESIDENTE, DELMARVA TRIAL LAWYERS, 1995.

Ele colocou a lixa de unha na escrivaninha e fez sinal para Evelyn se sentar.

– Não, tudo bem, pai. Eu só queria saber se não podíamos resolver alguma coisa para o jantar de véspera de Natal. Os sanduíches frios que mamãe comprou são deprimentes.

– São de uma nova loja em Easton. Não acho ruins.

– Foi o que mamãe falou. A questão é que não quero comer um sanduíche frio na véspera de Natal. Vocês não penduraram as meias, não montaram árvore e não vamos fazer comida nenhuma. Não é muito festivo.

– Se você quer uma árvore, vá comprar uma árvore.

– Não é essa a questão.

– Bourbon?

– O quê?

– Quer bourbon? Você gosta, não?

– Não particularmente. – Ela levantou a xícara de café.

O pai serviu um pouco da bebida para ela mesmo assim, enquanto a voz no toca-discos cantava: “Goodnight, Irene, goodnight, Irene.”

– Tenho uma coisa para contar – disse ele.

– É ruim?

O pai não respondeu e esperou até Evelyn colocar o café de lado e enfiar a língua no bourbon. Ela fez uma careta e voltou para o café.

– O quanto você anda lendo sobre essa coisa toda? – perguntou

ele.

– Nada. Achei melhor ficar longe. Você disse que não houve muita coisa publicada.

Ele encheu o copo e colocou a tampa com cuidado na garrafa.

– Disse? Ah. É verdade. Não houve muito. Bem. Vou ter férias bem longas de Natal, no fim das contas. Decidi tirar licença da firma.

– Você quase nunca tira férias.

– Acho que vai ajudar a esclarecer alguns assuntos e acalmar o governo.

– Pai, isso não acaba implicando você? Se você largar a firma no meio dessa grande investigação?

– Não estou largando a firma. Só tirando uma licença.

– Não aconteceu nada, né? O grande júri não descobriu nada?

Dale bateu com a lixa na escrivaninha.

– Não que eu saiba, não.

– E isso não é pedir para que aconteça? Você não devia seguir a vida como se não houvesse nada de errado?

– Meu advogado acha melhor.

– Pai, investigações do grande júri não são nada de mais. O que faz diferença é como você lida com a situação. Tirar licença vai fazer as pessoas suspeitarem. Estou falando sério. Tirar licença vai fazer as pessoas começarem a pensar que você fez alguma coisa errada. Você devia seguir a vida e fingir que está tudo bem.

– Por que não consideramos a possibilidade de eu saber mais sobre a lei do que você? – perguntou Dale. Ele bateu com a lixa na escrivaninha várias vezes, depois colocou a mão em um livro bege fino que estava aberto em uma página de fotos em preto e branco.

– Você sabe o que é isso?

– Não.

– Dê uma olhada.

Ele se levantou e levou o livro, amarelado nas beiradas, até ela. O cabelo dele estava com fios grisalhos. Evelyn tentou se lembrar de quando não era assim, quando foi que ele teve uma cabeça cheia de cabelo só castanho, mas não conseguiu. Quando o corpo começa a se inclinar para a frente e os tiques se tornam hábitos

estranhos de velho? Dale limpou a garganta como para responder, e o gesto virou uma tosse pesada, cheia de catarro.

– Colégio Scipio High – disse Dale. – Eu era do time de beisebol. Os Raiders. Todas as cidades industriais tinham que ter um. Liga do pessoal mais velho também. Contratavam um determinado capataz só porque ele era bom interbase.

Ele olhou para ela, procurando uma coisa que não localizou, depois virou o anuário para uma página na qual o livro se abriu com facilidade. Era uma foto do pai dela, com meias até os joelhos e um sorriso seguro e corte de cabelo militar, liderando um grupo de garotos por um campo. Os olhos estavam grudados na câmera enquanto ele gritava alguma coisa para o grupo com lábios levemente entreabertos.

– Eu era o capitão de beisebol. Era bom. Aquele atrás de mim é Jimmy Happabee. Ele era um apanhador e tanto. A gente dirigia pela cidade como dois malucos na picape do pai dele nas noites de sábado. Era a única noite em que não tínhamos que trabalhar. – Ele puxou o livro de volta e fechou. – Outro mundo, eu acho. O pessoal antigo dizia isso na época, e veja se não me tornei um deles. – Ele olhou para ela. – Você é feliz, não é? Gostou da Sheffield e da Davidson?

– Gostei sim, pai.

– Você tem bons amigos. Tem dinheiro. Muito dinheiro.

Ela tomou um gole de café. Foi por isso que ele fez, se fez? Para dar dinheiro à família? Ou foi para se sustentar? Fosse o que fosse, não bastou. Ela não sabia exatamente quanto dinheiro a família tinha, mas estimava que fossem pelo menos vários milhões, considerando as grandes somas que o pai ganhou em comparação ao jeito normalmente excessivo como os pais gastavam. O pai devia achar que aqueles milhões eram suficientes para conseguir entrada imediata na sociedade de Nova York, quando vários milhões eram o que um gerente medíocre de fundo *hedge* ganhava em apenas um ano.

– Eu estou bem, pai – falou ela.

As mãos tremeram quando ele recolocou o livro na escrivaninha.

– Que bom. É bom ouvir isso. Vou colocar isto no lugar. Vai ficar

na prateleira ali. Você pode olhar se quiser.

– Tá.

– Quero que você saiba, Evelyn, que, mesmo se o grande júri descobrir alguma coisa, tudo bem, que a lei significa tudo para mim e que eu jamais a violaria.

Ela não acreditava nele. O pai sempre conseguiu alinhar a ambição e a lei, e aquela era uma situação em que era a ambição contra a lei. Ela tinha quase certeza de qual lado ele escolheria. “Você nunca acha que vai ser pego, até acontecer”, pensou ela.

– Tudo bem... Pai, se você está de licença, e os Luminaries?

– Os o quê? – Ele balançou a cabeça. – Ah, o jantar da sua amiga. É melhor você cancelar.

– É melhor eu cancelar? Fui eu que falei para você não ir.

– Que importância tem, Evelyn? É um jantar.

– Ela inscreveu você. Vai me matar se você pular fora. E o dinheiro?

– Que dinheiro?

– A doação! Que você tem que dar! Ela inscreveu para você o valor de 25 mil dólares.

– Você não mencionou uma doação de 25 mil dólares.

– Tenho certeza de que mencionei. – Ela sabia que não tinha falado nada.

– Você disse que havia *uma* doação, Evelyn, não uma que é mais do que o salário anual de muitos americanos. Prometer que eu daria 25 mil dólares para uma causa da sua amiga? O que você estava pensando? – Ele ficou olhando para ela sem piscar.

– Eu não fiz a promessa. Foi você quem quis ir.

– Evelyn, acho que não vai acontecer nada com a investigação, mas, se acontecer, e sinceramente, mesmo que não aconteça, você sabe o quanto seria inadequado eu fazer uma doação tão grande para uma das suas amigas agora?

– O que vou dizer para ela?

Ele sorriu e pegou o anuário de novo.

– Meu deus, Evelyn, diga que não posso ir.

– Não é tão fácil assim.

Mas ele não estava mais ouvindo. Tinha reaberto o anuário na

mesma página. Estava passando o dedo pela legenda; Evelyn só conseguia ler a primeira parte: "INTERVALO DOS GAROTOS DO BEISEBOL, capitão D. Beegan..."

Ele não olhou quando Evelyn empurrou o bourbon não tomado na direção dele e saiu.

17

PERGUNTAS DE SEGURANÇA

O toque estridente do telefone do apartamento no Petit Trianon acordou Evelyn com um susto. O que era? Aonde ela devia ir? Estava escuro; era hoje ou já era amanhã?

Mais um toque e ela se levantou do sofá.

– Alô. Sim?

– Srta. Evelyn, a srta. Charlotte está subindo.

– Que... que horas são?

– Oito e cinco, senhorita.

Evelyn demorou alguns segundos para se localizar. Tinha saído cedo do PLU para ir ao Equinox fazer uma aula de ioga vinyasa para tentar acalmar a mente, que reverberava de preocupação com o pai, sua própria situação financeira e o jantar dos Luminaries, mas não adiantou. No vestiário depois da aula, Evelyn se vestiu de novo, sem querer que as outras garotas que colocavam saltos e saias e maquiagem em preparação para as noitadas achassem que ela não tinha planos. Juntou-se a uma loura secando o cabelo em frente ao espelho comprido decorado e deu um sorriso solidário enquanto ajeitava o próprio cabelo. O olhar de Evelyn durou o bastante para perceber a aliança encostada no secador de cabelo da garota: corte princesa, de platina, um anel que um banqueiro daria.

Ela tinha certeza de que, se soltasse dicas suficientes, conseguiria ganhar uma aliança assim de Scot. Alianças de noivado estavam em toda parte, e Evelyn não queria ser a garota solteira digna de pena para sempre. Mas qual era o sentido de arrancar uma aliança de Scot? Se você ia se casar e não sentir muita coisa pelo marido, esse marido devia ao menos dar a vida que você

queria. Sarah Leitch, cujo marido era atarracado e chato, mas ganhou 20 milhões de dólares ano passado, estava redecorando a vinícola dela em Napa.

De pé em frente ao espelho, Evelyn também secou o cabelo com secador, passou corretivo ao redor dos olhos, rímel nos cílios e protetor labial, e calçou os sapatos Jimmy Choo. Depois, virou um anel de ouro com rubis para trás no dedo anelar da mão esquerda para que parecesse uma aliança de casamento. Caminhou pelo saguão da academia passando a imagem da garota casada indo para um evento social para qualquer um que estivesse olhando.

– Você pode dizer que não estou? – perguntou ela para o porteiro.

– Me desculpe, srta. Evelyn, ela é visitante regular, então já a deixei subir. É o regulamento.

Ela não tinha visto muito Charlotte ultimamente. A amiga sempre estava indo a museus com nomes como o American-Jewish Museum of the West African Diaspora e fazendo questão de dizer o quanto tinha aprendido lá e o quanto era mais instrutivo do que o que Evelyn fazia com o tempo dela. Ela sabia que sua vida parecia ridícula para Charlotte, que já tinha dito isso claramente. O que Charlotte não sabia era o quanto era viciante.

Houve uma batida na porta. Evelyn colocou o anel na mão direita e tentou parecer surpresa.

– Sim? Quem é?

– Charlotte.

– Ah! Char! Estou indo! Desculpe, não ligaram para avisar.

Ela abriu a porta e deu de cara com uma Charlotte com aparência cansada usando um terninho cinza elegante, comprado, sem dúvida, pela *personal shopper* da Saks que ela contratou e era especializada em banqueiras. Nos pés havia botas de caça L. L. Bean enlameadas por causa do mundo lá fora.

– Tem cerveja? Estou precisando de uma.

– O que você está fazendo por aqui? E já saiu do trabalho às oito?

– Não fui escalada para uma negociação pela primeira vez em séculos. Além do mais, me desculpe, você está me perguntando o

que estou fazendo aqui? Quando basicamente foi você que sumiu da face da Terra? Falando sério, tem cerveja?

– Só vinho.

– Você sempre tem cerveja.

– Só vinho, Char.

Charlotte afundou no sofá e pegou a taça que Evelyn ofereceu.

– Você está arrumada. Vai sair?

– Não, tive um evento. Depois do trabalho – disse Evelyn. A ioga meio que podia contar como um evento. – O que você está fazendo aqui?

Charlotte fez um som estranho com as bochechas.

– Encontro. Ruim. Parece que grito a palavra “lésbica” para todo mundo que conheço.

– Você foi usando essas botas?

– Evelyn... – Charlotte começou a se levantar.

– Me desculpe. Me desculpe! – Evelyn levantou as mãos.

– Não, não fui com essas botas. Obrigada por perguntar.

– Eu só quis dizer... – Evelyn serviu mais vinho para a amiga. – Lamento pelo encontro. Você é um partidão. Olhe só para você. Vai comandar a Graystone mais cedo ou mais tarde.

– Com essas botas?

– Opinião sincera? Não com essas botas.

Charlotte soltou uma gargalhada zangada.

– Graystone. É, sou mulher. Isso não vai acontecer. Não consigo jogar esse jogo de Nova York. Se eu saio do trabalho em um horário razoável e vou à academia, quando chego em casa já é hora de ir para a cama. Isso sete dias seguidos por semana. Quando é que vou conhecer alguém? Aí, conheço um cara em uma porcaria de evento do trabalho, e ele me diz que sou intensa demais para ele por causa do meu trabalho?

– Char, Char. É loucura. Ele é louco. – Evelyn se sentou ao lado da amiga e deu um tapinha constrangido no joelho dela.

– Ah, olha só, Evelyn Beegan está oferecendo consolo físico. A coisa deve ser ruim.

Evelyn sorriu.

– Eu me lembro das duas vezes em Sheffield que você me

abraçou – continuou Charlotte. – Na formatura e quando meu tio John morreu.

– Pareceu necessário.

– A Babs nunca me abraçou, mesmo depois de todos esses anos. Um aperto de mão firme é tudo o que recebo. Você foi treinada pela melhor.

Com o dedo, Evelyn impediu uma gota de vinho de escorrer pela garrafa.

– Pode-se dizer isso.

– Como está o trabalho?

– É tão irritante, Char. Eles só falam em aumentar o número de membros. Eu entendo, mas não é a cara do site. O mundo não precisa de um MySpace fuleiro. A ideia de alto nível faz sentido, e estamos conseguindo membros e criando influência, e eles basicamente querem jogar tudo fora para mostrar um grande crescimento no número de adesões.

– Isso parece estranho. Acho que a marca funciona. Não é minha área, mas o pessoal de propaganda deve amar ter acesso às Camillas Rutherford do mundo.

– Exatamente. Mas me jogaram para escanteio junto com essa estratégia. Um dos CEOs, Jin-ho, assumiu parte das adesões e do marketing e não tem ideia de como atrair essas pessoas. É tantã.

– Você diz “tantã” agora?

– Eu sempre disse.

– Tudo bem, Camilla. Então você quer me dizer por onde andou nos últimos meses, se não vem se jogando no trabalho? Você e Camilla tiraram licença de companheiras e viajaram para Fiji em lua de mel?

– Não andei em lugar nenhum. Estou quase sempre em Nova York. Em Aspen também, e Bridgehampton, claro. Ah, em Newport. E em Quogue, que é linda no inverno.

– Pode parar aí. Quem pensaria que a garota que usou calça cáqui pregueada na foto de formatura da Sheffield se tornaria tão socialmente dinâmica?

– Não era pregueada.

– Era muito pregueada.

Evelyn estava rindo e se acomodando no sofá.

– Evie, aquela coisa com seu pai...

– Que coisa? – Evelyn se sentou, alerta.

– Aquela coisa com a firma dele. – Charlotte bateu em busca de palavras. – Se você quiser conversar...

– Não quero conversar. Não sei o que você sabe, mas não é da sua conta. Não é nada de mais, não vai acontecer nada e eu agradeceria se você não falasse para ninguém.

– Ninguém ou Camilla?

– Camilla sabe, Charlotte.

– Claro que sabe. Confidente número um. – Depois de alguns momentos, Charlotte expirou pesadamente. – E Pres? Você o viu?

– Pres? Claro. Íamos jantar semana passada, mas acabamos indo ao River Club com Camilla. Na Sutton Place, sabe? Tem um clube divertido embaixo. Você não acreditaria quem eu vi.

– Sobre Pres – disse Charlotte, diretamente. – Saí com ele na terça para tomar uma coisinha, que, na minha cabeça, era uma bebida ou duas, e ele acabou desmaiado. Ele me mandou uma mensagem à uma da manhã do King Cole Bar, depois andou até a 11st Avenue. Estou surpresa de ele não ter sido assaltado.

– Que engraçado. Fui ao King Cole na terça, mas não o vi. Foi mais cedo, porque Nick e Camilla e Bridie Harley queriam se encontrar depois...

– Evelyn. Preste atenção. Preston. Estou preocupada com ele. Ele está bebendo bem mais do que o habitual.

– Desculpe. Desculpe. Eu não tinha percebido. Acho que não estou tão preocupada. É inverno e o tempo está horrível lá fora, então todo mundo está bebendo bem mais do que o habitual, e Pres tem tolerância tão alta. Ele vem ao meu jantar de aniversário no Colony em uma semana. Prometo que vou ficar de olho nele. Pena que você vai estar em Indianápolis. Eu falei que Camilla vai fazer com tema tropical? Parece demais.

Charlotte pareceu chateada.

– É, tenho certeza de que vai ser. Ah, ele me deu isso para dar para você. Deve ter achado que eu te veria antes dele, o que obviamente não aconteceu. Foi por isso que passei aqui hoje.

Estou carregando para um lado e para outro há semanas. – Charlotte tirou uma coisa da bolsa. – Seu CD dos Whiffenpoofs.

– Os Poofs! Estou esperando o retorno dele há meses. Pode colocar para tocar? Meu computador está ligado.

– Posso.

Charlotte foi até o aparador, onde o computador de Evelyn ficava ligado à internet em uma altura estranha, flanqueado por um livro de fotografia de Slim Aarons em pé. Charlotte empurrou um dos livros e colocou o CD no drive. Enquanto zumbia e os homens de Yale começaram a cantar “Rainbow Connection”, ela pegou o talão de cheques de Evelyn, virado para baixo no aparador.

– Evelyn Beegan, não me diga que você ainda usa cheques.

Evelyn não fazia ideia de quanto tempo o talão estava ali. Semanas? Quando foi a última conta que ela pagou?

– Você não usa o banco pela internet? – perguntou Charlotte.

– É tão complicado. Quer água? Estou morrendo de sede – disse Evelyn, tentando desviar Charlotte do assunto.

– Quero.

Enquanto Evelyn enchia dois copos com água do filtro Brita, ouviu os estalos rápidos de teclas de computador na sala.

– Char, o que você está fazendo? – perguntou ela.

– Só verificando uma coisa on-line – respondeu Charlotte.

Evelyn lembrava que Charlotte tinha feito as aulas de digitação de Mavi Beacon e aprendeu a digitar durante um verão que Evelyn passou no campo de tênis, uma habilidade que aparentemente ainda estava em pleno funcionamento.

Evelyn voltou com a água, e Charlotte, de pé em frente ao IBM antigo, estava quase vibrando de tanto sorrir.

– Olhe, sou tão prestativa que estou ajeitando tudo agora. Sua conta bancária estava no cheque. Você só precisa de um nome de usuário. O que devemos usar, EvBeeg?

– Charlotte, não quero usar o banco on-line, tá? Você pode parar?

– Calma, Evie. Juro que vai poupar seu tempo. Aqui. É só escolher um nome de usuário e uma senha.

Evelyn colocou o copo de água de Charlotte na mesa com força e

foi até ela, vendo as marcas de água que deixou no aparador, mas sem se dar ao trabalho de limpar.

– Você tem que trazer toda a sua confusão de trabalho para meu apartamento, Charlotte? Não tenho interesse nenhum nisso.

– Tá, tá, tá. Lembra, na Sheffield, que você se recusava a ter cartão de débito? Você ainda fazia cheques no Seven-Eleven e esperava que sua mãe mandasse dinheiro pelo correio. Olhe. É superfácil. Aqui.

Se ao menos a mãe mandasse dinheiro pelo correio, pensou Evelyn, tomando um golinho de água. O gosto era de metal, e ela voltou para o sofá e trocou a água pelo vinho. Ela sabia que tinha que controlar as finanças. Talvez Charlotte pudesse ajudar. Talvez as coisas não estivessem tão ruins quanto ela pensava. Todas aquelas cartas da Con Ed e da Time Warner Cable e das empresas de cartão de crédito estavam amontoadas, silenciosamente ameaçadoras, na gaveta de talheres, e ela estava evitando tanto encará-las que usava utensílios de plástico quando a comida tailandesa ou o sushi era entregue, só para não ter que abrir a gaveta, o que fazia apenas quando era para enfiar mais envelopes lá dentro.

Evelyn se serviu de outra taça de vinho e se levantou.

– Tudo bem. “Evie98” – disse ela, usando o ano da formatura em Sheffield. Ela se inclinou por cima do ombro de Charlotte e digitou a senha de sempre, “maybefaraway”, de *Annie*.

– Bom. Certo. Perguntas de segurança – disse Charlotte.

Evelyn olhou as opções: qual era a marca do seu primeiro carro? Quem foi seu melhor amigo de infância? Quem é seu herói? Onde você conheceu seu cônjuge? O cursor ficou piscando para ela, pedindo resposta. Ela não tinha como passar nesse teste. Nunca tinha tido um carro, por estudar em um colégio interno quando as outras pessoas estavam tirando a habilitação. A melhor amiga de infância era, mais ou menos, a mãe, mas ela não ia escrever isso. E quem tinha herói no momento? Quem aquele banco pensava que era ao tentar fazer Evelyn Beegan se encaixar nos segmentos organizados que definiam seus clientes de massa?

– Evie?

– Isso é um exercício idiota, Charlotte.

– Você está sendo impossível. Vou responder por você. Heroína: Brooke Astor.

– Muito engraçado.

Charlotte digitou o nome da socialite e começou a mexer na correspondência na bandeja de prata de Evelyn, mas eram só convites e pedidos de doações de caridade.

– Onde estão suas contas, Evie?

Evelyn puxou o cabelo, tentando pensar na resposta que fosse fazer Charlotte surtar menos.

– Sei lá.

– Evelyn! Estou sendo agora sua assistente altamente bem paga da Graystone Partners por cortesia, tá? Você pode parar de agir como se tivesse dois anos?

Evelyn lembrou que o extrato tinha chegado naquela semana e ainda não tinha sido escondido na gaveta, e que não devia provocar uma reação intensa demais em Charlotte; não havia uma quantia muito alta na conta, mas pelo menos não estava no vermelho. Evelyn tirou o extrato de debaixo de um catálogo da Gorsuch na mesa do corredor e entregou para Charlotte.

– Se importa se eu abrir? – perguntou Charlotte, já rasgando o envelope.

Evelyn, sem querer olhar, se virou, levou um vaso de flores mortas até a pia e jogou a água velha fora, que estava com um cheiro completamente inorgânico de bactérias, limo e ácido. Depois, jogou um pouco de Caldrea na pia para tentar encobrir o fedor com aroma de Tangerina Vetiver.

– Isso não é cartão de crédito, Evie. Preciso de uma coisa na qual você paga contas de verdade.

– Hã? Não sei.

Charlotte sabia ser tão insistente, tão firme, que Evelyn sentiu que tinha cometido um erro ao dar abertura.

– Onde você guarda seu dinheiro, aliás? Não é bom ter muito dinheiro em conta-corrente, mas devíamos transferir um pouco de dinheiro para cobrir suas despesas. Onde você investe, na Vanguard? Schwab?

– Tá. Tá.

Evelyn abriu a torneira para se dar um momento para pensar. Não tinha pensado que a conta bancária estava tão mal, mas a reação de Charlotte fez parecer que não tinha quase nada nela. A suposição de que ela tinha economias secretas ou uma conta de investimento em algum lugar para salvá-la... isso era outra parte do mundo que ninguém disse para ela como encarar.

– Podemos até planejar uma transferência automática mensal da sua conta de investimentos, para não tirarmos do principal. – Charlotte a olhou com expectativa.

Evelyn conseguiu emitir algumas palavras.

– Agora, não. Estou bem, por enquanto – disse ela.

Todo mundo tinha contas de investimento separadas que forneciam dinheiro mensalmente? Como ela perdeu tudo isso?

– Não é nada de mais. Então, vamos voltar ao banco on-line. Vamos organizar os pagamentos fixos. Inclui o quê? Aluguel, TV a cabo, você paga a internet em separado? Celular. E os cartões de crédito, certo? Que cartões você tem? Um AmEx, né?

Evelyn deixou a água encharcar a esponja amarela meio suja. Talvez Charlotte soubesse o que fazer. Talvez, se ela estivesse muito encrencada, a amiga se oferecesse para emprestar dinheiro. Evelyn protestaria de forma nada convincente, depois aceitaria graciosamente, depois poderia pagar as contas, ou parte das contas, e tudo ficaria bem. Ela secou a água ao redor do vaso.

– Alguns outros também – respondeu ela com voz baixa.

– Como?

– Um Visa, um da Barneys e um da Scoop.

– A Scoop tem cartão de crédito? Quais são os juros?

As mãos de Evelyn fizeram belos desenhos de limpador de para-brisa com a esponja, tão de leve que ela estava espalhando gotas de água pela bancada em vez de limpar.

– Não sei.

– Bem, preciso das faturas.

– Das faturas.

– Das faturas.

Evelyn pegou uma segunda garrafa de vinho e levou até o sofá,

onde afundou e sorriu.

- Venha se sentar, Char.
- Não, não quero que a sessão expire.
- Escute, pegue o saca-rolha e vamos tomar outra taça. Tá?
- Não vai demorar.
- É sério. Está na hora de tomar vinho.

Charlotte se afastou do computador e andou até a cozinha.

- Não estou vendo – disse Charlotte.
- O saca-rolha? Deve estar na gaveta de cima.

Evelyn ouviu um barulhinho de talheres, depois silêncio.

- Encontrou? – perguntou ela.

Charlotte não respondeu. Evelyn se levantou do sofá e andou até a cozinha, onde viu, quase em câmera lenta, que Charlotte tinha aberto a gaveta de talheres. Quando Charlotte se virou, Evelyn viu que ela estava segurando o papel azul-claro do American Express. O envelope vazio estava equilibrado na beirada da bancada.

Elas se olharam por um minuto.

- Guarde isso. Charlotte. Guarde isso – pediu Evelyn por fim.

Elas estavam paralisadas. Nenhuma das duas se moveu. Nenhuma das duas falou. Um pombo passou pela janela e se debateu de pavor.

- Você sabe quanto deve? – perguntou Charlotte. – Sabe?

Evelyn apertou as mãos na moldura da porta da cozinha.

– Guarde a conta, Charlotte. Você não tem direito de mexer nas minhas coisas. Não tem direito.

– Isso não tem importância, Evelyn. Você precisa de ajuda. Seu cartão de crédito... e isso é só um...

- Está tudo bem. Tá, Charlotte? Está tudo bem.

– Não, não está. Não está bem. Não está bem. – Charlotte balançou os papéis. – Achei que eram seus pontos de recompensa, mas você deve 65 mil ao AmEx. Você sabe o que... não, tudo bem, vamos resolver isso. Vamos nos sentar e calcular o mínimo que você deve e transferir os saldos...

– Eu ando pagando os mínimos – disse ela em voz alta, embora, ao ver o pânico de Charlotte só com aquela conta, que era apenas uma de várias, tivesse sentido uma pontada de medo. Aquele

problema era enorme. Um empréstimo de Charlotte não resolveria. Nada resolveria.

– Não. Não. Você... está vendo isso? Você está atrasada nos seus mínimos, então os juros disso chegam a 22 por cento. Isso quer dizer que você está pagando, você está pagando milhares de dólares só em taxas.

Charlotte pegou uma pilha de contas fechadas na gaveta, contas novas cujos pagamentos mínimos Evelyn nem tinha feito. O som de papel rasgando a fez tremer.

– Olhe, o da Barneys... e meu deus, o Visa... Você não pode ter todos esses cartões de crédito sem pagar, Evie. Isso vai massacrar sua classificação de crédito.

Charlotte estava embaralhando as contas freneticamente, como se esperasse que a combinação melhorasse.

Evelyn olhou para a visão feia e descuidada de Charlotte, histérica e crítica por causa daqueles papéis, prometendo ajudar, mas na verdade a fazendo se sentir pior. O nariz de Charlotte era oleoso e cheio de poros, o cabelo explodia de um rabo de cavalo. A pressão no estômago de Evelyn estava começando a aumentar, mas ela não permitiria que Charlotte visse o quanto a tinha afetado.

– Um cartão de crédito dá crédito – falou Evelyn devagar, enunciando cada palavra. – Vou pedir para você ir embora.

– Não, Evelyn. Quatro mil dólares na Gucci? Novecentos na Saks?

– Largue minhas coisas.

– Evie, seus pais... eles podem ajudar...

– Você parece ter lido tudo sobre meu pai, então sabe que na verdade eles não podem. Por favor, guarde os papéis, Charlotte. Agora.

Evelyn se aproximou e arrancou os envelopes da mão dela, enfiou de volta na gaveta e fechou com dificuldade por causa da pilha grande. Charlotte abriu a boca, mas voltou a fechar e deu um passo para trás, quase tropeçando na soleira da porta da cozinha. Evelyn não se moveu, manteve o olhar grudado na gaveta, como se a vigília constante pudesse impedir que o conteúdo penetrasse na vida dela. Ela acabou ouvindo Charlotte pegar as coisas e a

porta se fechar, mas não desviou o olhar, tremendo com o esforço necessário para manter tudo sob controle.

18

PEOPLE LIKE US

— Isso é uma piada sem graça – disse Evelyn em tom seco para a parede, que era de madeira escura e coberta com camisas esportivas em molduras.

Jin-ho pediu um favor ao amigo que trabalhava com os Rangers, e isso resultou em um jogo entre Rangers e Devils patrocinado pelo People Like Us em um bar em Midtown East em uma tarde de sábado em abril. A fonte e o logotipo lindos e comedidos do People Like Us (uma flor de lis estilizada que Evelyn ajudou a escolher, com a intenção de evocar a ligação com a aristocracia europeia) estavam expostos em placas acima de dois capacetes de hóquei.

Evelyn suspirou o mais alto que conseguiu, apesar de estar longe demais das outras pessoas ali, como as garotas peitudas que Jin-ho contratou de uma empresa de marketing de eventos e a equipe arrumando cadeiras e jarras de cerveja, e ninguém percebeu.

Evelyn se virou na direção da porta suja de vidro, por onde ar frio entrava vindo de fora, e ligou para Camilla.

– Você é louca – disse Camilla como cumprimento. – Estamos indo almoçar no... onde fica o lugar? Não sei, em alguma parte de Chinatown, onde vamos comer bolinhos na sopa e encher a cara de vinho barato. Vem com a gente. Não, o de pele de cobra, por favor – disse ela para alguém do outro lado da linha.

– Escuta só, estou em um bar de esportes em Midtown East. O pior lugar do mundo.

– Para quê?

– O People Like Us vai fazer um evento de admissão aqui.

– Que chato. Phoebe diz que é a melhor comida chinesa da cidade. Um buraco. Vamos encontrar um herbalista chinês que vai

nos manter jovens para sempre. Eu contei sobre a erva de nó chinesa, certo? Eu quero um par de sapatos de salto verdes de pele de cobra.

– É tão abominável, Camilla.

– É um tom de verde bem bonito.

– Não. Esse evento do PLU. Estou prestes a enlouquecer.

– Então saia daí. Venha se encontrar conosco. Vamos fazer aquela coisa de acupuntura nos pés depois. É o primeiro dia em um século que não está gelado.

– Não posso. Tenho que fazer recrutamento nesse evento, mas é tão errado para o PLU que não consigo nem começar a explicar.

Uma garota da empresa de planejamento de eventos, que estava usando uma camiseta apertada com "PEOPLE LIKE US!" escrito em cursiva vermelha acima dos seios fartos, segurou Evelyn pelo cotovelo.

– Com licença. Você é do People Like Us, certo?

– Estou no telefone – respondeu Evelyn.

– Precisamos da sua ajuda com um imprevisto.

– Vou resolver quando terminar de falar ao telefone.

– Precisamos que você resolva agora. Os convidados chegam em dez minutos.

– Espere. – Evelyn falou ao telefone: – Milla, me desculpe, uma garota de camisetinha de criança está me enchendo o saco por causa de algum problema. Ligo de volta quando estiver de saída, tá? Talvez a gente possa se encontrar no bar Sixty-Eight.

– Eu provavelmente vou estar dormindo, mas ligue.

– Obrigada pelo elogio à minha camiseta – disse a mulher com voz doce e doentia quando Evelyn apertou o botão de desligar.

– Disponha – respondeu Evelyn em um tom correspondente. – O que você queria?

– Me disseram que você ia ajudar com alguns dos folhetos de marketing.

– O People Like Us não tem folhetos de marketing. Faz parte do perfil.

– Isso aqui são folhetos, e seus chefes querem que sejam distribuídos em pessoa para os convidados.

– Folhetos? Quem fez os folhetos?
– Minha empresa fez por encomenda do People Like Us.
– Isso é absurdo. Nem sei sobre isso e sou a chefe de admissão de novos membros.

– Talvez você devesse experimentar uma das nossas camisetas para ver como ajuda. Fale com Simon no fundo do salão para pegar livretos.

Evelyn andou até onde estava uma pessoa com um crachá escrito “OI, MEU NOME É... SIMON”. Ele estava segurando uma pilha de folhetos, e Evelyn pegou um da pilha do meio, derrubando vários dos outros no chão. Simon correu para pegá-los. Evelyn tinha chegado até “People Like Us, uma nova rede social para você se conectar com outros fãs de * esportes * música * programas de televisão” quando ouviu a voz de Jin-ho atrás de si e se virou.

– Que diabos é isso? – perguntou ela, segurando o folheto com a ponta dos dedos como se fosse um lenço de papel usado. – Se conectar com fãs de música e televisão? Achei que esse evento cheio de cerveja já era bem ruim, mas é sério? Isso?

Jin-ho estava irritantemente calmo. Ele pegou o folheto da mão dela e colocou com cuidado na mesa.

– Pedimos crescimento do número de membros e não obtivemos, então estamos tentando outra coisa – disse ele.

– Sem me consultar?

– Pedimos várias vezes que você incrementasse a estratégia, mas sua resposta foi que seus amigos da sociedade não iam gostar.

– Não foi isso o que eu disse e você sabe perfeitamente. Eu falei que tínhamos que diferenciar o PLU das dezenas de outras redes sociais que existem. E me perdoe se acho que um jogo de hóquei televisionado e uns folhetos com fotos tiradas de bancos de imagens não são o jeito de conseguir isso. Lamento, mas isso é um absurdo. Tem cerveja no chão, tem serragem, os banheiros são um gigantesco atentado à saúde, e em pouco tempo vamos receber pessoas voltando do trabalho para encher a cara antes de pegarem o 415 para Paramus. Por definição, essas não são pessoas como nós.

Evelyn observou as orelhas de Jin-ho ficarem cor-de-rosa.

– Sinceramente, não estou surpreso com sua resposta, Evelyn. Sua atitude está sendo péssima há semanas, talvez até meses, e você não está fazendo o que pedimos.

– Eu consegui para vocês os melhores membros possíveis. Me desculpe, mas Camilla Rutherford? Bridie Harley, que tem cadeira na fileira da frente no Oscar e no Carolina Herrera e só tem 28 anos? Caperton Ripp, cuja família basicamente criou Charleston?

– Foi quando você começou. O que você fez nos últimos três meses, Evelyn? De verdade? Indique uma coisa.

– Dei uma ideia atrás da outra e só ouvi não.

– Suas ideias não são particularmente apropriadas para nosso site.

– Ah, me desculpe. Eu tinha a impressão de que os membros do People Like Us, sei lá, eram pessoas estudadas. Ou viajadas. Ou interessadas em artes. Em parte, porque foi o que você me disse que queriam, e essas pessoas, Jin-ho, foram quem eu consegui. Então me perdoe por achar que esse jogo de hóquei que combinou com seu amigo dos Rangers é totalmente fora do nosso foco.

– Sim, Evelyn, você é bem familiarizada com esse grupo, como nunca deixa de nos lembrar. Mas você não faz o que pedimos, que é aumentar o número de membros para os níveis que Ulrich quer.

– Vai desvalorizar o que o People Like Us faz – afirmou Evelyn.

Jin-ho só ficou ali de pé, e ela o encarou, esperando que ele admitisse que estava errado.

Jin-ho estava olhando para trás dela; Simon tinha sumido, e as garotas peitudas estavam se espremendo para pegar suprimentos na cozinha do bar.

– Isso não está dando certo – disse Jin-ho. – Vamos ter que encerrar essa parceria.

– Você está me demitindo? – perguntou ela.

– Estou. Ann vai ligar na segunda para falar da papelada.

– Você está me demitindo em um bar? Em frente ao banheiro de um bar?

– Lamento se não atinge seus altos padrões. – As orelhas de Jin-ho estavam vermelho-escuras, embora o rosto quase não tivesse cor. – Seu desempenho está deixando a desejar já há algum

tempo, Evelyn, e se você não pode nem se dar ao trabalho de participar de um evento de associação que achamos essencial para o futuro do site, isso nos diz tudo que precisamos saber.

– Quero falar com Arun.

– Arun concorda comigo. Íamos fazer isso quando você voltasse ao escritório, mas para que arrastar a situação?

– Olhe, eu consigo fazer meu trabalho. Minhas ideias são muito boas. Se você está falando sério sobre esse evento esportivo, tudo bem. Vou acompanhar vocês na ideia dos eventos esportivos, mas quero que fique registrado que eu disse que é um erro.

– Somos uma equipe pequena e precisamos de pessoas que joguem juntas, com sinceridade, não de socialites brincando de ter emprego. – Ele olhou o relógio. – Preciso aprontar as coisas para este evento. Boa sorte.

Ele foi para trás dela, para a cozinha.

Evelyn ficou parada alguns segundos, mas levou um esbarrão de uma garota de camiseta apertada. Ela se virou, pegou a bolsa e saiu andando pelo bar para a seção sem árvores da Madison, piscando com força contra a impiedosa luz do sol de abril. Metade dela achava que devia ir falar com Arun, sempre o mais solidário dos dois CEOs. Mas e aí? Ela continuaria indo para aquele escritório sujo enquanto as amigas desabrochavam e viviam suas vidinhas tranquilas? O ônibus M2 parou no meio-fio e soprou escapamento sujo nela. O anúncio marrom na lateral era de Cellino e Barnes, advogados. As portas do M2 se abriram e começaram a apitar, pressionando-a para que tomasse uma decisão. Eles achavam que ela era uma socialite? Dispensavam as ideias boas dela por causa disso? Tudo bem. Ela seria uma socialite.

Evelyn começou a subir a rua. A Madison era tão horrível ali, cheia de consultórios de dentistas, lanchonetes de sanduíches com pão vianinha e pretensas lojas de luxo que não tinham dinheiro para o aluguel mais ao norte, que depois de dois quarteirões ela começou a ir para o oeste em vez de leste, na direção do apartamento. A Fifth Avenue se abriu, larga e orgulhosa, com o Central Park ao fundo, as árvores começando a exibir folhas verdes e brotos fechados. Ela atravessou a rua e sentiu os olhares dos

turistas: quem é ela? É alguém importante? “Sim”, ela respondeu em pensamento, e, para mostrar que era, abriu a porta da Bergdorf’s.

Ela sufocou o pensamento cortante de que não devia gastar dinheiro. Quando as coisas estavam podres, você estava liberado para fazer o que precisasse para sobreviver, ela tinha certeza de que Camilla tinha dito uma vez: jogar dinheiro no problema. Ela receberia ações do People Like Us e provavelmente algum tipo de bônus de rompimento de contrato ou de dispensa. Só ia almoçar, só criar um brilho agradável no dia.

No sétimo andar, Evelyn pediu uma salada Gotham e uma taça de *chenin blanc*. Era ali que ela tinha que estar, longe das ruas sujas, com as pessoas que eram como ela, não no People Like Us. Evelyn estava se sentindo ela mesma quando pediu um *espresso* com um toque de limão e entregou o belo Visa prateado.

Alguns minutos depois, quando afastou o olhar da vista do Central Park, ela reparou no garçom ao lado, com o bigode tremendo.

– Pois não? – disse ela friamente.

– Me desculpe, senhora, mas teria outro cartão que possamos passar?

O “senhora” a distraiu, pois a fez se sentir velha, e ela demorou um momento para processar o que ele disse.

– Como é? O quê? – perguntou ela, franzindo as sobrancelhas.

– O cartão de crédito foi recusado.

Parecia que ele tinha elevado a voz de propósito, e ela observou freneticamente as mesas de louras de coque ao redor para ver se elas tinham ouvido.

– Isso não pode estar certo. Por favor, tente de novo.

Ela só levou o Visa prateado porque sabia que tinha pagado o mínimo dele, pelo menos. Não tinha? A Visa não podia impedir que ela usasse quando o mínimo estava talvez um ou dois meses atrasado, podia? Eles não teriam mandado uma carta? Será que tinham mandado? O motivo de se ter um cartão de crédito não era ter crédito? O cartão prateado piscou para ela, provocando-a, e ela ficou feliz quando ele o levou.

Um piano tocou algo insistente com sonoridade russa, e Evelyn piscou. Uma garota jovem esbarrou na cadeira dela enquanto resmungava com a mãe que elas já estavam atrasadas para o *spinning*, e Evelyn viu que a garota estava usando uma jaqueta Marni da coleção atual. Se as contas estivessem tão ruins quanto Charlotte achava... mas não, não podem estar. Só que, na quinta, ela recebeu uma carta dizendo que o aluguel de abril estava atrasado e precisava ser pago imediatamente. Ela tentou fazer o que o instrutor de ioga da Equinox dizia e agradecer cada pensamento por surgir, depois deixar que fosse embora, mas os pensamentos não estavam indo embora e ela não podia forçá-los a isso, nem mesmo aqui, onde devia poder escapar.

Evelyn trincou e soltou o maxilar. O garçom voltou e, antes que Evelyn pudesse se empertigar, entregou o cartão em uma bandeja de prata. Não havia recibo.

– Me desculpe, senhora – disse ele.

– Me dê licença, por favor, enquanto resolvo isso – falou Evelyn.

Ele deu um passo para trás, mas permaneceu ao lado da mesa.

– Eu pedi licença – repetiu Evelyn. – Vou precisar de alguns minutos.

Ele deu meia-volta e saiu andando.

Evelyn pegou o cartão com cuidado e o examinou. Na parte de trás havia um número, e ela se virou para a janela e digitou discretamente no celular.

– Serviço ao cliente – disse ela quando perguntaram. – Serviço ao cliente. Serviço ao cliente. Serviço ao cliente. Serviço ao cliente!

Do outro lado da linha, uma pessoa com sotaque não identificável a cumprimentou.

– Oi, meu cartão não está funcionando. Só preciso esclarecer isso para poder pagar meu almoço – disse ela.

– Obrigada, senhora – agradeceu a mulher na linha. Esse “senhora” pareceu caloroso e convidativo, nem um pouco crítico, como ela esperava. – Enquanto abro sua conta, fico feliz em informar as ofertas especiais e serviços exclusivos para você. Senhora, sim, senhora, você tem um saldo de pagamento mínimo atrasado, e, até que esse pagamento seja feito, fomos instruídos a

não dar autorização. Gostaria de pagar esse valor agora?

Evelyn puxou a cadeira para mais perto da janela e se inclinou na direção do celular.

– A questão é que preciso pagar meu almoço, mas estão recusando o cartão. Podemos resolver isso?

– Bem, senhora, nossos registros mostram que não foi feito nenhum pagamento desse cartão desde fevereiro e que o total é de...

– Eu não sabia que fazia tanto tempo. Sinceramente, tem muita coisa acontecendo agora. Eu pretendia pagar.

– Entendo, senhora. Estamos sempre felizes em ajudar nossos clientes. Estou autorizada a criar um plano de pagamento para você agora.

– Escute, a questão é que estou no almoço agora e troquei de carteiras e só tenho um cartão comigo. Eu tive que ir a um evento horrível em um bar esportivo mais cedo, sabe, então tenho que pagar o almoço com esse cartão. Você não pode fazer nada?

– Sim, senhora, aguarde, por favor, vou ver que ofertas podemos fazer hoje. – Depois de alguns minutos ouvindo Hall & Oates, a mulher voltou à linha. – Posso autorizar mais cobranças neste momento com uma transferência do seu saldo a pagar para nosso Pewter Card, que é um cartão novo criado especialmente para consumidores com dificuldades de crédito como você. Essa oferta vem acompanhada de juros mais altos e de uma anuidade. Você gostaria de ouvir os detalhes dessa proposta?

– Não, me parece bom. Então posso usar meu cartão agora, certo?

– Sim, senhora, você poderia usar o cartão agora e vai poder continuar usando nosso novo Visa Pewter Card quando chegar pelo correio. Preciso de um “sim” verbal neste momento para ativar o acordo de novo membro.

– Tudo bem. Sim. Ótimo.

– Mais alguma coisa?

– Não. Obrigada. Muito obrigada.

Evelyn desligou e se olhou no vidro da janela, ajeitou o cabelo e levantou a mão no que esperava ser um modo casual para atrair o

garçom de novo.

– Foi um mal-entendido com o banco – avisou ela quando ele chegou, e não conseguiu evitar um sorrisinho. – Pode fazer a cobrança neste.

Ann ligou no dia seguinte e disse que, como ela ficou na empresa menos de um ano, não tinha direito a ações, e, de qualquer modo, o People Like Us não estava prestes a ser vendido, então não haveria forma de conseguir liquidez. A empresa não oferecia uma quantia por rompimento de contrato, o que era um benefício, e não um direito, e certamente não se aplicaria ao fato de ela ter sido demitida por desempenho fraco, e quando Evelyn perguntou sobre bônus de desligamento, Ann riu.

Na segunda-feira, depois de ignorar uma ligação e uma mensagem de voz de Sag Neck, pois não havia ninguém com quem ela quisesse falar menos do que com os pais, ela se encontrou com Camilla para almoçar no café Sabarsky para ficar tranquilizada de que perder o emprego não seria problema. Camilla estava segura: era a melhor coisa que podia ter acontecido, e tudo daria certo.

– Querida – disse Camilla –, agora pode se concentrar na vida real. Você queria se envolver mais com trabalhos de caridade, e agora vai fazer isso mesmo em vez de passar tempo se deslocando em transporte público. Você vai amar. E vai finalmente ficar disponível para mim durante o dia.

Camilla deu aquele sorriso de “a vida é bela”, e Evelyn se sentiu melhor na mesma hora. Ela estava certa. Havia as contas, claro, mas o salário minguado quase não fazia diferença, de qualquer modo. Ela ainda tinha um pouquinho no fundo de aposentadoria que podia usar até que alguma coisa, alguém, aparecesse para dar a ela a vida que merecia. Camilla nunca pagava nada, e Evelyn estava quase no nível dela. Scot pagaria os jantares e coisas assim por enquanto, e, se todo o resto falhasse, ela sempre podia se casar com ele, ou se casar bem, de qualquer modo.

Ela teria tempo para começar a se concentrar nos comitês beneficentes, como Camilla falou, e para ir à academia com mais regularidade. Também poderia se envolver mais com o Bal, pois seria fácil ir às reuniões de planejamento no meio do dia. Todas

aquelas coisas de Manhattan que eram impossíveis com o emprego agora estavam possíveis. Pensou no constrangimento de ter que ligar para a dermatologista do trabalho enquanto Clarence fungava ao lado dela e ouvia tudo sobre os surgimentos periódicos de eczema. Pensou que a tinturaria sempre estava fechada quando ela voltava para casa e que os azulejos nas paredes do banheiro começaram a soltar semanas antes, mas, como ela tinha que estar no trabalho quando o zelador estava disponível, não dava tempo para cuidar de nada disso. Queria aprender a cozinhar, mas as aulas começavam às cinco, e queria estudar italiano, mas as aulas eram só às terças e quintas, ao meio-dia. Não havia como trabalhar e fazer todo o resto que ela tinha que fazer. Como Camilla sempre dizia, era melhor assim e tudo daria certo.

19

ENVOLVIMENTO ESCOCÊS

No quarto dia sem trabalhar, aquilo já era natural. Evelyn acordava quando queria, quando o sol na janela a acordava delicadamente no lugar do despertador insistente, e ia a aulas de ioga no fim da manhã, andava no parque e observava os brotos de cerejeira antes de voltar para casa a fim de tomar banho, trocar de roupa e seguir para o compromisso no cabeleireiro que conseguiu marcar na noite anterior só porque seu tempo era tão flexível.

Depois, parou para chá e um *macaron* no Payard, acomodou-se em um lugar embaixo do candelabro âmbar e pegou o celular. Havia outra mensagem de voz dos pais, mas ela não ouviu. Mudou para a função mensagem de texto. Estava adiando havia um tempo, mas ia se encontrar com Scot naquela noite, e mandar mensagem de texto parecia mais fácil do que uma conversa de verdade. Ela digitou "Adivinha?", mas apagou e tentou "Então, novidade", mas apagou, reescreveu e finalmente mandou: "Tenho uma gde novidade..."

A resposta de Scot chegou segundos depois: "?"

"Conto hj à noite", respondeu Evelyn.

"Qria saber agora."

Evelyn digitou: "Fui demitida", mas trocou por "Eh q fui despedida", mas enfim se decidiu por "O PLU fez alguns cortes. Eu. NÃO se preocupe. Vai ser melhor."

"Vc foi demitida? Td bem?"

"Cortada. Sim. Td bem."

"O q vc vai fazer?"

Evelyn deu uma mordidinha em um *macaron* de chocolate, com a

folhinha de ouro derretendo na língua. Sem saber como responder, decidiu fingir que não tinha visto a pergunta.

“Nos vemos na Sothebys de noite?”, ela escreveu.

“Vc está bem?”

“Ótima. Tchau!”

Pela primeira vez, Evelyn não se importou de ter que chegar sozinha ao evento, que era para arrecadar dinheiro para a Scottish Society no Sotheby's, onde ela e Camilla participariam de um desfile de moda. Ela poderia ir de casa, descansada e relaxada, com um vestido sem amassados, com maquiagem recém-aplicada. Estava finalmente em pé de igualdade com todas as outras garotas.

Quando ela entrou no evento beneficente por um grupo de gaitistas de fole, viu Preston na mesma hora, que parecia já ter tomado vários drinques, olhando uma samambaia.

– Preciso de um filé – grunhiu ele quando Evelyn se aproximou.

Ela se perguntou brevemente se devia se preocupar, considerando as preocupações de Charlotte com a bebedeira dele; pretendia observá-lo na festa de aniversário, mas acabou entretida demais.

– Querido P – disse ela. – Você veio.

– Querida E – respondeu ele. – A mais nova garota de 27 anos. Acho que não vejo você desde seu jantar de aniversário.

– Não foi divertido? O brinde de Bridie Harley foi incrível, não foi?

– Alguma coisa por aí – falou Preston, erguendo o copo.

– Me senti tão honrada de ela ter tirado tempo da agenda dela para ir. Ela tinha um jantar do Central Park Conservancy naquela noite, mas mesmo assim foi à minha festa.

– Fico feliz de as prioridades dela serem as certas – afirmou Preston.

– Não consegui acreditar que Camilla fez o Colony montar um tema tropical. Você não amou as palmeiras?

– Um pouco da Polinésia nessa época horrível. “Quando abril, com as suas doces chuvas...”

– “Cortou pela raiz toda a aridez de março.” Eu não vejo mesmo você desde aquele dia?

– Ah, minha querida, sempre que tento marcar um jantar com você, acabamos em uma saída de grupo grande – disse ele.

– Mas a Scottish Society conseguiu atrair você?

– Eu não podia deixar passar a oportunidade de não usar nada por baixo do kilt – respondeu ele, que estava de terno.

– Estou feliz de ter encontrado você sozinho, na verdade.

– Ora, ora, ora. E não é que somos bem avançadinhas? – Ele sorriu.

– Você parece um lobo feroz quando faz isso.

– Grrr – disse ele, em tom surpreendentemente alto, movendo os ombros para a frente e esticando uma das mãos como um felino, mas, quando várias pessoas se viraram para ver de onde tinha vindo o barulho, ele olhou ao redor com inocência.

– Fique quieto, Preston! As pessoas estão olhando para você.

Duas das garotas da sociedade um pouco mais velhas, Alix Forrester Landau, cujo pai diziam ter o número particular do investidor Bernie Madoff, e Gemma Lavalley, cuja mãe tinha lançado uma linha de cosméticos que incluía pó de pérolas em todas as bases, estavam procurando a fonte do rosnado.

– Eu não sabia que você ficava constrangida com tanta facilidade – comentou Preston.

– Gemma e Alix estão praticamente nos encarando.

– Por que você liga para Gemma e Alix? – perguntou ele.

– Eu ligo para elegância e graça.

– Eu repito: por que você liga para Gemma e Alix? – perguntou ele novamente.

Evelyn suspirou.

– Ah, eu queria perguntar uma coisa. Será que sua mãe pode me ajudar com o comitê associado do Sloan Kettering? Como sua mãe está no conselho de Dana Farber, ela deve conhecer as pessoas chave no Sloan Kettering, certo?

Preston cutucou a samambaia e levou um minuto para responder.

– Você devia pedir ajuda para suas amigas Gemma e Alix.

– Não, eu conheço as pessoas do comitê. Essa não é a questão.

Seria um apoio mais forte se sua mãe... se sua mãe indicasse que eu seria uma boa integrante para o conselho.

– Acho que minha mãe não está envolvida com o Sloan Kettering.

– Sei disso, mas esses círculos são pequenos. Só estou pedindo que ela me mencione.

– Minha mãe quase... – Ele parou de falar, absorto em um cubo de gelo que estava tentando empurrar para o fundo do copo com o canudo. – Vou tentar falar com ela – disse ele finalmente, ainda com os olhos no copo. – Só preciso de outra bebida.

Evelyn esticou a mão para o copo.

– Pego para você, como agradecimento pelos seus serviços – falou ela, esperando que Preston risse, mas ele puxou o copo.

– Pode deixar – respondeu ele, e seguiu para o bar.

Nick e Scot chegaram juntos às 19h15, na hora em que Camilla entrou. Camilla tinha terminado com Nick algumas semanas antes e explicou para Evelyn que estava tentando simplificar e purificar a vida seguindo o conselho do mestre de Reiki com quem se consultou. Nick estava determinado a mostrar que o rompimento, se é que se podia chamar assim, não o tinha afetado. Camilla, por outro lado, parecia genuinamente não estar pensando nisso quando se inclinou para um beijo. Em troca, Nick deu um olhar saudoso de avaliação dos pés à cabeça.

– Oi, Milla. Oi, meninos – disse Evelyn, visualizando mentalmente como estava segurando a taça de champanhe enquanto conversava com Camilla.

Momentos depois, o fotógrafo Patrick McMullan tirou a exata foto que ela queria, e Evelyn se inclinou para a frente a fim de falar no gravador portátil dele como uma profissional:

– Beegan. B-E-E-G-A-N.

Camilla só deu um aceno para o fotógrafo. Não precisava se identificar.

– Foi um bom dia nas bolsas – disse Nick. – Dow Jones fechando a 13 mil, maravilha.

– É como falei: a moda é sua amiga – comentou Preston. Ele tinha deixado para trás o que o estava incomodando antes. – Vocês ouviram Monsieur Paulson semana passada? Toda aquela

besteirada de mercado de segunda linha está contida, e ele acredita que o preço dos imóveis está prestes a subir. O que vocês acham, devíamos comprar lotes?

– Paulson não devia ter saído da Goldman – afirmou Nick. – O sujeito deixou tanto dinheiro na mesa. O fluxo de negócios agora está intenso.

– O mercado de segunda linha está mesmo contido? – perguntou Scot. – O mercado de hipotecas está ficando meio doido. Ofereci fazer a garantia da hipoteca da minha mãe, ela estava comprando uma casa nova e tinha um histórico de crédito ruim. O banco no Arizona disse que eu não devia me preocupar em fazer a garantia, que a papelada era uma dor de cabeça e que eles iam juntar as hipotecas em lotes e vender para outro banco. Eles também tentaram fazer com que ela pegasse mais dinheiro emprestado, que ela não precisava, e, sinceramente, não devia ser aprovado. Isso me parece ilógico. Não tenho certeza de que a crise das ODCs pode ser contida se os bancos estão fazendo isso.

– Isso é que é ser pra baixo, cara – disse Nick. – Por que você não vive a vida mais relaxado?

– É que parece que dispara um alarme, Nick. Então os bancos estão criando e vendendo ODCs, os fundos de alto risco estão fazendo arbitragem com eles, os fornecedores de hipoteca continuam a fazer empréstimos e ninguém faz ideia do que está no centro dessas empresas, certo? A história da hipoteca da minha mãe abriu meus olhos.

– E quem tem hipoteca, afinal? – perguntou Camilla. – Se somos obrigados a falar de negócios, eu gostaria de falar sobre como a libra está absurdamente alta. Céline teve que encomendar uma bolsa clutch da loja de Londres para Evelyn e ela teve que pagar em libras. Foi pelo menos o dobro do valor daqui.

Evelyn ficou ao mesmo tempo surpresa de Camilla ter reparado no preço e lisonjeada pela menção. Colocou a bolsa clutch, que era linda, na frente do corpo.

– Ah, está linda, tenho que dizer. Evelyn, você está linda. O desemprego cai bem para você.

Scot, que estava virando a cabeça grande para olhar o salão

(Evelyn supunha que ele tinha a visão incomum de topos de cabeça, cabelos arrepiados e áreas de calvície, considerando a altura dele), falou:

– Você contou para o Nick?

– Era segredo? Ops – disse Preston, cobrindo a boca com a mão.

– Você não sabia que sua garota aqui se juntou à Camilla nos grupos de pessoas sem salários? – perguntou Nick.

A boca de Scot se esticou em uma linha que Evelyn nunca tinha visto, e ele disse no ouvido dela:

– Então você contou para todo mundo, menos para mim?

– Eu também contei para você – disse Evelyn, olhando para trás dele e abrindo a boca em surpresa fingida quando acenou para Bridie Harley, que tinha acabado de entrar. – Que horas são? Tenho que ir para os bastidores do desfile.

– Evelyn. – Ele a virou para que ficasse de frente para ele. – Quando você foi demitida?

– No fim de semana? – disse ela, hesitante, mordendo o lábio de um jeito que viu Camilla fazer com Nick.

– Hoje é quarta. Você só me contou agora?

– Eu contei algumas horas atrás.

– Dias depois do acontecido?

– Estamos controlando tempo agora?

– Todo mundo parece já saber há algum tempo.

– As fofocas correm rápido.

– Evelyn, querida, temos que ir para os bastidores imediatamente.

– Onde você vai trabalhar? – perguntou Scot.

– Não é fantástico? Evelyn não devia mesmo trabalhar naquele lugar – interrompeu Camilla com alegria.

– Onde você vai trabalhar? – repetiu Scot.

Evelyn torcia para que Camilla se intrometesse de novo e respondesse a pergunta, mas a amiga a observava com expectativa.

– Eu... não vou.

– O quê? – disse Scot.

– É impossível levar minha vida e um trabalho ao mesmo tempo.

– Vemos você na passarela, Scootles! – falou Camilla, segurando o cotovelo direito de Evelyn enquanto Scot segurava o esquerdo com firmeza.

– Como você vai se sustentar? – perguntou Scot.

Camilla soltou o braço de Evelyn e revirou os olhos.

– Tão prático – sussurrou ela para Evelyn. E, mais alto: – Vejo você nos bastidores!

Scot ainda a estava encarando.

– O quê?

– Como você vai se sustentar?

– Não sei. Como Camilla se sustenta?

– Você está falando sério?

– Parece que sim.

– Camilla tem mais de 20 milhões de dólares agora, e vai receber o quádruplo disso quando os pais morrerem.

Evelyn piscou.

– Eu... eu também tenho dinheiro de família.

Os pais acabariam soltando dinheiro. Teriam que soltar. Se bem que a mãe não mandava o dinheiro do aluguel falso havia um ou dois meses, e Evelyn lembrou que devia cuidar disso.

Scot enfiou as mãos no cabelo e puxou, esperando que ela dissesse mais, mas ela não disse nada.

– Estou atrasada – disse Evelyn, ignorando o chamado dele.

– Espere. Espere.

Ela se virou, passou rapidamente ao lado da passarela improvisada e abriu a cortina lá atrás.

Camilla estava sentada em uma cadeira enquanto uma mulher cheia de ângulos aplicava pó na testa dela.

– Eu sabia que Scot não entenderia – falou Camilla, enquanto um homem com cabelo jogado para a frente como o do Prince empurrava Evelyn para uma cadeira ao lado da de Camilla e começava a passar base nas bochechas dela.

– É, você estava certa. Ele pareceu perplexo.

– Um homem cuja ambição de vida é lidar com empresas da mídia não pode entender, não é? Scot é um amor, mas sinceramente. Ele não aprendeu as virtudes do trabalho

beneficente nem nada do tipo.

– Você acha que ele não tem um futuro grandioso.

Camilla sorriu para Evelyn com solidariedade.

– Não mesmo.

Evelyn se olhou no espelho escuro, cercado de lâmpadas como os da Broadway. O sujeito parecido com Prince, com hálito de passas, mergulhou um pincel em um pote de delineador e começou a aplicar uma tira grossa no olho de Evelyn.

– Scot está se vestindo melhor. Você reparou? – perguntou Evelyn.

– Está mesmo, querida, mas roupas só ajudam um pouco.

– Uma camisa cor-de-rosa não faz o homem – afirmou Evelyn.

– Eu queria perguntar sobre a doação do seu pai – disse Camilla, fechando os olhos por causa da sombra. – Nós o colocamos no programa como Benfeitor Luminary, então precisamos do cheque antes do evento.

– Ai! – exclamou Evelyn, embora o pincel do sujeito parecido com Prince estivesse no pote de líquido. – Me desculpe. Tem alguma coisa no meu olho. Posso... Preciso tirar.

– Cinco minutos – avisou o homem, batendo no relógio. – Vá rápido. Tem um banheiro no final do corredor, ali.

Por uma porta lateral, Evelyn seguiu por um corredor de serviço vazio, com um olho molhado de delineador, o outro limpo, abalada pela reação de Scot, pela avaliação de Camilla de que ele ainda não era bom o bastante e pela iminência daquela doação. Ela viu um bebedouro e parou para se acalmar e respirar. Quando se levantou, deu de cara, surpresa, com Charlotte, que ela achava que não tinha sido convidada. Evelyn notou com irritação que Charlotte não fez nada no cabelo além de prender um grampo e ficar parecendo uma garota de 10 anos, e o vestido preto sem graça tinha uma mancha de leite, o que seria descuido em uma mãe de bebê, mas era inexplicável em uma banqueira solteira de 26 anos.

No dia anterior, Evelyn, sentindo culpa por não estar passando muito tempo com Charlotte, cometeu o erro de mandar um e-mail para ver se ela queria almoçar e até oferecendo ir até Midtown East para se encontrar com ela. Previsivelmente, Charlotte

respondeu explicando o quanto estava ocupada e que não podia sair nem para tomar café, menos ainda para almoçar, e depois perguntou a Evelyn por que ela estava marcando um almoço em uma terça no centro. Evelyn respondeu dizendo que tinha decidido sair do People Like Us para se concentrar em outras coisas que não o trabalho.

Charlotte ligou menos de um minuto depois. Evelyn não atendeu. Um e-mail chegou após alguns minutos, com muita coisa em caixa alta e muitas críticas, e a liberdade que Evelyn vinha sentindo desde que havia sido demitida foi logo roubada. Ela aguentou Charlotte quando ela era estranha e esquisita, e nunca chamou atenção pelo comportamento metido a superior perto de Camilla, mas a amiga não podia estender a mesma gentileza a ela. Agora, Evelyn precisava de dois minutos, só dois minutos para se recompor, e aparentemente não poderia ter nem isso.

Ela foi para trás do bebedouro, mas Charlotte olhou pelo corredor e começou a caminhar pelo linóleo na direção dela.

– Evelyn – disse ela.

– Char. Eu não sabia que você vinha. Estou surpresa de você ter saído do trabalho.

– Ah, passei parte do trabalho para os juniores. Achei que você estaria aqui e, como não retornou minhas ligações...

– E quem fala ao telefone atualmente?

– Nem meus e-mails.

Evelyn tinha digitado toda a raiva por causa da falta de apoio de Charlotte em um e-mail furioso que nunca mandou, optando por apreciar o dia de semana sem trabalho fazendo massagem facial e de pedras quentes, o que achava que mostrava uma quantidade nada pequena de inteligência emocional.

Ela bateu com a mão no bebedouro.

– Nossa, quase nunca verifico aquela conta de e-mail hoje em dia. Na verdade, tenho que correr. Vou participar do desfile e estou atrasada.

– Você me mandou um e-mail daquela conta, então obviamente você a estava verificando.

– Tudo bem, garota detetive. Só fizeram metade da minha

maquiagem. Vejo você depois, tá?

– Você pode se acalmar só por um minuto? Eu preciso falar com você.

– Char, eu tenho que...

– Evelyn, estou falando sério. – Charlotte olhou para trás rapidamente. – Escute. A coisa do emprego. Temos que falar sobre isso.

– Estou concentrando minhas energias em outras coisas – disse Evelyn.

– Você devia estar procurando outro.

– Para sua informação, fui despedida, Charlotte.

– É uma péssima ideia.

– Ah, me desculpe, ser despedida é uma péssima ideia? Alerta da revista *New York*. Você descobriu a pólvora.

– Evelyn, você devia estar trabalhando.

– Charlotte, você sempre gostou do seu trabalho, certo? Eu acabei de perceber que talvez ser despedida seja uma coisa ótima. Passar o tempo olhando para um computador velho não é um jeito útil de gastar minha vida. Pense nas aulas na Sheffield, quando falavam sobre encontrar sua paixão. Eu venho ignorando isso nos últimos quase cinco anos, pulando entre coisas que não me deixam realizada.

– Olhe, eu gosto do meu emprego às vezes, mas venho fazendo basicamente entrada de dados nas últimas três semanas, para tentar descobrir se a rentabilidade de uma empresa qualquer vai se sustentar. Não é glamouroso o tempo todo. Na verdade, nunca. Mas cada semana tem um contracheque. É por isso que chamam de trabalho.

Evelyn expirou com força.

– Não é a mesma coisa, Char. Primeiro de tudo, eu não estava recebendo nem perto do que você deve receber, considerando o quanto eu era mais qualificada do que o cara tantã que se sentava ao meu lado e considerando que minha saúde está sofrendo por causa disso, o que parece um preço bem alto a pagar. Meu nível de estresse está no máximo, minha pele está péssima e não consigo ir ao meu treino cardiovascular há um mês por causa do trabalho.

Não tive tempo nenhum para mim nem para me envolver com nenhuma das coisas com as quais quero me envolver.

– Como treino cardiovascular?

– Esqueça, Char. – A voz de Evelyn soou dura. – Tenho que me aprontar para esse show.

– Espere – disse Charlotte. – O acordo no qual estou trabalhando. Estamos comprando a divisão de embalagem de comprimidos de uma empresa farmacêutica. Evelyn, é uma empresa que foi processada pela Leiberg Channing.

Evelyn não se mexeu. Como um passageiro com medo de voar contando assentos até a fileira da saída de emergência, ela mediu mentalmente o quanto elas estavam próximas de alguém que pudesse escutar. O zumbido das luzes era o único som imediato que ela conseguia ouvir, e a festa estava abafada pela parede grossa à direita.

– Sei que você disse antes que não queria falar sobre isso, mas o indiciamento do seu pai surgiu no meio da auditoria. Não conte para ninguém que falei isso, eu seria demitida, mas, Evelyn, nossos advogados dizem que as coisas não estão boas para ele.

– Não tem indiciamento, Charlotte. Tem uma investigação fraca, só isso, e, como falei, não é da sua conta.

– Tecnicamente, é da minha conta, já que surgiu no meio da auditoria – disse Charlotte. – E, Evelyn, tem indiciamento, sim. Não é mais só uma investigação. Ele foi indiciado na segunda.

A gargalhada de Evelyn soou estridente.

– Não, acho que não.

– Eu sei que foi, Evelyn.

– Eu não... Eu não...

Evelyn se inclinou na direção do bebedouro e tomou um grande gole de água. Lembrou-se das duas ou três ligações não atendidas de Sag Neck naquela semana que não retornou. Quando se levantou, sentiu-se recomposta. Um indiciamento não era tão pior do que uma investigação; eram só acusações formais. Era até melhor, porque agora ficava claro com o que o pai estava lidando, e ele podia reagir da melhor forma.

– Indiciamentos acontecem o tempo todo, Charlotte. Eu tenho

mesmo que voltar.

Ela começou a andar na direção da porta.

– Você sabia que os sócios da Leiberg estão planejando processar seu pai se ele não conseguir que o caso seja arquivado?

– Isso é ridículo. Ele é um dos sócios da Leiberg. – Evelyn tinha parado de andar e estava olhando para o corredor vazio à frente, que ficou longo demais e cinza demais de repente.

– Eles estão se distanciando. Evelyn, isso pode significar muito dinheiro. Tem também uma restituição. Não sei o quanto sua família tem...

Evelyn se virou. Tudo era jogo limpo para Charlotte? O emprego, as escolhas, o pai, o dinheiro da família dela?

– Não, não sabe, Charlotte. Você está certa, você pode ser demitida por causa disso, então não sei se você devia continuar falando no assunto.

– Você está falando sério?

– *Você* está falando sério? Tenho que participar desse desfile e estou quase chorando de tanto estresse no que devia ser uma noite divertida, e eu só queria um minutinho sozinha, mas parece que isso é demais para pedir.

Charlotte fechou as mãos em punho.

– Tudo bem, Evelyn. Tudo bem. Vá participar do seu desfile. Me desculpe por ter tentado conversar com você sobre uma coisa importante pra cacete. Me desculpe por ter saído do trabalho e colocado essa porra de vestido feio, que é da Banana Republic de 1995 e era a única coisa no meu armário de roupa de escritório porque não tive tempo para fazer compras, como você e Camilla parecem fazer dia sim, dia não, apesar das suas enormes... podemos dizer enormes? Vamos dizer enormes. Por causa das suas enormes contas de cartão. Tá? Você está certa. Vá tirar seu minuto para passar blush ou a merda que você precisar fazer e vá participar do seu desfile. É isso que é importante.

Evelyn deu um passo para trás, depois outro. O celular vibrou, e ela olhou: uma mensagem de texto de Camilla. "Precisam de vc AGORA." Charlotte estava batendo com o punho no botão do bebedouro, fazendo a água jorrar e parar, e Evelyn a deixou e saiu

andando tão rápido que estava quase correndo. Juntou-se a Camilla por trás da cortina. Dez minutos de maquiagem e mais dez depois fazendo o cabelo, ela colocou a roupa, um kilt com um suéter justo de lantejoulas que era a versão mais recatada do que o que Camilla estava usando. Enquanto colocava a saia, Evelyn se obrigou a ignorar a sensação ruim da conversa com Charlotte que permanecia nela como mau hálito.

– Você está linda – disse Camilla, projetando o lábio inferior.

– Você está mais – falou Evelyn, e entrou na fila atrás de Camilla para caminhar pela passarela.

Evelyn apareceu nas fotos da festa no site de Patrick McMullan no dia seguinte. A legenda dizia: “Camilla Rutherford e amiga.”

20

A CAMINHO DE CASA

O toque agudo do telefone soou pelo que pareceu a 15ª vez em uma hora. Camilla fez a primeira ligação, querendo saber se ela iria a Sachem no fim de semana ou não, e Evelyn desconversou. Queria ir, principalmente quando Camilla mencionou que Jaime de Cardenas e alguns amigos de Souse iam. Mas havia também um evento de arrecadação para a Filarmônica no sábado ao qual alguns dos membros do conselho do Sloan Kettering tinham que ir, e Evelyn concluiu que, se tivesse que escolher, era melhor se concentrar em Sloan Kettering e conhecer Jaime em outra ocasião. Ela ligou várias vezes para a pessoa de desenvolvimento da Filarmônica para ver quem tinha confirmado, mas suas ligações não foram retornadas.

Todas as outras pessoas com quem ela não queria falar ficavam ligando. A imobiliária que cuidava do aluguel ligou para dizer que os pagamentos de abril e agora também de maio não tinham sido feitos e que precisava de um cheque até o final da semana. “A lei dos inquilinos é muito forte em Nova York”, respondeu Evelyn, repetindo uma coisa que o pai disse uma vez. Ela achava que tinha pelo menos três ou quatro meses antes de se encenar por não pagar o aluguel, e iria resolver a questão do dinheiro até lá, de alguma forma. A mulher ao telefone disse que a lei dos inquilinos não era tão forte e que providências seriam tomadas. “Só estão tentando me assustar”, pensou Evelyn, e Camilla não deixaria uma coisa assim incomodá-la. Então, decidiu também não se incomodar. Em seguida, foi um número bloqueado, um homem que deixou mensagem de voz dizendo que era da agência de cobrança que assumiu a conta dela atrasada com a Barneys e que era para ela

retornar a ligação para eles decidirem um planejamento de pagamento. Ela apagou a mensagem no meio. “Negação plausível”, pensou ela.

Depois disso, o pai ligou e deixou mensagem, mas Evelyn nem escutou. Após Charlotte contar sobre o indiciamento, ela ligou para casa, e Barbara confirmou que Dale fora indiciado por suborno e outras acusações. A mãe estava furiosa, e Evelyn também ficou. Que ele pudesse colocar a família naquela situação precária por causa da ganância, do desejo por paletós castanhos e lenços de bolso e carros chamativos era revoltante. Pior, ela o achava burro. Ele foi o único na firma a ser indiciado, e alguém que trabalha com a lei ficar tão enrolado nela queria dizer que era descuidado e burro. Ela quase não falou com o pai depois disso. Na única vez que ele mandou um e-mail foi para perguntar se ela tinha o recibo de um jantar deles de um ano antes em uma data sobre a qual os promotores estavam investigando. Ele não explicou o que aconteceu nem perguntou como ela estava, mas fingiu que tudo estava alegre e bem. Ela respondeu perguntando novamente o que devia dizer para Camilla sobre o jantar, e ele respondeu que não era problema dele.

O ápice foi uma ligação da mãe, que ela atendeu, para ver se conseguia um pouco de dinheiro para que as outras pessoas parassem de incomodá-la. Evelyn tinha que ir para casa; era uma emergência, disse Barbara.

- Estou com a semana lotada, mãe. Não vai dar.
- Evelyn, não é opcional.
- Tenho que participar de um grande evento de arrecadação ou ir a Sagem no fim de semana, e tenho um monte de coisas para fazer antes.
- Amanhã, se você não puder hoje – falou a mãe. – Você vai pegar o trem da manhã e pode estar de volta à noite. Nós pagamos.
- Ah, obrigada. É legal de sua parte pagar quando é conveniente às suas necessidades.
- Evelyn, você vai estar aqui amanhã – disse Barbara, e a linha ficou muda.

Cinco minutos depois que Evelyn entrou pela porta em Bibville, o telefone fixo começou a tocar. Tocou quatro vezes, cinco, depois seis, até Evelyn se dar conta de que a mãe devia ter desligado a secretária eletrônica. Estava esticando a mão para o aparelho no saguão da frente quando sentiu um tapa rápido no antebraço.

– São jornalistas – explicou Barbara. – Ou outros abutres ligando para expressar solidariedade pelo seu pai. Na verdade, estão todos felizes de vê-lo cair. Não atenda.

Evelyn puxou a mão.

– Ai. Doe. De onde você veio? Eu não sabia que você estava em casa. Você me queria aqui, então vamos fazer logo o que vim fazer. Tenho passagem de ônibus de Easton para New Carrollton em três horas, então, a não ser que alguém queira me levar de carro até lá, tenho que pegá-lo.

O telefone parou de tocar, e Barbara tirou o fone da base.

– Vamos deixar que ouçam o sinal de ocupado – disse ela. – Você não viu ninguém em Easton, viu?

– Só o motorista do táxi. Também precisamos falar de dinheiro. O dinheiro do aluguel que você prometeu sumiu, e preciso de algum para as contas também.

– Dale – gritou Barbara. – Dale! Sua filha chegou!

Evelyn ouviu a porta do escritório ser aberta e fechada, e o pai desceu a escada lentamente, segurando o corrimão.

– Oi – disse Evelyn em tom seco.

– Oi – respondeu ele.

Nenhum dos dois sorriu.

Evelyn deu de ombros.

– E então, qual é o grande mistério?

– Vamos conversar lá fora – disse o pai, e abriu a porta da frente.

Os sapatos fizeram barulho no cascalho conforme ele saiu andando, e Evelyn virou a cabeça para ver aonde ele estava indo, que era a uns trinta metros de distância, para um bosque de pinheiros que eles plantaram quando se mudaram e que estavam altos e elegantes.

A mãe foi atrás dele, e Evelyn, com expressão perplexa no rosto para o caso de alguém estar olhando, foi atrás. Os pais ficaram de

pé em silêncio no meio das árvores.

– É agora que sacrificamos uma cabra? – perguntou ela quando se juntou a eles.

– Cuidado – disse Dale.

Ele puxou um pequeno galho da árvore e esmagou as folhas em forma de agulha entre os dedos. Ao longe, a buzina de um caminhão deixou um eco de som.

O pai observou as agulhas de pinheiro na mão por um minuto e olhou para ela.

– Os investigadores federais tinham colocado um grampo no nosso telefone – disse ele. – Suponho que tenham tirado, mas, por garantia, vamos conversar aqui.

– Você acha que tem escuta na casa?

O pai puxou o galho, e a mãe ficou com os braços cruzados, olhando para a casa.

– Olhem, vim até aqui apesar de a semana estar lotada para que pudéssemos mais uma vez falar sobre esse desastre. – Evelyn tinha um tom irritado. – Vamos ficar aqui em silêncio ou vocês vão me contar o que papai fez agora que aparentemente é tão importante que tenho que largar tudo de lado?

– Não fale “olhem” para os seus pais – falou Barbara ríspidamente.

– Sua atitude, Evelyn – começou Dale, mas não completou o pensamento. Ele terminou de arrancar as folhas do galho e o jogou em cima do carro, estacionado no cascalho. – Começaram os procedimentos probatórios no caso, Evelyn. Não é tão fraco quanto nós, quanto eu, pensei. Não sou culpado disso. Quero deixar bem claro. As escutas são um desafio. Uma pessoa inocente, coisa que eu sou, pode parecer suspeita se uma conversa gravada for tirada de contexto. O sistema de justiça criminal neste país se volta com firmeza contra qualquer pessoa acusada de qualquer coisa, e crimes de colarinho branco podem ter penas enormes, dez, quinze anos. Eu tenho 64. Na prática, é prisão perpétua.

– Achei que a questão era que não havia caso – disse Evelyn.

– Não posso arriscar um julgamento. Sei como os júris funcionam e já pensei no assunto, discuti com meu advogado, com sua mãe,

e eu, nós, não podemos correr o risco.

– Você disse o tempo todo que não fez nada de errado.

– Não vale o risco de um julgamento. Rudy, meu advogado, está trabalhando com o governo em um acordo de colaboração por obstrução de justiça, que é um crime bem menos sério do que suborno, e, se conseguirmos alguma coisa, acho que é a melhor opção.

– Sem cadeia?

– Prisão – murmurou Barbara.

– O quê? – perguntou Evelyn.

Barbara repuxou os lábios.

– É prisão. Cadeia é para delitos de pena curta, como aprendi. Já tivemos que nos afastar de qualquer pessoa conectada com a firma. Vi Sally outro dia no clube e tive que...

– Você vai evitar a prisão, não vai? – perguntou Evelyn ao pai.

Dale apertou as mãos contra o maxilar.

– Pedimos uma pena com liberdade condicional, mas tem uma chance de o juiz impor um tempo de prisão – explicou ele.

– Você está falando sério?

– Estou.

Evelyn começou a balançar a cabeça.

– Espere. Espere. Júris são sua especialidade. Você consegue convencer júris de qualquer coisa. Foi o que você sempre alegou, não foi? Aqueles artigos de jornais e aqueles prêmios? Todos aqueles prêmios? Mas você acha que não consegue convencer um júri de sua própria inocência? É sério? Porque eu acharia que, se você fosse mesmo inocente, talvez pudesse usar todo o seu talento para que não abandonasse a mim e a mamãe para passar um tempo na prisão. Achei que você era o cara que dizia o que era o certo e o errado e se meu emprego e meus pedidos de dinheiro eram dignos ou não, não o cara que vai para a prisão porque não consegue lidar com as provas que o governo tem contra ele mesmo. Você não é esse cara, pai? Ou não, aparentemente, não é. Ao que parece, você também pode fazer coisas erradas. Porque, quer saber? Pessoas inocentes não têm que se declarar culpadas. Quer saber de outra coisa? Ninguém vai atrás de pessoas inocentes

de forma aleatória. Se você tivesse tomado mais cuidado, como parece que seus sócios tomaram, nada disso teria acontecido. As regras não são tão difíceis de seguir, exceto para você.

Ela ouviu um baque alto e deu um pulo para trás, depois percebeu que era o punho do pai, que ele usou para bater na árvore. Os olhos estavam cheios de raiva.

– Eu não sei, Evelyn Beegan, quando você se tornou uma pestinha tão mimada – disse ele.

O momento não terminou; ele continuou batendo na árvore. Em seguida, olhou por cima do ombro, e a dor que Evelyn viu nos olhos dele a desestabilizou. Ele foi até o carro, entrou, acelerou e fechou a porta ao sair em disparada.

Ela se virou para se explicar para a mãe, mas Barbara já estava indo para casa.

Evelyn encostou no celular no bolso, sentindo-se perdida, sentindo que precisava de alguém para dizer que estava bem, e, sem pensar direito, ligou para Scot.

– Evie? Estou entrando em um táxi, me desculpe. Como estão as coisas em casa?

– Estou bem. Estou ótima – respondeu Evelyn.

– Está tudo indo bem?

Ela olhou para a casa, com poeira bege no caminho, no local onde o pai tinha saído em disparada. Bem? O pai ia para a prisão e a chamou de mimada.

– Ele pode fazer um acordo – disse ela em voz alta. – Meu pai. Minha mãe acabou de me dizer.

– Lex com 43 – falou Scot. – Seu pai pode o quê? Desculpe. A ligação está ruim.

– Se declarar. Culpado. Não sei o que você sabe, se sabe, sobre a investigação. O indiciamento. Mas ele vai se declarar culpado. Pode significar prisão. – A voz dela estava ficando cada vez mais amarga. – Meu pai, na prisão. Legal, né? O comitê do Bal vai adorar isso. – Pela primeira vez, ela teve vontade de falar sobre o assunto. – Todo mundo sabia? Todo mundo sabe? Sei que Camilla diz que indiciamentos não são nada de mais, mas, Scot, a ideia do meu pai na prisão. Ele não é tão durão, meu pai, e a prisão, e

minha mãe nunca trabalhou, e ela vai ficar sozinha, e vai ser uma confusão. E o dinheiro, Scot. Não sei o que fazer sobre o dinheiro.

– Evie?

– O quê? – Ela precisava ouvir que ele a amava, que a ajudaria.

– Evelyn? Alô. Alô.

– Scot. Scot.

– Pronto, agora estou ouvindo. Me desculpe. Perdi uma parte.

Quem fez o quê?

O rosto de Evelyn se contraiu.

– Você não ouviu nada.

– Não, desculpe. O que está acontecendo?

Os olhos dela ainda estavam grudados na casa; a mãe não se deu ao trabalho de fechar a porta da frente.

– Deixe pra lá – disse ela depois de um silêncio vazio.

– Não, me desculpe, me conte.

– Não era nada. Não é nada.

– Alguma coisa com seu pai?

Ela foi até a porta e viu a mãe sentada na escada.

– Não. Nada. Tenho que desligar.

– Quem era? – perguntou Barbara.

– Ninguém. Camilla – respondeu Evelyn.

– Você falou para ela que seu pai não pode ir à festa? – perguntou Barbara. – A festa que o deixou tão lisonjeado?

– Deus. – Evelyn encostou a cabeça no celular. – Não, eu sei. Só estou... me dê um minuto.

– Tantas ligações e coisas a fazer. Eu me lembro disso. Da vida. Era curta, Evie. A sua é assim? Quando vejo suas fotos, penso que talvez seja. Quando os dias passavam em um redemoinho e as noites não eram longas o bastante, e ficávamos loucos de empolgação pela próxima festa. Não consigo entender agora como tudo parecia assim. Você consegue imaginar desejar que o dia seguinte chegasse logo? Agora, eu queria que passasse logo. A vida fica tão longa quando se é velho.

– Você não é velha, mãe – murmurou Evelyn sem muita convicção, ainda com a cabeça encostada no celular.

– O que meu obituário vai dizer, Evelyn?

– O quê?
– Não diga “o que”, você parece uma criança. Passei minha vida toda criando você e cuidando do seu pai, o que meu obituário vai dizer?

– Mãe, você não está morrendo.
– Mãe e esposa. Isso dá uma linha. Residente de Bibville. Isso dá duas.

Evelyn engoliu em seco e viu a mãe olhando para o teto. Ela não estava errada.

Com desânimo, Evelyn se virou e, com pernas pesadas, foi até a sala do piano. A única coisa que podia fazer com o rugido seco que ouvia na cabeça era tocar. Se conseguisse fazer os dedos produzirem “Somewhere”, sentia que conseguiria afastar a mente daquilo.

Mas, quando passou pela porta desta vez, ela viu os armários primeiro, que deviam estar escondidos pelo piano. Demorou um momento para entender que o piano não estava mais lá. O único sinal de que já tinha estado lá era uma marca retangular no chão, onde antes ficava o tapete.

– Mãe! Mãe! – A voz soou mais fina do que o habitual. Ela voltou correndo para o saguão. – Mãe, onde está o piano?

A mãe não tinha se mexido.

– Evie, com um acordo, haveria milhões em restituição. A firma o está processando separadamente. E os gastos legais são astronômicos. O vendedor de Steinway recebeu uma proposta de uma casa de leilões.

– Você vendeu?

– Não tivemos escolha.

Todas aquelas manhãs de música. Todas aquelas sessões vespertinas cheias de sol. Todas as melodias que ela selecionou como as que tocava com a filha, mostrando os movimentos e a pressão e imaginando o quanto teria que ser paciente com a menina. Já era. Ela não pôde tocar uma última vez. Não pôde dizer ao piano o quanto ele representou para ela. As teclas lisas de marfim e as pretas brilhantes e os pedais pesados e a madeira fria, e as músicas que ela conseguia tirar do objeto e as vezes que a

mãe tocou e Evelyn ficou sentada no sol se sentindo feliz.

– Não só o piano – disse Barbara baixinho. – A casa. Sag Neck.

– A casa?

– Vamos ter que vender, Evie. O advogado está negociando uma ninharia para que possamos sobreviver. Isso além dos valores que estamos gastando com advogados. Se seu pai for para a prisão, serão meses sem renda, e claro que ele não vai mais poder advogar, então o que sobrar tem que durar até a morte. – Ela deu uma gargalhada amarga. – Você perguntou sobre o dinheiro do aluguel? Bem, ando olhando apartamentos. Você sabe como Jude Carea está se sentindo ao me mostrar apartamentos para alugar? O quanto aquela meretriz está feliz de eu ter despencado tanto?

Evelyn levou a mão ao ombro, onde começou a fazer massagem, apertar e forçar os nós. Aquilo tudo não podia estar desaparecendo. Ela podia fazer alguma coisa. Ainda não era tarde demais. Qualquer chance que a família tinha de sobreviver, tanto social quanto financeiramente, dependia dela agora. Ela estava quase sem tempo.

A luz estava mudando no saguão, ficando fria e cinza, quando Evelyn se virou para a mãe com um olhar límpido e duro. A respiração estava alta; ela conseguia se ouvir bufando pelo nariz.

– Vai ficar tudo bem – disse ela. – Tenho que ir para casa. Tem coisas que preciso fazer.

21

SALA DOS TROFÉUS

A direção irregular de Camilla levou o quarteto formado por ela, Nick, Scot e Evelyn a Lake James com apenas uma multa por excesso de velocidade perto de Saratoga, na Northway; Camilla estava indo a 150 quilômetros por hora, negociou com o policial para relatar como 140 e disse que, quando o advogado de trânsito da família contestasse no tribunal, conseguiria baixar para uma multa de 200 dólares sem pontos na carteira.

Evelyn ligou para Camilla no momento em que saiu de Sag Neck para dizer que adoraria ir passar o fim de semana lá e pedindo desculpas por ter agido de um jeito tão estranho. Perguntou-se se Camilla a colocaria, assim como Jaime, em quartos no corredor principal, o que tornaria as coisas mais fáceis. O que não tornava as coisas mais fáceis era Scot ter sido convidado. Quando ela encontrou Camilla na noite anterior para tomar uns drinques e mencionar a ideia de terminar com o namorado e ver qual seria a reação, Nick apareceu no bar com Scot junto. A inclusão automática irritou Evelyn, e as alfinetadas que deu em Scot naquela noite não foram incentivadas por Camilla nem por Nick, o que a irritou ainda mais. Aqui, no carro, Scot ficou digitando no BlackBerry, sem participar da conversa. O grudento Scot. O onipresente Scot.

Em Bibville, depois do baque frio que sentiu ao ver a ausência do piano, ela identificou Scot como o centro dos problemas dela. Se não tivesse passado tanto tempo com ele, estaria em posição sólida. Estaria noiva de alguém mais proeminente, indiferente aos problemas da família, confiante e acomodada, com dinheiro sobrando. Ela sufocou das lembranças as partes de Scot das quais

gostava e disse para si mesma que a única função dele, o motivo de ela ter aguentado os beijos molhados e as mãos gigantescas em seu corpo, era dar apoio, ser a pessoa com quem ela podia falar sobre os problemas de família, e ele não conseguia nem fazer isso direito. O pai dela seria mandado para a prisão, a mãe se mudaria para um apartamento, e ela ficaria sem dinheiro e presa àquele banqueiro mediano desajeitado que era incapaz de fazer qualquer coisa sobre a situação dela.

A menos que...

Camilla levou o carro até a marina, e os quatro foram até a lancha que os esperava. Em Sachem, Evelyn ficou aliviada, pela primeira vez, de não ter ficado com um dos melhores quartos de hóspedes; ela e Scot ficaram com um quarto com duas camas de solteiro, o que queria dizer que conseguiria escapar do sexo naquela noite.

Enquanto Evelyn lia a *Vogue* em uma das camas, Scot saiu para fazer sua "rotina", que era como ele se referia à calistenia que só podia ter tirado de um livreto de treinamento atlético de 1910. Ele voltou com suor escorrendo pelo rosto quarenta minutos depois, e Evelyn torcia para que ele tivesse tido a noção de se exercitar em um lugar onde ninguém pudesse vê-lo. Quando se aproximou para dar um beijo na bochecha dela, Evelyn recuou e limpou o suor dele.

– Alguém ligou? – perguntou ele, pegando o BlackBerry, que tinha deixado na cama.

– Ninguém – disse ela, virando a página da *Vogue*.

Ela ainda estava na parte de propaganda antes das matérias, pois tinha passado o tempo em que ele estava se exercitando tentando catalogar os defeitos dele e teorizando sobre quando e como Jaime chegaria. Mas lembranças boas de Scot ficavam surgindo, e ela pensava na noite em que ele levou leite quente para ela em uma caneca granulosa caseira, quando ela não estava conseguindo dormir, depois se obrigou a contrapor isso com o jogo de golfe no Greenwich Country Club, em que cada tacada dele saiu torta, e ela, Nick e Preston tiveram que passar umas quatro horas ao redor de nove buracos, procurando as bolas perdidas.

– O treino foi bom? – perguntou ela.
– Sessenta segundos treinando, trinta descansando. Intervalos intensos. – Ele largou o celular e esticou a mão para a dela, mas, como ela não reagiu, puxou de volta. – Encontrei a irmã de Camilla. Tem mais alguém vindo hoje, mais tarde, eu acho. Outro amigo de Camilla.

– Hoje? – perguntou ela de repente, depois tentou parecer prestar atenção na bolsa feia de tricô à venda.

– É, você sabia que mais gente vinha? Achei que era só esse grupo.

– Eu... ela mencionou alguma coisa. Achei que era mais tarde, no fim de semana.

– Não – disse Scot, e limpou a testa, jogando gotículas de suor em Evelyn, cujo corpo ficou tenso. Ele seguiu para o banheiro. – Hoje. O zelador estava levando o barco para buscar as pessoas.

Evelyn via uma fresta do banheiro de onde estava. Scot estava dobrando as roupas e colocando empilhadas na pia, para que não ficassem com amassados durante os cinco minutos que ele passaria no chuveiro. Ela o ouviu abrir a torneira, depois gemer ao entrar. Ela não conseguiria fazer isso com Scot ali.

O BlackBerry começou a tocar. Evelyn deslizou na cama, para que Scot não a visse do banheiro se saísse do chuveiro, e esticou a mão para olhar a tela. DAVID GREENBAUM TRABALHO, era o que estava escrito na tela. Ela demorou só um momento para localizar o ícone do telefone no BlackBerry.

– Celular de Scot Tannauer – disse ela com voz agradável.

– O quê? Eu preciso de Scot – falou a voz mal-humorada do outro lado.

– Me desculpe, ele deu uma saída rápida. Posso ajudar? Aqui é Evelyn Beegan, namorada dele. – Ela praticamente engasgou com a palavra.

– Tá, mas preciso falar com Scot.

– Aconteceu alguma coisa no trabalho?

– Pode-se dizer que sim. Sei que ele anda passeando pelas Catskill, mas peça para ele me ligar, Greenbaum, o mais rápido possível.

– Adirondack. Parece sério, sr. Greenbaum. Tem certeza de que só precisa que ele ligue? Não precisa que ele vá ao escritório?

– Como ele pode ir ao escritório quando viajou para passar o fim de semana fora com a namorada?

– Não estamos longe da cidade. Se ele sair agora, pode estar no escritório à noite.

– Bom. Tá. Ótimo. Mande-o vir direto para cá.

– Ele vai estar aí.

Alguns minutos depois, ela ouviu o chuveiro ser desligado. Não queria ver Scot saído do chuveiro, com cabelo arrumado e limpo e esperançoso como um garotinho. Ficou de pé com as costas para a porta do banheiro e bateu nela.

– David Greenbaum ligou – disse ela. – Ficou ligando repetidas vezes, então atendi, caso fosse emergência.

– O que ele queria? – perguntou Scot, ansioso.

– Ele precisa de você de volta à cidade. Rápido.

– Droga – murmurou Scot. – Vou ligar para ele.

– Não, está tudo resolvido. Ele mandou você voltar. Não ligar.

– Droga. Vou ter que ir. Sinto muito.

– Não, é coisa de trabalho, tudo bem. Ele parecia meio irritado.

– Eu não devia ter vindo.

– Tudo bem. Vou descobrir quando é o próximo trem. Acho que tem um às quatro, e você pode chegar à cidade à noite.

– Você é minha salvadora. – Ele se esticou pela porta e a beijou no ombro, e uma expressão de dor surgiu no rosto dela.

Depois que saiu da linha telefônica gratuita da Amtrak, ela falou para Scot que havia um trem às 16h05 para Albany, e lá ele podia trocar para um que fosse para a cidade, e que marcou um táxi que o esperaria na marina e disse que ele esperasse perto do píer para que o zelador o levasse à cidade. Ela foi procurar a cozinheira para avisar que haveria uma pessoa a menos para jantar e estava voltando do prédio de jantar quando ouviu o rugido da lancha na casa de barco principal, o que queria dizer que o zelador tinha voltado com Jaime. Ela entrou em meio a algumas árvores, com a vegetação rasteira fazendo seus tornozelos coçarem, e ouviu Scot falando em espanhol com sotaque americano.

– Então, é... “*Es um placer...*”

– *Placer* – disse outra pessoa, corrigindo a pronúncia de Scot, com uma voz que parecia impregnada de pinheiros e tabaco.

– *Placer hacer negocios...*

– *Negocios.*

– *Con ustedes.*

– *Sí. Perfecto.*

– *Placer hacer negocios* – repetiu Scot. – Obrigado. Tenho que ir para a Cidade do México em duas semanas para uma reunião... *encuentro*, certo? Com um... *clientado*?

– *Cliente* – disse a voz rouca. – Você vai se sair bem.

– Que porra é essa, Scot? O que é isso, Dia da Imersão em Espanhol? – Evelyn ouviu Nick dizer. – Jaime, amigão.

– Ah – disse Scot. – Só pensei em praticar um pouco do meu espanhol.

– Nick, como vai? – falou a voz, com um sotaque britânico atraente com um leve toque de americano. – Não é problema nenhum, Scot. Fico feliz de você ter podido praticar. Não tenho dúvida de que você vai se sair muito bem lá. Foi um prazer conhecê-lo. Boa sorte no seu retorno hoje.

– Obrigado. *Gracias*. Só preciso... você viu Evelyn? Achei que ela estaria aqui, mas tenho que... bem.

Evelyn olhou para o relógio. Se o trem era às 16h05, Scot tinha que ir imediatamente. Ela ficou no meio das árvores.

– Você pode dizer a ela que tive que ir? – perguntou Scot.

– Pode deixar – disse Nick.

Evelyn esperou, tentando controlar a respiração, até ouvir a lancha ser ligada e um ruído que devia ser o pé grande de Scot entrando no barco. Ela ajeitou o cabelo e saiu de trás das árvores.

Estava esperando um sujeito alto, mas Jaime de Cardenas era baixo, bronzeado, em forma e com bíceps volumosos em cada braço sem gordura. Ele parecia correr vinte quilômetros várias vezes por semana e ir à academia nos outros dias, levantando pesos e atraindo a atenção de rapazes e moças.

– Eu só estava olhando os patos perto da quadra de tênis. Tem um grupo fascinante de... Ah, oi! Acho que não nos conhecemos.

Sou Evelyn Beegan – disse ela.

Um jogo de croqué logo foi organizado, depois que Camilla apareceu e decidiu isso. Evelyn estava se saindo bem; não vencendo Camilla, claro, mas se saindo bem.

Camilla bateu com o martelo no de Jaime.

– Que tal seu quarto? – perguntou ela.

– É ótimo – respondeu Jaime. – Esta propriedade é linda, CHR. Não sei por que não venho aqui há tanto tempo.

– Você vinha muito aqui? – perguntou Evelyn.

– Ah, deus, durante os verões no ensino médio, Sachem era o lugar onde todo mundo queria estar – disse Jaime. – Todos nós de St. George vínhamos ver as garotas de St. Paul de maiô. Lembra, CHR? Aquele verão em que você estava passando aquela fase religiosa? Ela nos fez ir à igreja todos os domingos. Era do coral em St. Paul e era uma cantora incrivelmente provocante.

Camilla apertou os olhos para Jaime de um jeito que Evelyn nunca tinha visto; ela parecia mais delicada, como se uma camada de base tivesse sido passada por cima do esmalte.

– Você faz parecer que eu era uma cantora de apoio, querido. Eu era solista.

– Isso mesmo. Eu me lembro da sua “Ave Maria”. Valeu a santidade forçada.

Isso não estava seguindo numa direção favorável a Evelyn; Jaime mal a tinha notado. Ela precisava se estabelecer, e rápido.

– Os colégios internos não são todos essencialmente uma experiência religiosa forçada? – perguntou ela, protegendo os olhos. – Em Sheffield, onde estudei, tínhamos capela todas as manhãs. Eles meio que acenavam para os judeus e muçulmanos e fingiam que não era não denominacional, mas era claramente igreja.

Jaime se virou para ela e permitiu que os olhos subissem e descessem pelo corpo dela, devagar demais para que fosse casual.

– Sheffield – repetiu ele, pensativo. Evelyn conseguia sentir uma trilha quase física por onde os olhos dele tinham passado.

– Sim, Evelyn foi estudar em Sheffield vinda de uma cidade engraçada em Maryland. Deve ter sido tão diferente para você, Evelyn – disse Camilla, com um movimento de cabelo.

– Eu tinha passado a infância em Londres, então foi diferente para mim também – falou Jaime. Os olhos dele brilharam, mas Evelyn não conseguiu interpretá-los.

– Deve ter sido mais estranho para Evelyn.

Camilla bateu com o martelo e jogou a bola por uma elevação, que depois virou delicadamente e caiu por um aro.

– Perfeito – disse ela. – Estou surpresa, Evelyn, de você estar brincando de conhecer Jaime melhor. Você não disse que o conhecia?

Evelyn tentou parecer intrigada.

– Disse? Acho que não.

– Eu lembro – afirmou Camilla. – Você disse que encontrou com ele no Harvard Club. Será que você estava lá com seu namorado?

– É possível – respondeu Evelyn de pronto. – Nick, é sua vez, não é?

– No Harvard Club? Pareço tão velho? – perguntou Jaime com uma gargalhada.

– Achei estranho mesmo – falou Camilla, olhando friamente para Evelyn. – O namorado dela...

– Sabe o que ouvi sobre o Harvard Club? – interrompeu Evelyn. A mente dela procurou alguma coisa plausível. – Quando tentaram atualizar o menu e tirar os pratos antigos, como o filé Wellington e ostras cassino, os sócios ficaram loucos e ameaçaram sair do clube.

– Eu acredito – disse Jaime. – Não consigo imaginar que os sócios tenham paladares muito aventureiros.

– Isso é porque são tão velhos que a comida tem que ser em forma de purê. Shazam! – falou Nick.

Evelyn sorriu, inflando com a sensação estranhamente boa de uma mentira bem-contada, e bateu na bola com o martelo. Jaime colocou o martelo no chão e se virou para Nick.

– Odeio interromper o jogo, mas, meu amigo, tenho que ir até a cidade. Se você quiser ir comigo, eu apreciaria a companhia.

– Fique aqui – disse Camilla, fazendo beicinho. – Podemos

mandar o zelador buscar o que você precisar na cidade.

– Não, prometi eu mesmo levar para Jack. Estou na mesma cidade, posso fazer a entrega.

– Ah, então não leve Nick. Ele me prometeu um jogo de tênis esta tarde.

– Eu tenho que ir à cidade – disse Evelyn. Conseguia sentir Camilla olhando com raiva para ela.

Quando Camilla começou a dizer alguma coisa, a voz grave de Jaime disse primeiro:

– Ótimo.

– Evelyn – começou Camilla, mas Evelyn falou por cima:

– Com licença um segundo. – Ela jogou o martelo de croqué no chão.

Evelyn correu escada acima até o banheiro e, após uma camada rápida de batom e de passar um rímel nos cílios, começou a descer a escada. Mas a porta do quarto de Camilla estava aberta e, em cima de uma cômoda, a poucos metros de distância, estava a pulseira com as vitórias do Racquet Club.

Evelyn olhou para a direita e para a esquerda, mas não viu nem ouviu ninguém. Deu um passo leve à frente e parou de novo. Só pegaria emprestado por uma tarde e colocaria de volta. Amigas pegavam joias emprestadas umas das outras o tempo todo. Só estava ali. Brilhando. Se Jaime reparasse nela com a pulseira, podia acreditar que ela também tinha linhagem que frequentou o Racquet Club. Ela olhou por cima do ombro de novo, depois entrou no quarto e colocou a pulseira no bolso.

Evelyn prendeu a pulseira no braço durante a ida de compromisso inventado até a cidade, dizendo para Jaime que precisava comprar uma tigela de madeira com braços de prata para a mãe de Preston. Na bancada, ao pagar, ela tirou a pulseira do bolso e prendeu no pulso esquerdo, para que Jaime visse do banco do motorista. A sensação era de um objeto pesado e delicioso e certo.

Ela balançou o pulso para a frente e para trás enquanto Jaime dirigia ao redor do James Pond, acalmando-se com o estalo agradável das raquetes. Inclinou-se para ajustar o volume do rádio,

fazendo a pulseira bater no botão do volume.

– Essa pulseira é tão barulhenta – disse ela. – Meu avô e meu bisavô eram membros que levavam o Racquet Club a sério, e acho que esses eram os bens mais valiosos para eles. Eles quase não cuidavam direito do que herdaram, nossa prataria era tão escura que mal dava para ver que era prata, mas isso estava sempre perfeitamente polido. Os homens amam suas vitórias, eu acho.

Ele olhou para ela, que não sabia o que ele estava pensando.

– Camilla também tem uma – disse ela, como política de segurança para o caso de ele ter reparado na dela antes –, e foi por isso que nos tornamos amigas na mesma hora. Eu tinha as raquetes havia séculos, mas nunca pensei em colocar em uma pulseira.

Ela esticou a mão para o para-sol.

– Legal – disse ele com distanciamento, depois entrou em uma rua comprida.

Evelyn olhou para uma placa e viu que Jaime os tinha levado para o Lake James Club, um clube particular masculino que era famoso por só ter mudado as regras que baniam doentes de tuberculose e judeus dez anos antes.

– Você se importa? Um dos colegas do meu pai está aqui e precisava de uns documentos – disse Jaime.

– Não, claro que não – falou Evelyn. – Fico esperando aqui fora.

– Você vai ficar esperando no carro?

Ela ficou vermelha; achava que mulheres não podiam entrar no clube. Ela odiava errar sobre essas coisas.

– Não, não. Eu adoraria entrar, se não houver problema.

Ele sorriu.

– Por mim, tudo bem. Não é assunto confidencial.

Ela o seguiu pelo clube. Ele cumprimentou o guarda e pegou alguns amendoins do bar em um copinho de plástico, jogou alguns na boca e os sugou de um jeito que acendeu o estômago de Evelyn. Eles passaram por quadras cobertas de tênis e por uma biblioteca grande cheia de tapetes orientais. Ele espiou lá dentro, depois se virou, colocou a mão quente no ombro dela e disse:

– Espere aqui.

Com o toque da mão dele parecendo uma marca, Evelyn o viu dar uma pasta para um homem mais velho, conversar, rir e apertar a mão dele antes de se juntar a ela.

– Pronto – disse ele com um sorriso. – Não foi tão ruim, foi?

Ela o estava seguindo na direção da saída quando ele parou, se virou e se inclinou tão para perto que ela conseguia ver o brilho dos dentes dele e sentir o aroma de suor e metal, e a parte inferior do abdome dela começou a girar.

– Quer ver uma coisa? – perguntou ele.

Ela disse que sim.

Ele subiu dois lances de escadas e abriu uma porta que dava em um salão escuro com janelas grandes de um lado. Quando seus olhos se ajustaram, ela viu que era cheio de cabeças de animais mortos, cervos e alces e raposas e ursos e, aos pés dela, um guaxinim de boca aberta. Perto da parede direita havia patos, com penas lindas, decorativos, mortos.

– Onde estamos? – perguntou ela.

– Na sala dos troféus – explicou ele. O hálito fez cócegas no pescoço de Evelyn, e ela ficou imóvel. – Sempre que um sócio atira em alguma coisa particularmente valiosa, o animal vem para cá. Eu atirei naquele.

Ele mostrou um pato tão lindo que parecia pintado à mão, com penas pretas belíssimas na cabeça e uma mancha branca ao lado do olho. A base estava equilibrada em uma cadeira bamba.

– Aquele era lindo – disse ele. – Estava voando com o grupo sobre o Saranac. Acertei três, mas esse foi um tiro limpo.

Ela engoliu em seco.

– Eles são indefesos – falou ela.

– São patos, Evelyn.

– Aqui não é uma área de proteção da vida selvagem?

– Você só precisa de uma permissão.

Ela tentou sorrir.

– Toque nele – disse ele.

Ela não se mexeu.

– Vá lá, toque nele. – Ele colocou a mão na lombar dela, e ela começou a tremer. – Dá sorte. Toque nele.

Ele estava a centímetros dela, com a mão quente e firme em suas costas, e ela conseguia sentir o corpo dele subir e descer conforme a respiração pelo contato com a mão.

– Você pode fazer um pedido se tocar nele – disse ele. – Você parece estar querendo um bom desejo.

Ele a empurrou para a frente. O pato estava em cima de uma tábua no formato de um escudo, e ela não conseguiu deixar de pensar nos últimos momentos dele, voando com ousadia acima do lago parado, achando que estava seguro e livre.

– É só esticar a mão, assim – disse Jaime.

Ele deslizou a mão direita na cintura dela, e a esquerda foi para o braço esquerdo. Com um movimento repentino, ele empurrou a mão dela para a cabeça do pato, forçando as raquetes contra o pulso, segurando a mão dela lá mesmo quando ela tentou puxar por reflexo para longe das penas em pé do pato. Ele apertou com mais força, movendo a mão dela para o corpo do pato e abrindo-a.

– Boa menina.

A fivela do cinto dele foi pressionada nas costas dela, e ela sentiu o encaixe das pernas dele. Ela estava respirando pesadamente, até demais, não como uma dama, meio apavorada e meio excitada. Afastou da cabeça o pensamento do pato e desejou que Jaime se pressionasse mais contra ela, ali, naquele salão sujo do andar de cima. Ela sentia como se houvesse uma luz vermelha piscando a partir dos pontos de contato, a mão macia e bronzeada dele, o relógio frio de metal, o cinto encostado na espinha dela, o sapato, na sandália.

– Faça seu pedido – disse ele em voz baixa, e ela fez, depois virou o rosto para que seus olhos se encontrassem com os dele e ele só conseguisse ver os cílios longos.

– Assim, Jaime? – perguntou ela também com voz baixa, encarando-o, tentando ecoar o tom dele.

Ele afastou a mão e recuou, olhando o relógio.

– Temos que voltar – disse ele, e andou na direção da porta, deixando-a ofegante com a mão ainda na cabeça do pato morto.

22

TYPEE

O jantar foi servido na sala de jantar octogonal em Sachem, em uma mesa de madeira comprida que, naquela noite, recebia dezessete pessoas. Souse chegou de tarde, e o grupo era mais eclético do que na casa dos Hacking: um casal que era dono de Camp Adekagagwaa; um homem oriental pensativo que eles desprezaram, aparentemente de forma sincera, como o “poeta-residente” deles durante o verão; um diretor de Yale chamado Gardiner; um pastor de Harvard também chamado Gardiner; uma mulher que ficou em terceiro lugar no U. S. Open de golfe em 1993; um importador de vinhos chamado Chipp com dois *Ps*, que sempre recebia as primeiras caixas de Beaujolais Nouveau nos Estados Unidos; o guitarrista do Whitesnake e sua namorada de 21 anos; uma senhora idosa e corpulenta que insistiu sem sucesso, quando era do conselho do museu, para que o Isabella Stewart Gardner Museum fizesse uma exposição de pornografia sobre Madame X; uma dama mais jovem e corpulenta que disse ter trabalhado na Cartier durante anos, mas “o serviço não engrenou”. Evelyn os achava animados e gostou de se exhibir para Jaime quando perguntou sobre Block Island e o bar Harbor. Ela também adorava que, em Sachem, suas mãos não precisavam tocar em um prato sujo, pois havia empregados para isso, e seu status era alto o bastante para não precisar mais trabalhar como hóspede ajudante.

Preston chegou de barco logo depois que a sobremesa foi servida. A presença dele ali dava um empurrão na posição social dela, acreditava Evelyn, mas também tornava o flerte aberto com Jaime bem mais difícil, pois um velho amigo não deixava muita coisa passar.

– Você não devia ter vindo para o jantar? Onde estava? – perguntou Evelyn quando se inclinou para beijar a bochecha dele.

– Aqui e ali – disse ele, abrindo a jaqueta e revelando uma garrafinha.

– Que diabos, Pres? Os Rutherford têm uma adega fabulosa.

– Gosto do meu estoque pessoal – falou Preston, quase cantando.

– Você está bêbado? – perguntou Evelyn.

Ele se inclinou na direção dela.

– Eu nem encosto nisso. Onde está seu velho namorado? Seu homem sofisticado?

– Teve que ir embora. Houve uma crise no trabalho.

– Tem gim nessa espelunca?

– Você parece já ter bebido o suficiente, para ser sincera. Charlotte me pediu para ficar de olho em você, se quer saber.

– Charlotte o quê? Tem gim-tônica aqui? – perguntou Preston.

– Eu queria perguntar, sua mãe teve oportunidade de falar com alguém sobre Sloan Kettering?

Ele repuxou os lábios e os apertou.

– Se Fritz Rutherford ainda estivesse aqui, haveria gim-tônica para todo lado.

– Preston, preste atenção, por favor. Achei que sua mãe pudesse mencionar que estou ajudando com o Bal Français.

Ele grudou o olhar no dela, e Evelyn sentiu uma onda surpreendente de medo.

– Eu estou prestando atenção. – Isso foi tudo o que ele disse, e se virou para falar com os adultos.

Souse pediu licença logo depois de cumprimentar Preston, dizendo que estava exausta, e Camilla sugeriu que os jovens fossem para Typee. Evelyn foi atrás, deixando que uma Phoebe saltitante seguisse na frente, ouvindo os outros gritarem no escuro. Na metade da colina, ela parou e se virou para olhar a casa, com os pés no chão, o ar frio da noite, e o lago escuro e as estrelas brilhantes a envolvendo, as vozes dos amigos se distanciando.

Ela viveu tanto tempo resistindo à versão da mãe de como devia ser a vida dela, achando que a mãe não sabia muito sobre a vida.

Quando tinha 17 anos e fazia aula de introdução à psicologia na Sheffield, ela reconheceu a mãe nas descrições de depressão e repressão. Em determinado ponto, sugeriu que Barbara fosse a um psiquiatra para descobrir como expressar o que sentia. A mãe estava esfregando uma panela de metal com palha de aço, e a jogou na pia com um estrondo.

– Você quer saber o que sinto, Evelyn? – perguntou ela. – Todos os dias, eu me levanto e digo: “Lavar a louça ou tomar uma overdose de comprimidos?” É isso que sinto. Ajudou?

Barbara estava errada sobre a vida, Evelyn pensou quando foi para a Davidson e não foi logo para uma irmandade metida a besta, fazendo comentários maldosos de longe enquanto as garotas sorriam e fofocavam ao longo da faculdade. Errada, Evelyn pensou ao se mudar para Nova York, determinada a se virar sozinha. Errada, Evelyn pensou ao encher os verões de trabalho e suor em plataformas de metrô enquanto Preston e os amigos iam para cidades de veraneio fabulosas e frescas.

Mas Barbara estava certa.

Evelyn lutou contra a mãe por muito tempo e com muita intensidade por uma vida que, antes de conhecer Camilla, consistia apenas em televisão e comida de restaurante entregue em casa. Ela estava morando em Nova York, mas não estava *morando* em Nova York. Depois, quando a fundação estável dos pais e a casa em Bibville começaram a ceder, Evelyn finalmente deu uma chance àquelas pessoas e descobriu que a aceitavam. Ela encontrou seu lugar. Estava ali.

– Evie! Um urso pegou você? – gritou Camilla.

– “Se você sair pelo bosque hoje, vai ter uma grande surpresa!” – cantou Preston, e Nick acompanhou.

Evelyn subiu o caminho até Typee e passou pela varanda. A sala principal era aconchegante e parecia a de um chalé, com tudo feito nas cores de Yale: um sofá azul, um tapete branco, cobertores azuis. Fritz Rutherford já não ia a Sachem havia muito tempo, mas a *alma mater* dele continuava lá.

Preston estava evitando Evelyn e todo mundo, pois tirou a jaqueta e se aninhou, embriagado, em uma poltrona com um gubi

velho de Archie cujas páginas estavam onduladas por terem sido molhadas e secadas depois de algumas chuvas. Quando Jaime viu o livro e perguntou a Evelyn se ela era uma Betty ou uma Veronica, ela colocou dois dedos no braço dele e disse que talvez fosse um pouco de cada uma. Ela encheu um copo baixo de uísque. Tinha cheiro de Band-Aid, mas ela bebeu rapidamente e depois tomou outro.

Olhou para Jaime, que estava começando a ficar borrado ao acender um charuto, e pensou nos sinais que ele deu naquela tarde. Tudo estava funcionando, e com tanta facilidade. Ele cobriria a doação para os Luminaries de Camilla, claro; 25 mil dólares devia ser o que ele gastava em um fim de semana fora da cidade. “Que tipo de formato tinham os convites de casamento com sul-americanos com 300 convidados?”, ela se perguntou. “Seria coberto pela *Vogue*?” Jaime ria, Nick assoava o nariz e ela tomava outro copo de uísque, e todo mundo cantava “Umbrella”, e ela e Jaime dançavam.

De repente, ela estava lá fora com Preston, o ar da noite cortando-a. Ele estava dizendo alguma coisa, mas ela não queria ouvir, então se inclinou na amurada e olhou para baixo em busca de garrafas quebradas, mas não conseguia ver nenhuma. Ela se inclinou mais, fascinada pelas luzes refletidas no lago, e Preston puxou a gola dela.

– Que diabos você está fazendo? – perguntou ele.

– As luzes são bonitas – disse ela com voz embriagada, mudando o peso de um pé para o outro.

– Não estou falando disso e você sabe. Você lá dentro, dançando lambada com Jaime? E Scot?

– O que tem Scot? Ele não está aqui. Na última vez que conferi, eu não precisava de permissão para dançar.

– Não estou falando de permissão. Quem você está tentando impressionar? Você está dando mil nós em si mesma para tentar fazer parte deste grupo. Não vale a pena, Evelyn. Não vale a pena.

– Ah, que incrível, vindo de você! – Evelyn cambaleou para trás e se apoiou com a mão na amurada de madeira. – Que incrível, Preston Hacking. Dando mil nós? Por favor. Aja de acordo com seu

conselho. Você tem 28 anos e é todo cheio de nós e falsidades. O que foi, está com inveja de mim? É você que quer estar lá se esfregando em Jaime?

Com o rosto flácido, ele virou de costas para ela, na direção do lago.

– Ah, isso mesmo. Continue se escondendo, Pres. Ninguém nunca vai adivinhar seu segredinho. Fica caladinho, não diga nada. Mas continue me dando sermão dizendo que não devo mudar nada para tentar fazer parte do grupo. Enquanto isso, você parece não conseguir admitir que é gay enquanto o mundo todo sabe. Saia do armário, Preston Hacking! Saia do armário!

A última palavra dela pairou no ar silencioso, principalmente porque Preston ainda não estava se mexendo. A silhueta magra estava negra contra o céu azul, preta como as árvores e as montanhas e o lago. Ela sentia como se houvesse um ciclone na cabeça dela, girando e prestes a levá-la do chão e levá-la junto.

– Eu nunca esperei isso de você – disse ele com voz baixa e tomada de raiva. Depois, saiu correndo. Desceu os degraus de Typee, e ela ouviu os sapatos de solas duras estalarem no chão batido do caminho.

– Preston!

Ela desceu a escada correndo atrás dele, mas seus pés bateram na terra dura e prenderam em uma raiz, e ela tropeçou, caindo com força sobre as mãos e ficando sem ar por um momento. Ela ergueu o rosto; não conseguia ver Preston. Respirou duas vezes, trêmula, e bateu no chão com as palmas das mãos uma, duas vezes, de novo.

Ela se levantou, limpou as mãos e os joelhos e voltou para a festa lá em cima.

– À juventude – dizia Jaime com voz arrastada, virando uma garrafa quadrada de alguma coisa com cheiro de anis nos copos de todo mundo.

Evelyn virou uma dose, depois virou a que Jaime tinha servido para Preston. Phoebe estava esticada na frente da lareira, e Camilla e Nick estavam jogando Scrabble, e Preston tinha deixado a jaqueta, e Evelyn tomou outro copo de uísque, para não ter que

sentir nada quando olhasse para ela. Agora, estava sentada ao lado de Jaime, finalmente, com a cabeça inclinada junto com a dele acima de um livro velho sobre barcos-guia das Adirondack.

Evelyn cambaleou até o banheiro e viu que parecia vermelho, então deu tapas no rosto para tentar distribuir a cor de maneira mais uniforme. Ao voltar, olhou com visão turva para o grupo na sala. A beleza e o acabamento perfeito das garotas tinham dado lugar a narizes oleosos e cabelos desgrenhados e marcas vermelhas nos pés por causa dos sapatos. Os garotos, antes barbeados e com cheiro de sabonete, estavam com cheiro de hormônios e álcool, com as barbas começando a aparecer na pele áspera, as bocas secas e quentes do uísque. Onde estavam os sapatos dela? O esmalte nas unhas dos pés era como sangue brilhante. Preston tinha ido embora, e Evelyn sabia que ele estava com raiva dela e sabia que era importante lembrar por quê, mas não conseguia. Nick estava dizendo alguma coisa para ela no corredor, e Nick, Camilla e Phoebe desceram a colina correndo e Phoebe caiu, rindo no escuro, e isso provocou uma lembrança em Evelyn, mas ela não conseguia se concentrar em qual era. Só uma luz estava acesa agora, e Evelyn chupou a orelha de Jaime, e o tempo se misturou. Ela não conseguia sentir mais o gosto de álcool e botou mais uísque no uísque porque alguém deu uísque não alcoólico para ela. Aqui estava Jaime, sorrindo e cantando, as luzes se apagaram e tudo estava bem, girando, bem.

Tudo cinzento, rodopios. Frio. Ela estava com frio. A cabeça, depois o corpo, corpo frio. Tremendo, nua, Evelyn voltou a si no sofá azul-Yale, tentando se aquecer embaixo do cachecol de alguém. Tinha a sensação de uma coisa ruim ter acontecido ao redor dela, mas acordou e, enquanto sentia o ar frio e se localizava na sala estranha, não soube, por talvez três ou quatro segundos, o que tinha acontecido. Estava se sentindo bem, quase não estava de ressaca. Mas o frio dos pés e dedos foi substituído por outra sensação, uma percepção de coisa grudada entre as pernas. Ela se sentou com o corpo pesado. Seu estômago se contraiu.

Ela estava tremendo e nua no sofá, com guardanapos amassados e vários copos sujos e garrafas vazias de uísque na cômoda à frente. Tinha colocado a pulseira do Racquet Club em algum momento, que deixou marcas vermelhas e fundas no pulso dela. Ela fez uma careta ao levantar o corpo grudento do tecido do sofá, com a confusão no cérebro lutando contra uma necessidade física que a fez colocar o vestido amassado, que ela teve que procurar ao redor e o qual finalmente encontrou em uma pilha lamentável em cima de um exemplar velho de *A ilha do tesouro*. Em meio à confusão, não conseguiu achar a calcinha. Onde estava a calcinha? Ela tinha uma lembrança de Jaime puxando seu cabelo, mas afastou a lembrança e ficou de joelhos para procurar com as mãos, como se a visão a tivesse abandonado. Encontrou a calcinha cheia de gosmas secas nojentas, e tentou não vomitar ao vesti-la e sentir a gosma seca arranhando sua pele. As sandálias, jogadas de lado, estavam escuras da oleosidade dos dedos dos pés. Estava tudo sujo, tudo usado.

Ela se levantou, tremendo, com a luz fria de antes do amanhecer nas janelas da sala sugando a cor do aposento e do corpo dela. Procurou um som de descarga ou de passos, alguma coisa que explicasse para onde Jaime foi, mas a sala estava silenciosa demais; ela só conseguia ouvir alguns gorjeios de pássaros lá fora e o barulho de algum rato ou esquilo, mas não havia passos, nem som de lanchas e nem sinal de presença humana.

Ela tremeu, tentando impedir que a náusea subisse pela garganta, mas não conseguiu e correu para o banheiro. Ali também houve um clarão e uma lembrança da noite anterior: ela entrou lá e fez um boquete nele. Foi ela que o seguiu até o banheiro? Ela cheirava a terra e sexo. A primeira ânsia subiu e ela se lembrou de Jaime dizendo: “Tem certeza de que não estou tirando você dos seus amigos?” Ela ficava esquecendo o nome dele e evitou falar diretamente. Um clarão: ela dizendo “Posso interromper?” na hora em que se levantou da cadeira quando Jaime e Phoebe estavam dançando “Hollaback Girl”. Outro clarão: Evelyn segurando o joelho dele enquanto discutia a importância de caridade e que doações de 25 mil eram tão representativas. Outro clarão: ela o empurrou no

sofá. E passou as pernas ao redor dele. Outro clarão: ela tentou desabotoar a calça dele com os dentes antes de ele puxar a cabeça dela com a mão e ele mesmo a desabotoar, com uma das mãos. Outro clarão: uma ideia idiota que ela leu na *Cosmo* durante a manicure sobre usar o cabelo para excitar o homem durante o boquete. Jaime sentado ali, com os braços cruzados atrás da cabeça, enquanto Evelyn passava o cabelo louro por cima do pau dele e emitia o que torcia para ser um gemido sexy. Outro clarão: "Nada de dentes. Não use os dentes." Mais um: Evelyn engatinhando até ele depois do boquete, com o cabelo emaranhado, ele se recusando a beijá-la, ela tentando encarar numa boa, com animação, dizendo "Sua vez" e ele respondendo "Humm, não mesmo". Outro clarão: Evelyn passando a pulseira de raquetes pelo corpo dele. Eles fizeram sexo, ela se lembrava dele grunhindo em cima dela, mas não como eles chegaram a esse ponto, e ele nem tirou a calça jeans toda; ela se lembrava de senti-la arranhando as pernas. Em seguida, Jaime se levantou, e ela se perguntou se ele a envolveria nos braços como Scot fazia, mas ouviu a água correr, e logo houve o barulho dele vestindo a camisa, e Evelyn viu o cachecol voando para cima dela. Uma *pashmina*, rosa-clara. "Eu gostaria de ver você só com isso", disse Jaime. Caiu no rosto dela, e ela não sabia o que fazer, e a sala começou a girar e ela apagou.

Agora, no escuro, ajoelhada em frente ao vaso sanitário, os olhos dela se encheram de lágrimas que se derramaram direto lá dentro, e ela vomitou jatos amarelos de uísque misturado com bile. Estava segurando o assento do vaso, tremendo de frio, com o estômago projetando jato atrás de jato. Finalmente, de estômago vazio, Evelyn se levantou e bateu com o pulso inerte no interruptor. No espelho limpo, viu seu cabelo desgrenhado e oleoso, o rímel manchado e as sombras roxas ao redor dos olhos, a pele sem cor, o vômito amarelo contornando a boca.

Movendo-se como se em meio a uma gosma densa, ela abriu a torneira de água fria, jogou um pouco no rosto, mas seus ombros se curvaram para a frente e a cabeça baixou até a pia, e a água também molhou seu cabelo, capturando as mechas louras em uma

onda de escuridão molhada, descendo pelas costas e pelos braços até o chão, encharcando o vestido. Os pés estavam em uma poça quando ela levantou a cabeça, vermelha e ofegando para respirar. Usou papel higiênico para limpar o rímel do rosto e a bancada, depois deu descarga, descarga depois de descarga depois de descarga. Teria que voltar para a casa principal e lavar o cabelo sem ninguém ver. Ela não mencionou para Jaime que foi da Sheffield? Que foi debutante e era de uma família antiga de Baltimore e estava ajudando no Bal Français? Ele teria passado a noite com ela se a conhecesse melhor, se soubesse que ela era alguém. Ela não tinha sinalizado isso?

Jaime não se deu ao trabalho de fechar a porta da frente; qualquer pessoa poderia tê-la visto deitada ali, nua, com a cobertura só do cachecol. Ouviu o som de asas de pássaro perto da janela e um grasnido distante. Passou as mãos nos olhos e espiou pelas aberturas dos dedos como se esperasse que uma cena diferente se manifestasse, mas só havia os resíduos da noite anterior. Uma mosca preta e gorda pousou no *Camembert* derretido e começou a sugar a poça de gordura.

Só quando olhou para o joelho, arranhado e sujo de terra, ela se lembrou de ter caído e do que aconteceu com Preston. Olhou para a sala e viu que a jaqueta dele ainda estava ali. Ele tinha ido embora. Ela o traiu, fez o segredo mais profundo dele parecer assunto de fofoca, e ele fugiu. Ela tocou no tecido da jaqueta, mas não sabia o que fazer, então a deixou na poltrona.

Evelyn cambaleou de volta até a casa principal na luz cinzenta e subiu para o quarto sem ninguém vê-la. Foi para a cama. Dormiu, acordou, dormiu. Depois, passos. Uma batida. Um sonho em que seus dentes caíam. Enjoo. Dormir. Um sonho sobre se matricular em inglês na Sheffield e não ir a uma única aula, o que fez com que não se formasse. Sons vindos lá de baixo. Ela já estava perdendo o dia. Minutos, talvez horas mais tarde, a palavra "omelete", que ela afastou, fugiu para a escuridão, sentiu enjojo, rolou para o lado.

Mais tarde, um som. Evelyn abriu os olhos gosmentos. Era dia. Tarde. Houve uma batida.

– Evelyn? – Era Camilla. – Hora de levantar. São dez horas. Acho que quero pegar a estrada cedo. Então você pode pegar o trem mais tarde ou ir comigo agora.

Jaime. Ontem à noite. Jaime. Scot. Camilla a mataria. Todo mundo a mataria. Isso era muito ruim. Evelyn enfiou o pulso, ainda com a pulseira, debaixo do edredom. O resto dela ficou imóvel, o coração disparado por causa do açúcar do álcool e do problema que ela criou.

– Tudo bem – respondeu ela. Sua voz soou rouca e seca. – Em quanto tempo você sai?

– Uma hora.

– Vou só tomar um banho.

A caminho do banheiro, ela ouviu Jaime na cozinha lá embaixo, falando alguma coisa sobre fazer pão torrado para acompanhar os ovos.

Claro que ele estava fazendo torrada para ela. Claro que tudo estava bem. Jaime gostava dela, era só lembrar os segundos em que ele deixou a mão em cima da dela, a atração inacreditável no Lake James Club e o jeito como ele disse para ela que garota maliciosamente bonita – era isso ou só maliciosa, ela não conseguia lembrar – ela era, o jeito como ficou com ela depois que todos foram embora? Ela não podia ser uma garota qualquer com quem ele dormiu. Não podia ser isso, uma garota aspirante de classe média, dispensável, mais uma mala em mais um corredor. Isso tinha que ser o começo de uma coisa séria. Ele mencionou a mãe – quem fala sobre a mãe se não estiver com intenções sérias? O encontro em Lake James era uma história tão lindinha, praticamente os jogava no primeiro posto dos anúncios de casamento do *Times*. Ele iria querer se casar em breve, e Evelyn seria a esposa perfeita para acompanhá-lo em todas as funções. Ela tinha apostado tudo nisso e tinha que ter ganhado. Tudo ficaria bem. Tinha que ficar bem.

Mas tinha Scot. “Deixe isso pra lá”, disse para si mesma. “Não pense nisso. Não pense no sorriso dele quando se apoiou e olhou para você no domingo, duas semanas atrás, quando acordou antes. Não havia outro jeito.” Ela não podia ter terminado com Scot

sem saber se havia alguma coisa definitiva com Jaime. As pessoas traíam. Os Kennedy, os Paley e os Roosevelt traíam. Ela não era casada, não tinha jurado ser fiel. Estava fazendo pela família. Fez a coisa certa.

E Preston. “Deixe isso pra lá também. Amigos dizem coisas idiotas. E amigos perdoam! Está tudo bem. Tudo vai ficar bem.”

Evelyn saiu da cama, apertando uma raquete de ouro na pele macia da palma da mão. Ao passar pelo quarto de Camilla, abriu o fecho da pulseira e estava prestes a colocar na cômoda quando um estalo na escada a fez pular. Ela fechou novamente a pulseira e correu para o banheiro. Girou a torneira de água quente ao máximo, se esfregou e se limpou até a pele doer. A pulseira estava molhada quando ela saiu, o que queria dizer que ela não podia deixar no quarto de Camilla sem despertar perguntas, e, ela argumentou, Jaime não se perguntaria onde foi parar quando a visse? Ela pegou a bolsa e guardou a pulseira em um bolso lateral.

No andar de baixo, encontrou Nick e Camilla tomando café na pequena cozinha da família usada para o café da manhã e para lanches.

– Então você quer ir com a gente? – perguntou Camilla.

– É isso ou o trem?

– É.

– Jaime vai mais tarde?

Jaime entrou pela porta da cozinha.

– Oi – disse ele, inclinando a cabeça para Evelyn.

– Você vai mais tarde, Jaime? Posso pegar uma carona?

– Acho que vou daqui a pouco. Não tenho certeza. Tenho negócios a fazer no caminho de volta, então é melhor você voltar com Camilla.

– Vá buscar suas coisas, Evie. Temos que ir – disse Camilla.

– Vou fazer uma ligação agora, então vejo você em Nova York, cara – falou Jaime para Nick. Para Camilla, ele acrescentou: – Muito obrigado pelo ótimo final de semana. Foi incrível. – Camilla se inclinou para dar dois beijos nas bochechas dele, e Evelyn deu um passo à frente para fazer o mesmo, mas ele tinha recuado e estava folheando um catálogo na mesa. – Vejo vocês todos em

Nova York, de preferência mais cedo e não mais tarde, espero.

Essa frase reverberou pela cabeça de Evelyn enquanto ela levava a bolsa para o andar de baixo, e, quando o barco de Sachem se aproximou, ela se perguntou se foi dita especificamente para ela. No trajeto de carro, analisou-a mais ainda. Ele sabia o número dela. Não sabia? Ela viu uma imagem repentina de si mesma sentada no chão com o celular pedindo o número de Jaime, e, sim, ali, às 3h02 da madrugada, havia uma mensagem de texto enviada para um número com código de área 917: "oi, é Evie, volte logo." Então ela mandou uma mensagem de texto para ele no meio da noite. Não chegava nem perto de bancar a difícil, mas ele ligaria em breve. Tinha que ligar. Ela deixou o celular no colo para o caso de tocar e viu as grandes áreas verdes entre as saídas da Northway passarem pela janela do carro.

Jamie provavelmente ligaria à noite, para não parecer ansioso demais. Ou mesmo no dia seguinte, quando estivesse em casa, acomodado. Definitivamente, até o dia seguinte. Ela mexeu com a fivela do cinto de segurança e tentou fazer o tempo passar, mas sua cabeça estava latejando e o autodesprezo sombrio que ela estava tentando manter longe desde que acordou pairava nas beiradas da consciência. Ela verificou o relógio do painel. Meio-dia e quinze. O cérebro era uma confusão de ressaca, primeiro a repreendendo por causa de Scot, mudando para ansiedade pelo fato de a pulseira de raquetes ainda estar na bolsa dela e ela agora ser uma ladra além de traidora e mentirosa, depois mudando para preocupação de ser o fim dela, o fim de sua família e o fim de tudo. Ela estava jogando suas últimas cartas. Aquilo tinha que ter funcionado.

LE BAL FRANÇAIS

Seis dias tinham se passado desde que ela voltou de Sachem. Seis dias sem notícias de Jaime. Seis dias de gente do aluguel e gente da Barneys e dos pais e... não, não, não, não, não, ela não ia pensar nisso hoje. Não hoje. Era o dia do Bal. Nada estragaria esse dia.

Uma mensagem de voz do pai esperava na caixa postal, mas Evelyn não a ouviu. Nada poderia estragar esse dia. Preston não ligou. Ele devia ir à festa de depois do Bal, mas ela sabia que isso não aconteceria agora. Tinha começado a escrever e-mail após e-mail para ele, mas depois do "eu", ela não sabia o que dizer, não sabia como abordar a versão dela mesma que havia sido naquela varanda. Não pensaria nisso hoje. Camilla também não estava fazendo muito contato, e isso podia ser... não, não, não, hoje, não. Hoje não.

Às cinco horas em ponto, Evelyn entrou no Plaza com a roupa envolta em um protetor de Naeem Khan na mão. (Tinha ligado para a RP de Naeem Khan e prometeu cobertura do baile, de si mesma e de quem ela estava usando tanto para o *Times* quanto para a *Vanity Fair*, coisa que, pensou ela, não deixaria de acontecer exatamente.) O choro que se permitiu depois que chegou de Sachem em casa, os lenços molhados e a camisa manchada de lágrimas e as pálpebras vermelhas, tudo tinha sido cuidado com colírio Visine e creme para olhos. Evelyn estava sob controle.

Ela verificou a suíte no andar de cima, onde as debutantes falavam sobre um cara de Princeton que tinha feito pedido de amizade para três delas no Facebook. Quase bateu com a cabeça na de Jennifer ao dobrar uma esquina, e o olhar no rosto da

garota, de puro ódio, foi do tipo que fez Evelyn afundar as unhas nas palmas das mãos. Mas aquela noite não era de Jennifer, lembrou a si mesma. Ela não tinha se dedicado tanto para chegar ali para que uma garota de 18 anos pudesse fazê-la se sentir mal. Ela seguiu para o salão do baile para ajudar com os preparativos.

Margaret, Push e Souse já estavam lá, fazendo pequenos ajustes nos itens da mesa do leilão silencioso e dando instruções ríspidas aos empregados sobre quando tirar o prato de salada. Evelyn estava se aproximando delas quando o telefone tocou. Ao ver que era o número do pai, silenciou o aparelho e mandou a ligação para a caixa postal.

– Sra. Faber – disse Evelyn, sorrindo.

– Evelyn, não é?

– É.

– Você está linda. Que vestido bonito.

– Obrigada. A senhora também. Wythe está lindíssima, claro. Acabei de vê-la lá em cima.

– Está? Que bom, que bom. Você pode imaginar o desafio que foi fazer com que ela colocasse um vestido. Vamos torcer para que deixe os tênis de lado na hora da apresentação.

– Vou cuidar disso.

Souse se aproximou correndo do outro lado do salão.

– Evelyn! Oi, querida. Onde está Camilla? Ela não devia estar com você?

– Não tive notícias dela, para ser sincera. Achei que estivesse planejando vir às cinco, mas não sei onde ela está.

Souse levantou as mãos.

– Filhos – disse ela para Margaret. – É o baile da irmã e ela faz parte do comitê. Era de se pensar que se daria ao trabalho de aparecer quando disse que apareceria.

– Phoebe também está linda, e eu estava dizendo para a sra. Faber que tudo está indo bem – falou Evelyn.

– Bem, pelo menos você está cuidando de tudo, Evelyn, querida – disse Souse. – Que vestido lindo. Calvin?

– Naeem Khan – respondeu Evelyn.

– Claro. As garotas hoje em dia são tão modernas, não são,

Push? Bem, você está linda. Espero que minha filha pródiga apareça. Desse jeito, ela vai se atrasar para a apresentação. Achei que esse tipo de comportamento fosse sumir quando ela passasse dos 20 anos, mas parece que não.

– Não é ruim – falou Evelyn. – Eu queria que mais pessoas da minha idade valorizassem as tradições. Vou procurá-la se precisar. Sra. Faber, foi bom revê-la, e tenho certeza de que vou vê-la mais tarde. Se você não precisar da minha ajuda aqui, é melhor eu subir e ficar de olho em tudo. Phoebe e Wythe estão lindas, de verdade. Vocês vão sentir tanto orgulho quando as virem.

Às oito, Evelyn desceu para onde os convidados distribuía beijos duplos, a preferência dos europeus.

– Preciso encontrar o embaixador suíço – murmurou alguém para outra pessoa.

– Não é o homem no canto, com o lenço de bolso vermelho?

– Não, não, aquele é o cônsul suíço – respondeu o primeiro.

Na entrada do salão de baile, os fotógrafos estavam em ação, Margaret Faber fez poses com intenção de parecer cândida com o marido, e Souse com Ari, e os fotógrafos pareciam já saber quem queriam fotografar e quem não queriam. Evelyn não se aproximou para o caso de não quererem fotografá-la.

O celular dela tocou. “Entrando”, Camilla mandou por mensagem e, quando Evelyn olhou para a entrada, os fotógrafos estavam tirando fotos da amiga.

A orquestra estava tocando “Dites-Moi”, e Evelyn viu Camilla terminar de tirar fotos e se aproximar dela.

– Devemos ocupar nossa mesa? – perguntou Camilla.

Enquanto elas seguiam para a mesa dez, Camilla disse:

– Evelyn, ainda não recebi o cheque do seu pai.

– Ah, é?! – disse Evelyn, abrindo a bolsa clutch e examinando o que tinha dentro.

– Os convites já foram distribuídos – afirmou Camilla. – É em três semanas. Se ele tiver que dar em forma de ações ou algo assim, tudo bem, mas a secretária dele age de um jeito estranho sempre que eu ligo.

– Índia – respondeu Evelyn. – Ele está fazendo uma longa

viagem pela Índia. Há um desenvolvimento farmacêutico lá.

– Onde quer que ele esteja, preciso da doação. Eu pedi meses atrás para não ter que lidar com isso no último minuto.

– Eu sei. Eu sei.

– O grupo chegou a um nível recorde de doações este ano em parte graças a ele. Vai sair um release para a imprensa semana que vem.

– Vou cuidar disso, Camilla. – Evelyn pegou uma das cadeiras douradas da mesa dez, que já estava cheia de convidados de primeira, inclusive Ari e Souse. – Pode deixar.

Elas se sentaram e a orquestra passou a tocar o hino nacional em ritmo animado, e Souse levantou um dedo para a filha, repreendendo-a. O salão escureceu e um holofote foi aceso sobre um garoto pequeno, vestido como O Pequeno Lorde, cantando “La Marseillaise”. As pessoas ficaram de pé e cantaram com ele.

– *Aux armes, citoyens!*

Agathe, a presidente do baile, foi para o palco e deu boas-vindas aos convidados com um aceno enquanto os garçons serviam pedaços generosos de lagosta com vagem e molho *béarnaise*. Ela apresentou o homenageado da noite, o chefe do departamento de estudos europeus em Columbia. Ele foi a terceira opção, Evelyn se lembrava de uma das reuniões de planejamento, depois que os dois selecionados antes dele recusaram, citando a dificuldade profissional de se associarem a debutantes.

As luzes ficaram mais baixas quando a apresentação começou, e o mestre de cerimônias, o chefe de renda fixa da Whitcomb Partners, que era casado com uma das anfitriãs, olhou para o primeiro cartão que tinha na mão.

– Wythe Van Rensselaer é diretora de um documentário sobre artistas grafiteiros no estilo dos expressionistas alemães, campeã dos 200m em pista de atletismo, teve o prazer de passar verões fazendo trabalho voluntário em Laos e Botsuana e gosta de jogar pôquer. Os irmãos, John e Frederick, foram acompanhantes de bailes passados. Ela vai entrar para Yale no outono.

Houve “ohs” audíveis vindos da multidão quando Yale foi citada. Wythe apareceu com andar decisivo, de braço dado com seu

acompanhante, fez uma reverência e andou de forma lenta e excruciante até a beirada da pista de dança enquanto Phoebe dava um passo à frente.

– Phoebe Rutherford fala francês, latim, grego antigo, sérvio e letão fluentes. Gosta de arco e flecha e bordado.

Souse virou a cabeça para olhar para Camilla, que colocou a mão na frente da boca.

– O quê? – sussurrou Camilla. – Achamos engraçado. Ela podia saber bordado, arco e flecha e todas aquelas línguas.

– Isso não é piada – sibilou Souse.

– É, sim – disse Camilla.

– Você sabe o quanto trabalhei nisso? O quanto todas essas mulheres trabalharam?

– Ah, mãe, sinceramente. É uma festa.

– Evelyn chegou aqui às cinco hoje. Você nem se deu ao trabalho de aparecer antes do começo da festa, e não é a irmã de Evelyn que está ali hoje. Eu não desprezo seus eventos.

– Foi só uma brincadeira – falou Camilla. – Achei que seria engraçado.

– Ah, não é. – Souse estava batendo com os dedos freneticamente.

Evelyn, do outro lado de Souse, se inclinou na direção dela e disse, com voz baixa e torcendo para que Camilla não escutasse:

– Me desculpe. Eu jamais a teria deixado colocar isso se soubesse.

– Obrigada – disse Souse, empurrando abruptamente a cadeira para longe da mesa.

Ela já tinha desaparecido quando o mestre de cerimônia disse:

– Jennifer Foster é esgrimista campeã, lançou um CD com as próprias composições e recentemente teve seu quadro chamado *Casas vazias* escolhido como finalista no prestigioso Coubert Award, sendo a primeira garota da Spence a conseguir isso em dois anos. No outono, vai entrar para o Whitman College, uma pequena faculdade de artes plásticas considerada a Williams de Washington.

Evelyn reparou em Souse na lateral do palco sussurrando alguma coisa para Agathe, a presidente. Agathe olhou para a mesa delas

com preocupação e assentiu.

As garotas fizeram fila com os acompanhantes atrás, sorrindo com rigidez enquanto o fotógrafo tirava fotos, depois foram até a pista de dança para uma valsa animada.

A orquestra terminou "Try to Remember", e Evelyn cutucou Camilla.

– Isso é referência ao quanto as debutantes vão ficar bêbadas hoje?

– Se já não estiverem – disse Camilla.

– Phoebe estava linda.

– Estava mesmo, não é?

As luzes se acenderam no palco e iluminaram Agathe, que parecia nervosa e dizia alguma coisa para o mestre de cerimônia.

– Muito bem – assentiu ele ao microfone, sem se dar conta de que estava ligado. Agathe correu para a lateral do palco.

– Agora, como é tradição no Bal Français, temos *la danse d'honneur*, na qual pedimos para uma antiga debutante se aproximar e começar a segunda dança com nosso estimado embaixador – explicou o mestre de cerimônia. O holofote foi até a mesa de Evelyn, onde Camilla se empertigou e deu um aceno humilde de indicada ao Oscar. – Este ano, as anfitriãs do Bal Français estão honradas em convidar a srta. Evelyn Beegan para liderar a dança. Srta. Beegan?

Evelyn estava apertando os olhos por causa da luz quando ouviu os aplausos, e viu Camilla sorrindo e olhando para a frente.

– Srta. Beegan? – repetiu o mestre de cerimônias.

Evelyn se levantou com pernas terrivelmente trêmulas. A mãe a matriculou em uma aula de valsa em um estúdio de dança de shopping aberto quando ela era adolescente, apesar dos protestos de que jamais precisaria saber dançar valsa. "Mudou bem, mãe", pensou. Evelyn olhou novamente para Camilla, que estava olhando para o mestre de cerimônias, aplaudindo, e baixou a cabeça. Era para ser, não era? Os aplausos aumentaram, e pareciam envolvê-la em ondas quentes e deliciosas. Em seguida, um holofote mais intenso a iluminou, tão forte que ela não conseguiu ver nada. Um flash piscou em seu lado esquerdo. Evelyn conseguia imaginar

Jaime olhando a foto depois e se dando conta de quem ela era. Ela sorriu, primeiro com hesitação, depois um sorriso largo e confiante enquanto os aplausos e a luz a davam energia. Era para ela desta vez. Finalmente, era tudo para ela.

O holofote a seguiu até o centro da pista de dança, e ela esticou a mão para o embaixador.

– *C'est un plaisir* – disse ela em tom insinuante.

Ela se concentrou nos pés dele (se tinha debutado, devia saber dançar valsa perfeitamente) e acompanhou os passos enquanto a orquestra tocava “Que Sera, Sera”. Era uma das músicas favoritas dela ao piano, mas soava tão mais exuberante e real ali. Para trás, dois três, para trás, dois três, eles giraram pelo salão, cobrindo o comprimento e a largura com o embaixador a virando e girando, e os dois pegando velocidade, virando e girando e praticamente galopando. Quando as notas finais tocaram, o embaixador segurou a mão dela em um arco elegante enquanto fazia uma reverência profunda e ela fazia uma mesura modesta. As luzes do salão de baile se acenderam, e um estalo brilhante cegou Evelyn por um instante. De repente, os flashes começaram a piscar ao redor dela, e ela ouviu seu nome ganhando poder como uma onda.

– Evelyn!

– Evelyn, aqui!

– Evelyn, à esquerda!

– Evelyn, de quem é a roupa que você está usando?

– Evelyn, à frente!

– Evelyn!

– Evelyn!

– Evelyn!

Ela não era mais a garota referida como “e convidada”, “e amiga”, a perene segundo lugar. Todo mundo que ela já conheceu poderia ver que ela estava ali, que era merecedora de atenção. Joseph Rowley, que grunhiu alto quando foram designados como par no campeonato de duplas mistas para menores de 12 anos do Eastern Tennis Club. Margie Chow, a colega de quarto do primeiro ano na Sheffield que não quis ficar no mesmo quarto que ela desse período. As pessoas que a perturbavam por causa do aluguel e da

Barneys descobririam quem ela era e que não deviam perturbá-la. Todos balançariam a cabeça, arrependidos, lamentosos. Evelyn sempre teve aquele brilho, não teve? Ela não era incrível? Não fomos idiotas de não ver? Camilla e Jaime e Nick e Charlotte. Preston, Preston a perdoaria. E a mãe, a mãe! O quanto Barbara ficaria feliz.

– Evelyn, aqui!

– Evelyn!

Os flashes explodiram, e todo mundo finalmente sabia o nome dela. As pessoas sabiam que ela, Evelyn Beegan, era parte daquilo.

24

DEPOIS DO BAILE

Na manhã de domingo, Evelyn acordou cedo e foi olhar as novas postagens do Appointment Book. Estava em uma foto no meio da valsa no alto da página, com a legenda “Sonhos dançantes – Evelyn Beegan escolhida para a *danse d’honneur* do Bal Français”. Ela olhou o site de Patrick McMullan e se viu em foto atrás de foto. Por diversão, entrou no People Like Us e deu uma busca pelo nome dela. Alguém de Istambul tinha repostado uma foto e escrito “AMEI o Naeem dela”.

Ela mandou um e-mail para Camilla depois de ler, dizendo “Olhe o Appointment Book! Tem uma linda foto sua”, o que era verdade, embora Camilla estivesse em uma foto de grupo e Evelyn tivesse sido fotografada sozinha. Camilla não respondeu. Duas horas depois, ela mandou outro e-mail: “O baile acabou tããã tarde. Estou cansada :(”

Nada ainda. Para tentar consertar as coisas de forma indireta, Evelyn escreveu um bilhete de agradecimento particularmente eloquente, ao menos era o que achava, falando sobre o baile, supondo que receberia alguma resposta de Camilla. Em seguida, mandou para Nick umas mensagens de texto descontraídas sobre o fim de semana seguinte em Lake James e o Fruit Stripe, que Souse tinha decidido que aconteceria nessa ocasião, para avaliar se Camilla tinha lhe dito alguma coisa sobre ela, mas as respostas foram normais. Ela pensou várias vezes em ligar para Preston, mas como iniciaria a conversa?

Evelyn ficou dividida entre deixar o telefone no volume máximo para quando Jaime ligasse – ele já devia ter ouvido que ela fez a *danse d’honneur* – e desligar para não ser distraída pela espera da

ligação, mas, de qualquer maneira, ficou olhando para o celular como se fosse uma bomba. Ela o ligou, depois desligou, depois ligou e desligou, e não apareceu nenhuma ligação perdida nem mensagem de voz. Nem de Jaime. Nem de Camilla.

Para limpar a caixa postal para que houvesse espaço se Jaime precisasse deixar uma mensagem de voz, ela acabou ouvindo a do pai na sexta. Era uma única frase: "Achei que você iria querer saber que minha declaração de culpa era hoje, coisa que você aparentemente esqueceu", disse ele com voz baixa. Uma imagem dele, com vergonha na frente do juiz, surgiu na mente dela, e ela se recompôs. Ele se meteu nisso e a culpa era toda dele. O que os pais esperavam dela? Consolo? Apoio? Como se estivessem oferecendo a mesma coisa? Eles não estavam fazendo nada para ajudar a situação da família. Ela estava. Eles teriam que se virar sozinhos.

Na terça, um número estranho começou a ligar para ela. Ela atendeu na primeira vez, torcendo para ser Jaime ligando da Venezuela. Mas era uma agência de cobrança nova, desta vez em nome da AmEx. Evelyn disse que era engano, depois ignorou temporariamente o celular.

Na quarta de manhã, sem sinal de Camilla e de Jaime, ela deduziu que alguma coisa terrível devia ter acontecido a ele. A avó tinha morrido, talvez. Mesmo se não tivesse gostado dela, ele teria feito contato. Ela era hóspede convidada como ele de Camp Sachem e fez a *danse d'honneur* do Bal Français, afinal. Seria possível que houvesse algum problema na transmissão da operadora de celular quando ela mandou a mensagem de texto com seu número? Foi isso que aconteceu? Onde estava Camilla? Ela precisava de gente ao seu lado.

Esses pensamentos quicavam pela cabeça como bolas de bilhar quando ela seguiu para o Central Park na tarde quente de quarta-feira. Não tinha chegado a lugar nenhum com o comitê de associados da Sloan Kettering e não conseguiria a ajuda de Preston com a mãe dele agora, então se inscreveu como voluntária na esperança de que o trabalho de campo se transformasse em posição no comitê. Evelyn foi designada para ajudar a distribuir

água em uma corrida/caminhada de cinco quilômetros com o intuito de levantar dinheiro para o hospital infantil.

Quando Evelyn pegou copinhos de papel na estação, praticamente se chocou com Brooke Birch, também usando um crachá de voluntária e carregando um monte de saquinhos de gel energético.

– Brooke?

Brooke olhou ao redor rapidamente, mas não viu rota de fuga óbvia.

– Evelyn.

– O que você está fazendo na cidade?

– Estamos aqui até o casamento. No final de junho. – Brooke estava olhando para além da cabeça de Evelyn.

– Que ótimo. É tão legal da sua parte ser voluntária.

– Obrigada pelo encorajamento – agradeceu Brooke.

– Ei – falou Evelyn de pronto. As mensagens não respondidas de Camilla e Jaime a estavam incomodando. Se estava caindo, ela precisava de mais estabilidade. Mais amigos. As fotos nas páginas sociais eram boas, um ótimo começo. Mas ela ainda não estava em segurança. Precisava de aliados. – Você tem visto Camilla desde que chegou na cidade?

– Sinceramente, Evelyn, acho que você sabe bem que não estamos nos melhores termos. Como foi o Bal? Você se divertiu como assistente de Camilla, ou o que quer que tenha sido?

– Olhe – disse Evelyn delicadamente enquanto empilhava copinhos de papel. – Não sei o que Camilla estava fazendo em relação ao Bal, mas eu não pretendia... eu não queria tomar o seu lugar.

– Tudo bem.

– Foi meio loucura o jeito como ela cortou você. Eu queria dizer alguma coisa na hora, mas não sabia o que fazer.

Brooke começou a se afastar.

– Não precisamos falar sobre isso, tá? Você conhece Camilla há quanto tempo, dois minutos? Parabéns, conseguiu ser a nova melhor amiga dela.

Evelyn foi andando atrás dela, com uma calma tomando conta de

si. Pensou no pai, de pé no escritório e colocando um peso de papel sobre uma pilha de documentos do tribunal. O segredo dos acordos, ele dissera, é encontrar a essência do que é importante para o outro e ter certeza de que a pessoa vai ter isso.

– Adorei seu anel, aliás. Não tive chance de olhar direito quando nos conhecemos – falou Evelyn. – Foi Will que escolheu?

Brooke parou a caminhada de militante.

– Foi. – Ela deixou um saquinho de gel cair e não pegou. – Ele teve a ideia a partir de um anel que minha avó tem e que eu sempre amei.

– Fica tão lindo na sua mão. Reflete a luz tão bem. Você já tem o vestido? Como é?

O rosto paralisado de Brooke relaxou um pouco.

– Ah, é tão lindo – disse ela, depois parou, e Evelyn deu um sorriso encorajador. – É tomara que caia, ajustado no corpo, com cauda longa de sereia atrás.

– Marfim?

– Branco de verdade. – A voz de Brooke estava quase tremendo.

– Que lindo. Vai ficar ótimo com seu tom de pele.

Brooke sorriu, e Evelyn, que conhecia sorrisos falsos, achou que foi de verdade. Ela perguntou sobre o vestido das damas, e Brooke, colocando os sacos de energético em uma tigela grande, começou a descrever o corte em gorgorão. Evelyn esticou a mão e tocou na de Brooke. Ela sabia o que Brooke queria ouvir. Claro que sabia.

– Eu só queria dizer que sinto muito por causa de Camilla. Bem, não por causa de Camilla, mas por causa do Bal.

A voz de Brooke estava mais gentil.

– Camilla é assim, né? Já pensei tanto nisso, e é que, tipo, ela sentiu uma inveja tão evidente de eu estar me casando e ela, não. E pensei: “Me desculpe por eu estar feliz e não depender totalmente de você.”

– Ela pareceu meio chateada pela ideia de você estar noiva.

– Não consigo acreditar que ela disse isso para você.

Evelyn ficou quieta; isso era outra parte da negociação, seu pai dissera. Deixar as pessoas falarem as leva a revelar mais do que

elas pensam que estão revelando.

– Acho que consigo acreditar, eu só... é que conheço Camilla desde que tínhamos 13 anos. Fomos monitoras juntas em St. Paul. Não consigo acreditar que ela anda por aí reclamando de eu ter tido coragem de me casar. Você acha que uma pessoa é sua amiga, e de repente, *puf*. Ela fez isso com todas as outras pessoas; não sei por que fiquei surpresa por ter feito comigo. Em St. Paul, havia uma dispensada por Camilla por ano. Uma delas era muito estranha. Ela tinha que usar óculos esportivos por cima dos óculos nos jogos de lacrosse. Camilla pega o brinquedo novo, brinca e joga fora. Agora, ela está andando por Nova York resmungando que vou me casar. Não podia ficar feliz por mim? Ao menos uma vez ficar ao meu lado? – Brooke balançou a mão e sinalizou uma mudança de conversa. – Vi no Appointment Book que você fez a *danse d'honneur*.

– É – afirmou Evelyn, querendo saber o que aconteceu com a garota dos óculos.

– Camilla deve ter ficado furiosa – disse Brooke.

– Ela não pareceu estar com raiva – discordou Evelyn.

– Ela estava planejando ser a escolhida. Ouvi que até escolheu um vestido que combinasse com as medalhas militares do embaixador – falou Brooke.

Evelyn pensou nisso. O vestido de Camilla tinha tons de vermelho e dourado, que teriam combinado com os adornos de lapela do embaixador. Suas entranhas começaram a ficar frouxas. Tinha se afastado de Camilla por um momento, uma coisa perigosa de se fazer. Evelyn estava espremendo um dos sacos de gel de Brooke com tanta força que estava prestes a estourar em cima do braço dela.

– Estou surpresa de ela ainda estar falando com você depois daquilo – disse Brooke.

– Eu acho... – Evelyn começou a inventar uma desculpa para explicar o que aconteceu, mas parou ao perceber que, se queria Brooke como aliada, sua melhor aposta era ser sincera e dizer que também era possível que estivesse em situação ruim com Camilla.

– Mandeí uns oito e-mails para ela depois do baile e não tive

notícias.

Brooke olhou para ela, alarmada, depois começou a rir também.

– Ah, ela devia ser dama de honra no meu casamento.

As duas começaram a rir. Os olhos de Evelyn lacrimejaram enquanto ela ofegava para tentar respirar.

– Vestido combinando para a *danse d'honneur*! – gritou ela. – Ela vai mandar atirar em mim!

– Ela nem mandou o cartão comunicando que vai comparecer!

Estavam segurando os braços uma da outra, as duas curvadas de tanto rir.

– Você não tem vontade de dizer para ela... – Brooke se empertigou, séria.

– Que ela não tem controle total sobre a cena social? – completou Evelyn.

– Talvez fosse bom para ela ouvir. Todo mundo sempre sente tanto medo dela.

– Acho que seria bom para ela ouvir.

As duas mulheres se olharam, empurrando uma à outra na direção da beirada do penhasco.

– Aquela foto sua no Appointment Book deve ter causado um ataque cardíaco nela – comentou Brooke após uma pausa.

As gargalhadas foram tão boas que Evelyn queria continuar rindo.

– Como se sabe quais vão ser as cores das medalhas do embaixador? – perguntou ela. As duas começaram a rir de novo, e um apito tocou. Evelyn olhou para trás; faltavam quinze minutos para a corrida começar. – Tenho que ir para minha estação. Brooke, foi muito bom ver você. Talvez nos encontremos de novo. Na do Câncer, sei lá.

– Pode ser – disse Brooke.

A sensação eufórica evaporou assim que Evelyn chegou à sua estação de água. Quando encontrou Scot para jantar naquela noite no Le Bilboquet, a dois quarteirões do apartamento de Camilla, estava frenética e distraída, se perguntando se tinha falado demais para Brooke. Ela inclinou a cadeira para a frente e para trás enquanto o esperava, lendo o cardápio várias vezes, frango *cajun* e

endívias *au Roquefort*, frango *cajun* e endívias *au Roquefort*...

– Oi – disse Scot quando chegou. Ele estava mais nervoso do que o habitual, quase saltitando.

– Oi. – Ela o beijou, contou cinco segundos e se afastou.

Ele se sentou, puxou o guardanapo de formato esquisito, mas ela esticou a mão, o balançou e colocou no colo dele.

O garçom se aproximou para anotar os pedidos, e Evelyn viu que Scot tinha colocado o guardanapo de novo na mesa e o estava retorcendo em forma de corda. Quando o garçom se afastou, ela perguntou sobre o dia dele, mas ele não respondeu, só torceu o guardanapo na outra direção. Scot pediu licença e foi para o banheiro. Quando voltou, estava coçando a cabeça e puxando tufo de cabelo com força. Ele se sentou ereto e olhou para Evelyn. Scot, apesar de suas camadas de constrangimento social, foi ótimo membro da equipe de debate na faculdade, e Evelyn sabia que sempre que ele tinha uma coisa importante a dizer, treinava cuidadosamente com antecedência e falava com fluidez e confiança, um efeito que não conseguia obter em conversas casuais.

– Preciso falar com você sobre uma coisa há algum tempo – disse ele. – O momento não é perfeito, mas normalmente não é mesmo.

Ela ficou imóvel, com as mãos abertas sobre a mesa.

– Sim.

– Eu ouvi uma coisa. Não costumo acreditar em boatos, mas preciso ouvir de você que não é verdade.

Os dedos de Evelyn se fecharam.

– É sobre Jaime em Lake James – afirmou ele.

A respiração de Evelyn estava curta, mas ela sabia que não podia demonstrar, e tentou impedir que o peito subisse.

– Jaime? – falou ela, dando uma inflexão na voz que sugeria que estava tentando identificar o nome.

Scot apertou o garfo de salada contra a mesa, e o garfo voou e caiu para o lado.

– Ouvi algumas coisas em que não acredito, mas queria perguntar diretamente a você.

– O que você pode ter ouvido? – A gargalhada dela, que era para soar despreocupada, soou tensa.

– É um boato feio, tenho certeza. E tenho certeza de que não é verdade, mas o que ouvi foi que aconteceu alguma coisa entre você e Jaime. Depois que fui embora de Lake James.

“Inspire pelo nariz, expire pela boca.”

– Não sei como responder a isso. É absurdo – disse ela. – Quando exatamente alguma coisa teria acontecido? E logo depois que você foi embora? Claro que não. Claro que não.

– Não achei que você tinha feito algo – disse ele, quase com timidez.

– Você me conhece e sabe que não sou dessas – falou ela. – Não sabe?

Ele expirou pelos lábios grossos.

– Me desculpe. Me desculpe, Evie. Eu não devia ter perguntado. Eu só... fiquei preocupado. Você consegue entender?

Ela apertou o pulso na mesa para fazer a mão parar de tremer e envolveu os dedos dele com os seus.

– Scot. Estou aqui com você. Por favor. Vamos aproveitar o jantar e esquecer isso tudo, tá?

Ela apertou a mão dele, mas não conseguiu entender se Scot retribuiu o aperto ou se estava puxando a mão.

– Tudo bem – assentiu ele.

Após alguns momentos, Scot começou a falar sobre alguma coisa de banco em que ele e Nick estavam pensando em trabalhar, algo que envolvia permuta de risco de crédito e a bolha das ODC, mas a cabeça de Evelyn parecia cheia de bolas de algodão e ela não conseguiu acompanhar. Não conseguiu baixar seus batimentos durante o jantar nem durante a noite, nem quando devia estar dormindo.

25

ADIRONDACK DAS 10H15

Só havia um trem para Lake James às sextas, o Adirondack das 10h15. Evelyn levou a mala e, querendo bajular Camilla, duas sacolas de compras cheias de coisas de festa para o Fruit Stripe: sacos de celofane comprados especialmente em uma loja on-line de artigos para festas; balas amarelas, verdes e vermelhas, que ela teve que ir ao Lower East Side comprar; pacotes e mais pacotes de chiclete Fruit Stripe. Ela também estava com seu equipamento para o Fruit Stripe, que, este ano, por decisão de Souse, seria remo, uma coisa que Evelyn fazia direito. Ligou para Camilla três vezes na véspera para ver se ela precisava de mais alguma coisa, mas Camilla não retornou a ligação.

Evelyn não conseguiu dormir depois do encontro com Scot e quase não dormiu na noite seguinte, e estava tão cansada que tudo lhe parecia engraçado e terrível ao mesmo tempo. Quando o condutor entrou no vagão, Evelyn começou a chorar de rir porque achou que ele parecia um robô, perto de arrancar o rosto para revelar a face alienígena. Ela pensou nisso enquanto o trem seguia para o norte e o Hudson se alargava, e o chão parecia estar se levantando e se misturando com o céu. O celular dela tocou, o número bloqueado de novo, e ela o enfiou no bolso da mala, onde os dedos roçaram na pulseira de raquetes de Camilla. O que ela estava fazendo? O que tinha feito? O celular tocou de novo, e desta vez era o número da agência de cobranças da AmEx. Por que estavam atrás dela? Suas entranhas começaram a borbulhar e doer enquanto seus batimentos se aceleravam e sua garganta parecia apertada e arranhada. A respiração estava acelerada demais, mas nunca rápida o bastante, e quando o pânico chegou ao cérebro, ela

tinha perdido todo o controle sobre ele. Ficou sentada no assento do trem com olhos arregalados, repassando tudo o que estava tentando controlar. O pai, o caso, Camilla, Preston, as ligações da Barneys e da AmEx – estavam entre tantas contas, contas que ela não tinha nem aberto nem sabia o que havia dentro. O aluguel, a doação de 25 mil dólares, a descoberta de Scot sobre Jaime, como Scot soube sobre Jaime? Quem mais sabia sobre Jaime? Ela tentou fechar os olhos em um momento, mas o sono que encontrou foi breve demais e pontilhado de sonhos perturbadores que deixaram traços quando acabaram. Traços de fracasso, de tentativa, de falhas, e ela acordou suando, com a boca amarga, quando ouviu o condutor dizer:

– Lake James se aproximando. Todos os passageiros para Lake James.

Evelyn ficou grudada no banco, imaginando o que aconteceria se ela ficasse no trem indo para o norte, para o Canadá. Mas o condutor pegou o cartão no banco dela quando o trem parou.

– Seu destino, senhorita – disse ele, e puxou com alegria a mala dela para o corredor.

Enquanto Evelyn entrava na estação, sentiu o celular vibrar, e seu coração acelerou. Claro que tudo estava bem e ela só estava pirando. Ela lidou perfeitamente com as coisas com Scot. Só precisava dormir, só isso. Só dormir um pouco. Com um sorriso e um balançar de cabeça, para a alegria do funcionário da estação lendo a revista *Buckmasters*, ela pegou o celular na mala, mas não havia mensagem de texto nem mensagem de voz. Ela devia ter esbarrado nele.

Colocou a mala em uma parte limpa do chão e se sentou em cima com cuidado. Esperou dez minutos, vinte, depois se levantou para fingir examinar uma pilha de livretos sobre vários destinos de trem.

– Boston? – perguntou o homem abruptamente.

– Como?

– O livreto que você está lendo. É uma boa cidade.

Evelyn olhou para baixo e viu que estava mesmo segurando um livreto amassado, *Boston – a cidade na colina*, com uma imagem

de uma cidade com aparência silenciosa à noite, com luzes amarelas iluminando uma igreja de tijolos. Ela lembrou o último ano em Sheffield, quando ela e Charlotte iam visitar Preston em Tufts, comiam em restaurantes na Back Bay e serviam vinho para elas porque Preston levava charutos para os jantares e parecia ter uns 40 anos quando tinha 19 e nunca pediram seus documentos. Ela, eles, eram felizes nessa época.

– É uma boa cidade – afirmou ela.

O funcionário passou o dedo pela aba do boné do USS *Kearsarge* quando olhou para Evelyn.

– Às vezes, é bom tomar um trem para outro lugar – disse ele.

Houve um barulho agudo no estacionamento, e Evelyn olhou para lá e viu o Jaguar marinho com a placa BIGDEAL. Ela colocou o livreto no lugar, e o funcionário disse alguma coisa em resposta, mas Evelyn já estava saindo pela porta, sem querer fazer Camilla esperar. Evelyn abriu a porta de trás para colocar as sacolas de coisas de festa quando Camilla saiu do banco do motorista e esticou a mão para fazer Evelyn parar, como se ela fosse uma criancinha que precisava ser impedida de andar pelo meio da rua.

– Evelyn, tem um problema – falou Camilla. – Olhe, isso é meio constrangedor. Eu queria que você tivesse ligado antes de vir. Acho que isso não vai dar certo.

Evelyn se empertigou.

– O que não vai dar certo? Eu liguei.

– Você, aqui, neste fim de semana.

Evelyn deu uma gargalhada leve, torcendo para ser uma das piadas de Camilla, mas ela estava firme, com os óculos de sol no rosto.

– Já estou aqui – comentou Evelyn baixinho.

– Ah, você devia ter confirmado comigo antes de entrar no trem.

– Eu mandei uma mensagem de texto.

– Mandou? Acho que não recebi. – Camilla mexeu na maçaneta da porta do carro algumas vezes, deixando que batesse na tinta azul-marinho brilhante do carro. – Olha, Evelyn, acho que você devia tomar cuidado com o que faz, tá? Aquela coisa do baile e também Jaime de Cardenas, mas acho que você já sabe o

sobrenome dele. Deve estar no seu arquivo sobre ele, sei lá.

Evelyn puxou o lóbulo da orelha com tanta força que quase arrancou o brinco.

– Jaime – disse ela com voz fraca. – Como ele está?

Com isso, Camilla tirou os óculos e olhou diretamente para Evelyn.

– É, eu achei mesmo que vocês não mantiveram contato depois daquilo que rolou. A namorada de Jaime é ótima pessoa. Ótima. Foi capitã do time de hóquei na grama em Andover e jogou em Yale ano passado e tem uma Fulbright.

Evelyn ficou imóvel. Jogadora de hóquei na grama de Andover-Yale? Jaime deve ter pensado... ela foi piada o tempo todo...

– E tenho que dizer que Nick não gostou nada de você ficar se jogando no pobre Jaime enquanto namora Scot – disse Camilla.

– Como Nick... Ah, Deus.

– E sua promessa de que seu pai apoiaria meu evento basicamente só para poder me constranger? Você nunca pretendeu convencê-lo a me dar aquele cheque, não é? Seu pai vai ser preso, então, hã, acho que não vai rolar. Não sei por que você quis fazer isso com uma pessoa que só foi legal com você, que deu a mão para você e a levou para este mundo. Ando trabalhando com meu terapeuta para conseguir ser direta, e ele achou que seria uma boa experiência para mim vir aqui dizer isso pessoalmente. Não é fácil para mim.

Camilla bateu com a sola do chinelo em um chiclete grudado no chão do estacionamento. Evelyn olhou para o chiclete sujo, quase tão achatado e cinza quanto o asfalto, com toda a terra e lama de sapato que devia ter absorvido. Para a frente e para trás, para a frente e para trás, assim se moveu o dedão de Camilla, sem esmalte e meio torto.

Para a frente e para trás. Jaime tinha namorada. Camilla e Nick sabiam, e, portanto, sabiam que Jaime não queria nada com ela depois do envolvimento, e as coisas sobre o pai estavam finalmente sendo reveladas, tarde demais para que ela fizesse alguma coisa, e a classe dela estava exposta nela com a obviedade de uma tatuagem. Talvez, Scot; talvez ela ainda pudesse alcançar

Scot antes de todo mundo.

– Não aconteceu nada com Jaime – argumentou ela por fim.

– Olha, Evelyn, não preciso dos detalhes, tá? É melhor você ir para casa.

– Só tem um trem de volta às sextas e foi ao meio-dia. Eu trouxe tudo isso.

Camilla olhou.

– Eu levo as coisas de festa.

– Mas...

– Tenho certeza de que você já se insinuou para outras famílias daqui. Alguma delas vai receber você.

– Camilla, isso tudo é um mal-entendido. Sua mãe me quer na corrida amanhã.

– Evelyn, não é mal-entendido. E você não vai competir. Vá embora. Para variar.

Com isso, Camilla entrou no carro, fechou a porta com um movimento firme e pisou no acelerador. Evelyn só percebeu nessa hora que ela não tinha nem desligado o motor.

Evelyn olhou para trás para ter certeza de que o funcionário da estação não estava olhando, pegou a mala e andou até a estrada atrás das lojas ao lado da estação, para que ninguém passando de carro indo ou voltando da cidade a visse na estrada principal. Passou pelos fundos sem enfeites do mercado e da locadora de vídeo, os dois com os latões de lixo entupidos. Passou pelas lojas de mobília para turistas, pelos motéis e pelas oficinas de consertos de barcos, todos com os cascos virados. Conforme a cidade foi chegando mais perto, ela passou pela sorveteria e pelo motel, e pelo hotel que era só um pouco melhor do que o motel, e pelo florista, onde todas as noivas de verão encomendavam seus buquês. Daquele lado, os estabelecimentos eram todos iguais, com latas de lixo gigantescas, guimbas de cigarro e carros estacionados em ângulos estranhos em estacionamentos solitários.

Evelyn sentia que, se fosse capaz de continuar andando, tudo ficaria bem e ela conseguiria manter tudo longe. Camilla voltaria atrás; Jaime nunca citou a namorada, então alguma coisa já devia estar mal entre ele e essa garota; Scot não tinha certeza de nada,

e ela podia convencer Nick e Camilla de não contarem para ele; ela encontraria Preston e ele veria que ela estava arrependida; seu pai... eles não podiam saber tudo, não era possível. Mas podia acontecer.

Depois de andar por 45 minutos, uma pequena colina demarcou o começo da cidade e o fim da sequência de lojas. Evelyn desceu por ela, com calor e fedendo, o ombro doendo onde a tira dura de couro da mala afundava, procurando um lugar para ficar. Depois de verificar que não havia ninguém que conhecia por perto, parou para descansar perto da marina. Ela tinha mentido algumas vezes. Tinha violado as regras de Camilla. Esforçou-se para chegar até ali, merecia estar ali e não seria derrotada porque Camilla decidiu.

A marina estava agitada para aquela hora do dia em uma sexta, e, em preparação para o Fruit Stripe, estava cheia de trailers com *single, double, four* e oito *skiffs*. Algumas equipes de faculdade tinham aparecido; quatro estavam carregando um barco até a água para uma remada noturna e usavam camisetas de Yale. Evelyn se lembrou da equipe da Sheffield, das competições no Schuylkill e no Quinsigamond, quando elas dormiam em motéis na noite anterior e comiam muitos carboidratos. Duas pessoas estavam pendurando uma faixa. REGATA FRUIT STRIPE 2007 – INÍCIO DA FRUIT STRIPE. Evelyn estava embaixo do arco de madeira da marina de Lake James quando viu Scot.

– Ah, meu deus – exclamou, cansada, feliz, aliviada. Ela correu e passou os braços ao redor dele. – Estou tão feliz de ver você. Você nem imagina.

Ela fechou os olhos e encostou o ouvido no coração de Scot, tão feliz de ele estar ali, sólido e quente, como se ela o tivesse conjurado, e foram três segundos alegres antes de ela se perguntar por que e como ele estava ali.

– Jesus – disse alguém, e Evelyn olhou para trás de Scot e viu Nick de braços cruzados.

– Nick – falou ela.

– Acho que posso dizer com certa segurança que Scot não quer ver você agora – afirmou Nick, saindo de trás da sombra. Scot estava mordendo o polegar. – Camilla disse que você não vinha.

Seu estômago começou a embrulhar e estalar.

– Scot vai com você? Para a casa da Camilla?

– Esse é o plano. – Nick começou a guiar Scot na direção do píer de lanchas, mas Evelyn segurou seu ombro.

– Me desculpe, Nick, mas eu tenho direito de falar com meu namorado. Você não é guarda-costas dele.

– Não, Evelyn, sou amigo dele. Você precisa ir para casa.

Ela era alguns centímetros mais baixa do que Nick, mas conseguiu empurrá-lo para trás e entrar entre ele e Scot, que parecia ter sido teletransportado do apartamento em que morava. Nick andou na direção dela, mas Evelyn colocou as duas mãos nos ombros dele e o empurrou.

– Me desculpe. Você entende.

– Que porra é essa? – falou Nick enquanto Evelyn guiava Scot até um banco perto de uma lata de lixo.

Scot se sentou no banco, ainda sem fazer contato visual. Ela foi nas pontas dos pés até ele, com a mão hesitante até decidir apoiá-la nas costas dele. Ele se encolheu e afastou o corpo. Não estava olhando para ela e levantou uma das mãos para proteger os olhos. Ela colocou a mão nas costas dele de novo; estavam quentes. A mão dele desceu do rosto e afastou o braço dela.

– Bulldog! Bulldog! Bau uau uau! – gritaram da margem.

– É melhor você ir embora – disse ele. A voz estava baixa, sem vida.

– Não posso ir embora – começou Evelyn, que estava se concentrando na linha escura onde o banco encostava na cerca viva atrás. A frase pairou no ar enquanto os estudantes de Yale na margem gritavam: “Eli, Yale!”

– Eu não quero ver você. – Ele estava com a cabeça nas mãos, e a voz soou baixa e vazia demais.

Evelyn passou os braços ao redor de si mesma quando o ouviu e fez uma pergunta cuja resposta já sabia.

– O que está acontecendo? Você pode me contar?

– Você dormiu com Jaime.

Ela apertou mais os braços e se afastou dele.

– Tudo bem. Tudo bem. Já falamos disso. Então você vai

acreditar em um boato sobre mim?

– Não. – A voz dele estava cheia de fúria. – Não faça isso.

Ela sentiu que cada palavra, se escolhida errado, podia deixar um problema duradouro, e deixou vazios entre elas.

– Eu não... eu... – Ela cobriu a boca com os dedos e beliscou os lábios, como se isso fosse produzir uma resposta. – Não foi o que parece. Eu estava... Nós estávamos...

– O quê? Você estava o quê?

Ela não conseguiu encontrar um final para essa frase, e o sol brilhou cada vez mais forte.

– Eu estava tão bêbada que não sabia o que estava fazendo – disse ela por fim.

– Você está mentindo. Eu defendi você como um idiota. Quase dei um soco em Nick. – Ele puxou os joelhos para cima, os aproximando do peito; seu corpo enorme encolhido parecia vulnerável demais, e ela precisou olhar para o lago de novo, onde alguém balançava uma bandeira de Yale. – Por quê?

– Foi burrice. Muita burrice. Scot, as coisas estavam, estão desmoronando com minha família, e eu achei... – Ela colocou a mão hesitante no braço dele, e ele empurrou para longe.

– Não toque em mim.

O silêncio entre os dois estava pulsando, ameaçando crescer, ao mesmo tempo que a torcida na margem do lago se intensificava.

– Eu só... Eu fiz uma coisa idiota, mas não quero estragar as coisas entre nós...

Ela viu uma coisa voar. Ele tinha tirado o sapato com um chute.

– Saia daqui.

– Scot. Por favor. – A voz dela estava alta, suplicante, como a de uma criança. – Por favor. Podemos resolver isso. – Ela não sabia mais o que dizer. – Scot, você é maravilhoso. É inteligente. E tão gentil. Por favor. – Ela tinha que encontrar alguma coisa para dizer que o tirasse daquela postura horrível.

– Inteligente? Você achava que eu nem sabia do seu pai, não é? Achou que eu era idiota? Um caipira? Eu sabia, Evelyn. Estava tentando dar tempo e espaço para você me contar.

– Eu teria contado. Eu contei. Tentei. Camilla disse que a

investigação, o indiciamento, que não eram, que não era...

– Pare. Pare. Vá embora. Eu estava em Sachem. Naquela manhã. Quando você... – Ele engoliu em seco. O barulho vibrava ao redor dela, o som de uma concha no oceano. Evelyn estava desesperada para ele desmoronar, para que a abraçasse e deixasse que ela molhasse a camisa dele com suas lágrimas.

– Eu cometi um erro. Um erro grande. Vou consertar. Por favor. – Uma sensação de carinho e de perda surgiu, e ela sabia o que tinha que dizer, uma coisa que nunca tinha dito antes, para nenhum namorado. – Eu te amo – sussurrou ela.

– Como ousa? – inquiriu ele, com voz quase inaudível. – Como ousa?

Scot deu uma gargalhada amarga tão distante das risadinhas gentis de sempre que pareceu que estava surgindo um lado novo e terrível dele, um lado que ela desenterrou de baixo de toda aquela doçura interior. Ele se levantou, e ela tentou andar com ele. Ele colocou as mãos nos braços dela como se fosse beijá-la, mas ela sentiu os dedos afundarem em seus braços e choramingou. Ele a soltou, e Evelyn desejou que ele não tivesse que se abaixar para pegar o sapato, pois sabia que o faria sentir mais vergonha. Ele andou na direção da água e de Nick.

– Podemos conversar depois? – perguntou ela. Seus olhos brilhavam e ela falou rápido.

Ele não se virou.

Ela observou ele se afastar, até entrar em uma lancha com Nick e eles saírem pelo lago, na direção de Sachem. O aperto dos dedos de Scot deixou uma marca dolorosa nos braços dela, e os barcos e as pessoas se moviam ao redor. Começou a escurecer a esfriar. Ela estava olhando sem ver o remar de um barco, e piscou, então piscou de novo. Estava escrito: MILDRED'S MOMS MANIA. Ela pegou o celular de forma tão agressiva que quase o deixou cair, depois gritou nele:

– Oi, você tem o número da residência dos Hacking em Lake James, em Mt. Jobe Road? Sim, por favor, me conecte.

Bing atendeu, o que quase levou Evelyn a largar o celular, mas o que ela decidiu fazer foi engrossar a voz.

– Alô, Jean Hacking, por favor – disse ela, embora soubesse que Bing não reconheceria sua voz. – Alô, é a sra. Hacking? Sra. Hacking, é Evelyn Beegan, da Sheffield. Estou bem, obrigada. Não, não, estou no hotel com um grupo de pessoas. Gostei, gostei mesmo da reforma. Preston? Eu estava... eu estava planejando ligar para ele, mas ele anda... ele anda difícil de encontrar. Não, não, eu tenho o celular dele. Na verdade, eu queria falar com a senhora. Escute, sei que é um pouco de abuso da minha parte, mas não consegui resistir. Eu soube que você está organizando um grupo para o Fruit Stripe amanhã... e eu adoro tanto remar... Me perguntei se precisaria de uma substituta de última hora. Sim, fui da equipe de peso leve na Sheffield. Fui, sim! Fui. Dois remos? Claro, claro. Sei fazer isso. Vou, sim, posso dizer que sou uma Mildred's Mom. É sério? Que fantástico. Não consigo explicar o quanto sinto saudade de remar. Ah, que ótimo, sra. Hacking. Então às sete da manhã na marina. Estarei lá. Mal posso esperar.

Ela desligou. Mostraria a todos eles. Scot a veria e mudaria de ideia. Camilla a veria e mudaria de ideia. Ela teve uma visão de si mesma remando até a doca, indo à terra e recebendo tapinhas nas costas e subindo na varanda de quem fosse o anfitrião deste ano e rindo e brindando com os colegas competidores. Camilla a olharia com pelo menos um pouco de interesse ou talvez até arrependimento, e Scot reconsideraria tudo. Evelyn tinha direito de estar naquela regata, naquele mundo. Todos eles veriam.

26

COMPETIÇÃO

O único quarto disponível no Lodge de Lake James era a Moose Suite, e custava 1.600 dólares por noite. Embora a recepcionista tivesse pedido especificamente por um cartão de crédito, não de débito, Evelyn achou muito possível que nenhum dos cartões dela, nem mesmo o Visa Pewter, ainda estivesse válido, e entregou um cartão de débito, rezando para haver dinheiro suficiente na conta para cobrir. Quando a mulher passou o cartão e entregou a chave do quarto, Evelyn disse para si mesma que só tinha que participar da competição no sábado e depois poderia resolver tudo.

A Moose Suite tinha uma vista espetacular do lago, mas as janelas panorâmicas também eram viradas diretamente para Sachem. Quando o céu azul-íris brilhante de Lake James escureceu no fim do dia e foi substituído por escuridão e estrelas, Evelyn conseguiu ver as luzes da propriedade dos Rutherford.

Ela pediu serviço de quarto e percebeu que estava olhando para Sachem como se fosse uma televisão, com o prato de espaguete cheio de carboidratos à frente. Um barco saiu de West Lake, e ela seguiu a luz piloto se aproximando de Sachem, se perguntando se tinha saído de Shuh-shuh-gah. Uma luz no alto da casa principal piscou. Era o sótão ou o escritório de Souse? Em seguida, mais duas luzes pilotos, vindas do mesmo ponto de West Lake, seguindo na direção de Sachem, e ela teve certeza de que os Hacking estavam indo lá hoje para uma festa pré-Fruit Stripe, um evento para o qual a sra. Hacking não a convidou e que nem mencionou. Ela apertou o olhar para o lago, tentando detectar movimento na ilha, e abriu a porta da varanda para ver se captava algum som

acima da água. Ouviu gargalhadas vindas de algum lugar e algumas notas de trompete, mas a acústica do lago tornava difícil saber de onde os sons estavam vindo. Ainda assim, ela conseguia visualizá-los em Sachem, com as luzes acesas, a lareira ardendo, Louis Armstrong tocando, sem dúvida falando sobre ela.

Sentia-se melhor agora que tinha comido. Sua cabeça estava mais lúcida do que nos últimos tempos. Pegou a pulseira de Camilla dentro da mala e prendeu no pulso, apertando as pontas dos dedos no ouro quadriculado que formava as redes das raquetes.

Na manhã seguinte, Evelyn acordou às cinco e meia com marcas de travesseiro no rosto. Não tinha dormido bem. Foi andando até a marina, onde o barqueiro do Mildred's Moms a ajudou a prender o remo e a levar o barco até a água. Evelyn não conseguia afastar a sensação de que estava em um sonho, e, enquanto prendia os cordames, lubrificava o slide e prendia o colete no corpo, reencontrava as palavras e ações que estavam distantes do vocabulário físico e mental havia anos. Finca pés. Forqueta. Borda. Ela olhou para baixo e viu que ainda estava com a pulseira de raquetes, desde a noite anterior. Pensou em esconder na grama, mas deixou no pulso. Era insubstituível, e ela não podia correr o risco de perder.

Em seguida, começou a remar, ainda perdida na sensação de sonho. Os barcos da Sheffield eram palamentas simples, com cada remador usando um único remo de um lado e, apesar de o treinador fazer as garotas treinarem com dois remos de vez em quando, movimentar dois remos pela água não era um movimento natural para Evelyn. Ela também tinha esquecido o quanto o barco era instável; um movimento mais fundo do remo e o suporte ficaria submerso de um lado, ameaçando puxá-la para baixo e ejetá-la.

Evelyn achava que seria como o Fruit Stripe de vela, basicamente uma desculpa para os espectadores e os competidores beberem antes do meio-dia, então a falta de treino recente não seria problema. Mas os remadores pareciam dedicados e concentrados, e as garrafas de água pareciam cheias de água e não garrafas *T*. A ironia implícita com a qual ela contava não estava presente em

Lake James hoje. Ela ouviu um estalo na margem e viu alto-falantes em postes altos, que achou que eram para algum show de fim de semana, mas eram na verdade para a narração da competição.

– Bom dia e bem-vindos à 33ª Regata Anual Fruit Stripe – ouviu dizer uma voz que parecia ser de Bob Costas. “Não era ele que tinha uma casa em East Lake?”

O apresentador repassou o trajeto enquanto Evelyn se aquecia.

– Para oeste de Turtle Island, outra ilha particular no lago que era mais perto de Sachem, depois na passagem entre Turtle e Sachem, ao redor da boia ao sul dali. Mantenham as boias a boreste e cuidado com as pedras no lado leste da Turtle.

Os alto-falantes explodiram quando o primeiro grupo de barcos se aproximou da linha.

– Robert Stimson, conhecido pela festa de Natal anual, é três vezes vencedor no *double master* em Head of the Schuylkill...

“Ah, são remadores de verdade”, pensou Evelyn.

Os organizadores estavam liberando os barcos em intervalos de dois minutos. O juiz da regata deu a ela o aviso de três minutos, e ela foi até a linha de partida. Alguém no barco da organização segurou a popa dela, e ela se esforçava para ficar alinhada com pequenos movimentos dos remos, mas o vento estava começando a virá-la para o lado. Ela ouviu o apresentador dizer que ela era Jenny Vinson, uma residente de Manchester e mãe de três crianças, com a mais velha remando para Choate; aparentemente, a sra. Hacking não tinha atualizado as informações. Em seguida, ouviu: “Preparem-se. Prontos? Remem!”

Ela estava tentando se lembrar de uma estratégia de remo enquanto empurrava as pernas e jogava as costas para trás. Ritmo intenso no começo para levantar o barco da água, certo? Ou em um desafio de regata era melhor ser mais lento e mais regular?

As pessoas de algumas casas à beira do lago estavam começando a sair de barco para ver a regata. Uma lancha chegou perto demais de Evelyn, e o piloto aparentemente esqueceu que as ondas provocadas pela lancha podiam virar o barco, e ela sentiu cheiro de ovos *hollandaise* junto com a exaustão. A água estava

pesada, e o corpo dela não lembrava como fazer os remos atravessarem a água. Suas mãos se mexiam rápido e as pernas não conseguiam empurrar corretamente durante a remada. Ela estava suando, não tinha levado nada para beber e tinha esquecido quanto tempo essas regatas duravam. Vinte minutos? Uma hora? Um barco que tinha partido dois minutos depois dela começou a se aproximar. O remador parecia estar fazendo uma visita vindo direto dos anos 1970, usando uma faixa de cabeça com listras brancas e vermelhas.

– Charlie Hawley está se aproximando da remadora de Mildred’s Moms – ela ouviu do alto-falante.

“Não, não está. Não vou ser vencida dessa vez”, pensou, determinada.

Ela não sabia se foi adrenalina ou raiva e não se importava. Começou a se lembrar do ritmo, bate-gira-as-mãos-desliza, bate-gira-as-mãos-desliza, e o corpo se lembrava de coisas que a mente não recordava enquanto ela quase ficava de pé apoiada no barco e quase distendia os tendões das coxas no ponto que tocavam na fibra de vidro. Ela fez a água jorrar com o movimento dos remos, e estava fazendo o barco subir, subir, subir, como se pudesse tirá-lo da água e sair voando pelo ar. Ela estava voando.

– Jenny Vinson da Mildred’s Moms está complicando a vida de Charlie Hawley – ela ouviu nos alto-falantes. – Que regata incrível.

Ela passou pela primeira boia e foi fazer a curva, e precisou segurar a água com um remo e empurrar com o outro para virar o barco. Estava na passagem entre Sachem e a Turtle, com Charlie Hawley ficando cada vez menor, para trás, e ela desacelerou sua recuperação para respirar um pouco. Evelyn verificou; não estava longe de ultrapassar o barco da frente. Era capaz de vencer aquilo. De ir para as docas e levantar aquele troféu idiota do Fruit Stripe. Suas mãos estavam quentes e ela conseguia sentir bolhas se formando, mas segurou os remos com força de novo e começou a recuperar o impulso.

Ela ouviu o zumbido de uma lancha vindo do norte, que não parecia estar indo se juntar aos outros espectadores na margem. Estava indo na direção dela. Evelyn sentiu uma onda de energia.

Começou a remar para valer, forçando os remos pela água enquanto movimentava os joelhos. Ela conseguiu. Estava se movendo. Estava com ritmo agora. Bate-gira-as-mãos-desliza. Bate-gira-as-mãos-desliza. Agora, o assento não parecia estar pulando do suporte. Os remos estavam entendendo o que ela queria que eles fizessem.

– Evelyn! – gritou uma voz vinda da lancha. Era a voz de Camilla, e Evelyn não ficou surpresa de ouvi-la.

Bate-gira-as-mãos-desliza. Movimentos mais curtos, pegue o ritmo, ela ouviu o timoneiro imaginário na cabeça. “Isso mesmo, você está conseguindo, mostre do que é capaz.” Bate-gira-as-mãos-desliza, bate-gira-as-mãos-desliza.

– Evelyn! – Mais alto agora. Prestes a explodir.

Um e expire na remada, dois e inspire no movimento para trás.

– O que você está fazendo aqui? – Alguém no barco repetiu a pergunta. Camilla estava acompanhada.

Evelyn viu três cabeças se balançarem para ela na lancha.

– Evelyn, o que você está fazendo na Fruit Stripe? – Camilla manobrou a lancha para mais perto. Ela não sabia ainda que Evelyn ia ganhar a regata. Não sabia que, em vinte minutos, Evelyn sairia do barco, suando e vitoriosa, e seria cercada de pessoas querendo o bem dela, Scot, a sra. Hacking, Souse e todo mundo que ela conheceu no caminho.

– Não é... – ouviu Phoebe dizer alto, e Camilla disse alguma coisa que parecia “A clêmatis está aqui”, mas isso não fazia sentido.

E uma terceira voz disse:

– Devíamos fazer com que ela fosse desqualificada.

Evelyn virou a cabeça para ver quem era, e era Brooke. De volta. O que queria dizer que Camilla substituiu Evelyn, assim como substituiu Brooke depois do noivado dela, e a tentativa de Evelyn de fazer Brooke ficar do seu lado tinha falhado. Camilla sempre deteria o poder, e Evelyn era a garota estranha de novo.

Evelyn olhou para a frente da lancha, que estava se aproximando, e tentou forçar as pernas com mais força. “Apoie os pés”, gritou o timoneiro em sua cabeça. “Tire o barco daqui!”

– Evelyn! Quem convidou você? – perguntou Camilla.

Bate-gira-as-mãos, desliza. Camilla, de pé à frente do volante e exigindo ver o convite, como se a regata fosse uma festa particular dada por ela. Bate-gira-as-mãos-desliza, bate-gira-as-mãos-desliza, mas as costas de Evelyn estavam doendo, e ela não conseguia se mover tão rápido. Ela encolheu os músculos da barriga e tentou alinhar as costas. Bate-gira-as-mãos-desliza. Suas pernas estavam queimando. Ela precisava se afastar.

– Você sabia que ela ia competir? – perguntou Phoebe.

– Obviamente, ela não ia. Quer dizer, ela ia, no barco da mamãe, mas isso é claro que não aconteceu. Tem algum esquema louco rolando – disse Camilla.

– Onde ela está hospedada? – quis saber Brooke.

– Deve estar com os Hacking – respondeu Camilla. – Com qualquer um que a acolha, certo?

Bate-gira-as-mãos-desliza. Evelyn tinha esquecido como era bom botar um barco em movimento depois que se superava a inércia inicial. Com alguns movimentos, ela o fez pular na água e se afastar à distância de meio barco, mas Camilla foi atrás.

– Talvez ela esteja surtando. Com a história do pai dela e tudo – gritou Camilla.

– Pai? – perguntou Phoebe.

– Aquele advogado que subornava as pessoas. Está em todos os noticiários.

Evelyn começou a tossir, reuniu uma bola de catarro na boca e cuspiu na lancha.

– Eca! – gritou Phoebe.

Camilla estava dizendo alguma coisa para o grupo, e Evelyn conseguiu ouvir que era alguma coisa sobre a declaração de culpa de seu pai.

– Estou ouvindo vocês! – berrou Evelyn, e Brooke ergueu o rosto, assustada; mas Camilla parecia estar esperando isso e permaneceu ereta ao volante.

– Evelyn, o que você está fazendo? Achei que tivesse deixado claro que você não era bem-vinda – disse Camilla, seguida de uma concordância de Phoebe.

– Esse lago é seu? – Evelyn inspirou ar e percebeu que era um

gesto tático idiota, pois certamente o lago era mais de Camilla do que dela.

Camilla pareceu não perceber a abertura.

– Isso é bizarro – murmurou ela para as companheiras no barco.
– Ninguém a quer aqui – acrescentou, alto o bastante para se espalhar pela água, e Brooke concordou.

– É loucura.

– Com Jaime... – começou Camilla, mas Evelyn, pelo que pareceu ser a primeira vez na vida, interrompeu Camilla.

– Como é que é, Camilla está com raiva por causa de um garoto? Camilla, que consegue dormir com quem quiser, quando quiser, está chateada? – gritou Evelyn. – Eu desobedeci você? É você que toma todas as decisões?

– O que você está tentando provar? – perguntou Camilla.

– Talvez Evelyn deva parar de dormir com o namorado das pessoas – sugeriu Phoebe.

– Talvez Jaime também deva parar de dormir com as namoradas das pessoas, mas não vemos ninguém por aí apontando o dedo para ele, não é? Por que você trouxe sua irmãzinha junto, Camilla? O que é isso, uma sessão de treinamento para ela? – gritou Evelyn.

– Talvez você devesse manter problemas de adultos entre adultos.

– Eu tenho 18 anos – protestou Phoebe.

– Olhe, suas mentiras sobre seu pai... – começou Camilla.

– Ah, me desculpe! Pensei que ninguém se importava quando as pessoas eram indiciadas! Isso só se aplica ao seu círculo de Nova York, Camilla?

– Você mentiu sobre a doação, Evelyn. Lamento por seu pai...

– Ah, cala a boca, Camilla. Lamenta por meu pai! Você está pouco se fodendo! – O “fodendo” foi mais satisfatório do que a cusparada e saiu dos lábios de Evelyn com força. – Você queria Jaime para você! Está com raiva por causa de um garoto! Só isso!

– Você acha que estou com raiva por causa de um garoto? Eu pareço tão desinteressante? – perguntou Camilla.

– O que foi, então? O baile? Os três minutos em que os holofotes não ficaram apontados para você? Lamento por todas as fotos não serem de você, Camilla. Deve ter doído muito.

– Você nem debutou, não é? – gritou Camilla. – O Bachelors' Cotillion? Quer saber? Minha amiga Morgan de St. Paul foi debutante lá e nunca ouviu falar de você. Nem da sua família. Dinheiro de transportadora? Sério? Você inventou tudo. E por quê? Para poder ser empregada de um bando de adolescentes? E seu pai? Ele nunca ia fazer a doação para os Luminaries, ia? Há quanto tempo você mente?

– Você ia estripá-lo naquele almoço – disse Evelyn. – Ia desfilar com ele como se ele fosse uma aberração. “O advogado sulista, senhoras e senhores de Nova York.” Ele é tão caipira que nem entendeu que tinha que dar 25 mil dólares em troca de as pessoas rirem da cara dele. A mascote dança? Camilla ganha pontos por ser tão inteligente?

– Ah, por favor. Você é patética.

Evelyn ofegou enquanto tentava se afastar da lancha, mas Camilla estava acelerando mais e as ondas estavam empurrando os cabos dos remos contra a barriga dela.

– Sim, Camilla, você decide as regras. Você manda em todo mundo e em todos. Eu esqueci. Me perdoe. – Evelyn tinha passado um tempo nada insignificante lendo sobre de onde vinha a fortuna de Camilla e concluiu que a única diferença entre o dinheiro de Camilla e o dela era tempo. Na raiva de ser atacada, tudo estava sendo posto para fora. – Os Henning nem pagavam salários justos durante a Depressão, e a fortuna bancária dos Rutherford tem raízes sombrias, então, se você quer falar de passado...

– Ah, senhoras, temos uma obcecada aqui! – disse Camilla, batendo palmas, o que queria dizer que suas mãos soltaram o volante e a lancha quase bateu no remo de Evelyn.

Charlie Hawley estava se aproximando, tirando vantagem da briga. Evelyn tentou acelerar.

– Por que você não pergunta a Brooke? – questionou Evelyn, mas Brooke tinha virado para a lateral da lancha, aparentemente fascinada pela aproximação de Charlie Hawley. – Brooke, você não vai dizer agora? Tudo bem. Vou contar o que Brooke me disse. Todo mundo tem alguma coisa a dizer quando você não está por perto, Camilla, e não são coisas boas. Nós dizemos que você usa as

peessoas e as joga no lixo. Eu estou dizendo, mas nós conversamos sobre isso. Nós conversamos sobre isso.

– Brooke, você disse isso? – perguntou Camilla com voz firme.

Brooke balançou a cabeça com infelicidade.

– Eu achei mesmo que não. Evelyn, isso é só mais uma das suas fantasias – disse Camilla em tom doce.

– “Sou Evelyn e fui debutante” – disse Phoebe com voz aguda. – “Sou Evelyn e gosto de dormir com homens que não são para meu bico.”

– Você tem 18 anos! – exclamou Evelyn, inspirando enquanto suas remadas iam ficando mais curtas. – Já não devia ser uma vaca de primeira? Não é isso o que você deve virar ao envelhecer, como sua irmã?

Camilla levou a lancha para tão perto que Evelyn teve que puxar o remo para não bater nela e perder o equilíbrio. Ela achou por um segundo que tinha silenciado Camilla, mas ouviu:

– Essa pulseira é a minha?

Evelyn empurrou o remo e tentou remar rápido o bastante para que a visão de Camilla da pulseira ficasse borrada.

– Você roubou minha pulseira, sua maluca? – berrou Camilla. – Ela sumiu, e quase despedi a mulher do caseiro porque achei que ela tinha pegado. Sua obcecada maluca. Eu devia ter imaginado.

Evelyn não conseguia respirar direito, e estava indo mais e mais rápido, e de repente o remo de boreste foi sugado para a água e o cabo bateu direto na barriga dela, e quando a expressão “pegar um caranguejo” surgiu no cérebro de Evelyn e ela percebeu o que estava acontecendo, a água jogou o cabo do remo por cima da cabeça dela e ela mergulhou na água. Foi um choque de frio, e ela estava no lago, que estava congelante (“Como um lago ficava frio assim no verão?”), e ali estava o barco de cabeça para baixo com o leme cor-de-rosa virado para cima de forma obscena. Suas roupas estavam grudando e pesando e ela se balançou, tentando recuperar o fôlego e o equilíbrio, nadando na água e mergulhando para ter uma pausa da observação da lancha. Ela olhou para a margem da ilha, mas era longe demais para arrastar o barco até lá, e ela não conseguia lembrar como virar o barco de volta. Ela se

segurou em um remo, ainda preso ao barco, que estava flutuando inocentemente na água como se não tivesse feito nada de errado, quando na verdade a tinha ejetado. Ela não fazia ideia do que fazer. Estava a metros da lancha, e o rosto de desprezo de Phoebe pairava acima dela. Brooke parecia prestes a chorar. Evelyn tossiu água e foi até o barco virado, com as pernas batendo na superfície do lago congelante.

Camilla levou a lancha até perto do barco virado, olhando por cima do casco para onde Evelyn estava tentando ficar na superfície. Phoebe começou a dizer outra coisa, e Camilla a cortou.

– Fique quieta, Phoebe – ordenou Camilla. Ela olhou para Evelyn, com os olhos vidrados de fúria.

Evelyn baixou a testa para o barco.

– Devolva – falou Camilla.

Evelyn tentou tirar a pulseira, mas Camilla disse:

– Não, pare. Pare. Você vai derrubar na água. Pare. Por que você mentiu sobre tudo?

– Para que eu... – Evelyn olhou para ela, com os olhos ardendo da água do lago, um braço com alga em volta, o outro pulso com o que era obviamente a pulseira de Camilla, as meias pesando na água, seus grandes planos destruídos. – Eu não chegaria aqui de outra maneira – confessou com voz baixa. Não sabia se Camilla tinha ouvido.

Depois do que pareceram vários minutos, ela ouviu o estalo de um rádio.

– Sim, é Camilla Rutherford. Estou vendo o Fruit Stripe. Tem uma remadora com barco virado perto da Turtle. – Evelyn bateu as pernas. – A competidora? Sim, ela parece bem. Eu não conheço. Não consigo ver o número no colete.

Começando a tremer, Evelyn se ergueu para ficar por cima do barco virado e parcialmente fora da água. Ao fazer isso, viu Camilla erguer a mão em uma combinação de saudação e aceno, e a lancha recuou com um salto. Camilla virou o volante com uma das mãos e fez a lancha seguir na direção dos outros competidores, de outros amigos, de outras vidas. Evelyn encostou a bochecha na fibra de vidro fria do casco e esperou que alguém aparecesse para

levá-la para a margem.

SALDO RESTANTE

Evelyn estava encolhida na estação, tentando reunir energias para comprar o bilhete para o trem das 12h19. Tinha acabado de usar o pouco que restou de sua força de vontade ao se obrigar a andar até o Lodge de Lake James e pagar a conta, que, para o horror dela, incluía um mínimo de duas noites e somava 3.936 dólares com os impostos incluídos. Depois que tirou 50 dólares no caixa eletrônico do saguão para pagar o transporte do hotel até a estação de trem, o caixa cuspiu um recibo cujos números ficaram marcados na cabeça de Evelyn: "Saldo atual: U\$ 15,07."

Ela observou os pés, com os dedos ainda pintados de vermelho, mas sem brilho por causa da água do lago e sujos por causa da longa caminhada. Estava tão quente na sala de espera.

A porta do estacionamento se abriu e fechou, e ela ouviu as rodinhas de uma mala e o ritmo rápido de saltos no chão.

– Se você quiser participar do Hampton Classic ano que vem, Geraldine, vai ter que cuidar melhor do seu cavalo e não contar só com o estábulo. Espere um minuto, preciso comprar meu bilhete. Tudo bem. Tudo bem. Tchau. – Em um tom diferente, que parecia reservado para a classe trabalhadora, ela ouviu: – Um para Croton-on-Hudson, no próximo trem, por favor. Que horas vai ser?

– Às 12h19 – disse a atendente.

– Muito bem.

Evelyn ouviu alguns apitos e movimento de papéis, e logo a mulher estava ao telefone de novo, desta vez reclamando da empregada. Evelyn estava tentando controlar a sensação ruim de que aquela mulher devia ser amiga dos seus amigos, mas o sentimento estava crescendo. Espiou, mas a mulher estava virada

de costas para ela, e só conseguiu ver ondas louras. A mulher desligou e fez outra ligação, falando bem alto. Alguém do outro lado do corredor olhou de cara feia para a mulher, mas isso não a fez parar de falar alto.

– A garota se convidou, depois nem se tocou de nada? Souse, é meio engraçado.

Evelyn afundou na cadeira.

– Beegan? Não, não conheço. Você conhece? De onde eles são? Beegan? Não é um nome de Baltimore. Camilla a está chamando de quê? Ah, entendi. Clêmatis. Uma trepadeira que sobe. Quando essas garotas de fora da cidade pegam o gosto da fama, ou mesmo da aceitação, na verdade, ou pelo menos o que elas acham que é aceitação, ficam impossíveis. Claro, ninguém daqui dá a mínima para isso. – A mulher tinha o tom de alguém que já tinha dado esse conselho várias vezes. Sabedoria convencional que se aplicava aos milhares de jovens de Duluth, de Mobile, de Detroit, que iam para Nova York para tentar subir na vida.

Clêmatis social. Foi isso que Camilla disse no barco. Evelyn achou que era seu lugar fazer parte daquele ambiente, mas seus erros se amontoaram tanto que estranhos eram capazes de detalhá-los em uma sala de espera de estação de trem. Jaime. Namorada. O fato de a garota jogar hóquei na grama em Yale. Scot. O pai dela. A mãe dela. Credenciais que Evelyn não tinha. O fato de estar fingindo o tempo todo.

– O trem chega em dez minutos. Preparem os bilhetes – disse a atendente ao microfone.

Evelyn, sentindo náuseas e ainda suando, se levantou e seguiu pelo caminho mais longo pela sala de espera, para que a mulher não pudesse ver o rosto dela.

– Um para Nova York, por favor – pediu ela com uma voz que terminou em um sussurro.

A atendente, pálida, com bochechas cheias de poros e um permanente pintado de ruivo, digitou uma coisa.

– Cento e setenta e cinco – disse ela.

– Só de ida?

– Compra de último minuto. Só tem na classe executiva.

Evelyn usou os antebraços para se apoiar na bancada. A cabeça girava tão alto que ela se perguntou se alguém conseguia ouvir. Ela abriu a carteira e olhou a variedade de opções que não estavam mais disponíveis para ela. Tantos cartões vazios e inúteis ocupando a carteira.

O Visa Pewter. Com os novos termos que ela recebeu. Talvez ainda funcionasse. Ela o deslizou pela bancada. A mulher passou o cartão pela máquina, e, como Evelyn sabia que aconteceria, ela disse:

– Não está passando, querida. Tem outro?

Algo estava errado com a respiração de Evelyn. Ou com o coração. Estavam mudando as luzes da estação? Tudo estava tão cinza. Ela pensou ter ouvido a voz de Scot, e a mão de alguém pegou o AmEx de Evelyn, e ela sabia que havia alguma coisa no AmEx com a qual devia se preocupar, depois ficou surpresa de ver que a mão dessa pessoa segurando o cartão parecia a dela.

– Não, esse também não. Espere um segundo.

Evelyn ouviu, mas as palavras estavam flutuando e batendo umas nas outras, não se arrumando em ordem lógica. Ela ouviu Camilla dizendo “Clêmatis, clêmatis”. Por que desligaram o ar-condicionado?

– O trem do 12h19 para Nova York chega em cinco minutos. Por favor, peguem suas coisas e sigam para a plataforma para que não haja atrasos – Evelyn ouviu. E depois: – Você tem mais algum, querida?

Evelyn devia ter respondido, embora tudo estivesse mudando de forma agora, porque ela ouviu a mulher dizer alguma coisa sobre a Barneys vindo de muito longe. Lembrou-se da estação de metrô ao lado da Barneys quando chegou em Nova York pela primeira vez, tanto tempo atrás, quando pensou em entrar na loja para comprar uma bolsa e não se deu conta de quanto eram caras. Ela saiu na mesma hora, ofendida, e comprou uma bolsa em um camelô de rua, bem bonitinha, vermelha, por uns 20 dólares, e deu tapinhas nela ao seguir para a linha N do metrô e se encontrar com Charlotte para irem ao cinema.

Ela ouviu o rugido do metrô chegar e partir, e estava na

plataforma da 59th Street, que tinha cheiro de bile, olhando para a plataforma que levava à rua de cima, cheia de pessoas de camisas de esporte azul e laranja. Grupos de três ou quatro pessoas eram amontoados coloridos de torcedores dos Mets, cada um com as preferências individuais proclamadas – PIAZZA 31, ALOMAR 12, ALFONZO 13. Palmas triplas soaram, e a plataforma toda cantou: “Vamos, Mets!” Todos eram bem-vindos, todos eram parte de uma mesma coisa, todos torciam para os Mets chegarem à fase eliminatória.

Em algum lugar da cidade, um gato laranja terminava de mastigar uma planta ao lado da porta do apartamento e pulou ronronando no ombro do dono, que chegou cedo do trabalho. Em algum lugar da cidade, um jovem pianista chinês ensaiando deixava que os dedos executassem as notas de abertura do *Concerto para Piano nº 5*, notas que envolveriam a garotinha na fila D da Filarmônica naquela noite em uma nuvem cintilante. Um garoto de Staten Island colocava os dedos na lombar da garota que tinha sido só amiga até aquele momento. Uma mulher em Hell’s Kitchen em um sótão escuro, com o pincel na mão, recuou para se afastar da pintura de uma estrada verde-limão e um céu verde-floresta que demorou dois anos para concluir. Uma funcionária em uma taverna do Brooklyn batia com a unha vermelha em uma caixa de água com ervas, tranquilizando a mãe exausta segurando um bebê aos berros, e o sorriso da mãe agradecida quase fez as duas chorarem.

O sacolejar do trem anunciou sua aproximação, com os faróis iluminando o caminho quando ele entrou na estação. A plataforma toda de viajantes do outro lado dela bateu os pés ao mesmo tempo: “Vamos, Mets! Vamos, Mets!”

– Para Nova York! – gritou alguém com sotaque do Brooklyn quando o trem abriu as portas.

New York, New York, a helluva town.

A letra da música surgiu na cabeça de Evelyn quando alguém a empurrou para trás. Ela se atrasaria para o encontro com Charlotte e para o filme e não teria tempo de comprar pipoca. Char adorava Milk Duds com pipoca.

– Com licença, o trem chegou.

The Bronx is up but the Battery's down.

– Você está bem?

The people ride in a hole in the ground.

Ela ouviu o grito agudo de rodas nos trilhos do trem enquanto a música mudava de tom.

New York, New York.

– Senhora? O trem chegou. Senhora, você precisa que eu chame um médico?

Ela parecia estar sentada. Estava tão quente. Por que estava com tanto frio se estava tão quente? A música estava tão alta que ela conseguia ouvir mesmo com o ventilador industrial perto do ouvido.

It's a helluva town!

Evelyn demorou um momento para perceber que a letra da música soava tão alta porque ela estava cantando a plenos pulmões. A mulher loura – clêmatis, clêmatis – olhou para ela assustada. Evelyn a encarou com expressão enlouquecida e esticou os dedos de repente em garra, como se para atacar. Ela não sabia onde estava, não havia para onde ir, e, só por um momento, com suor escorrendo pelo rosto, ela se sentiu livre.

PARTE TRÊS

TODOS DE PÉ

Evelyn estava segurando o disco de parmesão velho ralado, que tinha colocado no micro-ondas até ficar crocante. Já tinha conseguido sobreviver por três semanas. A funcionária da estação insistiu em chamar os “entes queridos” dela, como a moça mesma disse, ignorando a insistência de Evelyn de que não tinha nenhum ente querido. A mulher segurou o trem enquanto ligava para “mãe e pai” listados no celular para conseguir um bilhete para ela ir para casa e fez o condutor levar Evelyn até o trem e oferecer água enquanto ela suava e tremia; alguém devia ter chamado um táxi, e ela acordou sozinha no apartamento dois dias depois, já sem febre. Enfiada por baixo da porta, ela encontrou outra carta sobre o aluguel, dando um aviso formal de que a empresa tomaria as medidas legais se Evelyn não fizesse o pagamento do valor atrasado imediatamente.

Mas não havia dinheiro o suficiente para pagar. Ela tinha cancelado a internet e a TV a cabo. Tinha revirado o armário e colocou em sacolas os vestidos e saias e sapatos e lingerie daquela vida que agora estava tão distante. Quando comprou as coisas, imaginou o dia em que tudo caberia em um armário adequado e amplo. As peças delicadas de seda seriam dobradas cuidadosamente em gavetas de madeira forradas e separadas por papel de seda colocado ali por uma empregada em vez de enroladas e enfiadas em uma parte de gaveta de cômoda. Os vestidos de festa ela mandaria lavar na Madame Paulette e pediria que fossem embalados para armazenamento, para que sua filha ou alguma outra beneficiária qualquer, talvez a filha de Camilla ou de

Preston, de quem ela seria madrinha, pudesse usar em uma festa *vintage* engraçada trinta anos no futuro. Evelyn tirou as roupas dos cabides e gavetas e dobrou nos menores quadrados que conseguiu. Quando estavam em sacos apertados, ela levou tudo para um brechó na Madison.

Isso gerou dinheiro suficiente para ela sobreviver durante aquelas semanas, à base de Cup Noodles, leite, banana e cereal, e, quando estava desesperada, Chateau Diana, que parecia vinho, mas na verdade era um "produto de vinho" que custava 4 dólares. Ela só ia para o leste quando precisava ir ao mercado agora, nunca para o oeste, e se perguntava se os mercados mais perto do parque também vendiam "produtos de vinho", mas nunca tinha reparado.

Ela pensou em trabalhar, mas não tinha habilidade nenhuma. O que ia fazer, oferecer apresentar funcionários para todas as pessoas certas, pessoas para quem ela era uma clêmatis? Ela não tinha nada com que contribuir. Nada a oferecer. O ritmo de Nova York continuava sem ela, e ela não conseguia ouvir a batida. Não gostava de ficar na rua durante a movimentação de gente indo e voltando para o trabalho de manhã e no fim do dia porque era tão óbvio que ela não tinha lugar entre as pessoas com empregos e propósitos. Não se encaixava no final da manhã, quando as mães pegavam os filhos com as babás e levavam para aulas exclusivas de música para conhecer outras mães influentes. Não se encaixava durante a tarde, quando as babás migravam para o leste para levar as crianças para a escola na Brearley ou na Chapin e para o oeste na Nightingale e na Dalton. Não se encaixava durante a noite, quando as pessoas estavam indo para casa depois do trabalho e saindo em encontros.

Sem lugar para estar, Evelyn não queria ser vista. Recebeu um e-mail de Brooke antes de parar de checar e-mails, pedindo a pulseira de Camilla, mas o apagou. Pensou em ligar para Charlotte, mas não queria deflagrar o sermão que tinha certeza de que a esperava. Às vezes, olhava para o número de Preston, perguntava-se onde ele estava e se pensava no que sua velha amiga Evelyn andava fazendo. Os pais ligaram algumas vezes depois do incidente da estação de trem em Lake James e pareceram preocupados,

mas, quando Evelyn falou que só estava sentindo que ia desmaiar e não tinha comido o bastante, eles não perguntaram mais nada. Ela também não queria ligar para eles; supunha que o pai estivesse com raiva depois de ela ter ignorado a declaração de culpa e que a mãe só resmungaria sobre o quanto a própria vida era terrível. Ela tinha alguns amigos de plantão, o pessoal de cobrança da Barneys e da AmEx e agora do Visa, que ligavam diariamente, tentando enganá-la com ligações de números diferentes e em horários estranhos, até que Evelyn desligou o celular e soltou o telefone fixo da parede.

A vida continuaria, esse era o problema. Ela dormia até as onze, depois cochilava de tarde. À noite, ficava sentada na cama, em pânico demais para dormir porque sabia exatamente o que o dia seguinte traria, mais do mesmo, mais monotonia, e a cada dia ela ficava mais velha, a cada dia ficava mais distante do que queria ser. Às vezes, prendia o cabelo e se obrigava a ir à lanchonete velha com acesso à internet na esquina e olhava o Appointment Book, via as festas para as quais não fora convidada. Como chegou tão perto de tudo? Como abriu mão de tudo?

Indivíduos e famílias passavam por ela nas ruas, os dias seguiram como já tinham seguido muitas vezes, o funcionamento do corpo dela ficou repetitivo e inútil. Sem nada para diferenciar um dia do seguinte, a mente disparava, a cintura engrossava e o pouco dinheiro que ela obteve vendendo as roupas sumia. Ela nunca dormia a noite inteira. Despertava parcialmente, procurava a segurança do braço de Scot que não estava lá e se mexia em lençóis molhados de suor que não lavava havia semanas porque não podia mais pagar o serviço de busca domiciliar para a lavagem e não queria ter que se expor em uma lavanderia de rua.

Ela olhava pela janela para a escuridão das três da madrugada, que era cheia do tipo de silêncio que só acontece em ruas de cidade grande, com um funcionário de mercadinho gritando em coreano por cima de uma pilha de mangas e o apito de um caminhão de entrega de carne processada com a cara de um porco sorridente na lateral. A pior parte era perceber que a escuridão acabaria, porque isso significava que outro dia começaria logo. O

sol entraria pelas janelas.

Naquela manhã (ou na manhã do dia anterior, todos pareciam iguais), ela recebeu outra carta da imobiliária que cuidava do apartamento. Evelyn encontrou a carta enfiada na porta quando a abriu para levar o lixo até o corredor; não sabia havia quanto tempo estava lá, pois não conseguia se lembrar precisamente de quando tinha sido a última vez que saiu do apartamento. Dizia "Residente" no alto e parecia um processo. Evelyn se obrigou a ler e, apesar de ter dificuldade de se concentrar por tempo o suficiente para interpretar o que dizia, era a imobiliária a convocando ao tribunal na sexta seguinte para algum tipo de julgamento. Ela não tinha dinheiro para um julgamento. Pensou em ligar para o pai para pedir conselho, mas significaria ligar o telefone, e ela não queria que o pessoal do cartão de crédito conseguisse encontrá-la.

A névoa em sua mente não a deixava pensar direito. Ela releu o aviso mais duas vezes. Sexta. Se tivesse saído até lá, eles não poderiam fazer nada. Não poderiam processá-la por não aparecer em uma audiência se ela não morasse mais ali.

Era 13 de julho, e Evelyn saiu naquela sexta-feira depois de tomar banho, que era uma coisa e tanto, embora não tivesse tido energia para secar o cabelo nem prendê-lo de novo em um rabo de cavalo. Estava usando sapatilhas Delman gastas nas solas e não estava adequadamente vestida para o tempo, por ter suposto que a cidade ainda estava tão quente quanto da última vez que tinha saído. Estava frio, quase com ar de outono, apesar de ser meados de julho, e ela baixou a cabeça para bloquear o vento enquanto se apressava pela Third Avenue.

Virou à direita na 62nd Street, andando para o oeste, o local onde as melhores casas começavam. O céu estava escuro, com chuva a caminho, e ela não conseguia ver dentro das casas direito, cinza e frias do lado de fora e dentro com luzes, festas, bebidas, gargalhadas, uma pessoa de terno se movendo com determinação de uma janela à outra, a cabecinha de uma criança em um quarto

de andar de cima contando segredos para uma boneca. O destino dela era o Colony Club na esquina da Park, e ela ficou do outro lado da rua, debaixo de um andaime que pareceu providencial por poder abrigá-la.

O vento passou cortante, e Evelyn entrou atrás de um mastro quando viu uma perna, duas pernas, saltos bege, um casaco branco e o movimento de cabelo comprido e louro. Camilla saiu de um táxi e disse alguma coisa para Nick, que estava correndo atrás dela. Em seguida veio o gingado pesado de Scot, saindo do táxi depois deles. Evelyn se encolheu nas sombras, mas os dois não olharam na direção dela. Depois de dar tempo o suficiente para eles saírem do saguão, Evelyn atravessou a rua e entrou no clube.

– Com licença – falou ela para o *concierge*, que estava sentado à mesa com o quadrinho atrás e alfinetes de cores diferentes que mostravam qual membro estava em que andar, o guia para aquele mundo, o guia para o mundo que Evelyn já teve esperanças de dominar. – A festa de hoje, do aniversário de Camilla Rutherford?

– Sim, você está na lista? Seu nome, por favor.

– Não, não estou – disse Evelyn. Ela nem achava que eles a receberiam de volta ao círculo. Nem sabia se era um círculo no qual queria ser recebida novamente. Só queria explicar.

– Senhorita, se você não está na lista...

– Só me deixe entrar por um minuto, por favor.

– Me desculpe, senhorita, mas temos uma lista fechada de convidados, então, infelizmente, não posso deixar você entrar.

– Mas conheço aquelas pessoas. São minhas amigas. Foram minhas amigas.

– Se você quiser ligar para a srta. Rutherford para pedir que ela a adicione à lista, fico feliz em esperar.

Uma mulher de terninho cor-de-rosa com um colar de grandes pedras âmbar, com osteoporose tão avançada que as pedras pareciam estar empurrando o pescoço dela para o chão, passou por Evelyn.

– Oi, onde está a sra. Hudson? – perguntou ela, e o *concierge* se virou para olhar a placa de nomes.

– Ela ainda não chegou, sra. Bagley – disse ele.

– Eu não posso ligar para ela – falou Evelyn. – Quer dizer, eu posso, mas ela não vai atender. As coisas ficaram bem ruins entre nós. Já aconteceu com você? Quando as coisas parecem sair dos trilhos, e você sabe que está acontecendo, mas não sabe consertar, e só vai ficando mais e mais envolvido? – Ela percebeu que quase não falava com ninguém havia dias.

Ele deu um olhar solidário para ela, mas inclinou a cabeça na direção da saída.

– Senhorita, por gentileza, quem não é membro nem convidado não tem permissão de permanecer aqui.

A mulher de cor-de-rosa voltou.

– Não consegui encontrá-la em lugar nenhum – falou ela, olhando com irritação para Evelyn. – Tem alguma coisa errada; talvez seja amanhã, mas não posso vir amanhã, é sábado, e ela sabe que nunca janto fora no sábado. Você a viu?

Evelyn, pouco à vontade, não respondeu. A mulher saiu.

– Por favor – pediu o *concierge*, indicando a porta, sem dar indicação de que algo de diferente tinha acabado de acontecer.

Evelyn enfiou a mão no bolso e começou a dizer:

– Você poderia então...

Mas o *concierge* estava atendendo a uma ligação telefônica. Evelyn saiu do clube, congelando por causa do ar-condicionado do Colony, e sentiu o vento aumentar.

Ela sentiu o cheiro dele antes de vê-lo, notas intensas de perfume químico, resina e o aroma de algo envolto em couro preto.

– Beegs, e aí? – falou Phil Giamatti.

– Phil – disse ela com voz fraca. Era o banqueiro envernizado que ela viu pela última vez em Sheffield-Enfield antes de aquilo tudo acontecer.

– Você vai entrar? Está frio aqui fora – comentou ele, dando um tapinha no ombro dela.

– O que você está fazendo aqui?

– Querem que minha firma invista no fundo. Junto com minhas excelentes habilidades festeiras.

– Que fundo?

– De Nick Geary. E de um cara que trabalhava com Greenbaum

na Morgan.

- Scot? Tannauer? – perguntou Evelyn.
- Acho que é.
- Você conhece Nick e Scot?
- Eu trago o dinheiro, gata. – Ele esfregou o polegar no indicador. – Meu antigo chefe na Bear entrou como investidor e achou que eu também devia entrar logo.
- Eles estão abrindo um fundo?
- O que você achou que estava acontecendo aqui?
- Achei que fosse a festa de aniversário de Camilla Rutherford.
- É, tem uma festa de uma garota misturada também. A vida social e a de negócios se misturam hoje em dia, não sabia? O fundo vai ser Q-U-E-N-T-E. A visão deles é que o mercado de hipotecas vai implodir. Acho que estão tentando envolver viúvas ricas nisso, sei lá.

Evelyn balançou a cabeça.

- Tem... Eu quero... Posso entrar como sua convidada?
- Como minha convidada? – Ele deu um tapinha na barriga.
- Por favor. Diga ao *concierge* que estou com você. Vou entrar e sair em vinte minutos.
- Minha acompanhante chega a qualquer momento. Não vai rolar, Beegs.
- Eu só quero... eles eram meus amigos – falou Evelyn em tom de súplica.

– Nunca achei que veria o dia em que Beegan imploraria para mim – afirmou Phil com uma gargalhada. – Não está na lista de convidados? O que você fez?

Evelyn viu uma pessoa com passos firmes descendo a rua e reconheceu Souse.

- Phil – disse ela, segurando a mão dele. Ela tirou a pulseira do Racquet Club de Camilla do bolso. – Entregue isso para Camilla por mim. Por favor.
- O que é isso?
- Uma coisa que era dela e eu tentei pegar. É uma longa história. Por favor, só entregue a ela.
- O que digo para ela?

– Diga... – Souse estava se aproximando pela calçada em velocidade alarmante. Evelyn virou a cabeça de Souse para Phil e apertou a pulseira com força na mão grossa dele. – Diga que sinto muito. Diga que eu...

– Que você o quê?

– Que eu me perdi. Diga para ela que eu me perdi.

– Você se perdeu? – perguntou Phil.

Mas Evelyn se virou e saiu correndo, com as sapatilhas batendo forte no chão, correndo e correndo pelas luzes, buzinas e pelas pessoas. O céu estava azul e preto; os nova-iorquinos já estavam abrindo os guarda-chuvas em expectativa pelas primeiras gotas. Em pouco tempo, caíria uma chuva com tanta força que machucaria. Um vento forte levantava terra das ruas e a jogava nos tornozelos dos pedestres junto com folhas e embalagens de chiclete. O vento assobiou e sacudiu galhos de árvores, e os turistas alheios continuaram seguindo seus caminhos turísticos enquanto os locais, que sabiam o que estava chegando, se reuniam debaixo de toldos e atrás de pedaços de plástico verticais que protegiam as frutas na frente de alguns mercadinhos, olhando uns para os outros e para o céu agitado para avaliar quanto tempo tinham. Alguns seguiram em frente, brigando com os guarda-chuvas comprados na estação do metrô dos nigerianos que sentiam a chuva antes de qualquer pessoa. Uma única gota de água fria explodiu no rosto de Evelyn, e outra a acertou no joelho. Tudo ficou preto e a chuva caiu com um estrondo, batendo nela com força, e o vestido encharcado grudou nas pernas e os sapatos se encheram de água. Ela continuou correndo. Às vezes, se virava, quando chegava a um sinal de trânsito, e várias vezes se chocou com pessoas que também estavam correndo da chuva, pedia desculpas e seguia em frente.

Ela tinha gotas grandes de água nas pálpebras quando parou. Não sabia por quanto tempo correu nem em que parte da cidade estava. Debruçou-se com as mãos nas pernas para recuperar o fôlego. Precisava usar o banheiro. Precisava se secar. Olhou para a rua escura: um salão de manicures fechado, um restaurante de falafel aberto, uma porta vermelha com letreiro de néon acima. Um

bar. Estava ótimo. Ela abriu a porta vermelha.

O calor e a música foram percebidos por ela na mesma hora. Conhecia as notas. Sondheim. Era a estrofe de... sim, agora a voz intensa de um homem estava cantando, e era "The Ladies Who Lunch". Os olhos dela se ajustaram ao aposento abaixo. Era pequeno e forrado de madeira, como se alguém tivesse pegado um restaurante de frutos do mar da Pearl Street dos anos 1700 e largado ali onde ela estava, em algum lugar de Midtown. Luzes de Natal cobriam o teto, embora fosse julho. Havia um barman e um pequeno amontoado de pessoas em bancos ao redor de um piano, com um bar em volta, onde um homem de cabelo ruivo e de óculos estava tocando.

O cantor era gorducho, de rosto inchado, com mãos pequenas unidas, e usava um suéter marrom gasto, o tipo de homem que Evelyn não teria visto na rua se passasse por ele, mas os olhos eram brilhantes e ele tinha um sorriso gentil enquanto tocava a música. Ela se imaginou estar soltando vapor naquele lugar quente, mas ficou no alto da escada, sem querer ir embora, mas sem querer interromper a cantoria com sua chegada. Quando pensou nas primeiras notas da estrofe seguinte, a música parou.

– Uma cliente! – gritou o pianista.

– Uma cliente! – ecoou o cantor de Sondheim.

Ela deu um passo para trás.

– Não, não, não, não, não, não, não – berrou o pianista. – Você! Entre! – Ele tocou um acorde, Ré 7º dominante, um acorde de expectativas.

– Eu? – perguntou ela.

– Não fique aí pingando. Não estamos interessados em garotas molhadas, estamos, rapazes? – Ele tocou um Sol maior, o fechamento do Ré anterior, enquanto as pessoas ao redor do piano riam. – Venha. Aqui, as garotas são bonitas. Até a orquestra é bonita... – Agora, ele estava tocando as notas de abertura de "Cabaret".

Ela deu alguns passos hesitantes até o piso de madeira.

– Ele ladra, mas não morde – disse o cantor de Sondheim.

– Minha mordida é deliciosa – protestou o pianista, com as mãos

pulando pelo teclado com os acordes de “The Ladies Who Lunch”.

– Você sabe a letra? – perguntou um homem com rosto comprido e simpático, usando um boné antiquado de *tweed*.

– Pode se sentar ao piano se souber a letra – disse o pianista. – Se não souber, vamos banir você para o cantinho, onde se sentam os héteros e os turistas.

Ela olhou ao redor, mas não havia nenhum hétero ou turista por perto. Ela respirou fundo.

– Eu sei a letra – afirmou ela.

– Ela sabe a letra! – repetiu o cantor de Sondheim.

– Ela sabe a letra! – ecoou o pianista. – Você pode ficar aqui, ao lado do menino bonito número três. – Era um homem de cabelo castanho com camisa roxa quadriculada, calça arrumada e óculos, tomando um *gimlet*. – Não se esqueça de dar gorjeta aos criados, e aceite pedidos se você os fizer com educação e disser “por favor”. Não pingue no piano. Vamos começar da próxima estrofe, pessoal.

Ela sabia a letra e, pela primeira vez, não se importou se a voz não era boa. Queria cantar, e participou com seu soprano. Tinha visto *Company* em uma produção com a Baltimore Symphony Orchestra e achou comovente ver o protagonista tentar e não conseguir estabelecer um vínculo. Ficou intrigada com “The Ladies Who Lunch” em particular, que detonava um grupo de mulheres de Nova York atrás de outro: as garotas que bancam a esposa, as garotas que bancam a inteligente. “Mas não estavam todas se esforçando?”, Evelyn pensou enquanto avaliava a letra, sentindo a madeira marcada da bancada do bar com o indicador. “Indo a museus ou fazendo jantares para os maridos ou relaxadas fazendo comentários sarcásticos, não estavam todas tentando sobreviver em Nova York?”

Só ela, o cantor de Sondheim e o cara de boné de *tweed* estavam cantando a terceira estrofe. Um sorria para ela, o outro assentia para indicar o próximo verso, e, quando ela se perdia, pensando em Preston ou Scot ou Camilla, eles erguiam as vozes um pouco e seguiam em frente. O grupo entrou na estrofe final. Quando o fim da música chegou, para a surpresa dela, todos os homens ao redor do piano ficaram de pé, bateram os copos e

gritaram:

– “Everybody rise! Rise! Rise! Rise! Riiiiise!”

Em seguida, fez-se silêncio.

– Você está muito molhada – comentou o pianista. – Acho que você não ia querer tocar nos panos de prato daqui do bar. Por que você não...?

– Banheiro? – perguntou Evelyn.

– Lá embaixo.

O espelho do banheiro tinha iniciais e desenhos impressionantes entalhados, mas Evelyn ainda conseguia se ver muito bem. As palavras finais de “The Ladies Who Lunch” ficavam se repetindo na cabeça dela. Todos de pé, todos de pé, todos de pé. Lá em cima, lá fora, em todas as ruas e em todas as avenidas de Manhattan, todo mundo estava se erguendo em uma maré de dinheiro e ambição, nadando freneticamente e tentando não se afogar. E ela? Ela não tinha nem mais energia para percorrer a água.

Quando ela subiu, os homens estavam cantando “Skid Row”, de *Pequena loja dos horrores*, e ela comprou duas cervejas de uma vez com os 20 dólares molhados que tinha no bolso, um dos resquícios do dinheiro que recebeu do brechó. Ela se permitiu mais algumas músicas ao redor do piano enquanto bebia, “Try to Remember” e outra música de Sondheim, “Being Alive”. A letra e a música a permitiram ficar parada só por um momento, enquanto o salão brilhava em vermelho das luzes de Natal e do couro vermelho rachado dos bancos. O cantor de Sondheim com suéter marrom subiu a voz, e ela conseguia ver o apartamento triste em que ele devia morar, com o aquecedor velho estalando com meias molhadas secando em cima e o piso de madeira tão torto que qualquer botão que caísse de um cardigã escorregaria para um canto da sala. Não a vida que ele imaginava que teria quando veio para Nova York com aquela linda voz. Talvez também não a vida que ela imaginou, pensou ela, ao botar os lábios no gargalo da garrafa fria de cerveja. Ela tentou. Ela lutou. E perdeu.

Sentiu-se tomada de cansaço. Fez um pedido final, de “Corner of the Sky”, e colocou seus últimos 2 dólares no jarro do pianista, lembrando-se de pedir “por favor”. Recuou na direção da porta

enquanto, cantou bem baixo, até demais para qualquer pessoa ouvir:

– “Don’t ask where I’m going; just listen when I’m gone.”¹

Ela saiu pela porta sem ninguém perceber.

¹ “Não me pergunte aonde eu vou; apenas ouça quando eu for embora.” (N. da R.)

29

MARINA AIR

— Evelyn. – Barbara não se virou da posição na frente da máquina de café. – Você acordou cedo.

– Acordei.

O relógio do micro-ondas indicava 6h05.

A única luz no apartamento vinha da lâmpada fraca debaixo do micro-ondas. Estava escuro, e o moletom da Sheffield que ela tinha tirado da caixa marcada ROUPAS – EVELYN estava do avesso e com cheiro de madeira. Do lado de fora, no estacionamento do Marina Air, um carro cantou pneu.

No dia anterior, depois do trajeto de trem, de ônibus e de táxi de Nova York até Sag Neck, ela chegou em casa e viu que estava tão vazia quanto o apartamento no Petit Trianon que deixou para trás, só com bolas de poeira e fios aparecendo. Havia retângulos claros na madeira onde os tapetes ficavam e cabelo e detritos de poeira onde o relógio de piso, a mesinha de chá e o divã estavam antes. O quarto de Evelyn tinha um saco de dormir enrolado e uma caixa de sapatos cheia de espelinhos velhos e protetores labiais gastos que devem ter reaparecido em alguma gaveta de banheiro. Ela olhou para o pátio da frente, e foi quando viu a placa de À VENDA – VENDIDA.

Seu pai entrou pela porta pouco depois. Parecia encolhido sobre si mesmo, como um balão do Snoopy depois do desfile do Dia de Ação de Graças da Macy's, e quase gritou quando viu Evelyn no alto da escada. Eles estavam constrangidos um perto do outro, o pai sem perguntar o que ela estava fazendo ali, ela sem falar sobre o que tinha acontecido em sua vida. Ele tentou recuperar parte da

antiga alegria, dizendo que o tempo estava bom e que a mãe já estava se acomodando no apartamento no Marina Air. Ele ficou surpreso de Evelyn não saber o que era: o apartamento que eles alugaram nos arredores da cidade.

Ele a levou até o Marina Air naquela noite, um apartamento de dois andares com escada externa e corredores externos localizada onde a Main Street dava lugar à Route 33. Evelyn achou que devia ser um motel antes de ser convertido em apartamentos de aluguel para pais divorciados. Barbara estava no apartamento 2L, um buraco escuro de quatro aposentos, abrindo caixas.

– O que você está fazendo aqui, Evelyn? – perguntou Barbara. Ela também parecia não dormir havia muito tempo.

– Eu saí de Nova York – disse Evelyn. – Não avisei antes... Eu só... Me desculpe.

– Foi embora de Nova York? E por que você faria isso?

– Eu saí... – repetiu ela com voz baixa.

Dale indicou que ela devia se sentar no sofá, que ocupava boa parte da sala de estar e jantar.

– É por causa do caso? – perguntou ele. – Aprecio sua visita, mas não há necessidade de vir morar aqui.

– Sim. Não. – Evelyn continuou de pé. – Fui despejada do meu apartamento, ou acho que seria se tivesse ficado. Perdi meu emprego. Perdi meus amigos.

Dale pensou nisso enquanto Barbara afundava em uma cadeira no canto, olhando para o outro lado.

– Tudo bem. Está tudo bem, Evelyn. As pessoas se metem em confusão – disse Dale.

– Eu estava tentando consertar tudo. Fui tentar consertar tudo meio tarde demais, mas pelo menos eu tentei. Eu estava sempre tentando – explicou Evelyn. Ela olhou para o pai, que estava sentado no braço do sofá. – Assim, eu posso estar aqui quando sair a pena. Isso é bom. Eu não queria que chegasse nisso. Fiquei sem dinheiro e fiz o que achei que era o melhor. Talvez não tenha sido. Eu só estava tentando sobreviver.

– Está tudo bem – repetiu o pai, entrelaçando os dedos. – Está tudo bem.

A mãe ficou na cadeira, e o pai finalmente deu um beijo na testa dela e disse que ela sempre era bem-vinda, o que foi uma gentileza inesperada. Evelyn foi até o pequeno quarto que Dale disse que era para ser o escritório/quarto de hóspedes/quarto dela, onde um pôster emoldurado de Georgia O'Keeffe que comprou no bazar da Sheffield no primeiro ano, antes de aprender que tudo de Georgia O'Keeffe era basicamente vaginas, estava meio torto. Evelyn se perguntou se foi o pai ou a mãe que tinha pendurado o pôster.

O quarto tinha cheiro de cachaça e plástico chinês. Evelyn teve sono leve e estava acordada havia uma hora na manhã escura antes de ir falar com a mãe. Barbara ainda parecia derrotada, mas pelo menos estava falando.

– Precisa de ajuda com a cafeteira? – perguntou Evelyn.

Barbara abriu o suporte do filtro e o fechou, depois apertou alguns botões.

– Seu pai sempre fez o café.

– Quando ele vem morar aqui?

– Não sei o que você quer dizer.

– Quando ele concluir as coisas em Sag Neck?

– Ele está concluindo as coisas em Sag Neck? – Esse era um dos jogos favoritos de réplica de Barbara, confusão fingida.

– Acho que está, mãe. Não sei. Não estou com humor para lidar com isso. Ele está esperando para se mudar para cá depois do julgamento?

– O que você quer dizer?

– Estou perguntando se ele irá se mudar para cá depois do julgamento? Temos que fazer isso?

– Fazer o quê?

– Mãe.

– O quê? – respondeu Barbara com voz distante, como se Evelyn estivesse perguntando sobre a disponibilidade das quadras de tênis no Eastern Club.

– Papai não está morando aqui?

– Não.

– Nem planejando?

– Não sei dizer.

– Mas você está? Aqui?
– Evidentemente.
– Mas Sag Neck foi vendida.
– Estou ciente de que foi vendida, Evelyn.
– Eu achei que ele viria para cá antes de ter que ir para a prisão, se ele tiver que ir. Achei que estava temporariamente em Sag Neck. Tem lugar para ele aqui, certo?

– Vamos caber todos neste apartamento horrível? A água entra nessa máquina automaticamente?

Evelyn passou a mão pelo cabelo.

– Posso pegar a chave do carro?

– São 6h15 da manhã.

– Eu sei. Volto mais tarde. Posso pegar?

– Do lado da porta.

Evelyn não trocou de roupa nem escovou os dentes; só pegou a chave e saiu para o ar matinal de chinelos e moletom. Em Sag Neck, ouviu o pai mexendo em alguma coisa lá em cima.

– Olá!

– Pai?

– Evelyn. O que você está fazendo aqui?

– Pensei em fazer seu café da manhã. Você precisa se alimentar, certo?

Ela mostrou a sacola da loja de conveniência em que parou no caminho após encontrar 5 dólares em uma gaveta de tralhas no Marina Air. Ela preparou cereal de milho com leite para ele. Perguntou-se quanto tempo ele ficou ali sozinho, andando pelo que eram aposentos mobiliados, aposentos onde sua família morava. Não conseguia falar isso, mas deu um tapinha no ombro dele quando ele terminou.

Para passar o tempo, Evelyn planejou duas tarefas por dia. Na segunda: organizar o banheiro do Marina Air e fazer pizzas de pãozinho inglês em Sag Neck para o jantar dela e do pai. Na terça: ajudar o pai a arrumar os livros e levar as caixas para o depósito. Na quarta: ir à lavanderia e usar a internet na biblioteca Jeremiah

Regis na Main Street. Ela entrou no People Like Us e viu que tinha sido reformulado e dava descontos para ingressos de eventos esportivos na página inicial; procurou o perfil de Camilla, mas tinha sido desativado. Sua caixa de e-mail tinha promoções do DailyCandy, uma liquidação da Theory e uma proposta de entradas para o baile de gala de outono do American Ballet Theater. Seu vendedor na Céline mandou um e-mail perguntando por que ela não ia lá havia um tempo. Mas, fora um e-mail de uma ex-aluna da Sheffield perguntando se ela podia ajudar com um evento telefônico de arrecadação, não havia um único e-mail pessoal, nem dos antigos amigos perguntando por onde ela andava e se estava bem. A cidade de Nova York, além de continuar bem sem ela, nem reparou que tinha ido embora.

Ela voltou para casa e encontrou a mãe grudada na TV, vendo um programa sobre vestidos de noiva. Era uma hora, e a tarde se arrastou como um caramelo puxa-puxa. A mãe estava sentada com a boca parcialmente aberta, como se não tivesse energia para fechá-la, enquanto um homem na tela dizia para uma mulher baixa usando vestido de saia ampla que ela parecia uma noiva criança.

– Volto em duas horas – avisou Evelyn para a mãe, que não ergueu o rosto.

Ela foi para a biblioteca Regis e descobriu informações sobre uma firma de empregos temporários em Baltimore. Talvez não fosse tão ruim, disse para si mesma. Talvez uma firma de advocacia ou um banco precisassem de uma funcionária temporária, e ela podia ter um escritório com porta e blocos de papel. Mas, na hora marcada na semana seguinte, ouviu que não era uma candidata adequada a trabalho temporário. O entrevistador a mandou sentar em frente a um computador oleoso com o *g* e o *h* apagados no teclado para testar as habilidades dela. O programa parecia ser dos anos 1980 e apitava como um jogo russo a cada escolha errada de formatação enquanto ela escrevia uma carta comercial. Quando clicava para apagar, frustrada, o programa apitava de novo, fazendo-a entrar em pânico. No final, o entrevistador, cruzando os braços, sugeriu que ela poderia ser mais competitiva no mercado se fizesse um curso de digitação em uma escola de secretariado.

Na volta para casa, pela poeira marrom e terreno plano, enquanto os outdoors vazios e com beiradas descascando ficaram em quantidade grande demais, ela bateu com a mão no volante. “Escola de secretariado?”, sentiu vontade de gritar. “Estudei na Sheffield. Já estive na fotografia principal do Appointment Book. Sou alguém. Fui alguém.”

Mas, três dias depois, a depressão de Barbara cobriu o apartamento como uma versão gigantesca do protetor de olhos que a mãe tinha começado a usar, e Evelyn decidiu que tinha que sair e ganhar dinheiro. Não havia escola de secretariado em Bibville, mas havia lojas. Ela revisou mentalmente as lojas na Main Street. A nova loja de vinhos? Ainda não conseguia entender os Cabernet, e eles provavelmente a rejeitariam, como a agência de empregos temporários. Tinha a Bali High, mas ela não conseguia se ver vendendo bem saias de batik. O Caffeteria, no porto, não era a pior das ideias. Jane, sua amiga de verão, trabalhou lá no ensino médio e gostou bastante; as gorjetas eram surpreendentemente boas para um café cuja comida se resumia a bolinhos e salada de atum em pão industrializado.

Quando andou até o porto, o Caffeteria estava tranquilo no clima do começo da tarde, com as janelas fechadas e uma placa de *FECHE A PORTA, ESTÁ QUENTE LÁ FORA!* na porta, que era grossa por causa de várias gerações de tinta. Lugares assim não colocavam cartazes dizendo *PRECISAMOS DE FUNCIONÁRIOS* quando estavam procurando alguém? Ela abriu a porta e um sino tocou, e, atrás da bancada, um homem com barba grisalha e óculos sem aros e a concentração alegre de um esquilo olhou. Ele pareceu familiar; Evelyn se lembrava de ele ser rigoroso sobre não ser permitido encher novamente o copo de café gelado nos verões do ensino médio.

– Oi – disse ela.

– Oi, o que deseja? – perguntou ele, sacudindo o jornal, o *Bibville Tattle*.

– Na verdade... eu queria saber se você tem alguma vaga de emprego. Aqui. Para eu trabalhar aqui.

Ele dobrou o *Tattle* e esticou a dobra.

– Acabei de voltar de Nova York e estou acostumada com

movimento – falou ela, mas soou meio ridículo. – Hã, e posso trabalhar em qualquer horário que você precisar. Moro aqui perto e topo qualquer coisa, ainda que de último minuto, ou se alguém não aparecer.

Ele coçou o nariz.

– Quem é você?

Ela não sabia o que ele queria ouvir, então deu várias respostas.

– Bem, nasci perto de Washington, mas cresci em Bibville, em Meetinghouse Creek, e minha família, minha mãe, na verdade, acabou de se mudar para cá, nós vendemos nossa casa, foi uma coisa meio complicada, então estamos aqui no começo da Main, perto do parque. Perto do Sunoco. Eu morei em Nova York até julho, mas tinha que resolver umas coisas de família aqui, então vim para cá. Minha amiga Jane trabalhou aqui um verão, em 1996, eu acho, quando vocês eram o Early Roost, e gostou bastante. É isso.

– Eu queria saber seu nome.

– Ah! Ah. Evelyn. Beegan.

– Evelyn. Sou Rick. Não vou apertar sua mão. Fiscais sanitários podem estar olhando. Você tem experiência?

– Trabalhei em um café em... – Ela parou. Se fingisse que sabia como uma máquina comercial de *espresso* funcionava, acabaria borrifando vapor e leite em si mesma e perdendo o emprego. – Não – confessou em voz baixa. – Mas posso aprender.

Rick colocou o jornal na bancada em alinhamento paralelo com as bordas. Entrelaçou as mãos, coçou o queixo e ficou olhando para Evelyn como se estivesse esperando um sinal. Em seguida, com a mensagem aparentemente transmitida, ele bateu palmas uma vez.

– Bem, Evelyn, precisamos contratar alguém para o outono, pois um dos nossos funcionários vai começar a estudar em Cheaspeake, mas você não vai começar no topo.

– Certo. Não, eu entendo. Tudo bem.

– Você não vai tocar nessa belezinha – ele apontou para a máquina prateada de *espresso* – enquanto eu não disser que pode. Você pode fazer as bebidas frias e o serviço básico de comidas e

limpeza, e, quando falo limpeza, estou falando de limpeza, com esfregão e tudo.

– Eu sei limpar – disse Evelyn, mas saiu como se ela estivesse fazendo uma pergunta a si mesma.

– Pagamos salário-mínimo aqui. Vão ser 9 dólares por hora no começo, mais as gorjetas.

“Como 9 dólares a hora podem ser salário-mínimo?”, perguntou-se ela.

– Venha na sexta às seis, e Mila vai mostrar como as coisas funcionam. Se não aparecer, está despedida. Se aparecer bêbada, está despedida. Certo?

– As pessoas aparecem bêbadas às seis da manhã?

– Você ficaria surpresa.

Rick pegou o *Tattle*, lambeu o dedo e, com um sacolejar brusco, fez a página de esportes se materializar à frente. Evelyn esperou, perguntando-se se ele lhe daria uma carta ou mandaria que assinasse alguma coisa, mas Rick estava absorto no jornal. Ela limpou a garganta, e ele olhou.

– Me desculpe... então... consegui o emprego?

Ele assentiu e virou a página.

Para não o incomodar e não fazer com que mudasse de ideia, ela abriu a porta de forma delicada e o sino quase não se mexeu. Ela se virou para olhar o letreiro do Caffeiteria, em letra cursiva com um ponto de exclamação. Nove dólares por hora. Em Nova York, ela jogou fora algumas vezes notas de dólar que recebeu molhadas ou amassadas demais porque sentiu nojo, e agora começaria a trabalhar por 9 dólares a hora. Ela voltou para o Marina Air e subiu a escada externa.

O apartamento estava escuro e com as janelas fechadas quando ela voltou, e estava com um cheiro azedo. A porta de Barbara estava fechada. Evelyn foi até a janela da sala com vista para o beco e puxou a cordinha para subir a persiana. Abriu a janela e foi à cozinha para abrir o pequeno basculante de lá, para dar ao lugar um pouco de luz natural e ar e sons externos. Ela abriu uma fresta da porta, deixando entrar uma brisa leve.

Na manhã de sexta, depois que o despertador tocou no horário

inacreditável de 4h45 da madrugada, ela quase se atrasou porque ficou mudando a roupa, por nunca ter reparado no que as pessoas que trabalham em cafés usam. A sensação de tomar banho e se vestir para o trabalho foi boa, e ela escolheu um vestido branco reto e sandálias com saltinhos baixos. Quando chegou à Main Street, o calçado já estava machucando, e ficar de pé sobre aqueles saltos durante toda a manhã foi uma tortura.

Mia estava usando calça preta, tamancos, um gorro tricotado e tinha piercing no nariz, e ficou obviamente irritada de Evelyn ser tão despreparada a ponto de nem reparar que devia cobrir o cabelo. Mia deu a ela uma escolha entre rede descartável ou pano de prato na cabeça; Evelyn escolheu a segunda opção e achou que, junto com o vestido branco, parecia uma enfermeira maluca do meio do século. Mia a ensinou a moer grãos de café, e Evelyn derramou grãos moídos por todo o vestido branco e descobriu que tentar limpar o pó só aumentava a sujeira, e teve vontade de jogar os grãos na parede e voltar correndo para casa, mas voltar para casa queria dizer Barbara no escuro. Evelyn aguentou seu turno de trabalho e saiu mancando pela Main Street quando acabou. O pé esquerdo estava sangrando quando chegou em casa.

No quarto, pegou o vidro de Perles de Lalique e passou o polegar pelo vidro liso e pela tampa com pedras. Borrifou um pouco nos pulsos e na parte de trás do pescoço, e sentiu o aroma das notas de pimenta e rosas secas que o perfume sempre liberava primeiro. Algumas gotas hesitantes de chuva bateram na janela. Ela quase poderia estar de volta em Nova York, longe do Marina Air e de tudo aquilo. O iPod estava na mesa de cabeceira, e ela o pegou e colocou Judy Holliday.

– “They’ve burst your pretty balloon and taken the moon away”²
– cantou Evelyn, movendo os lábios, junto com Judy. Ela fechou os olhos e cheirou os pulsos.

Alguém no café naquela manhã tinha mencionado que o mercado de ações estava indo cada vez mais alto e que Nova York estava comemorando. Ela se perguntou se também estava chovendo lá. Conseguia ver o que todos os amigos estariam fazendo. No Greenwich Village, Nick estaria andando pela Barrow Street,

pensando com alegria no fundo que tinha com Scot. Quando um carro passasse, Nick pularia em um degrau de entrada de casa com a precisão de um bailarino, sentindo o exato momento em que deveria se mover, na hora em que um jato de água na altura da coxa batesse na mulher andando atrás dele. A mulher, pingando, soltaria o guarda-chuva preto barato, com as pontas de metal se projetando como um braço robô ferido, um dispositivo incapaz de aguentar mesmo uma única tempestade de Nova York.

Na sala, Camilla, tendo chegado em casa após a consulta de reflexologia marcada ao primeiro sinal de chuva, estaria tomando uma xícara de chá e olhando para o zoológico do Central Park abaixo. O canal Styel, que passava desfiles de moda, talvez mencionasse o mercado de ações, e, se mencionasse, Camilla desligaria a TV. Que importância as flutuações do mercado de ações tinham para Camilla?

Scot era fácil: ele estaria trabalhando em seu fundo de alto risco, fosse lá como um escritório de fundo de alto risco funcionasse, fazendo o que as pessoas de fundo de alto risco faziam. Ganhando dinheiro. Fazendo pesquisa. Ficando frustrado por Nick nunca aparecer lá. Pronto e pronto, como Preston dizia.

Charlotte também era fácil: ela estaria em uma sala de reuniões cheia de advogados e jamais saberia que choveu. Não iria embora do trabalho naquela noite e não dormiria nem oito horas durante os três dias seguintes, pois o chefe teria dito que eles não podiam controlar os horários dos mercados e, se eles não fechassem o negócio até o final da semana, o negócio não seria concretizado.

Preston, onde estava Preston? Ele tentou ser um amigo leal a ela, avisá-la sobre os perigos do círculo no qual ela estava tentando entrar, das pessoas de quem ela estava tentando ficar amiga: Bridie Harley, Gemma Lavalley e, sim, Camilla Rutherford. Ela retribuiu o destratando, fazendo-o sentir que não podia contar nem com os amigos.

Ela queria imaginar Preston feliz, então o colocou no Greenwich Country Club no oitavo buraco de um jogo de golfe, alinhando cuidadosamente o taco com a bola, querendo chegar ao nono buraco antes de a chuva chegar a Greenwich. Uma batida, um

arco, e a bola dele cairia lindamente na grama. Ele provavelmente usaria a alta do mercado de ações para comprar mais apartamentos na Flórida ou seja lá o que ele fizesse como trabalho. Ele entraria no clube assim que a chuva começasse, colocaria os tacos no armário e calçaria novamente os mocassins, depois se sentaria com um copo de gim e arrancaria a polpa da rodela de limão enquanto via pela janela do clube a chuva escurecer o campo de golfe. Ele estava solitário? Estava feliz? E saberia a diferença?

O despertador tocou na manhã seguinte novamente às 4h45. Evelyn se levantou e andou até o trabalho com pernas doloridas e bolhas nos pés, desta vez usando uma camisa escura e sapatilhas. Mia a promoveu a escrever recibos e enfiar em um espeto depois de algumas horas, e o café ficou tão cheio no sábado que ela nem teve tempo de pensar sobre Nova York nem sobre o Marina Air. Estava ocupada demais pegando bolinhos e entregando troco e levando pedidos de café. No domingo, o emprego já tinha algumas partes divertidas. Como Mia não gostava de falar com os clientes, Evelyn assumiu esse serviço. Havia um passeador de cachorros com um cliente, Hootenanny, uma terrier com bigodes cinza imponentes, que tinha começado a mancar, mas os donos estavam em Hong Kong por duas semanas, e o passeador não sabia se devia levá-la ao veterinário. Outro cara usava óculos rosados que pareciam retirados do departamento feminino da Legião da Boa Vontade. Ele tinha um emprego no Maryland Upper Shore Transit que exigia que ficasse de pé no ponto de ônibus na esquina da Bay com a Main e escrevesse em um bloco a cada vez que o ônibus passasse, depois que atravessasse a rua para ver o ônibus que seguia na direção oposta e escrevesse alguma outra coisa lá. Ele gostava do café com três pacotinhos de adoçante Sweet’N Lows, extraquente (o que queria dizer, Mia explicou, que ela devia colocar por quinze segundos no micro-ondas, mas sem deixar o cliente ver que esse era o truque).

No final da primeira semana completa, Rick deu a ela um envelope com um cheque pelo salário e uma pilha de notas que era

a parte dela nas gorjetas. Ela colocou no fundo da bolsa e verificava se ainda estava lá sempre que passava pela bolsa no trabalho. No caminho de casa, depositou o cheque na conta-corrente. A tela do caixa eletrônico exibiu: "Saldo atual: U\$ 315,19." Era a primeira vez que ela ia a um caixa eletrônico desde Lake James, e ver que tinha conseguido modificar o saldo com a semana de trabalho a fez dar um sorrisinho para a tela azul.

Ela estava lendo um exemplar da época da Sheffield de *Soberba*, com suas antigas anotações feitas nas margens, quando ouviu o som da porta e sua mãe entrou, segurando um saco do McDonald's. (Depois de nunca ter experimentado *fast-food* quando morava em Sag Neck, Barbara descobriu que gostava bastante de McFish.)

– Você chegou – disse Barbara. Estava usando um quimono longo preto com pequenas casinhas de chá bordadas. Evelyn torcia para que ela tivesse usado o *drive-thru*. – Pode botar a mesa.

Babs ia comer uma coisa feita em fritura de submersão, empacotada em papelão e entregue por uma janela com vidro à prova de balas, mas não se rebaixaria a usar guardanapos de papel, o que fez Evelyn sorrir um pouco. Ela se levantou e colocou os guardanapos de pano, e os talheres e os pratos na mesa.

– Você não está querendo saber onde andei nessa última semana? – perguntou Evelyn.

– Não sei. Tem um monte de coisas acontecendo sobre as quais nem sei. – Barbara estava inerte. Ela se sentou e colocou o guardanapo no colo, depois empurrou um hambúrguer morno para Evelyn.

– Estou trabalhando. Tenho um emprego. No Caffeiteria. No píer, o café bonitinho que tem lá. Com limonada gostosa, sabe?

Barbara pegou a faca e o garfo e cortou uma fatia do hambúrguer de peixe. Mastigou e engoliu tão devagar que Evelyn praticamente conseguia ver a comida descendo pela garganta dela.

– Então – Evelyn tentou de novo. – Estou guardando um dinheiro, na verdade.

– Seu hambúrguer está esfriando – respondeu Barbara.

O telefone fixo tocou, dando um susto nas duas, pois ninguém

além de gente de telemarketing em busca de conversas desagradáveis ligava.

– E então? Pode ser importante – disse Barbara, limpando molho tártaro da boca.

Evelyn atendeu e, antes que pudesse dizer “alô”, a voz do outro lado começou a tagarelar.

– Alô! Estou procurando Evelyn Beegan e espero estar com o número certo.

– Este número é novo – falou Evelyn.

– É a Evelyn? Evelyn, é Becky Breen, Becky Aquino antes, da Sheffield. Faz um tempão.

Evelyn não conseguia se lembrar do rosto de Becky, mas lembrava que ela tinha sido presidente da Sociedade Demóstenes, o grupo de grego clássico, e fez um discurso infinito na reunião no último ano, em suposto grego clássico.

– E também não é listado – completou Evelyn.

– Ah, Sheffield não está entre os colégios internos que deixam que as pessoas sumam, feliz ou infelizmente. Agora, escute, quero falar com você sobre suas doações. Como você sabe, nossa turma está no meio de uma movimentação de arrecadação de fundos e estamos tão perto de vencer a turma de 1987...

– Falando sério, ninguém sabe que esse número é meu. A máfia está do lado de vocês?

Becky riu.

– Estamos falando do comitê de desenvolvimento de um colégio interno. Somos melhores do que a máfia. Lembra-se de Panupong Pradchaphet, da Tailândia? Chegou no último ano, saiu depois de um semestre? Nós o encontramos nos Emirados Árabes.

– Conseguiu uma doação dele?

– Sempre conseguimos.

– Legal. E o que tem aí no livro para mim?

– Perdão?

– No livro. Já fiz arrecadação para Sheffield. Sei que você recebe um livrinho que fala do histórico e do potencial de doação de todo mundo. O que tem sobre mim no livro?

– Infelizmente, não posso contar...

– Becky, você acabou de me contar que Panupong Pradchaphet está morando nos Emirados Árabes, o que já é uma violação das regras. Pare com isso. Quero saber o que o livro diz sobre mim. O que diz? Pode deixar que eu começo. Evelyn Topfer Beegan, 98, alojamento Beardsley, residência...

– Hã, Le Petit Trianon.

– E meu emprego?

– People Like Us. Diretora de associados.

– Qual é seu objetivo para mim este ano? Eu dei o quê, uns mil ano passado?

– Ah, claro que ficamos felizes com qualquer coisa que você queira doar, mas se quiser pensar em entrar para a Rising Gryphon Society e subir para 2.500 dólares...

– Evelyn! – Barbara, que pareceu semiadormecida por semanas, agora estava alerta, balançando os braços freneticamente para Evelyn parar.

Evelyn cobriu o telefone.

– O quê?

– Quem está ao telefone?

– Sheffield. Do núcleo de ex-alunos.

– O que querem?

– Uma doação. Estou prestes a dizer que estão procurando no lugar errado.

– Não diga isso, Evelyn. Não há necessidade de dizer isso.

– Por quê?

– É inconveniente – respondeu a mãe.

– Você não acha que vão perceber já que não posso fazer uma doação?

– Acho que você não precisa se depreciar – falou Barbara.

Evelyn colocou a língua entre os dentes da frente. E ouviu do telefone:

– Alô? Evelyn, ainda está aí?

Evelyn colocou o telefone de volta ao ouvido.

– A questão é a seguinte, Becky – respondeu Evelyn, com o olhar grudado na mãe. – Talvez você deva colocar junto ao meu nome. Eu tive, digamos, um ajuste de circunstâncias.

– Ah.

– Portanto, se você puder, troque aquela parte da “diretora de associados” por “barista”. Se bem que isso seria exagero, na verdade, acho que “funcionária” ou “funcionária de cafeteria” ficaria melhor. O Caffeteria é meu novo empregador. E eu apagaria o endereço do Petit Trianon. Agora, sou moradora temporária, mas não tão temporária assim, de um apartamento no Marina Air, em Bibville.

Barbara estava balançando a cabeça cada vez mais depressa para a caixa de McFish.

– Claro. Vou atualizar as informações – disse Becky.

– Imagino que aí diga alguma coisa sobre meu pai, mas ele deve ter que ir para a prisão, então as doações substanciais não virão por um tempo. Isso se um dia voltarem. Podemos pensar em, digamos, 3 dólares?

– O que você preferir. É a participação que importa, não a quantidade. Então, hã, vou tomar nota aqui.

– Três dólares não bastam para eu ganhar os copos comemorativos de uísque, não é?

– Não, infelizmente não.

– Que tal um cartão-postal legal? Eu gostaria de um cartão-postal de Sheffield. Posso pendurar na cafeteria. Sou responsável pelo quadro de avisos semana sim, semana não.

– Acho que não seria problema. Você pode me passar o endereço do Marina Air?

Barbara tinha achatado a caixa quando Evelyn desligou o telefone e ainda estava balançando a cabeça, fazendo que não. Evelyn deu uma mordida enorme no hambúrguer frio.

– É melhor ajustar as expectativas, na minha opinião – disse Evelyn. – Você trouxe ketchup?

2 “Eles estouraram o seu balão bonito e levaram a lua embora.” (N. da R.)

30

DIRETRIZES DO JULGAMENTO

—Mãe, você tem que acordar. Temos que estar lá embaixo em quarenta minutos.

A luz fluorescente do Wilmington Friendship Inn iluminava de cima enquanto Evelyn tentava passar corretivo no banheiro amarelado. Sem nenhuma luz natural, era impossível ver se o problema básico era que a pele dela estava avermelhada demais para a maquiagem cobrir ou se a culpa era da luz fraca. Ao entrar no quarto, com carpete verde-escuro e cortinas vinho, Evelyn olhou a cama ao lado. Houve um sopro de ar repentino da pessoa embaixo das cobertas.

— Estou me sentindo péssima — disse a mãe, rolando para longe dela, na direção da janela.

Quando elas chegaram na noite anterior, Evelyn viu a mãe plantando as sementes disso quando anunciou com cansaço que não tinha forças para comer e deixou que Evelyn fosse comer uma batata assada no Wendy's sozinha. O pai já estava no hotel, em um quarto separado, mas passou a noite discutindo a pena com Rudy, seu advogado. Evelyn só teve contato com ele em um telefonema curto quando ele pediu que eles se encontrassem no saguão às 8h30.

— Mãe, vamos. Você precisa tomar banho. A pressão da água não é ruim, e eu trouxe sabonete Kiehl's para você não ter que usar o daqui. — O comentário sobre a pressão da água era mentira; ela também sabia que a mãe protestaria contra as toalhas brancas finas e velhas, tão finas que nem Valeriya, onde quer que estivesse trabalhando agora, aprovaria para tirar o pó. — Mãe, por favor. Rudy disse que temos que estar no saguão às 8h30. — Evelyn

voltou para o banheiro. – Vou ligar a água para você, tá? Leva um minuto para esquentar.

A mãe levantou um braço sobre o corpo prostrado e deixou que caísse pesadamente.

– Estou me sentindo péssima. Nem consigo me mexer. Acho que devo estar com intoxicação alimentar.

– Você não comeu nada depois do sanduíche no carro.

– Estava lotado de maionese. Maionese tem um monte de germes. Não entendo por que as pessoas nas *delicatéssens* colocam maionese em tudo. Valeriya nunca colocava maionese nos meus sanduíches.

– Você mandava Valeriya fazer seus sanduíches?

– Era uma coisa para ela fazer.

– Limpar a casa devia mantê-la ocupada. Mas, mãe, intoxicação alimentar vem umas quatro horas depois de ingerir o alimento ruim. Já passou uma noite. Tenho certeza de que você está bem.

Evelyn começou a andar na direção da cama, mas parou; não queria ter que ver a mãe de camisola, com o contorno do corpo envelhecido por baixo do tecido fino, cheirando a manhã e parecendo vulnerável demais.

– Maionese... – resmungou Barbara, e puxou a coberta, com uma estampa colorida, para debaixo do braço. – Evelyn, por favor, apague aquela luz pavorosa.

– No banheiro?

– Está me dando dor de cabeça. Consigo sentir uma enxaqueca se aproximando, e não aguento nenhuma luz quando tenho enxaqueca. Evelyn, acho que não tem como eu ir hoje. Você vai ter que pedir desculpas ao seu pai por mim.

– O quê?

– Não diga “o que”, Evelyn, quantas vezes tenho que falar? É “perdão”.

– Mãe, você tem que ir. Rudy disse que é importante nós duas estarmos lá. Pode ajudar no julgamento.

– Ah, você vai ter que dizer para Rudy que estou me sentindo péssima. Seu pai conseguiu fazer tudo sozinho até agora. Tenho certeza de que eu com uma dor de cabeça lancinante atrás do seu

pai seguindo o caminho dos condenados não vai ajudar em nada.

– Não é... Acho que não é caminho dos condenados, mãe. Por favor, saia da cama. Você tem que ir.

Barbara puxou o cobertor fino, uma mistura de ferrugem e laranja, para cima da cabeça.

– *Focenon sa bicomé* – disse ela.

– O quê? – Evelyn olhou com irritação para aquela criatura. Conseguia ver as raízes grisalhas no cabelo louro da mãe acima do cobertor estampado. A mãe estava tirando o corpo fora, mas tirar o corpo fora deixava toda a responsabilidade nos ombros de Evelyn. Barbara estava agindo como uma criança pequena no momento em que Evelyn precisava muito de uma mãe. Sentiu lágrimas surgindo nos olhos, mas piscou para afastá-las; uma das duas tinha que ficar estável, e aparentemente teria que ser ela. – Levante-se. Mãe, levante-se.

Barbara puxou a coberta para baixo da boca.

– Você não sabe como é. Todas aquelas pessoas e sua preocupação falsa: “Como está Dale?” Que resposta devo dar a isso?

– Não sei, mãe. Por favor. Saia da cama.

– É por isso que não saio mais.

– Hoje, você tem que sair. – Evelyn olhou para o despertador, com as letras brancas dos anos 1980: 7h58 virou 7h59. – Agora, temos meia hora. Você precisa se vestir. Não ligo se for a última coisa que você quiser fazer. Vai ajudar o julgamento de papai e você tem que ir. Por favor. Levante.

Barbara ficou em silêncio, e Evelyn viu o relógio mudar para as 8h00 e para 8h01.

– Não consigo sair da cama hoje – disse Barbara por fim. – Diga para seu pai que estou enjoada e péssima. Eu tentei, Evelyn, vim até aqui. Não consigo encarar todo mundo assim. Preciso descansar.

Evelyn fechou os olhos com força, abriu-os, andou até as cortinas e as puxou bem, arrastando os aros no suporte de metal, despertando um gemido abafado na mãe. Voltou para o banheiro e tentou bater a porta, mas a madeira fina só se fechou com

delicadeza. Bateu com a escova de cabelo na pia e jogou um batom no espelho, de forma que um pedaço de cera cor-de-rosa ficou pendurado no vidro, depois voltou para o quarto.

– Mais uma chance – avisou Evelyn, com voz firme e fria. – Faça seu dever.

A mãe abriu os olhos com esforço.

– Você não acha que devia prender o cabelo?

Os braços de Evelyn procuraram outra coisa para jogar, mas não havia nada por perto, então ela bateu o pé e soltou um grito de frustração. Os olhos de Barbara já estavam fechados.

– Diga para seu pai...

Mas Evelyn pegou a bolsa e bateu a porta com o máximo de força que conseguiu, saindo antes de poder ouvir o fim da frase.

O elevador fedia a café instantâneo e cigarros. No saguão, uma criança descascava cuidadosamente uma laranja no recipiente quente do bufê de café da manhã onde estavam os ovos mexidos. Ela viu Rudy em frente às portas automáticas, que estavam se abrindo e fechando conforme ele balançava as mãos.

– Que bom, alguns minutos adiantada. Seu pai está no carro. Pode ir para lá – disse ele.

Ela saiu do hotel e foi para o banco de trás do utilitário. Dale se virou e olhou para ela. Não sorriu; a testa dele estava enrugada em um novo padrão.

– Oi.

– Pai.

Rudy abriu a porta do carro e colocou a cabeça dentro. Evelyn conseguiu sentir o cheiro do chiclete de canela dele.

– Onde está Barbara?

– Sua mãe está quase pronta? – perguntou o pai. Ele estava bem-vestido, de forma sutil, usando um terno marinho largo nele. A papada estava frouxa no maxilar. Ele tentou sorrir um pouco depois de terminar a frase, mas não conseguiu dar um sorriso completo.

– Não. Ela disse que está passando mal. Sinto muito.

– Como é? – perguntou Rudy.

– Ela disse que está passando mal. Minha mãe. Ela não vem.

Pedi desculpas. Sinto muito.

– Ela está passando mal. – Rudy mastigou o chiclete de forma que os lábios estalaram um no outro a cada movimento. – Ela está passando mal. Tudo bem, então como é, ela está na privada vomitando?

Evelyn ficou olhando para o banco à frente.

Rudy estava mastigando o chiclete com a boca cheia de saliva.

– Ela entende a situação aqui, certo? Você se mostra um integrante destacado da comunidade, com a esposa responsável e a bela filha ao lado, e o juiz vai olhar para você com mais tolerância do que se sua mulher se importar tanto com você a ponto de passar mal na manhã que você está sendo sentenciado por obstrução de justiça.

O pai virou o espelho para poder ver a filha.

– Evelyn, por que você não vai ver se consegue trazê-la para cá? Vá até o quarto e veja...

Rudy continuou mastigando.

– É, querida, por que você não vai lá dizer para aquela sua mãe que é melhor ela estar aqui, tipo, uns cinco minutos atrás? Este carro vai embora, e é melhor ela estar nele.

Evelyn se virou para olhar Rudy, que estava com cuspe pendurado nos lábios, depois para o pai. Ela respirou fundo.

– Motorista, você sabe para onde vamos, não sabe? – O homem olhou pelo retrovisor e grunhiu. – Ótimo. É melhor a gente ir. Pai, você está pronto? Rudy, se você vai entrar neste carro, sugiro que entre logo.

– Escute, querida... – disse Rudy.

– Evelyn. Meu nome é Evelyn. Não “querida”. Não vou voltar lá em cima, tá? Vocês acham que já não tive essa conversa com ela? Se algum dos dois quiser ir lá em cima bater na porta, implorar, chorar e dar um show no corredor do Friendship Inn, pode ir em frente. Mas eu não vou, e acho melhor vocês irem embora. É melhor ter a filha junto do que só você. Certo? Rudy?

– Porra! – gritou Rudy para o universo, e, um minuto depois, abriu a porta de trás e se sentou ao lado de Evelyn.

A parte externa do tribunal não indicava nada. Parecia mais uma

prisão do que qualquer outra coisa, quadrada, sombria, de uma era da arquitetura em concreto inspirada nos soviéticos. Rudy levou Evelyn e Dale pelos detectores de metal até uma sala cujos bancos já estavam ocupados, algumas das pessoas obviamente repórteres, segurando blocos de anotação. A audiência começou bem na hora, com o promotor e Rudy discutindo sobre diretrizes de cálculo da pena, depois sobre os 9 milhões de dólares de restituição, que era bem maior do que Evelyn achava que o pai deveria. Em seguida, o juiz perguntou se Dale tinha alguma coisa a dizer.

Ele tinha. A parte de trás do pescoço estava esticada, a cabeça parecia pesada. Mas Dale se empertigou um pouco.

– Juiz Nakamura, respeitosos colegas na profissão legal, eu só queria dizer que pensei seriamente no que fiz e enfrentei alguns demônios, e assumo responsabilidade total por tudo. Entendo que foi errado aos olhos da lei, por mais que eu tivesse achado certo na época e por mais que eu tivesse achado que ajudaria meus clientes. Eu sempre trabalhei para meus clientes e sempre acreditei estar fazendo o certo por eles. Ainda assim, quando a lei diz que você está errado, é melhor ouvir.

Ele se sentou, e o juiz olhou para o salão. As diretrizes da pena no caso eram de 15 a 21 meses, informou o juiz, e as diretrizes eram sugestões, não obrigatórias. Ele levou em conta todos os fatores, inclusive o forte apoio de Dale Beegan à comunidade, à família e o longo registro de trabalho que sugeria que aquele comportamento foi uma exceção.

Evelyn viu a parte de trás da cabeça do pai assentindo. Isso era bom; ele sempre dizia que conseguia entender um juiz melhor do que qualquer pessoa. “Por favor”, pensou ela, tentando enviar uma mensagem para o juiz. “Por favor. Condicional sem prisão. Por favor.”

O juiz tossiu, uma tosse quase saindo dos pulmões. No entanto, considerando o estado de Delaware e a postura da administração atual sobre o que era e não era conduta apropriada entre advogados e a natureza egrégia da trama destacada pelos promotores, era importante passar uma mensagem de que a busca cega pelo dinheiro não podia ser tolerada. Dale Beegan estava,

portanto, sentenciado a 29 meses.

A sala do tribunal ficou embaçada ao redor de Dale, que virou a cabeça para olhar para Evelyn. Era um olhar que ela só viu uma vez na vida, quando um homem cego estava atravessando uma rua e o motorista de um caminhão enfiou a mão na buzina, e o homem virou, apavorado, com as mãos erguidas, tremendo, pensando que eram os momentos finais da vida dele e que ele nem podia ver o que estava se aproximando.

As pessoas começaram a se levantar, com o fim da audiência. Vinte e nove meses? Quase o dobro da pena mínima sugerida? Passar uma mensagem sobre a busca cega pelo dinheiro? O pai tinha feito besteira, mas por que as consequências eram tão severas para ele? Empresas estavam oferecendo subornos para se expandirem mais rápido internacionalmente, investidores enganavam os clientes, fabricantes desobedeciam a regulamentações de meio ambiente, tudo para ganhar mais dinheiro, mas nenhum daqueles grupos estava no tribunal. Ninguém de lá estava indo para a prisão.

O pai começou a caminhar, e Evelyn pensou no garoto com cabelo cortado rente que só queria mostrar para todos aqueles garotos ricos que eles não mandavam no mundo.

Rudy estava abrindo o portão da seção dos espectadores para levar o pai dela para o lado de fora, e Evelyn ficou de pé.

– Eu cuido disso – disse ela.

– A imprensa está lá fora. Você não sabe cuidar disso – respondeu Rudy.

– Eu sei cuidar disso – insistiu Evelyn. Ela puxou o pai para o lado; ele estava olhando para o chão. Ela esperou a multidão dispersar e pegou o elevador com ele. Do lado de fora, via fotógrafos reunidos.

– Eu não sei... – começou Dale, perplexo demais para terminar.

Evelyn segurou o cotovelo dele.

– Vamos direto para o carro, tá, pai? Não precisa dizer nada. É só ficar olhando para a frente. Eu sei como os fotógrafos são. Siga minha deixa. Vamos passar por isso.

Ela abriu a porta do tribunal, passou pelos fotógrafos que

clicavam e corriam atrás deles, e manteve o olhar grudado à frente enquanto o acompanhava até o carro. Ao abrir a porta para o pai, ele olhou para ela e disse, com os olhos ainda arregalados e assustados:

– Obrigado.

31

ENTREGA

A data de Dale se apresentar era 19 de dezembro e, apesar dos apelos de Rudy de adiar para depois das festas, o Bureau of Prisons não cedeu. Antes de sair, Dale disse para a filha que tinha se acertado com a imobiliária a respeito do aluguel dela; Evelyn tinha esquecido que ele foi o fiador. Quando disse que tinha um emprego e que poderia se cuidar, ele abriu o sorriso cativante, que ela não via havia meses.

– Não consegui resistir a um último acordo – comentou ele.

No dia 19 de dezembro, Barbara foi até a sala com uma xícara de chá, usando um terninho St. John que Evelyn não via desde Sag Neck e achava que a mãe não tinha levado para o Marina Air.

– Seu pai vem às dez?

– Vem. Acho que são três horas de carro, e ele queria sair cedo para não nos perdermos. Acho que ninguém quer chegar atrasado na prisão.

– O que vão fazer se ele chegar atrasado? Mandar prender? – disse Barbara, e riu, um som estranho e agudo que Evelyn não ouvia havia muito tempo.

– Mãe! – exclamou Evelyn, rindo, apesar de tudo.

Dale tocou a campainha naquela manhã, uma manhã estranhamente quente para dezembro em Bibville, parecendo a caminho de um jogo de golfe, com jaqueta e calça cáqui leve, camisa polo cor-de-rosa e tênis. Não estava com o cinto de crocodilo de sempre; Evelyn se perguntou se era o tipo de coisa que guardas de prisão tirariam dos pertences de uma pessoa para vender.

– Oi, pai. Está bonito. – Evelyn não sabia direito o que devia

dizer, mas os cantos dos olhos dele se enrugaram um pouco.

– Obrigado, querida. E obrigado por me levar. Vou ser o objeto de inveja de todos os colegas da prisão, com uma motorista tão bonita. – As áreas de gordura que o deixavam com um sorriso de bochechas fofas sumiram. Ele olhou para trás dela, para a mãe. – Barbara, oi.

A xícara de chá de Barbara estava à frente, mas ela não tinha tomado nem um gole.

– Dale – disse, com a voz tremendo.

Evelyn esperou um minuto, depois balançou as chaves, tentando transmitir alegria.

– E então, está pronto? – perguntou ela para o pai.

– Só quero me despedir da sua mãe.

Barbara se levantou rapidamente e quase derrubou a xícara.

– Acho que vou com vocês – afirmou ela. – Por que vocês estão me olhando desse jeito? O dia está bonito para passear de carro.

O estacionamento àquela hora estava cheio de gente fazendo suas atividades diárias: uma mulher estava tirando sacolas enormes de plástico da Lowe, com prateleiras aparecendo nelas, do porta-malas do utilitário, e outra gritava para o filho que ela é quem estava no comando, e não o contrário. Enquanto Barbara e Dale iam até o carro, pareciam bonecas de escalas diferentes, a mãe estufando enquanto o pai murchava.

No carro, Evelyn colocou um CD de Hank Williams, um dos favoritos do pai. Para a surpresa dela, quando saiu do estacionamento do Marina Air, ela ouviu a voz grave da mãe no banco de trás, cantando “Jambalaya”.

– Mãe? Você é fã secreta de Hank Williams?

– Eu sempre odiei minha voz quando canto. É sem graça – disse Barbara.

O CD estava tocando “Half As Much”, e as cores claras de inverno nas laterais da estrada passavam por eles.

– Vou conseguir tudo de novo. Vou pegar tudo de volta – prometeu Dale de repente. – Tenho um plano. Para quando sair. Sei que não posso mais exercer advocacia, mas há uma lista de coisas que planejo fazer. Não posso ser advogado tecnicamente,

mas ainda posso ser um consultor e tanto. Vou colocar vocês duas de volta em Sag Neck.

– Pai. – Evelyn olhou para o pai, que estava olhando pela janela lateral. – Você não precisa de tudo de volta. Não deve nem ser possível.

– É sempre possível.

Evelyn olhou para a estrada. Ela sabia que não era verdade. Uma pessoa não pode recriar uma vida antiga com tudo e todos que tinha nela. As pessoas reagem e interagem, se desenvolvem, e as peças do quebra-cabeça mudam de forma e não encaixam mais com um estalo satisfatório.

– Barbara – disse Dale. – Você vai ficar bem?

Evelyn ouviu o estalo de uma lata de refrigerante sendo aberta no banco de trás e viu que a mãe estava agora tomando uma Tab.

– Da máquina de refrigerantes – falou Barbara como resposta. – Eu nunca achei que fosse morar em um lugar com máquina de refrigerantes, mas é bem útil ter um refrigerante gelado a qualquer momento. Até parei de fazer meu gelo, na verdade.

– É mesmo? – perguntou Dale.

– Tem uma máquina de gelo no final do corredor. Tem todo o gelo que você pode querer, e nem tenho que fazer nada.

Evelyn olhou para o pai, que estava com um sorrisinho na boca, depois viu o olhar da mãe pelo espelho e deu um aceno respeitoso.

– E você, Evie? Vai ficar bem? Não está sentindo muita falta de Nova York? – perguntou Dale.

Evelyn viu as marcas pintadas dividindo a pista passando pelo carro e pensou em como responder. Ela devia tanto em todos os cartões de crédito. O Caffeteria era um bom passo, e ao menos ela estava ganhando alguma coisa, mas suas dívidas eram tão gigantescas, sempre pairando sobre as beiradas de qualquer coisa que ela estivesse fazendo, que aquele trabalho não seria o bastante. Ela poderia trabalhar lá durante anos, mas ainda teria dívidas nas costas.

Ela percebeu que vivia esperando. Sempre esperando. Em Nova York, esperando que a vida fosse substituída por uma outra vida mais interessante que aparecesse. Esperando que o dinheiro que

achava que devia ser dela entrasse e elevasse sua posição, vindo de alguma fonte masculina, o pai, Scot, Jaime. Esperando ser reconhecida e aceita na cena social, estrela do Appointment Book. Quando pensava nisso, sempre imaginava seu eu futuro em fotos com o rosto nos corpos dos outros, com os vestidos dos outros, nas festas dos outros, fazendo poses dos outros. Agora, em casa, ela estava passando o tempo, esperando algum sinal de qual devia ser seu objetivo de vida. Talvez não fosse assim. Talvez você tivesse que mudar as coisas passo a passo.

O fato de Nova York ainda existir era intrigante. A cidade estava desconectada do presente dela, daquele carro e da entrega do pai à prisão. Estava distante dos pés, que latejavam depois de ela ficar de pé o dia todo, e do cabelo, que continuava com cheiro de café mesmo depois de várias lavagens, e da alça do filtro da máquina de *espresso*, e da virada do botão da espuma de leite, do jorro de leite branco no pote de metal. Em Bibville, ela estava tão diferente de como era quando criança que antigos colegas de escola não pareciam reconhecê-la, e as antigas amigas da mãe pediam *lattes* com leite desnatado e se afastavam, constrangidas por Barbara ou por ela ou por elas mesmas, ela não sabia ao certo. Seu 28º aniversário não estava longe, e ela estava morando com a mãe, trabalhando em um café, com um pai que seria detento em algumas horas e uma mãe que não estava bem equipada para a vida real, e estava com dívidas enormes. Não era a melhor combinação de fatos, mas, quando ela apertou o pedal do acelerador, pareceram apenas fatos. Nem mais, nem menos.

– Vou – disse Evelyn. – É, eu vou ficar bem.

Quando entraram no estacionamento da prisão três horas depois, Evelyn procurou motivos para que não parecesse tão ruim. Havia grama e havia prédios de tijolos diferentes, como em Sheffield, e o grupo de homens de macacão verde-oliva esperando para entrar em um caminhão pelo menos estava conversando. Evelyn desligou o motor do carro e, depois que eles saíram, ela e Barbara foram para o lado de Dale. Evelyn olhou ao redor e se perguntou se um guarda iria buscá-lo.

– Nós entramos com você? – perguntou Evelyn.

– Não quero que vocês entrem, querida. Tenho que ir me registrar, vai demorar. Vejo você em breve, tá?

– Eu fico com sua jaqueta – disse Barbara. – Não confio no sistema federal e acho que não vão fazer nada direito, e não vou deixar que percam uma jaqueta assim tão boa. E sua aliança?

– Meu consultor de prisão disse que é tecnicamente permitido.

– Aqueles homens lá dentro vão derretê-la pelo dinheiro em segundos. Eu guardo para você – concluiu Barbara.

Dale tirou a aliança e entregou para Barbara com expressão questionadora no rosto. Evelyn viu a mãe fechar os dedos em cima da aliança, depois pegar a mão de Dale e apertar. Dale apoiou a cabeça no ombro dela. Evelyn recuou alguns passos para trás do carro, para dar privacidade a eles.

Ela os ouviu murmurando, e, alguns minutos depois, o pai limpou a garganta.

– Evie?

– Sim. – Ela se juntou a eles.

– É hora de ir.

Ela deu um passo à frente e o abraçou.

– Eu devia ter perguntado: *você* vai ficar bem?

– Sem dúvida – disse ele.

Ele piscou, beijou uma Barbara assustada e sumiu dentro do terreno da prisão.

Naquela noite, em Bibville, Evelyn foi para a biblioteca Regis, que estava silenciosa e com as mesas dos computadores vazias. Sentou-se em frente a uma delas e escreveu no Google: “Aconselhamento de dívidas em Maryland ou Delaware”. Três dias depois, saía de um escritório em Wilmington com dois orçamentos apertados e um plano de pagamento negociado com as empresas de cartão de crédito. Um orçamento mais atual incluía uma determinação de aumentar o número de horas no Caffeiteria ou arrumar um segundo emprego; ela sabia que o Hub, o restaurante de hambúrgueres e cerveja, estava precisando de garçoneiro. O outro plano era para quando ela estivesse, com a graça de Deus, morando fora do apartamento da mãe em Bibville e com um emprego de tempo integral com salário melhor e pagasse o próprio

aluguel em algum lugar, ainda que aluguel do nível risível de 700 dólares por mês, o que significaria um sofá-cama em algum lugar do Queens. Ela agora estava começando a quitar as contas, algumas de uma vez, algumas em parcelas fixas mensais durante os anos futuros, uma limpeza lenta da bagunça que ela mesma criou.

NAS DOCAS

Barbara passou pela porta segurando sacolas do Food Lion, em Easton. Tinha descoberto os conjuntos de moletom Juicy Couture recentemente e estava usando um casaco com capuz de veludo molhado pêssego e calça combinando, pois, ao que parecia, as cinturas de elástico eram o único lado positivo de estar fora da alta sociedade.

A campanha tocou alta por um longo momento, surpreendendo Evelyn. Era seu dia de folga, e ela ainda estava de pijama apesar de já estar de tarde, vendo Dorothy reclamar de Rose para Blanche. Não conseguia lembrar a última vez que ouviu a campanha do apartamento.

– Evelyn, você pode ver quem está na porta? – gritou a mãe da cozinha.

Evelyn abriu um pouco a porta, pronta para dispensar a Testemunha de Jeová ou quem quer que fosse, mas houve uma lufada de ar frio e ela sentiu a pessoa do outro lado empurrando. Pela abertura na porta, o alto de uma cabeça com cabelo castanho-claro desgrenhado apareceu, e...

– Jesus Cristo – disse Charlotte, empurrando a porta. – Você está mesmo aqui.

O lado esquerdo da boca de Evelyn se curvou em um leve sorriso.

– Estou.

– Que porra é essa, Evie? – Charlotte levantou a mão como se fosse bater nela. – É o tema de *Supergatas* na TV?

– Essa é sua primeira pergunta?

– Não. Não. Me desculpe. Eu estava em Annapolis a trabalho e

achei... eu não sabia para onde você tinha ido. Não fazia ideia do seu paradeiro, Evelyn.

Evelyn passou os braços ao redor do próprio corpo.

– E isso importava tanto para você?

– Claro que sim! Seu celular foi desligado, sua linha fixa de Bibville não estava funcionando, seu apartamento estava vazio. O que você achou que eu pensaria? Acontecem coisas ruins com garotas em Nova York, e eu fiquei preocupada.

– Coisas ruins aconteceram com uma garota em Nova York. Como você me encontrou?

– Escritório dos ex-alunos. Uma vez me ligaram em um hotel em Dallas, onde eu estava trabalhando em uma integração da empresa, então não é surpresa terem encontrado você em um endereço fixo. Mas você não pensou em mencionar para sua velha amiga que estava fazendo as malas e deixando a cidade?

Evelyn foi dar um abraço em Charlotte, mas ela se encolheu.

– Nós não nos abraçamos na formatura e não vamos nos abraçar agora. Vou morder você. Com meus dentinhos afiados. Minha bexiga está explodindo. Parece que não há banheiros entre Annapolis e Bibville. Posso fazer xixi?

– Evelyn, querida! Quem está à porta? – ela ouviu a mãe dizer do quarto (deve ter ido para lá quando Evelyn atendeu a porta), depois um estrondo quando Barbara dobrou a esquina rápido demais. Evelyn virou a cabeça e viu a mãe, resplandecente de túnica e turbante no cabelo, parecendo Elizabeth Taylor depois de uma das sessões de emagrecimento.

– Mãe, você pode me dar um minuto?

Aparentemente, Barbara não podia, e não tinha se vestido para receber visitas por nada. Espiou para além de Evelyn, com o cheiro do perfume *vintage* típico de Babs.

– Meu deus, Charlotte! Que alegria. Foi tão gentil da sua parte vir até aqui ver Evie. Gostei do seu cabelo sem as marias-chiquinhas.

Ela prendeu a grande garra na porta, com as unhas feitas, de alguma forma não lascadas apesar da realidade da rotina atual de lavar louça e limpar, e a escancarou para Charlotte entrar.

Evelyn ficou onde estava, com o olhar observando o de Charlotte,

que avaliava a cena. Para Charlotte, que foi a Sag Neck passar vários fins de semana prolongados e Dias de Ação de Graças, devia ser como um jogo de memória, avaliou Evelyn. “Relacione o sofá amplo enfiado debaixo da persiana ao que ficava na sala do piano em Sag Neck.” “Encontre, na pilha de quadros encostados a uma parede, o de uma caçada a raposas que ficava pendurado no saguão.”

Charlotte estava de pé, insegura, na porta, com o fogo da caçada anterior parcialmente apagado.

– Mãe – disse Evelyn com mais firmeza. – Preciso falar com Charlotte sozinha.

– Eu não quero saber depois do tempo que ela deve ter passado dirigindo – disse Barbara, com um pouco de alegria demais. – Charlotte, você vai ter que perdoar minha filha. Acho que ela perdeu a noção depois que deixou Nova York. Entre. Evelyn, você pode pegar queijo?

Evelyn levantou a mão para ajeitar as sobrancelhas.

– Queijo – repetiu ela. – Claro. Vamos ver. Temos pepper jack, eu acho. Quer uma fatia?

– Não precisa, mesmo – comentou Charlotte, puxando o blazer contra o corpo.

– Me desculpe. Está frio. Entre. O banheiro fica no corredor, à esquerda.

Dentro do apartamento, Barbara estava se movimentando, ajeitando pilhas de revistas e tirando coisas da geladeira.

– Estamos adorando morar no centro. É um pouco mais empolgante do que na antiga casa, que tinha ficado grande demais para gerenciar – disse ela quando Charlotte passou. – Você consegue imaginar ficar sozinha naquela casa à noite? Era muito assustador. Eu odiava ir para o andar de baixo.

Barbara colocou uma pequena pilha de guardanapos com o monograma BTB e biscoitos (“Isso é biscoito Cheez-It?”, pensou Evelyn) em uma bandeja que a filha não sabia que tinha feito a viagem de Sag Neck até ali.

Quando Charlotte voltou, Barbara colocou a bandeja na frente dela.

– Encontrei essas deliciosas torradinhas de queijo – comentou Barbara. – Tenho certeza de que são cheias de calorias e que vamos ter que pagar o preço na academia, mas, como é um encontro só de garotas, por que não?

Charlotte pegou dois biscoitos em um guardanapo com obediência.

– Hummm.

– É tão bom ver os velhos amigos de Evie – disse Barbara, ajeitando o turbante. – Muito bom, de verdade. Charlotte, quer beber alguma coisa? Temos vinho branco, ou posso olhar no armário de bebidas para ver que coquetel consigo elaborar.

– Acho que... Char, me dê dois minutos para trocar de roupa, tá?
– falou Evelyn.

– Sabe, eu andei pensando em Sheffield... – começou Barbara quando Evelyn correu para o quarto e colocou uma calça jeans e um moletom. Quando voltou para a sala, Charlotte lançou um olhar alarmado para a amiga. – ... e ela não quer falar comigo sobre o assunto, claro, mas parece que, se Evie estendesse o convite a Camilla...

Evelyn pegou um biscoito e puxou Charlotte do sofá.

– Vamos para o centro! – interrompeu Evelyn.

– Obrigada pelo lanche, sra. Beegan!

Charlotte e Evelyn ficaram em silêncio durante a primeira parte da caminhada, passando pelas árvores de galhos nus no parque, pelo pátio fechado durante o inverno do restaurante tailandês e pela pequena prefeitura de tijolos, mas, quando passaram pelo banco, Charlotte falou.

– Então você está...

– Aqui. É. Em um apartamento pequenininho. Com minha mãe.

– Dividindo apartamento com Babs. Meu deus. E seu pai?

– Vinte e nove meses.

– Que loucura. Você acha que ele é culpado?

– Acho que o governo federal não julga casos inventados – falou Evelyn. – Mas 29 meses? O que ele fez não é pior do que os caras de Wall Street fazem diariamente. No grande esquema das coisas, não sei se ele mereceu o que teve.

Charlotte chutou uma pedra.

– Li que ele foi para uma boa prisão.

– Petersburg. A segunda escolha dele.

– É como a faculdade? Onde temos as escolhas seguras e as alcançáveis?

– Não me surpreende. Você sabia que existe um negócio de consultoria de prisões? Meu pai contratou um ex-presidiário para explicar como deve se comportar no xilindró.

– Primeiro de tudo, não deve chamar de xilindró.

– Falando sério. Não furar a fila do almoço pareceu ser o mais importante. Foi interessante. – Evelyn olhou para a baía cinzenta à frente e pensou que gostaria de ter tido um consultor assim para guiá-la pela vida em Nova York. “Não tente ofuscar a fêmea alfa”; essa provavelmente era uma regra que valia para Nova York e também para a prisão.

Charlotte passou manteiga de cacau nos lábios.

– Ainda é impossível ver seu pai de macacão laranja. Você acha que deixaram que ele levasse os produtos de cabelo?

– Ele não usa produto de cabelo.

– Me desculpe, Evelyn, mas está na hora de você saber a verdade. Aquele cabelo não é natural. Tem produtos sérios envolvidos. – Charlotte virou a cabeça para olhar a placa de CAFÉ QUENTE na sorveteria. – Podemos parar? Estou doida por um café.

– Posso conseguir cafeína, mas não vamos entrar aqui – disse Evelyn. – Você vai gostar de saber que tenho desconto de funcionária na melhor cafeteria da cidade. – Ela falou como piada, sem saber qual seria a reação de Charlotte.

– Você? Você, trabalhando em uma cafeteria? – Charlotte apertou os olhos. – De verdade?

– É. E à noite sou garçomete no Hub. Se quiser cerveja e hambúrguer, é só falar comigo.

– Evelyn Beegan, barista e garçomete?

– Char, são empregos, tá?

– Eu sei que são. Eu acho bom.

– Você está mentindo.

– Não estou. Acho muito bom. Primeiro, você está trabalhando. É

um bom passo, de verdade.

Começou a chover quando elas passaram pelo Ioka, anunciando *Ligeiramente grávidos*, que ia estreiar em Bibville meses depois de ter sido lançado em todo o país. A luz externa do Caffeteria brilhava em amarelo no píer, onde o céu cinza-azulado combinava com a cor da água. Dentro, o atendente da tarde estava limpando a bancada e deu para Evelyn dois croissants de amêndoas do dia anterior de graça, junto com os cafés. A chuva ainda estava pontilhando o chão de forma agradável, e Evelyn e Charlotte ficaram sentadas do lado de fora, em um dos bancos, olhando o porto no inverno.

Evelyn arrancou uma pontinha do croissant e se perguntou se devia se dar ao trabalho de tentar parecer casual.

– Como está todo mundo?

Charlotte colocou o croissant no colo.

– Esse é um dos motivos de eu querer ver você. Preston está na reabilitação, Evie.

– Não. – Evelyn estava se preparando para ouvir fofocas que a fizessem se sentir uma forasteira, não grandes mudanças na vida dos melhores amigos. Ela torcia para Preston estar bem. Apoiou a cabeça nas mãos. – Na última vez que o vi, Char, em Sachem – ela olhava para uma pipoca debaixo do banco –, eu falei para ele que todo mundo sabia que ele era gay.

– Evelyn...

– Eu sei. Eu sei. Eu estava bêbada, o que não é desculpa, mas ele... ele deu as costas e saiu correndo escada abaixo, e foi a última vez que o vi e falei com ele.

– Meu deus, Evie. O que fez você dizer isso?

– Acho que odiei ele ter me chamado de falsa e senti que estava sendo falso sobre essa coisa tão importante. Já pensei nisso mil vezes. Se eu pudesse voltar atrás ou lidar com isso de um modo diferente, acredite, eu faria. Não pode ter ajudado com o alcoolismo.

– Ah, Evie.

– Acho que eu estava usando a tática de terra arrasada. Quando Pres entrou na reabilitação?

– Um mês atrás. Ele bateu em uma árvore dirigindo para Boston. Nós nos falamos antes de ele se fechar sobre o assunto, e ele disse que desviou porque pensou ter visto um cachorro entrar na frente do carro. Não sei se viu mesmo, já passava da meia-noite e não devia ter nenhum cachorro na rua, mas ele ficava dizendo que o cachorro parecia Hamilton. Foi acusado de dirigir alcoolizado, mas a ideia de ele poder atropelar um cachorro quando estava bêbado, acho que foi isso que o fez ir para a reabilitação.

– Ah, que droga, Char. Que apavorante. Ele não se machucou? Ao bater na árvore?

– Ficou com alguns hematomas, mas tinha *air bag* e ele estava de cinto de segurança. Na verdade, ele pagou pelo salvamento da árvore. Era algum tipo de olmo antigo.

– Char, eu devia ter me esforçado mais. Depois da cena em Sachem, eu devia ter pedido desculpas ou procurado ele, alguma coisa. Mas eu tinha a sensação de que ele não queria me ver, tenho certeza de que *não* queria, e aí, tudo implodiu. Pres... meu deus. Tem alguém com ele? Os pais?

– Não permitem visitantes nas primeiras semanas, mas tenho certeza de que estão de olho nele.

– Nick ligou para ele? Camilla? Mantiveram contato durante o acidente e tudo?

– Acho que não.

– Deus. Parecem um bando de hienas. Não veem utilidade nos fracos. Você foi vê-lo?

– Não, ainda está no período em que não pode receber visitas. Mesmo quando puder, o melhor que consigo é uma tarde. As coisas estão uma loucura na Graystone. Meu chefe está convencido de que o mercado vai afundar em breve, a economia subsidiária está um desastre, então estamos tentando fechar algumas aquisições. Só estou aqui em Bibville porque tive que me reunir com uma empresa de brinquedos em Annapolis hoje de manhã e só preciso estar de volta à cidade à noite. E Preston precisa... não sei. Precisa de alguém, de mais alguma coisa. Eu passar uma tarde lá para tomar um café não vai ajudar muito. Vou continuar indo sempre que puder, mas sinto que ele precisa de um amigo de verdade. E

você conhece Pres. Ele nunca vai pedir ajuda. Só descobri que ele estava na reabilitação porque não estava respondendo aos meus e-mails nem às minhas ligações depois que me contou do acidente, e eu finalmente me descontrolei, na ilha de amigos desaparecidos, e liguei para a sra. Hacking, e ela me deu o número dele na clínica. É um lugar meio pretensioso em Marblehead. Juro que eu não saberia que era uma clínica de reabilitação se a sra. Hacking não tivesse me dado o número fixo de lá e a recepcionista não tivesse atendido e dito: "Seaview House, com tratamento especializado para vícios desde 1987, como posso ajudar?"

– Desde 1987, é? – Evelyn chutou a perna de Charlotte.

– Tenho memória muito específica. E me lembro de ter pensado que todos os negociantes dessa época começaram a encher a cara. *Plus ça change, plus c'est la même chose.*³

– *Vraiment.* – Evelyn deu um sorriso triste. – Por quanto tempo ele vai ficar lá?

– Acho que mais um mês ou dois internado, depois há uma continuação de tratamento com ele já fora da clínica. Eu queria que vocês dois não tivessem tido seus surtos ao mesmo tempo.

Evelyn levantou a cabeça.

– Me desculpe.

– E eu me mudei para o Brooklyn em setembro. Que tal essa mudança? – indagou Charlotte.

– Para fugir da minha lembrança assombrando você?

Charlotte riu.

– Mais ou menos, na verdade. Manhattan estava ficando ridículo. Com ônibus de passeios do *Sex and the City* ocupando a Bleecker Street e prédios para todo lado. Pobre Jane Jacobs. O Brooklyn é ótimo. Tem muita gente criativa. Quer saber do resto da sua galera?

Evelyn respirou fundo.

– Manda.

– O fundo de alto risco de Nick e Scot está indo bem. Nick está enchendo os bolsos de dinheiro e Scot faz todo o trabalho. Eles estão apostando contra ODCs de segunda linha.

– Nick está apostando contra Wall Street?

Charlotte riu.

– Se dá dinheiro, né? Vi o prospecto. Nick tem acesso a todos aqueles jovens ricos com dinheiro para jogar fora, e Scot bota a mão na massa. Tenho que dizer que parece que Scot escolheu o momento perfeito. Alan Greenspan disse mês passado que achava que havia uma bolha imobiliária. Acho que eles vão ganhar uma fortuna.

– Acaba alguma hora?

– Em Wall Street? Só quando acaba, né? De qualquer modo, se houver uma crise, Scot e Nick estão em posição de detonar.

Evelyn jogou um pedaço de casca de croissant na água da baía.

– Ele está saindo com alguém?

– Scot? Está, Nick o apresentou para uma garota, Geordie. Ela estudou em Princeton, é alguns anos mais nova do que nós. Trabalha em editora. Acho que é bem sério.

– Ela é legal com ele?

Charlotte assentiu. Saber disso magoou Evelyn. Ela queria que Scot fosse feliz e sabia que eles não ficavam bem juntos, mas ainda sentia falta dele. De todas as suas apostas erradas, Scot seria a única certa, afinal.

– E Camilla? – perguntou Evelyn baixinho. Ela ainda cedia ocasionalmente ao impulso de procurar Camilla no Google e viu que houve novos acréscimos ao grupo social dela. Ela estava saindo com alguém dos 100 da *Vanity Fair*, uma lista de gente de tecnologia e da mídia, o fundador de uma *start-up* de reconhecimento de voz que dizem que o Yahoo ia comprar por algumas centenas de milhões.

– Eu a vejo de vez em quando. Ela se envolveu com algumas organizações de artes, uma de vidro soprado ou algo assim e outra de artistas que grafitam. É engraçado, na verdade. Ela vive em festas no centro agora, e a última vez que a vi, disse que ia se mudar para o Meatpacking District.

Evelyn mordeu uma amêndoa na metade. Todos seguiram em frente tão rápido depois dela se esforçar tanto para se envolver e conhecer o primeiro (e o que ela julgava como o melhor) círculo de elite. Charlotte estava descrevendo uma festa dada por Camilla no

terraço do Soho House para o artista emergente Tayeb Idrissi, que pegava postagens do Twitter e transformava em mapas de palavras. Quando ela começou a detalhar a instalação de Tayeb em Storm King, Evelyn sentiu a beirada irregular da amêndoa na língua e teve a sensação de que não conseguia ouvir mais.

– Quer saber, Char? Me desculpe. Sei que perguntei, mas não quero saber. Não importa. Se não é Tayeb sei lá, é outra coisa, e outra pessoa, e eu sempre ficaria brincando de ir atrás. Eu sempre fiquei brincando de ir atrás.

Charlotte inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos por um momento. Quando abriu, perguntou.

– O que você estava fazendo, Evie?

– Em Nova York?

– Em Nova York. Você virou uma vaca.

– Char, sempre sincera. – Evelyn flexionou os dedos dos pés.

– Me desculpe, mas é meio verdade.

– Com Camilla e tudo, você quer dizer? Acho que era por causa do mundo em que estávamos...

– Eu não estava nele, Evie. Era só você.

– Ah, tudo bem. O mundo em que eu estava. Tudo era demais para mim. O dinheiro necessário. A competição por convites. As festas. – Evelyn passou as mãos pelo banco de madeira, tentando encontrar um jeito de explicar isso para Charlotte, que não se incomodava com essas coisas. – Parece ridículo falando em voz alta, porque são só festas, mas tinha importância para mim. – Ela estava começando a fungar, limpou o nariz e olhou meio horrorizada para a marca que deixou na manga, depois riu. – Nova York me deixou maluca. Eu só estava tentando sobreviver.

– Você estava tentando sobreviver na Nova York de Edith Wharton, Evie. Isso quase não existe mais. Veja os anúncios de casamento do *Times*. É: “Ela trabalha em McKinsey e ele é professor de economia.” Tudo é na base do mérito.

– Não é, Char. Eu conheço os anúncios de casamento do *Times*, acredite. Na verdade, é: “Ele é diretor na Goldman e ela estuda desenvolvimento infantil na Bank Street School of Education, e o pai dela dirigia uma gestão ativa em blá-blá-blá, e eles acabaram

de comprar uma casa em Cos Cob.”

– Tudo bem. Tem muitos banqueiros lá, mas a sociedade não é mais tão fechada.

– Não é? Vá a um baile de debutantes e me diga isso.

– Outras pessoas estão abrindo as portas. Os empreendedores e artistas e sei lá... não, você ri, mas eles tornam a riqueza tradicional interessante. Por que você acha que Camilla de repente virou patrocinadora das artes?

Evelyn balançou a cabeça de leve.

– Você queria tanto entrar quando devia estar tentando sair – comentou Charlotte.

Evelyn esticou o braço e jogou o resto do croissant na água, que caiu com barulho na baía. Um pato solitário apareceu rapidamente, engoliu o croissant e saiu voando. Por fim, Evelyn disse:

– Sair para onde?

– Não sei, exatamente. Mas aquela vida no Upper East Side... não é a única versão de vida em Nova York. No Brooklyn, tem vários tipos de pessoas interessantes, do tipo que Nova York tinha, escritores, designers gráficos e fabricantes de cerveja...

– Fabricantes de cerveja? – As gotas de chuva estavam começando a ficar maiores.

– Evie, eu acho... – Charlotte olhou para a água em busca de palavras. – O que você estava tentando ser não era só por causa da sua mãe?

Evelyn olhou para os pés e precisou de tempo para elaborar a resposta.

– Sem minha mãe para eu contar tudo, sem as ideias dela, não sei se teria sido tão atraente, isso é verdade. Mas era eu, Char. Não era ela indo a bailes de debutantes e a festas beneficentes e roubando pulseiras.

– Você roubou uma pulseira?

– Você não sabe de metade da história.

– Acho que não.

– Nem vamos mais à Chichetti, o mercadinho na Main, porque minha mãe está convencida que nossa queda social manchou a opinião dos vizinhos sobre nós. Ela nem vê mais as velhas amigas.

– Evelyn olhou para a água cinzenta, que estava começando a bater em ondas na doca.

– Qual é o plano agora, Evie?

– No quê, minha vida estilo *Gilmore Girls* com minha mãe não parece interessante?

– Estou falando sério. Você é jovem, bonita, tem dinheiro...

– Não. Primeiro de tudo, 27 anos não é mais exatamente uma idade de mocinha ingênua. E dinheiro eu não tenho. Meus pais tiveram que quitar a hipoteca da casa, e o que ganharem com a venda está vinculado ao acordo com a Leiberg Channing, e houve uma restituição de 9 milhões de dólares para o governo além dos gastos legais. Minha mãe ainda acha desagradável falar sobre dinheiro, então, confie em mim, já tentei descobrir, mas acho que não há mais dinheiro, a julgar pela forma como ela quase não gasta. Estou por minha conta.

– Uau. Bem, pelo menos você estava aqui para ajudar no julgamento e tudo.

– Eu devia ter estado mais presente. Para ajudá-los a arrumar a casa e para ficar com meu pai, mas tudo em Nova York estava uma confusão, e parecia que, se eu pudesse ter um pouco mais de tempo lá... – Sua voz falhou, e ela sentiu as lágrimas chegando. Quando começou a piscar para afastá-las, perguntou-se por quê. Assim, permitiu que rolassem.

– Ei. Ei. – Charlotte passou o braço ao redor dela. – Você ainda está aqui, garota.

– Estou em Bibville – falou Evelyn ao fungar com força.

Charlotte apertou o ombro de Evelyn.

– Por que você não dizia nada? Sobre seu pai? Eu tentei falar com você, e você foi tão, sei lá. Como se não estivesse acontecendo.

Evelyn olhou para a amiga, o cabelo de Charlotte ficando cheio de frizz na névoa.

– O que eu poderia ter dito, Char? Achei que talvez ninguém soubesse ou não tivesse somando dois mais dois. Que bem teria feito falar sobre o assunto?

– Ah, você poderia ter lutado um pouco mais para manter o

emprego. E falar pode levar a aprofundar as ligações. É o que meu terapeuta disse.

– Não conte para os brancos protestantes – brincou Evelyn.

As gotas de chuva começaram a aumentar na doca enquanto Evelyn pensava na Nova York que deixou para trás e na Nova York que Charlotte, Camilla e os outros estavam descobrindo. Ela se levantou e esticou a mão.

– Venha, Char. Você está ficando encharcada. Não está acostumada com as chuvas de Bib. Pode tomar um banho e usar uma maravilhosa toalha com monograma de Barbara Beegan, depois jantamos no Hub antes de você ter que voltar. Estou cheia de dinheiro das gorjetas e posso pagar uma torrada de alho a mais.

– Eu não recusaria uma torrada de alho – disse Charlotte, apertando o blazer no corpo. – Vamos.

3 “Quanto mais as coisas mudam, mais continuam as mesmas.” (N. da R.)

NORTHEAST REGIONAL

O trem despertou Evelyn quando passou por Trenton. Ela olhou pela janela em busca da placa passivo-agressiva TRENTON CONCEBE, O MUNDO RECEBE, mas não a viu desta vez. Estava só com uma mala vermelha de rodinhas barata, que ganhou de presente de despedida do pessoal do Caffeteria. Ela ia voltar para Bibville em dois fins de semana, para outra ida a Petersburg com a mãe; tinha prometido encontrar o endereço de e-mail de um guru de finanças pessoais com quem Dale queria combinar seminários na prisão.

Uns dois meses depois da visita de Charlotte, Evelyn contou à mãe que ia embora. Nas excursões ao computador da biblioteca, encontrou os endereços de vários cafés e restaurantes com boas críticas em Nova York que poderiam abrir vagas, e algumas postagens no Craigslist, um site de comunidades que disponibiliza anúncios gratuitos, de procura de gente para dividir apartamentos que ela teria dinheiro para pagar com um emprego assim. O número antigo de celular de Preston não funcionava mais e, apesar de ela ter engolido o orgulho e ligado para a sra. Hacking algumas vezes, só conseguiu a secretária eletrônica e só deixou recados dizendo que era Evelyn e que esperava que a sra. Hacking dissesse para Preston que ela estava pensando nele.

Depois de ficar irritada na ida até a estação de trem e de dizer que não tinha o dia todo para ficar dirigindo para as pessoas, Barbara ficou com lágrimas nos olhos quando o trem chegou. Deu um tapinha na cabeça de Evelyn e disse que foi maravilhoso ter a filhinha em casa, que não sabia o que faria sem ela.

– Quer saber? Quantas mulheres da sua idade têm a chance de

recomeçar? Você é uma mulher livre, ao menos por um tempo – disse Evelyn.

Barbara sorriu.

– Talvez – falou ela. E deu outro tapinha na cabeça da filha.

– Estou a uma viagem de trem de distância se você precisar de alguma coisa.

– Suas amigas vão ficar felizes de ver você de novo – comentou Barbara, com a sobrelanceira erguida. Evelyn vinha dizendo delicadamente e depois de forma mais insistente que a amizade com Camilla era coisa do passado, mas a mãe pareceu ter decidido não ouvir.

– Charlotte, sim – disse Evelyn. – Camilla, nem tanto.

– Você não devia desistir das amizades com tanta facilidade, Evelyn.

Evelyn inclinou a cabeça para trás e olhou para o sol, que aparecia atrás da amurada da plataforma.

– Mãe, tem que me deixar tomar essas decisões, tá?

– Não seja condescendente.

– Eu não sou, mãe. Mas a decisão é minha agora. Certo?

Barbara olhou ao redor, como se fosse ver alguma coisa que fizesse a filha mudar de ideia, mas acabou olhando de volta para Evelyn.

– Se é o que você quer.

O sorriso triste de Evelyn virou uma gargalhada.

– É o que desejo, mãe. Vou abraçar você agora, tá?

– Como se eu fosse reclamar de um abraço.

– Tudo bem.

Evelyn se inclinou para um abraço; a respiração da mãe estava quente na bochecha dela, e as duas se afastaram rapidamente, batendo no braço uma da outra.

– Boa viagem.

– Tchau, mãe.

– Tchau, querida.

Evelyn ficou surpresa de ver que a mãe esperou na plataforma quando o trem chegou, apesar do frio, e levantou a mão enluvada em um aceno de despedida. Evelyn acenou de volta por trás da

janela suja.

O trem se aproximou de Manhattan. Evelyn estava planejando dormir na casa de Charlotte no Brooklyn (Charlotte estava visitando uma indústria têxtil na Georgia) por alguns dias enquanto procurava apartamentos no Craigslist e fazia visitas. O Google dizia que Brooklyn Heights tinha vários cafés bons e, enquanto fazia jornada dupla, ela poderia procurar um emprego mais estável, alguma coisa em revistas, talvez, ou comércio eletrônico. Desde que ganhasse 31 mil dólares por ano e gastasse praticamente só com aluguel e comida, Evelyn conseguiria seguir o plano de pagamento que fez para pagar as contas.

Quando o trem parou na Penn Station, ela saiu rapidamente, mas ficou de pé na plataforma enquanto as pessoas passavam e subiam a escada para a estação. Brooklyn. Fabricantes de queijo e designers de cerveja, ou o que quer que Charlotte tenha dito. A mesma música em tom diferente; ela tentando criar uma vida que outras pessoas achavam que valia a pena, tentando se provar mais uma vez.

As pessoas estavam saindo apressadas do trem, passando ao redor de Evelyn, que esperava que alguém perguntasse o que ela estava fazendo ali ou para onde estava indo, ou quais eram os planos dela. Mas as pessoas só passaram, esbarrando nela um com a mochila, outro com a pasta, e ela percebeu que era a estrangeira irritante que atrapalhava o fluxo do movimento. Começou a se mover, arrastando a mala escada acima. Ao chegar à sala de espera lotada, leu a placa da Amtrak. Adirondack, Carolinian, Crescent, Northeast Regional. Plataformas de partida 7E, 12W, 14W, 9W. Uma quantidade de livretos de viagem estava exposta debaixo da placa, e ela reconheceu um que se destacava no alto: *Boston – a cidade na colina*. A mesma cidade de aparência tranquila, as mesmas luzes bonitas que ela considerou enquanto esperava Camilla na visita final a Lake James. O mesmo lugar onde foi boa amiga de Charlotte e Preston. “O que o funcionário da estação com o boné do USS disse? Às vezes, é bom tomar um trem para outro lugar?”

Ela pegou um livreto da estante e, com um puxão na alça da

mala, passou por uma porta lateral e seguiu o corredor, com as solas Tretorn chiando conforme dobrava uma esquina até o guichê de passagens da Amtrak. Não havia fila, e a atendente, uma mulher pequena com cabelo grisalho curto, perguntou:

– Para onde?

Evelyn levantou o livreto.

– Para Boston.

– Trabalho ou lazer? – perguntou a mulher.

– Acho que as duas coisas.

Ela abriu a pochete de dinheiro com a outra mão. Seu dinheiro estava guardado lá, e ela se sentiu estranha por usar aquilo, mas também não queria que seu salário do Caffeteria e do Hub fosse roubado por puro orgulho.

– É uma bela cidade, Boston.

– Se você conseguir ser bem-sucedida lá... – disse Evelyn, mas a funcionária não pegou a piada. – Fazem muitos testes para musicais lá. As pessoas têm por onde começar – explicou ela.

– Você é atriz?

– Não. Não. Não sou. Eu... – Ela pegou algumas notas de vinte na pochete e ergueu o rosto com olhos brilhantes. – Mas posso trabalhar no teatro. Não no palco, mas coletar bilhetes para musicais de Harvard. Sei lá. Vender anúncios em programas. Talvez gerenciar o palco um dia. Além de trabalhar em um café. Mas o que mais vou fazer é ver um velho amigo.

A funcionária deu de ombros.

– Só de ida ou ida e volta?

– Só de ida. Só de ida mesmo.

A mulher entregou a passagem.

– O embarque começou. É melhor você ir logo. Northeast Regional. Plataforma nove oeste.

Evelyn puxou a mala pela sala de espera da Amtrak, abrindo o celular e tentando discar enquanto corria, e apertando o botão verde repetidas vezes sem sucesso até chegar no pé de uma escada que levava à Eighth Avenue, perto o bastante do exterior para ter um pouco de sinal.

– Oi, preciso de um número de Marblehead. Seaview House. Sim,

por favor, me conecte – pediu ela.

O telefone tocou duas vezes, e alguém atendeu.

– Alô, Seaview House, com tratamento especializado para vícios desde 1987, como posso ajudar? – perguntou uma voz de mulher.

Evelyn começou a rir.

– Foi em 1987 por causa da bolsa? – perguntou ela. – Uma amiga me disse isso.

– Perdão?

– Estou querendo falar com Preston Hacking. Ele foi paciente aí um tempo e acho que saiu agora, mas preciso mandar uma mensagem para ele – falou Evelyn.

– Um momento, por favor – pediu a recepcionista.

Evelyn verificou o status de embarque do trem e bateu com o pé.

– Não posso dar o número dele, mas você pode deixar um recado – informou a recepcionista.

– Obrigada. Diga que é Evelyn e que lamento não ter feito contato por tanto tempo, que sinto muito por tudo, mas estou indo para Boston e quero vê-lo. Não sei onde vou ficar nem o que vou fazer, mas vou dar um jeito, e chego esta noite, se puder vê-lo. Se puder ajudá-lo. Mesmo que não possa ajudá-lo, estarei aí, é isso. Vou vê-lo em breve.

Com a outra mão, ela empurrou o pino do brinco de pérola com tanta força que sentiu o sangue pulsando nas orelhas e sentiu o desconforto dos batimentos regulares.

– Evelyn – disse a recepcionista com gentileza. – Muito bem. Vou passar o recado.

Evelyn deu seu número para a mulher e encerrou a ligação.

– Northeast Regional, sigam imediatamente para a plataforma para embarque. Northeast Regional – informou um alto-falante acima.

Olhando escada acima para a Eighth Avenue, Evelyn apertou o número agora no alto da lista de favoritos e torceu para o outro lado atender.

– Alô.

– Char.

– Evie. Você parece que está em uma caverna.

– Quase. Estou na Penn Station.
– Chegou em Nova York?
– Cheguei. Eu ia ficar, mas aí percebi... Eu vou para Boston. O trem está quase saindo. Vou ver Pres e arrancá-lo da solidão e tentar ser uma boa amiga. Você não pode fazer isso, mas eu tenho tempo de sobra.

– Northeast Regional – repetiu a voz no alto-falante, e Evelyn balançou um pé.

– Charlotte...

– Acho que vou chorar, e estou no meio de uma indústria têxtil. Você tem tempo de sobra mesmo. – falou Charlotte.

– É?

– É. Vá. Boa sorte. Ligo esta noite.

Evelyn correu até o portão, mostrou a passagem para o atendente e subiu correndo a escada rolante até a plataforma, com a mala batendo nos degraus e nas panturrilhas. Quando entrou no vagão e se sentou, respirando fundo, ela olhou para baixo e viu uma mensagem de texto de Charlotte.

“É bom ter você de volta”, dizia a mensagem.

Evelyn digitou a resposta: “Não totalmente de volta, mas estou trabalhando nisso.”

O trem partiu, e, quando entrou na luz do sol intensa de Nova York, ela apertou o botão de enviar, e estava a caminho.

AGRADECIMENTOS

Eu amo livros desde que consigo me lembrar. Escrever um é um sonho.

Elisabeth Weed, a ser conhecida daqui em diante como a WASP negociante, pegou este livro e se dedicou a ele. Ela é uma editora habilidosa, negociante rigorosa e uma pessoa divertida, franca e agradável. Tive sorte em tê-la comigo. Dana Murphy, do *The Book Group*, é uma leitora inteligente e cuidadosa. Fico feliz de ter os dedicados Jenny Meyer e Howie Sanders do meu lado.

Todo mundo com quem falei na St. Martin's Press foi caloroso e maravilhoso. Charlie Spicer é espirituoso, animado e sábio. Sally Richardson é uma defensora dedicada e glamorosa do livro. Olga Grlic, Michael Storrings e o departamento de arte criaram a capa original. Lisa Senz, Jeff Dodes, Laura Clark, Angelique Giammarino e a equipe de marketing foram criativos, e o pessoal de vendas foram empreendedores cujo amor por livros fica óbvio. Dori Weintraub e Tracey Guest são profissionais incríveis de RP. Fiquei empolgada pelo original ser publicado em formato brochura porque pude trabalhar de perto com Jennifer Enderlin. April Osborn respondeu com paciência às minhas muitas perguntas irritantes. Elizabeth Catalano, Dave Cole e a equipe de edição e revisão me salvaram de erros múltiplos.

A escrita deste livro foi influenciada por dezenas de autores e músicos. *A casa dos mortos* foi o primeiro livro adulto pelo qual me apaixonei, e a visão astuta de Edith Wharton da sociedade e do papel das mulheres nela nunca deixa de me impressionar e irritar. Li *Soberba*, de Booth Tarkington, na adolescência, e a história de uma família lutando para manter o status ficou na minha mente desde então. *An American Tragedy*, de Theodore Dreiser, mostrou como a ambição social pode ser tóxica. Os livros de Louis Auchincloss oferecem uma visão exasperante de um integrante da

sociedade de Manhattan; ele devia ser mais lido. Peguei a pulseira do Racquet Club de Camilla emprestada dele; gosto de pensar que ela podia descender de algumas das mulheres sobre quem ele escreveu.

De Stephen Sondheim, peguei emprestado não só o título original do livro, *Everybody Rise*, mas a visão particular de uma Nova York solitária de *Company* e de uma Nova York sonhadora e ambiciosa de *Merrily We Roll Along*. O livro *Stephen Sondheim: A Life*, de Meryle Secrest, e o do próprio Sondheim, *Finishing the Hat*, foram grandes leituras e ajudaram a ajustar este trabalho ao contexto.

Leonard Bernstein compôs trilhas sonoras emocionantes para Nova York que enriqueceram minha compreensão da cidade, e faço referências a *Amor, sublime amor*, dele e de Sondheim, e a *Wonderful Town* e *On the Town* dele (junto com Betty Comden e Adolph Green), várias vezes. Também usei partes de letras de *Annie*, *Bells Are Ringing*, *Evita*, *Cabaret* e *Pippin*.

Muitas pessoas me ajudaram a entender o mundo de Evelyn – ou, na verdade, o mundo de Camilla – com visões da temporada de debutantes de Nova York para famílias ricas tradicionais. Essas pessoas foram generosas com o tempo delas, e agradeço enormemente. Erros na forma como retratei esse mundo foram todos meus.

Aprendi a ser curiosa com grandes professores, principalmente Tom Rona, Sue Hovis, Roger Hindman e Ron Kim. Aprendi a escrever com grandes editores, principalmente Dean Murphy, Jim Aley, Dan Ferrara e Jane Berentson (eu sempre achei que, se conseguisse fazer meu trabalho com um décimo da esperteza e da inteligência de Jane, estaria indo muito bem). Wendell Jamieson e os editores do Metro foram não só editores maravilhosos, mas apoiaram meu trabalho no livro enquanto trabalhava no *Times*. É um privilégio fazer parte da equipe do *New York Times* e ser parte de uma organização tentando observar e explicar o mundo.

Meus amigos me deram um apoio enorme quando fiquei louca de ansiedade por causa deste livro. Erin Autry Montgomery e Irene So Hedges são o tipo de amizade inteligente, engraçada e para a vida toda que se espera fazer na faculdade. Robin Pringle é uma amiga

dedicada que faz qualquer posição inclinada parecer elegante. Caroline Han me impressiona desde o dia em que nos conhecemos. Katie McClurg Anderson é o calor em pessoa. Megan Wyatt tem sido uma partidária leal desde antes de ela usar uma caixa de sabão de lavar roupas e eu, um vestido de noite para aparecer na peça da nossa escola de ensino fundamental sobre as árvores do noroeste. Andrew Mandel e Scott Resnick cantaram para mim durante alguns dos meus momentos favoritos em Nova York. Amigas como Sarah Goldstein, Kayleen Schaefer e Reyhan Harmanci fazem dessa cidade um lugar onde amo morar. Há muitos, muitos outros que admiro e adoro.

Vários amigos e conhecidos contribuíram diretamente para este livro. Cynthia Collins Desai, uma amiga antiga, leal e hilária, usou a memória incrivelmente afiada para me ajudar a identificar momentos importantes antes da crise financeira de Nova York. Dizem que é difícil fazer uma amizade para toda a vida depois dos 30, mas Jessica Silver-Greenberg prova o contrário, eu espero; ela é uma colega brilhante, uma amiga maravilhosa e uma garota hilária, e as opiniões dela foram valiosíssimas. Julie Bosman foi uma guia maravilhosa pelo mundo editorial e um modelo de equilíbrio elegante entre trabalho e vida. Olivia Wassenaar respondeu graciosamente às minhas perguntas sobre a vida no Upper East Side. O feedback de Jennifer Pooley tornou isso muito melhor. Susan Brandanini Betz foi uma preparadora meticulosa. Amor Towles, Nick Bilton, Tina Henry Bou-Saba e Emma Frelinghuysen me deram ótimos conselhos sobre o mercado dos livros e sobre marketing. Courtney Sullivan, Maggie Shipstead e Emma Straub fizeram a gentileza de aceitar serem as primeiras leitoras. A leitura perceptiva de Malcolm Gladwell foi incrivelmente útil. David Carr me ajudou, assim como a muitos outros escritores, a sentir que eu tinha garra para fazer isso. Sinto muita falta dele.

Minha família é cheia de pessoas criativas, e tenho sorte de ser parte dela. Desde dançar pela 42nd Street com Joanne a falar da vida e do amor com Denis passando por ver Missy pintar, meu tempo com eles deu alegria ao meu mundo. Minha madrinha, Mara Jayne Miller, tem estilo, é inteligente e toda original.

Tenho uma enorme admiração por Lee Clifford e Jerry Useem, que são pais tranquilos, cônjuges encorajadores, companhias divertidas e me ajudaram a me animar quando fiquei para baixo, muitas, muitas vezes. Perdoo Lee por dizer para Papai Noel que “Stephanie foi má, muito má”.

Meus pais, Steve e Judy Clifford, encorajaram a leitura e o questionamento, me expuseram à arte e à música e me fizeram sentir que podia correr riscos porque estavam me apoiando. O apoio e a crença deles em mim, assim como o entusiasmo por este livro, foram tudo para mim.

Agradeço a Mac e Mabel, os melhores companheiros de escrita.

Muito amor e agradecimento a Steven, cujos sorrisos de manhã me mostram que a felicidade não precisa ser tão complicada. Ele é alegria.

Finalmente, quando Bruce Headlam me encorajou a continuar com este livro, ele disse que não faz diferença qual é o produto final, o que importa é que você tenha tentado. Ele acredita em viver uma vida criativa e plena e trabalha muito para fazer disso uma realidade para nós. Enquanto cuidava do emprego extremamente exigente, ele me deixou desabafar quando o livro não estava se desenvolvendo bem, depois me ajudou a voltar a escrever. Eu o amo, agradeço a ele e espero que saiba o quanto é importante.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

PARTE UM

- 1 SHEFFIELD-ENFIELD
- 2 PRÓXIMA PARADA, LAKE JAMES
- 3 SHUH-SHUH-GAH
- 4 CAMP SACHEM
- 5 UMA GARRAFA DE T
- 6 SAG NECK
- 7 HISTÓRIA SOCIAL
- 8 NOVA YORK, NOVA YORK
- 9 BLUES DE WALL STREET
- 10 AO SUL DA RODOVIA
- 11 ASSUNTOS DE EX-ALUNOS
- 12 VERÃO NA CIDADE

PARTE DOIS

- 13 RICOS E FELIZES
- 14 UMA SELEÇÃO DE PRESUNTOS
- 15 AGENDA DE COMPROMISSOS
- 16 NOITE SILENCIOSA
- 17 PERGUNTAS DE SEGURANÇA
- 18 PEOPLE LIKE US
- 19 ENVOLVIMENTO ESCOCÊS
- 20 A CAMINHO DE CASA
- 21 SALA DOS TROFÉUS
- 22 TYPEE
- 23 LE BAL FRANÇAIS
- 24 DEPOIS DO BAILE
- 25 ADIRONDACK DAS 10H15
- 26 COMPETIÇÃO
- 27 SALDO RESTANTE

PARTE TRÊS

28 TODOS DE PÉ

29 MARINA AIR

30 DIRETRIZES DO JULGAMENTO

31 ENTREGA

32 NAS DOCAS

33 NORTHEAST REGIONAL

AGRADECIMENTOS